



BENJAMIN BLACK

O CISNE
DE PRATA

**JOHN
BANVILLE**

escreve como
Benjamin
Black

ROCCO 



BENJAMIN BLACK

O CISNE DE PRATA

Tradução de
Talita M. Rodrigues

ROCCO ITALIA

Sumário

Um

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14

Dois

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9

Três

- Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Epílogo

Créditos

O Autor

UM



Quirke não reconheceu o nome. Parecia familiar, mas ele não podia lhe acrescentar um rosto. Ocasionalmente era o que acontecia; alguém emergia sem avisar do seu passado, o seu passado alcoólico, alguém de quem ele havia se esquecido, pedindo dinheiro emprestado ou lhe oferecendo uma informação segura ou apenas querendo fazer contato, por solidão, ou só para saber se ele ainda estava vivo e se a bebida não havia liquidado com ele. Na maioria das vezes, ele os despistava, resmungando qualquer coisa sobre pressão no trabalho e desculpas semelhantes. Este deveria ter sido fácil, já que era apenas um nome e um número de telefone deixados com a recepcionista do hospital, e ele podia ter convenientemente perdido o pedaço de papel ou simplesmente jogado fora. Mas alguma coisa lhe chamou a atenção. Ele sentiu uma certa insistência, uma ansiedade que não pôde explicar e que o perturbou.

Billy Hunt.

O que o nome despertava nele? Uma memória perdida ou, o que era mais preocupante, uma premonição?

Colocou o pedaço de papel num canto da sua mesa e tentou ignorá-lo. Em pleno verão, o dia era quente e abafado, e nas ruas o ar quase irrespirável estava carregado com uma tênue nuvem de vapor cor de malva, e ele estava feliz com o frescor e a quietude do seu gabinete sem janelas no porão do departamento de patologia. Pendurou o paletó nas costas da cadeira e tirou a gravata sem desfazer o nó, abriu dois botões da camisa e sentou-se à mesa de metal apinhada de coisas em desordem. Gostava do cheiro familiar ali, uma combinação de fumaça de cigarro, folhas de chá, papel, formol velhos e algo mais, almiscarado, carnal, que era a sua contribuição particular.

Acendeu um cigarro e seu olhar vagou de novo em direção ao papel com a mensagem de Billy Hunt. Só o nome e o número que a telefonista rabiscara a lápis, e as palavras “ligue por favor”. A sensação de súplica urgente era mais forte que nunca. *Ligue por favor.*

Sem saber como, ele se percebeu recordando o momento no pub McGonagle's seis meses antes quando, zonzinho de tanta bebida em meio à algazarra dos festejos de Natal, viu o seu próprio rosto, vermelho, inchado e

lacrimejante, refletido no fundo do copo de uísque vazio e compreendeu com inexplicável certeza que havia acabado de tomar o seu último drinque. Desde então, se mantivera sóbrio. Estava pasmo com isso, como todos que o conheciam. Sentia que a decisão não fora sua, mas de algum modo fora tomada por ele. Apesar de todo o seu treinamento e anos na sala de dissecação, ele tinha uma convicção secreta de que o corpo tem uma consciência própria, e se conhece e sabe das suas necessidades tão bem ou melhor que a mente imagina. A sentença que recebeu, naquela noite, do seu estômago, do seu fígado inchado e dos ventrículos do seu coração foi definitiva e incontestável. Durante uns dois anos, ele vinha em queda constante no abismo da bebida, caindo quase tão fundo quanto naquela época, duas décadas antes, depois que sua mulher morreu, e agora ela foi interrompida.

Olhando de esguelha para o papel no canto da mesa, ele ergueu o fone do aparelho e discou. O toque soou desafinado do outro lado da linha.

Depois, por curiosidade, virou outro copo de uísque, desta vez um que não tinha esvaziado, para descobrir se era realmente possível se ver no fundo, mas nenhum reflexo apareceu ali.

O som da voz de Billy Hunt não ajudou; ele não a reconheceu mais prontamente que havia acontecido com o nome. O sotaque era ao mesmo tempo chocho e monocórdio, com vogais abertas e consoantes abafadas. Um homem do interior. Havia uma leve vibração no tom, uma leve oscilação, como se a pessoa estivesse prestes a cair na gargalhada, ou outra coisa qualquer. Algumas palavras ele comia, passando apressado por cima delas. Estaria bêbado?

– Ah, você não se lembra de mim – ele disse. – Lembra?

– Claro que sim – Quirke mentiu.

– Billy Hunt. Você costumava dizer que soava como gíria rimada. Fomos contemporâneos na faculdade. Eu estava no primeiro ano e você no último. Eu não esperava mesmo que você se lembrasse de mim. Andávamos com grupos diferentes. Eu era louco por esportes – hóquei, futebol, tudo isso – enquanto você era do grupo dos artistas, com o nariz enfiado num livro ou interessado na Abbey ou na Gate todas as noites da semana. Eu larguei a medicina – não tinha estômago para isso.

Quirke fez uma pausa, e então perguntou:

– O que você está fazendo agora?

Billy deu um suspiro pesado, irregular.

– Deixa isso para lá – ele disse, soando mais cansado que impaciente. – O importante aqui é o que *você* está fazendo.

Finalmente um rosto começou a se montar num esforço de memória. Uma

testa grande e ampla, um nariz quebrado, um maço de cabelos ruivos espetados, sardas. O filho do dono da mercearia em algum lugar do sul. Wicklow, Wexford, Waterford, um dos condados com W. Calmo, mas pronto para uma briga se provocado. Daí o septo esmagado. Billy Hunt. Sim.

– Meu trabalho? – Quirke perguntou. – Como assim?

Outra pausa.

– É a esposa – Billy Hunt disse.

Quirke ouviu um penetrante assobio do ar entrando por aquelas cavidades nasais esmagadas.

– Ela acabou de se matar.

Eles se encontraram no Café Bewley's, na rua Grafton. Era hora do almoço e o lugar estava agitado. O cheiro forte, gorduroso, dos grãos de café torrando na grande cuba logo na porta de entrada fez Quirke sentir um leve embrulho no estômago. Curioso, o que lhe dava náuseas agora; tinha esperança de que, deixando de beber, os seus sentidos ficassem embotados e ele reconciliado com o mundo e os seus sabores, mas aconteceu o contrário, então às vezes ele parecia um cipoal de terminações nervosas assaltado de todos os lados por cheiros, gostos e toques revoltantes. O interior do café era escuro para os seus olhos depois da luz ofuscante lá fora. Uma moça passou por ele ao sair, usava um vestido branco e um chapéu de palha de aba larga; ele captou o bafo quente da sua pele perfumada que ia deixando um rastro atrás dela. Imaginou-se dando meia-volta e seguindo-a, pegando-a pelo braço e saindo com ela para o calor atordoante do dia de verão. Não estava curtindo muito a perspectiva de Billy Hunt e sua mulher morta.

Ele o localizou logo, sentado em um dos compartimentos laterais, artificialmente ereto na banquetta de pelúcia vermelha, com uma xícara de café com leite intocada na sua frente, sobre a mesa de mármore cinza. Ele não viu Quirke de início, e Quirke esperou um instante, estudando-o, o rosto pálido abatido com as sardas se destacando, o olhar vidrado, desolado, a mão grande em forma de nabo brincando com a colher de açúcar. Tinha mudado muito pouco em mais de duas décadas desde que Quirke o conheceria. Não que ele pudesse dizer que o tinha conhecido, realmente. Nas suas lembranças não muito claras, Billy era uma espécie de estudante que cresceu demais, ora animado, ora truculento, e às vezes as duas coisas juntas, pulando para as quadras de esporte com calções largos e camiseta listrada de futebol, com uma bola ou um maço de tacos de hóquei debaixo do braço, os joelhos ossudos rosa-claro e as bochechas de garoto em chamas e salpicadas de sangue do barbear matinal que ainda não se tornara um hábito. Espalhafatoso, claro, berrando piadas estridentes para seus

colegas desportistas e lançando um olhar de poucos amigos por baixo dos cílios incolores na direção de Quirke e *o grupo dos artistas*. Ele engordara com os anos, tinha um retalho careca no topo da cabeça como uma tonsura e um pescoço gordo e vermelho transbordando da gola do paletó de tweed largo.

Tinha aquele cheiro, quente, forte e salgado, que Quirke reconheceu logo, o cheiro de quem acabou de perder um ente amado. Ele estava ali sentado à mesa, sustentando-se ereto, um saco bojudo de tristeza e sofrimento, de raiva contida, e disse para Quirke com ar de desamparo:

– Não sei por que ela fez isso.

Quirke acompanhou com um movimento de cabeça.

– Ela deixou alguma coisa?

Billy olhou para ele interessado, sem compreender.

– Uma carta, quero dizer, um bilhete.

– Não, não, nada desse tipo. – Ele deu um sorriso torto, quase encabulado. – Quisera que tivesse deixado.

Naquela manhã, um grupo da Guarda Costeira tinha saído numa lancha e retirado o corpo nu da pobre Deirdre Hunt das pedras na costa da Ilha Dalkey.

– Eles me chamaram para identificá-la – Billy disse, aquele estranho, dolorido sorriso que não era um sorriso ainda nos lábios, seus olhos parecendo fixos com incontável desânimo pelo que tinham visto na laje do hospital, Quirke pensou com um sentimento lúgubre, e jamais deixariam de ver enquanto ele vivesse.

– Eles a levaram para o St. Vincent. Ela parecia completamente diferente. Acho que não a teria reconhecido não fossem os cabelos. Ela era muito orgulhosa deles, dos seus cabelos. – Ele reconheceu a futilidade disso, com um movimento dos ombros.

Quirke estava se lembrando de uma mulher muito gorda que havia se jogado no Liffey, de cuja cavidade torácica, quando ele a abriu com um corte e estava prendendo com pinças as costelas, havia escapado, com o torpor dos bem alimentados, um ninho de criaturas translúcidas, cheias de pernas, parecendo camarões.

Uma garçonete de uniforme preto e branco, com uma touca cobrindo os cabelos, apareceu para anotar o pedido de Quirke. O aroma de almoços com frituras e assados o assaltou. Ele pediu chá. Billy Hunt perdera-se em si mesmo e cavava distraído com a colher os cubos de açúcar dentro do açucareiro, fazendo-os matraquear.

– É duro – Quirke disse, quando a garçonete se foi. – Identificar o corpo, quero dizer. É sempre duro.

Billy baixou o olhar, o lábio inferior começou a tremer e ele o prendeu entre os dentes num gesto infantil.

– Tem filhos, Billy? – Quirke quis saber.

Billy, ainda olhando para baixo, sacudiu a cabeça.

– Não – murmurou –, nada de filhos. Deirdre não estava interessada.

– E o que você faz? Quero dizer, em que trabalha?

– Caixeiro-viajante. Produtos farmacêuticos. A função me faz viajar um bocado, por todo o país, pelo exterior também – ocasionalmente à Suíça, onde acontece um encontro no escritório central. Suponho que isso tenha sido parte do problema, o fato de eu estar longe tanto tempo – isso, e porque ela não queria ter filhos.

Lá vem, Quirke pensou, *o problema*. Mas Billy disse apenas:

– Acho que ela se sentia sozinha. Mas nunca se queixou. – Ele olhou para Quirke de repente como se fosse um desafio. – Ela nunca se queixava. Nunca!

Ele continuou a sua descrição, como ela era, o que vestia. A expressão assombrada em seu rosto ficou mais intensa, e seus olhos disparavam para lá e para cá com uma estranha, tolhida urgência, como se ele quisesse que eles parassem em algo que continuava não estando ali. A garçonete trouxe o chá de Quirke. Ele bebeu puro, queimando a língua. E tirou um cigarro da cigarreira.

– Então me diz – perguntou –, para que queria me ver?

Mais uma vez Billy baixou aqueles cílios descorados e ficou olhando para o açucareiro. Uma onda de cor subiu do seu colarinho e lentamente tingiu-lhe o rosto até o início do couro cabeludo e mais além; ele estava, Quirke percebeu, envergonhado.

– Eu queria lhe pedir um favor – disse ele, respirando fundo.

Quirke aguardou. A sala estava enchendo com o pessoal da hora do almoço e o ruído crescera numa barulheira de vozes e sons variados. Garçonetes esgueiravam-se por entre as mesas transportando bandejas marrons com pilhas de pratos de comida – salsichas com purê de batatas, peixe com fritas, canecas fumegantes de chá e copos de Crush de laranja. Quirke ofereceu a cigarreira aberta na palma da mão e Billy pegou um cigarro, mal parecendo notar o que estava fazendo. O isqueiro de Quirke deu um clique e acendeu. Billy curvou-se para frente, segurando o cigarro entre os lábios com os dedos trêmulos. Em seguida recostou-se na banquetta como se estivesse exausto.

– Leio a seu respeito a toda hora nos jornais – ele disse. – Sobre casos em que está envolvido.

Quirke mudou de posição, sentindo-se pouco à vontade na cadeira.

– Aquela coisa com a moça que morreu e a mulher que foi assassinada – como era o nome delas?

– Que moça e que mulher? – Quirke perguntou, sem manifestar nenhuma emoção.

– A mulher em Stoney Batter. Ano passado, ou retrasado, não foi? Dolly qualquer coisa. – Ele franziu a testa, tentando lembrar. – O que aconteceu com essa história? Estava em todos os jornais e de repente desapareceu, nem mais uma palavra.

– Os jornais não demoram a perder o interesse.

Uma ideia ocorreu a Billy.

– Jesus – ele disse baixinho, desviando o olhar. – Suponho que vão publicar uma matéria sobre Deirdre, também.

– Posso falar com o oficial responsável pelas investigações – Quirke disse, fazendo soar duvidoso.

Mas não era nas matérias de jornais que Billy estava pensando. Curvou-se para frente de novo, agora decidido, e estendeu a mão insistente como se fosse agarrar Quirke pelo pulso ou pela lapela.

– Não a quero retalhada – ele disse num murmúrio rouco.

– Retalhada?

– Uma autópsia, uma necrópsia, seja lá como vocês chamam; não quero que façam isso.

Quirke esperou um momento e então disse:

– É uma formalidade, Billy. A lei exige.

Billy balançava a cabeça de olhos fechados e a boca estava firme numa expressão de dor.

– Não quero que façam isso. Não a quero fatiada como uma espécie de... uma espécie de carcaça.

Ele cobriu os olhos com a mão. O cigarro, esquecido, queimava sozinho nos dedos da outra mão.

– Não suporto pensar nisso. Vê-la esta manhã já foi bastante ruim – ele afastou a mão e fixou o olhar na sua frente com um ar de atônito estupor –, mas a ideia dela sobre uma mesa, sob as luzes, com uma faca... Se você a tivesse conhecido, como ela era antes, como era cheia de vida.

Ele parou para pensar de novo, como se buscasse algo em que se concentrar, algo real que pudesse morder para esquecer a dor.

– Não posso suportar isso, Quirke – disse com voz rouca, pouco mais que um sussurro. – Juro por Deus, não posso suportar.

Quirke deu um gole no seu chá agora morno, o tanino corrosivo contra a língua escaldada. Não sabia o que dizer. Era raro ele ter algum contato direto com os parentes do morto, mas às vezes eles o procuravam, como Billy tinha feito, para pedir um favor. Alguns queriam apenas que preservasse para eles uma lembrança, uma aliança de casamento ou um cacho de cabelos; houve uma viúva republicana certa vez que lhe pediu para recuperar o fragmento de uma bala da guerra civil que o seu finado marido carregara perto do coração durante trinta anos. Outros tinham pedidos mais sérios e bem mais suspeitos – que os machucados no corpo de um bebê morto fossem explicados de forma plausível, que a morte súbita de um parente idoso e doente fosse justificada ou apenas que um suicídio pudesse ser encoberto. Mas ninguém jamais lhe pedira o que Billy estava querendo.

– Tudo bem, Billy – ele disse. – Verei o que posso fazer.

Agora a mão de Billy tocou a sua, um toque levíssimo, com as pontas dos dedos através dos quais parecia passar uma forte corrente efervescente.

– Você não vai me decepcionar, Quirke – ele disse, uma afirmação mais que uma súplica, a voz trêmula. – Pelos velhos tempos. Por... – ele emitiu um som baixo que era meio soluço, meio riso – por Deirdre.

Quirke levantou-se. Pescou uma moeda do bolso e a colocou sobre a mesa ao lado do seu pires. Billy estava olhando ao redor de novo, distraidamente, como um homem enquanto bate de leve nos bolsos em busca de algo que não lembra onde está. Ele havia tirado um isqueiro Zippo e abria e fechava a tampa com ar distraído. Na careca e através dos fios dos seus raros cabelos claros, podiam se ver gotas cintilantes de suor.

– Esse não é o nome dela, por falar nisso – ele disse.

Quirke não entendeu.

– Quero dizer, é o nome dela, só que ela gostava de ser chamada por um nome diferente. Laura – Laura Swan. Era uma espécie de nome profissional. Ela dirigia um salão de beleza, o Cisne de Prata. Foi daí que ela pegou o nome – Laura Swan, cisne em inglês.

Quirke esperou, mas Billy não tinha mais nada a dizer, então deu meia-volta e foi embora.

De tarde, seguindo as instruções de Quirke, trouxeram o corpo de St. Vincent para o Hospital da Sagrada Família. Quirke estava aguardando para recebê-lo. Uma recente sucessão de medidas econômicas no Sagrada Família, fortemente contestadas, mas em vão, havia deixado Quirke com um assistente apenas, quando antes eram dois. Tinha sido sua a tarefa de escolher entre o jovem

Wilkins, um protestante, e o judeu Sinclair. Ele votou em Sinclair, sem qualquer razão clara, pois os dois jovens igualavam-se em habilidade ou, em algumas áreas, na falta de habilidade. Mas ele gostava de Sinclair, gostava da sua independência e ironia, e da sua leve rispidez; quando Quirke lhe perguntou, certa vez, de onde era a sua família, Sinclair olhou-o bem nos olhos, sem manifestar nenhuma expressão, e disse simplesmente “Cork”. Não havia dito uma palavra de agradecimento a Quirke por tê-lo escolhido, e Quirke admirou isso, também.

Ele estava imaginando até que ponto deveria confiar em Sinclair a respeito de Deirdre Hunt e do pedido do marido para que seu corpo fosse deixado intacto. Sinclair, entretanto, não era um homem de causar problemas. Quando Quirke disse que ele faria sozinho a necrópsia – um exame visual bastaria – e que Sinclair poderia muito bem ir até a cantina tomar uma xícara de chá e fumar um cigarro, o rapaz hesitou por não mais que um segundo, tirou o jaleco verde e as botas de borracha, e saiu do necrotério com as mãos nos bolsos, assobiando baixinho. Quirke voltou e ergueu o lençol de plástico.

Deirdre Hunt – Laura Swan, ou seja lá que nome usasse – deve ter sido, ele julgou, uma jovem mulher bem apessoada, talvez até uma bela mulher. Ela era bem mais jovem que Billy Hunt. Seu corpo, que não estivera na água tempo suficiente para sofrer uma séria deterioração, era de uma pessoa baixa e bem proporcionada; um corpo forte, musculoso, mas gracioso nas suas curvas e nos planos bem recortados dos flancos e panturrilhas. A ossatura do rosto não era tão delicada como poderia ter sido – seu nome de solteira, Quirke observou, tinha sido Ward, sugerindo mistura de sangue – mas a testa era bem delineada e alta, e a faixa de cabelos acobreados caindo para trás deve ter sido magnífica quando estava viva. Ele tinha uma imagem mental dela estendida sobre as rochas molhadas, uma longa tira desses cabelos enrolada no pescoço como uma espessa fronde de cintilantes algas marinhas. O que tinha, ele se perguntou, levado esta bela e saudável jovem a se atirar numa noite de verão do porto de Sandycove nas águas escuras da Baía de Dublin, sem outras testemunhas além das estrelas faiscantes e a massa carrancuda da torre Martello por cima dela? Suas roupas, assim Billy Hunt dissera, tinham sido colocadas numa pilha no quebra-mar ao lado do muro; esse foi o único vestígio que ela deixou que ia fazer – isso e o seu automóvel, que, Quirke tinha certeza, era outra coisa de que ela teria se orgulhado, e que, no entanto, abandonara bem estacionado sob uma árvore de lilás na avenida Sandycove. Seu carro e seus cabelos: fontes gêmeas de vaidade. Mas o que foi que derrubou esta vaidade?

Então ele viu a minúscula marca de uma picada na parte interna, branca

como giz, do seu braço esquerdo.



Na escola, costumavam chamá-la de Cenoura, é claro. Ela não se importava; sabia que estavam só com inveja, muitos deles, exceto aqueles que eram idiotas demais para serem invejosos e por isso não mereciam ser levados em conta. Seus cabelos não eram realmente vermelhos, nem cor de ferrugem como os de algumas meninas na escola – especialmente aquelas cujos pais eram originalmente do interior e não dublinenses autênticos como os dela –, mas um ouro avermelhado brilhante, como um milhão de fios de metal macios e flexíveis captando a luz de todos os ângulos e cintilando mesmo na penumbra. Ela não podia imaginar de onde teriam vindo, certamente não direto de um de seus pais, e não deu atenção quando escutou certo dia sua tia Irene dizer algo a respeito de mistura de sangue e dar uma das suas risadas desagradáveis. Desde cedo, sua mãe não deixava que cortassem os seus cabelos, mesmo dizendo sempre que ela havia puxado o lado da família do pai, os Ward de cabelos claros e olhos azuis, e a mãe não tinha tempo para “essa turma”, como sempre os chamava quando o pai não estava por perto para escutar. Para se divertir, seus irmãos a pegavam pelos cabelos, agarrando longas fieiras, envolvendo-as nos pulsos e puxando até ela gritar. Mas isso era melhor que o modo com que seu pai os alisava com a mão até as pontas, pressionando os dedos entre eles e acariciando-lhe os ossos das costas. De preferência, ela usava a cor verde-esmeralda, sabendo, mesmo quando criança, que este era o tom que melhor combinava com o seu colorido e o ressaltava. Cabelos vermelhos assim e olhos azuis brilhantes, ou uma espécie de violeta azulado, o mais provável, eram incomuns, certamente, mesmo entre os Ward. Todos admiravam a sua pele, também; era translúcida, como aquela pedra, alabastro ela pensava que era o nome, de modo que se podia ver através dela, nas suas profundidades cremosas.

Mesmo tendo plena consciência de como era encantadora, ela jamais foi uma pessoa metida a besta. Sabia, é claro, que era boa demais para os Flats, e só tinha permanecido ali até poder sair e iniciar a sua vida real. Os Flats. Deviam ter sido novos um dia, mas ela não conseguia imaginar isso. Que piadista na prefeitura municipal havia pensado em lhes dar o nome de Mansões? As paredes e pisos eram finos como papelão – podia-se ouvir as pessoas do andar de cima e até da

porta ao lado indo ao banheiro – e havia sempre carrinhos de bebê e bicicletas quebradas nos corredores vazios, onde crianças corriam de um lado para o outro como selvagens, gatos perdidos vagabundeavam e casais de namorados se agarravam nos cantos escuros. Não havia controle de espécie alguma – quem o exerceria, mesmo se houvesse? –, e os inquilinos faziam o que bem queriam. Os Goggin, no quarto andar, tinham um cavalo na sala de estar, um animal grande malhado; de noite e de manhã cedo, era possível ouvir os seus cascos nos degraus de cimento quando Tommy Goggin e suas irmãs de nariz remelento desciam com o brutamontes para ele fazer as suas necessidades e dar um passeio pelo pedacinho de terreno baldio atrás da fábrica de biscoitos. Pior de tudo, entretanto, pior ainda que o frio nos quartos de baixo e os encanamentos sempre se rompendo e a sujeira por toda parte, era o cheiro constante nas escadas e nos corredores, verão e inverno, o fedor pardo, cansado, irremediável de colchões mijados, chá fervido demais e banheiros entupidos – o cheiro, o próprio cheiro, que era ser pobre, ao qual ela jamais se acostumara, jamais.

Ela brincava com as outras crianças da sua idade na praça de saibro em frente aos Flats, onde havia balanços quebrados e uma gangorra toda rabiscada com obscenidades e uma cerca de tela de arame que devia impedir que suas bolas voassem para a rua. Os meninos a beliscavam e empurravam, os mais velhos tentavam tocá-la por debaixo da saia, enquanto as meninas falavam pelas suas costas e conspiravam contra ela. Nada disso a incomodava. Seu pai tinha chegado meio bêbado em casa num Natal, com uma bicicleta vermelha de presente para ela – provavelmente roubada, seu irmão Mikey dissera rindo –, e ela andou pelo playground o dia todo durante uma semana, mesmo na chuva, até que no Ano Novo alguém a roubou e ela nunca mais a viu. Furiosa por ter perdido a bicicleta, entrou numa briga com Tommy Goggin e arrancou um dos seus dentes da frente. “Oh, ela é uma selvagem, essa aí”, sua tia Irene disse, com os braços cruzados sobre os seios grandes caídos e balançando a cabeça com ar severo. Havia momentos, entretanto, nas noites de verão, em que ela ficava diante da janela aberta na sala de estar, assim chamada – de fato era o único cômodo no apartamento, além dos dois quatinhos de dormir abafados, um dos quais ela tinha de dividir com os pais –, saboreando o cheiro doce gostoso da fábrica de biscoitos e ouvindo um melro se esbaldando de cantar num fio que era tão preto quanto o próprio pássaro e parecia traçado à tinta com um bico fino contra o avermelhado fulgurante que ia morrendo aos poucos no céu do outro lado da quadra de futebol celta, e alguma coisa crescia dentro dela, algo secreto e misterioso que parecia conter todas as ricas e vagas promessas do futuro.

Aos 16 anos, ela foi trabalhar numa farmácia. Gostava de estar entre as

embalagens de remédios arrumadas em ordem e garrafas de essências e sabonetes sofisticados. O farmacêutico, sr. Plunkett, era um homem casado, mas ainda assim tentava convencê-la a sair com ele. Ela recusava, é claro, mas às vezes, para que a deixasse em paz por algum tempo e porque achava que ele a despediria se não cooperasse, ela o acompanhava de má vontade até a sala dos fundos onde ficavam guardadas as drogas, ele trancava a porta e ela o deixava colocar as mãos por baixo das suas roupas. Ele era velho, 40 anos ou talvez até mais, e seu hálito cheirava a cigarro e dentes estragados, mas não era a pior coisa, ela refletia, olhando sonhadora sobre o ombro dele as prateleiras empilhadas enquanto ele apalpava e massageava a sua barriga sob o cós da sua saia e pressionava com o polegar os bicos teimosamente indiferentes dos seus seios. Depois ela pegaria a sra. Plunkett, que fazia a contabilidade, estudando-a com um olhar especulativo, minucioso. Se o velho Plunkett um dia pensasse em se livrar dela, ela não perderia tempo em lhe informar que tinha uma ou duas coisinhas para contar a sua mulher, e isso o colocaria no seu lugar.

Então um dia Billy Hunt chegou com a sua maleta de amostras e, embora não fosse o seu tipo – a sua tonalidade era meio parecida com a dela, e ela sabia que uma mulher jamais deveria se juntar a um homem que tivesse a mesma cor de pele que ela –, sorriu para ele e o deixou saber que estava prestando atenção enquanto ele passava a sua conversa de vendedor no sr. Plunkett. Depois, quando ele foi falar com ela, escutou com uma expressão concentrada e fingiu achar graça nas suas tolas piadas de colegial, até deu um jeito de corar diante das mais picantes. Na visita seguinte, ele a convidou para ir ao cinema, e ela disse sim bem alto para o sr. Plunkett ouvir, fazendo-o franzir a cara.

Billy era muito mais velho que ela, quase 16 anos mais velho, na verdade – ela teria alguma coisa, pensava com tristeza, que atraía especialmente os homens mais velhos? –, e não era bonito ou inteligente, mas tinha um charme desajeitado que lhe agradava a despeito de si mesma, e isso com o tempo lhe permitiu convencer-se de que estava apaixonada por ele. Estavam saindo juntos havia poucos meses quando uma noite, enquanto ele a acompanhava até sua casa – ela agora tinha um quatinho próprio, em cima de um açougue na rua Kevin –, Billy começou a gaguejar e de repente agarrou a sua mão e apertou dentro dela uma caixinha quadrada. Ela ficou tão surpresa que não percebeu o que era a caixa até abri-la.

Essa foi a primeira vez que ela deixou que ele subisse até o seu quarto. Eles se sentaram lado a lado na cama e ele encheu o rosto dela de beijos – ele ainda estava gaguejando e rindo, incapaz de acreditar que ela tinha dito sim – e conversaram sobre todos os planos que ele tinha para o futuro, e ela quase

acreditou nele, estendendo a mão na sua frente com os dedos encurvados e admirando o fiozinho de ouro com o seu minúsculo diamante faiscando. Ele era de Waterford, onde a sua família era dona de um bar que o pai provavelmente deixaria para ele, mas ele disse que não ia voltar para lá, embora ela notasse que, ao falar da cidade de Waterford, ele a chamava de minha terra. Ele lhe contou sobre Genebra, onde era convocado duas vezes por ano para uma reunião na Sede, como ele chamava, com todos os principais chefões do mundo inteiro, centenas deles. Ele se orgulhava tanto de ser levado até lá, ele, que era apenas um caixeiro viajante! Ele descreveu o lago, as montanhas e a cidade – “tão limpo, você não pode acreditar!” – e disse que a levaria lá um dia. Pobre Billy, com suas grandes ideias, seus planos grandiosos.

Assim os anos se passaram, e assim parecia que viveriam para sempre, até o dia que o Doutor entrou na loja. Embora seu nome fosse Kreutz, que soava alemão, ela pensou que ele devia ser indiano – quer dizer, hindu da Índia. Era alto e magro, tão magro que era difícil saber se havia espaço dentro do seu corpo para os órgãos vitais, e tinha um rosto maravilhosamente comprido, estreito, o rosto, ela pensou logo, de um santo num daqueles livros que eles tinham na escola sobre missões estrangeiras. Usava um terno muito bonito de um tecido azul-escuro, seda poderia ser, só que tinha um peso que o fazia cair elegantemente de seus ombros ossudos inclinados e de seus quadris praticamente inexistentes. Ela nunca estivera assim tão perto de um homem de cor antes, e teve de parar de ficar olhando para ele, especialmente para as suas mãos, tão esguias e escuras, com uma linha aveludada mais intensa nas bordas onde começava a pele clara, rosa envelhecido, das palmas. Ele tinha um cheiro que era também escuro, ela pensou, condimentado e escuro – ela percebeu distintamente quando ele entrou; tinha certeza de que não era colônia ou loção de barba, mas um perfume produzido pela sua própria pele. Ela se viu querendo tocar essa pele, passar a ponta dos dedos por ela, só para sentir a sua textura. E seus cabelos, muito lisos, macios e negros, negros com um brilho púrpura, e penteados para trás afastando-se da testa em ondas suaves; ela queria tocá-los, também.

Ele entrara para pedir um remédio à base de ervas de que o sr. Plunkett nunca ouvira falar. Sua voz era baixa e delicada, mas também profunda, e ele poderia até estar cantando em vez de falar. “Ah, isto é muito estranho”, ele falou quando o sr. Plunkett lhe disse que não tinha essa determinada coisa que ele queria, “muito, muito estranho”. Mas não pareceu desanimar. Disse que já tinha estado em várias farmácias, mas nenhuma pôde ajudá-lo. O sr. Plunkett demonstrou compreender a situação, mas obviamente não podia pensar em mais nada para dizer, no entanto, o homem continuava ali, de cara fechada, não por estar

aborrecido, mas dando a impressão de estar intrigado, como se esperasse por algo mais que, tinha certeza, viria. Mesmo quando o farmacêutico virou as costas deliberadamente, o homem não se mexeu para sair dali. Isto era algo nele que ela viria a conhecer muito bem, este seu jeito curioso de continuar em lugares ou com pessoas quando parecia não haver mais nada para acontecer; seus modos eram sempre relaxados e calmos, mas numa tranquila expectativa, como se pensasse que certamente haveria algo mais e estivesse esperando para ver se ia acontecer, afinal de contas. Ela jamais o ouviu rir, durante todo o tempo em que o conheceu, tampouco sorria, não o que você chamaria de sorriso, mas ainda assim dava a impressão de estar tranquila e benignamente achando graça em alguma coisa – ou em tudo, era o mais provável.

Nessa primeira ocasião, ele não a olhou nem uma vez, não diretamente, mas ela podia sentir que ele a estava assimilando: era como lhe parecia, que ele a estava absorvendo. Os homens que entravam na farmácia eram em geral tímidos demais para olhar para ela, e ficavam virados meio de lado, nervosos, sorrindo feito bobos com a ponta da língua aparecendo entre os dentes. Mas dr. Kreutz não era tímido, ah, não – ela nunca tinha visto uma pessoa com tamanha autoconfiança, tamanha segurança. Contente, essa era a palavra em que ela pensou para descrevê-lo, bastante contente – ou bastante bastante contente, pois esse era outro de seus hábitos, dizer as palavras duas vezes seguidas, tão rápido que fazia parecer uma palavra só, muitomuito, bastantebastante, na sua voz monocórdia suave, divertida.

Ele pegou um caderninho com capa de couro do bolso do paletó, arrancou uma página e fez questão de anotar o seu endereço para o sr. Plunkett, caso a substância que ele queria aparecesse – era apenas aloe vera, embora ela pensasse naquele dia que ele estava dizendo allo, como um francês numa história em quadrinhos tentando dizer hello em inglês – e então ele saiu finalmente, baixando a cabeça escura e estreita ao passar pela porta, como um peregrino, ela pensou, ou um desses homens santos, inclinando-se com devoção na entrada de um templo. Ele tinha modos tão bonitos. Quando se foi, o sr. Plunkett resmungou alguma coisa em voz baixa sobre negros, e deixou cair o pedacinho de papel com o endereço na lata de lixo. Ela esperou um pouco e então, quando o farmacêutico não estava olhando, recuperou o papel.

Dr. Kreutz tinha o seu consultório – era como ele chamava – numa casa velha na rua Adelaide, no apartamento que ficava no porão. Quando esteve lá pela primeira vez, ela ficou decepcionada. Não estava certa que tinha esperado encontrar, mas não era este lugar apertado, sujo, com uma única janela, cuja parte superior dava para uma estreita faixa de grama bolorenta e um pedaço de

balaustrada de ferro preto. No dia seguinte ao que ele esteve na loja, uma quarta-feira, o que significava que eles iam fechar mais cedo e ela, portanto, teria a tarde livre, ela disse a Billy que ia visitar a mãe, pegou o ônibus para a ponte da rua Leeson e desceu a rua Adelaide, mantendo-se do lado oposto, sob as árvores na frente do Hospital de Olhos e Ouvidos. Passou pela casa uma vez e se forçou a ir até o alto da rua Harcourt antes de dar meia-volta, retornando desta vez pela direita. Ela deu uma espiada na casa ao passar por ela, e leu a placa de latão montada numa tábuia no gradil.

DR. HAKEEM KREUTZ
CURANDEIRO ESPIRITUAL

Não havia nada para se ver na janela do dr. Kreutz, as vidraças lhe devolveram brevemente um reflexo desbotado, indistinto, da sua cabeça e ombros. Ela disse a si mesma que estava sendo idiota, andando sorrateiramente pelas ruas numa tarde de outono, desperdiçando o seu meio dia de folga. E se ele saísse da casa e a visse ali, e quem sabe se lembrasse dela? E naquele exato momento em que estava pensando nisso, lá vinha ele de repente da rua Leeson na sua direção. Desta vez vestia uma espécie de túnica do comprimento de uma camisa, marrom-dourada, com colarinho alto, redondo, calças folgadas de seda e sandálias que eram apenas solas de couro sustentadas por duas tiras enroladas nos tornozelos; os pés, ela podia ver, outra versão das mãos, eram longos, estreitos e marrom-dourados como o material da túnica. Ele carregava um saco de barbante com três maçãs vermelhas e um pão – *que estranho*, ela pensou, que mesmo na sua agitação ela notasse estes detalhes. Ela considerou a possibilidade de virar as costas e sair andando rapidamente, fingindo ter-se lembrado de alguma coisa, mas, em vez disso, continuou, embora seus joelhos tremessem tanto que mal conseguia caminhar em linha reta. Controle-se, pelo amor de Deus!, disse para si mesma, mas não adiantou, ela podia sentir o sangue lhe subindo ao rosto, esse seu rosto branco alabastro que registrava até o mais leve constrangimento com um alarde de tons rosados. Ele a tinha visto, ele a reconhecera. Ela se perguntou, com louca inconsequência, quantos anos ele teria – a mesma idade do sr. Plunkett, supôs, mas como ele portava diferente a sua idade. Ela continuou andando. Que jeito descontraído ele tinha de caminhar, adernando um pouco para um lado e depois para o outro, a cada passada longa e elástica, os ombros mergulhando no ritmo dos seus passos e a cabeça escorregando para frente e para trás, suavemente no alto caule do pescoço, como a cabeça de um maravilhoso e exótico pássaro pernalta.

Ela ficou tão agitada naquela ocasião que depois não conseguia se lembrar de

como exatamente ele a fizera parar e conversar. Soprava um vento frio, ela lembrava, caindo em rajadas do céu e fazendo as folhas de sicômoros caídas correrem pelas calçadas como grandes mãos murchas. Ele parecia não se importar com o frio, mesmo no seu caftan fino e com os pés praticamente descalços. Um sujeito de cara arroxeadada passando de automóvel diminuiu a marcha e arregalou os olhos para eles, a moça pálida e o homem escuro ali juntos de pé, ela sorrindo como uma lunática e ele calmo como se já se conhecessem desde sempre.

Sim, quarenta, ela pensou, ele deve ter 40 anos, um dia mais velho que Billy, se for. Mas que importância tinha a idade dele?

Ele estava perguntando o seu nome. “Deirdre”, ela disse, a sua voz pouco mais que um sopro, e ele repetiu, testando, como se fossem as primeiras duas sílabas de uma canção, ou de um hino. Deirdre.



Quirke havia muito perdera o pouco de fé que um dia poderia ter tido nas crenças católicas que os Irmãos do asilo para pobres, oficialmente conhecido como Carricklea Industrial School, onde ele passara os primeiros anos da sua infância, tinham tentado durante tanto tempo lhe inculcar. Mas mesmo agora, bem avançado na meia-idade, ele ainda tinha os seus deuses do lar, os seus totens indestrutíveis, um dos quais era o gigantesco fragmento do homem a quem ele havia considerado durante a maior parte da sua vida como bom, até notável. Garret Griffin, ou o Juiz, como todos o chamavam, mesmo não estando mais em condição de julgar qualquer coisa, havia um certo tempo sofrera no ano anterior o seu septuagésimo terceiro, um derrame que o paralisara totalmente exceto os músculos da boca, dos olhos e os tendões do pescoço. Ele estava confinado, mudo, mas de certo modo consciente, num quarto grande e branco no terceiro andar do Presentation Convent of St. Louis, em Rathfarnham, um subúrbio distante da cidade, onde duas janelas, uma em cada parede em ângulo, davam para dois aspectos contrastantes das Montanhas de Dublin, uma rochosa e árida, a outra verde e semeada de tojo. Era para essas montanhas amenas que seu olhar se voltava constantemente, com uma expressão de desespero, tristeza e raiva. Quirke ficava admirado do quanto daquele homem, daquele ser vivo que ainda restava, concentrava-se agora nos seus olhos; era como se todo o poder da sua personalidade tivesse se concentrado nestes últimos pontos gêmeos de fogo intenso e desesperado.

Quirke visitava o velho nas segundas e quintas; a filha de Quirke, Phoebe, aparecia nas terças e sextas; aos domingos, era a vez do filho do Juiz, Malachy. Nas quartas e nos sábados, o Juiz ficava contemplando sozinho o jogo de luz e sombra o dia inteiro sobre as montanhas e suportando com mudo e, dando-se crédito à expressão dos seus olhos, furioso ressentimento as atenções da freira octogenária, irmã Ágata, designada para cuidar dele. Na sua vida passada, a sua vida no mundo, ele havia prestado muitos discretos favores às freiras do Presentation, e foram elas as primeiras a se oferecerem para recebê-lo quando a catástrofe o abateu. Esperava-se que, depois de um derrame tão devastador, ele não vivesse mais que uma ou duas semanas, mas elas foram passando, e depois

os meses, e a vontade de resistir ainda não mostrava sinais de debilidade. Uma escola para meninas funcionava nos dois primeiros andares do prédio e, em horas fixas do dia – meio da manhã, almoço, término das aulas às quatro horas –, as vozes das alunas em estridente miscelânea subiam até o terceiro andar. Na presença deste som, uma expressão tensa e concentrada surgia nos olhos do Juiz, difícil de interpretar; seria indignação, nostalgia, triste lembrança – ou apenas perplexidade? Talvez o velho não soubesse onde estava ou o que estava ouvindo; talvez a sua mente – e aqueles olhos deixavam poucas dúvidas de que havia uma mente funcionando de alguma forma por trás deles – estivesse presa num estado de contínua perplexidade, de irremediável dúvida. Quirke não sabia muito bem o que pensar disto. Parte dele – a desapontada, amargurada – queria que o velho sofresse, enquanto a outra parte – a que ainda era a criança que ele foi um dia – queria que o derrame tivesse acabado logo com ele, salvando-o destas últimas humilhações.

Quirke passava estas visitas lendo o Irish Independent em voz alta para o velho. Hoje era uma segunda-feira de pleno verão e havia poucas coisas interessantes nas páginas dos jornais. Oitenta padres tinham sido ordenados em cerimônias em Maynooth e All Hallows. Mais clérigos, Quirke pensou, é só o que a gente precisa. Aqui estava a fotografia de Mr. Tom Bent, gerente da Talbot Garage em Wexford, oferecendo as chaves de um novo carro de bombeiros ao prefeito da cidade. A Liquidação de Verão estava acontecendo na Macy's da George Street. Ele virou para a página internacional. O sonolento velho Ike estava atormentando os russos, como sempre. “O povo alemão não pode esperar eternamente por sua soberania”, segundo o chanceler Adenauer, dirigindo-se a um comício pelas eleições estaduais do Norte do Reno-Westfália, em Düsseldorf, na noite anterior. Nisso o olhar de Quirke caiu num parágrafo na primeira página, sob a manchete ENCONTRADO O CORPO DA MOÇA.

O corpo de Mary Ellen Quigley (16), operária de uma fábrica de camisas, desaparecida de casa em Derry desde o dia 17 de junho, foi resgatado ontem do rio Foyle por um pescador ao puxar a sua rede. Um interrogatório será realizado hoje.

Ele colocou o jornal de lado. Precisava de um cigarro. Irmã Ágata, entretanto, não permitia que se fumasse no quarto de um doente. Para Quirke, isto era mais um aborrecimento, mas por outro lado dava-lhe uma desculpa para escapar pelo menos duas vezes a cada hora para caminhar pelo ressonante corredor ladrilhado externo, tragando a fumaça de um cigarro como um pai na expectativa do nascimento de um filho numa comédia.

Por que ele persistia em vir aqui assim? Certamente ninguém o culparia por não aparecer mais e deixar o homem moribundo na sua irada solidão. O Juiz fora um grande e secreto pecador, e fora Quirke quem havia exposto os seus pecados. Uma jovem mulher morrerá, outra fora assassinada, e estas coisas tinham sido por culpa do velho. O que mais impressionava Quirke era o manto de silêncio lançado sobre o caso, deixando-o sozinho na sua indignação, exposto, improvável, ignorado, como um louco gritando na esquina. Então por que continuava vindo obedientemente todas as semanas a este árido quarto ao pé das montanhas? Ele tinha os seus próprios pecados pelos quais responder, como sua filha podia atestar, a filha que ele negara durante tanto tempo. Era uma pequena penitência vir aqui duas vezes por semana e ler em voz alta os processos nos tribunais e notícias de morte para este velho moribundo.

Seus pensamentos voltaram-se de novo para Deirdre Hunt. Não houve dúvidas quanto a se fazer uma autópsia, depois que ele encontrou por acaso aquela marca de agulha no braço da mulher. Era seu dever como profissional, mas não foi isso que o fez pegar a faca. Como sempre, tinha ficado curioso simplesmente, embora soubesse não haver nada de simples na sua curiosidade. Ele havia aberto o cadáver, apalpado os seus órgãos, medido o sangue e agora, com o Juiz como testemunha silenciosa, ele revia tudo outra vez e estudava o caso de todos os ângulos possíveis. Continuava não fazendo sentido.

Ele se virou.

– O que acha, Garret? Mais uma garota perdida?

O Juiz, recostado nos travesseiros, a boca torcida, olhava para ele com raiva. Quirke suspirou. O quarto estava quente e abafado, e, apesar de ter tirado o paletó, ele estava suando e podia sentir a camisa úmida nas axilas e entre as escápulas. Ficou imaginando, como de costume, se o Juiz registrava estas coisas: calor, frio, as excentricidades comuns do dia. Ele sentia dor? Imagine isso – imagine estar constantemente com dor e não ser capaz sequer de gritar para se ver livre dela ou apenas implorar por simpatia.

Ele suspirou de novo. Lembrou o arrepio premonitório de desconforto que sentira quando a mulher na recepção do hospital lhe entregou o bilhete de Billy Hunt pedindo que telefonasse para ele. Como ele sabia que alguma coisa estava errada – que intuição, que sexto sentido o alertara? Que relutância era esta que sentia agora? Fora uma autópsia que realizara no corpo de outra jovem mulher que levava à revelação da rede de segredos do Juiz; ele queria se envolver em outra versão de tudo isso? Deveria simplesmente esquecer a morte de Deirdre Hunt e deixar o seu marido na santa ignorância? Que importância tinha o fato de uma mulher ter-se afogado? – seus problemas tinham acabado agora; por que o

marido deveria se somar a eles? Entretanto, mesmo enquanto se fazia estas perguntas, Quirke estava consciente do velho comichão para ir fundo nas coisas, para mergulhar na escuridão do oculto, para saber.

Irmã Ágata entrou de novo no quarto, nitidamente irritada por ele ainda estar ali, quando em outras ocasiões era evidente que ele mal podia esperar para ir embora. E por que ele estava se demorando tanto assim? Esperava alguma silenciosa revelação do velho, algum sinal grandioso de orientação ou cautela? Esperava ajuda? A freira era uma mulher pequena, enrugada, barbuda, com um olho vivo como o de um papo-roxo. Não importava em que parte do quarto ela estivesse, sempre dava um jeito de parecer plantada numa atitude protetora entre ele e o seu paciente acamado e impotente. Ela não aprovava Quirke, e não procurava ocultar isso.

– Não é ótimo – ela disse, sem olhar para ele – ver o sol brilhando ainda, e já ser tão tarde?

Não era tarde, eram seis horas; ela estava lhe dizendo que queria que ele fosse embora. Ele observou enquanto ela cuidava do velho, arrumando seus travesseiros, alisando o cobertor fino e virando a beirada do lençol que pousava sobre o seu peito como uma larga faixa de contenção. O Juiz nunca parecera tão grande como aqui, preso impotente na sua estreita cama de metal. Quirke lembrou um dia de forte tempestade, muito tempo atrás, em Carricklea, quando vira uma faia gigantesca ser derrubada pelo vento, a queda fazendo o chão estremecer e o impacto chacoalhando as vidraças da janela de onde ele assistia a tudo avidamente. O declínio do velho era assim, o fim de algo que estivera ali por tanto tempo e que parecera imutável. Até que ponto a sua destruição se devia a Quirke? E ele agora estava para iniciar outra tempestade que derrubaria do seu pedestal o monumento que Billy Hunt queria erguer para sua mulher morta?

Ele pegou o paletó que havia dobrado sobre o encosto de uma cadeira ao lado da cama.

– Adeus, Irmã – disse. – Até quinta-feira.

Mesmo assim, ela não olhou para ele nem disse nada, apenas emitiu um suspiro pelas narinas que poderia ter sido uma expressão dissimulada de desdém. Do Juiz também não houve resposta, e seus olhos estavam virados para o outro lado, como se em frio desdém, em direção às montanhas.

Na rua Baggot, Quirke jantou uma comida desprezível num restaurante chinês e depois voltou a pé para o seu apartamento, tentando raspar com a língua uma camada de gordura dos dentes da frente. Atualmente, sem a anestesia do álcool, ele achava os finais de tarde muito difíceis, especialmente em pleno verão, com

suas prolongadas noites claras. Seus amigos, ou pelo menos as poucas pessoas que conhecia, eram gente que frequentava os bares e, nas raras ocasiões em que se encontravam, ficava evidente que a sua recém-descoberta abstinência os deixava nervosos. Ele pensou em ir ao cinema, mas aí se viu sentado sozinho na escuridão tremeluzente no meio de dezenas de casais de namorados, e até o silencioso deserto do seu apartamento num início de noite parecia preferível a isso. Ao chegar à velha casa em estilo georgiano na rua Upper Mount, onde morava, ele fechou a porta da frente atrás de si procurando não fazer barulho e atravessou suavemente o corredor, subindo as escadas. Sempre se sentia como um intruso ali, entre estas sombras e este silêncio.

No seu apartamento no terceiro andar, havia a usual atmosfera de lábios cerrados, como se algo vagamente nefasto estivesse acontecendo e cessasse instantaneamente ao som da sua chave na porta. Ele parou por um momento no meio da sala de estar, a chave ainda na mão, examinando as suas coisas: os móveis sem personalidade, as prateleiras de livros obsessivamente ordenadas, o manequim de madeira sobre uma mesinha ao lado da janela com os braços lançados para o alto numa pose melodramática. Sobre a prateleira da lareira, havia um vaso de rosas. As flores eram presente, ele não sabia bem por quê, de uma mulher – casada, entediada, loura – com quem havia se encontrado durante uma ou duas semanas não muito excitantes, e ele não tivera coragem de se desfazer delas, embora estivessem agora murchas e suas pétalas secas exalassem um leve cheiro adocicado e de coisa velha que o fazia lembrar constrangedoramente do seu local de trabalho. Ligou o rádio e tentou sintonizar na BBC Third Programme, mas a recepção era muito fraca e por algum motivo o tempo estava sempre bom. Acendeu um cigarro e parou em frente à janela, olhando para a rua larga e vazia com suas sombras estriadas e levemente sinistras. Ainda era cedo demais para as prostitutas que faziam ponto por ali, embora até as mais feias e velhas fizessem um ativo comércio em noites tão quentes como esta. Ele podia sentir as primeiras efervescências de desespero que o assaltavam com frequência nestes crepúsculos de verão. Um barulhinho suave atrás dele o fez se virar, assustado: uma pétala pesada destacara-se de uma das rosas murchas e caíra, como um poeirento farrapo vermelho escuro de veludo, enrugado nas bordas, dentro da grade. Resmungando, ele pegou o paletó e dirigiu-se para a porta.

Malachy Griffin, atendido por uma antiga criada, continuava no casarão em Rathgar, onde ele e Sarah moraram durante quinze anos. Pensara em vendê-lo, agora que Sarah se fora, e faria isso um dia, mas ainda não conseguia enfrentar a perspectiva de ter de lidar com corretores, avaliar ofertas e tomar providências

para a chegada do pessoal da mudança e, finalmente, para a mudança propriamente dita. Tentava imaginar a porta da frente fechando-se pela última vez enquanto o caminhão de mudança se afastava, a descida pelo caminho estreito entre os gramados de ambos os lados até o velho portão enrugado com mais de um século de camadas de tinta preta pesada, o último cheiro do alfeneiro, o último degrau até a calçada, o último giro na direção do canal e de um inconcebível futuro. Não, melhor ficar quieto por enquanto, aguardar tranquilo, observando o cair das folhas do calendário. Nada além de levantar de manhã, ir para o trabalho, voltar, dormir: existir. Não, nada além disso.

O cachorro escutou os passos aproximando-se da porta da frente, e já estava rosnando e ganindo antes que a campainha soasse. Mal cochilava numa poltrona na sala de estar e o som o acordou de sobressalto. Quem seria, a esta hora? As janelas francesas ficavam abertas para o amplo jardim dos fundos, onde se avolumava o lusco-fusco verde prateado. Ficou escutando para ver se Maggie aparecia, mas atualmente ela não arredava pé dos seus aposentos debaixo da escada, recusando-se a atender à campainha da porta. Pensou em não atender também – tinha alguém que ele quisesse ver? –, mas acabou se levantando com um suspiro, deixando de lado o jornal e caminhando a passos abafados até o corredor. O cachorro corria atrás dele e se agachava nas pernas dianteiras com o traseiro levantado, rosnando no fundo da garganta.

– Quirke – Mal falou, sem muita surpresa e com pouco entusiasmo. – Já é tarde para estar na rua.

Quirke não disse nada, e Mal, dando um passo atrás, manteve a porta aberta. O cachorro recuou, observando Quirke com hostilidade nos olhinhos brilhantes, escorregando nas patas esticadas e fazendo um ruído no esôfago como um chocalho de serpente.

Mal mostrou o caminho até a sala de estar, e, quando Quirke passou, ele fechou a porta no focinho do cachorro. Quirke entrou e parou diante das janelas abertas com as mãos nos bolsos, contemplando o jardim, a sua estrutura em forma de cunha quase preenchendo a moldura da janela. Parecia incoerente ali com o seu terno preto, um arauto da noite. Mal sempre pensara nele como um imenso, perigoso, confuso bebê, carente e destrutivo. Quirke disse:

– Odeio esta época do ano, estes fins de tarde que não acabam nunca.

Estava espiando as peônias, as rosas e o salgueiro chorão melancólico que Sarah havia plantado quando ela e Mal foram morar ali pela primeira vez. A vegetação tinha crescido desordenada; Sarah era a jardineira.

O cachorro estava arranhando a porta febrilmente com as garras e ganindo.

– Quer um drinque? – Mal perguntou e acrescentou logo: – Chá ou... – E

hesitou.

– Obrigado, não.

Tinham feito uma espécie de trégua, os dois, desde que Sarah se fora. Eventualmente jantavam juntos no St. Stephen's Green Club, onde Mal assumira o título de sócio do pai, e certa vez foram às corridas em Leopardstown, mas a ocasião não foi um sucesso: Quirke perdeu vinte libras e ficou ressentido com Mal, que, embora não entendesse quase nada sobre cavalos de corrida, limitou-se a apostar uns poucos shillings e, ainda assim, conseguiu ganhar cinco libras.

Mal agora se indagava, inquieto, qual seria o propósito da visita de Quirke. Ele não aparecia sem ser convidado, e Mal raramente o convidava. Respirou fundo; esperava que Quirke não tivesse vindo aborrecê-lo de novo com a história dos orçamentos – Mal era chefe do departamento de obstetrícia do Hospital da Sagrada Família e presidente do Conselho Administrativo –, mas de repente Quirke o surpreendeu, perguntando se não queria dar uma volta. Mal não pensava em Quirke como um homem que saísse para dar uma volta. Mas concordou, dizendo que ia mesmo levar o cachorro para passear, e foi trocar os chinelos por sapatos de sair na rua.

Sozinho diante do silêncio sussurrante do jardim sob as luzes do crepúsculo, Quirke teve uma incrível impressão de que as coisas lá fora, as rosas, as peônias de cabeças pesadas e o luxuriante salgueiro, estavam discutindo a seu respeito, muda e ceticamente. Na sua mente, ele viu Sarah ali, com seu chapelão de palha do Mediterrâneo, saía de tweed, luvas de jardinagem, caminhando na sua direção pela grama, sorrindo e erguendo a mão para afastar da testa alguns fios de cabelo com o punho.

O jornal do dia estava sobre a mesa onde Mal o havia jogado, o papel brilhando fantasmagoricamente, como metal branco descolorido, na luz do final de tarde que vinha do jardim. Quirke viu a manchete de novo:

ENCONTRADO O CORPO DA MOÇA

Mal voltou, nos seus sapatos de couro rachado e seu paletó de linho cinza amassado. Não se vestia mais como antes: a antiga preocupação com roupas bem cortadas se fora. Ele andava desleixado, como o jardim. Fisicamente também perdera o brilho, seus traços se tornaram indistintos, como se por cima dele tivesse se depositado uma camada uniforme de poeira fina. Seus cabelos estavam secos – pareciam quase quebradiços – e dava para se notar que estava ficando grisalho nas têmporas. Só as lentes dos seus óculos de armação de metal estavam tão lustrosas e atentas como sempre, embora os olhos por trás delas parecessem

vagos, como se exaustos pelo esforço do constante espiar por essas inflexíveis rodela de vidro.

– Bem – ele disse. – Vamos?

Eles caminharam pelo canal no silêncio da noite. Poucas pessoas estavam por ali, e menos carros ainda. Foram até a rua Leeson e depois desceram até a ponte Huband. Aqui, de novo, havia muito tempo, Quirke caminhara com Sarah Griffin numa manhã de domingo de um outono nublado. Ele pensou em contar a Mal sobre este passeio, e o que foi dito, como Sarah lhe implorara para ajudar Mal – “Ele é um bom homem, Quirke” – e como Quirke não compreendera bem o que ela lhe pedia, o que ela não conseguia lhe dizer diretamente.

Mal cantarolava baixinho uma melodia indefinida; outro hábito que adquirira depois da morte de Sarah.

– Como você está se virando? – Quirke perguntou.

– O quê?

– Na casa, sozinho. Como está se arrumando?

– Ah, bem, você sabe. Maggie cuida de mim.

– Quero dizer, como você está, consigo mesmo?

Mal considerou.

– Bem, está melhorando em certos aspectos e piorando em outros. As noites são difíceis, mas os dias passam. E tenho Brandy.

Quirke arregalou os olhos e Mal sorriu com ar cansado e apontou para o cachorro.

– Ele, eu quero dizer.

– Ah, este é o seu nome?

Quirke olhou para o animal que corria de um lado para o outro na suave luz acinzentada do crepúsculo com seu passo curioso, agitado, as pernas duras como um brinquedo mecânico, farejando a grama de mau humor. Era uma coisa mirrada, de pelo da cor de pano de saco molhado. Phoebe comprara para ele, este homem que até dois anos antes ela pensava ser seu pai, para lhe fazer companhia. Era evidente que o cachorro e o homem não gostavam um do outro, o cachorro mal tolerando o homem e o homem parecendo impotente diante das insistências espontaneamente caninas do animal. Era estranho, mas ser dono de um cachorro fazia Mal parecer ainda mais envelhecido, mais cansado, e irritantemente deprimido. Como se estivesse lendo os pensamentos de Quirke, ele disse, defendendo-se:

– É uma companhia. Mais ou menos.

Quirke de repente queria muito um drinque, só um: pequeno, rápido,

queimando, desastroso. Pois, é claro, não seria apenas um. Quando tinha sido apenas um nos velhos tempos? Ele sentiu a fúria começando, a fúria autodilacerante, impotente, lamurienta do alcoólatra tentando parar de beber.

Os lampiões da rua brilhavam entre as folhas que mal se moviam nas árvores perfilando a margem do canal, lançando uma luz branca, dura, fervilhante que intensificava a escuridão ao redor. Os dois homens pararam e se sentaram num banco de ferro pintado de preto. As sombras das folhas se agitavam no caminho aos seus pés. O cachorro, insatisfeito, corria de um lado para o outro, aflito. Quirke acendeu um cigarro, a chama do isqueiro formando um globo vermelho que se manteve contido por um segundo no côncavo protetor das suas mãos.

– Um sujeito me ligou esta manhã – ele disse. – Um sujeito que frequentava a faculdade quando estávamos lá. Billy Hunt – lembra dele? Grande, ruivo. Jogava futebol ou hóquei irlandês. Não lembro o quê. Saiu depois do primeiro ano.

Mal, observando o cachorro, não disse nada; estaria escutando?

– Sua mulher se afogou. Jogou-se do pier no Sandycove. Foi encontrada ontem sobre as pedras em Dalkey Island. Jovem, uns vinte e poucos anos. – Ele parou, fumando, e depois continuou. – Billy me pediu para garantir que ela não fosse autopsiada. Não podia suportar a ideia dela sendo retalhada, ele disse.

Ele parou e olhou de lado para o longo e anguloso perfil de Mal, ao seu lado na escuridão iluminada pela lâmpada. O canal cheirava a água estagnada e vegetação apodrecendo. O cachorro veio e colocou as patas dianteiras sobre o banco, agarrou a guia com os dentes e tentou arrancá-la das mãos de Mal. Mal empurrou o animal para longe dele com cansada aversão.

– Como é mesmo o nome dele? – perguntou.

– Hunt. Billy Hunt.

Mal balançou a cabeça.

– Não, não me lembro. O que aconteceu com a mulher dele – quero dizer, por que ela fez isso?

– Bem, esta é a questão.

– Ah?

Quirke não disse nada, e agora foi a vez de Mal olhar para ele.

– É um caso de... O que dizem mesmo os policiais da guarda costeira? “Circunstâncias suspeitas”?

Quirke continuou sem responder, mas no momento seguinte disse:

– Seu nome era Deirdre. Deirdre Hunt. Ela queria ser chamada de Laura Swan. Muito decorativo.

– Era uma atriz?

– Não, esteticista. Penso que é assim que ela diria.

Ele deixou cair a ponta do cigarro no chão e amassou com o salto do sapato. O cachorro estava aflito com a guia novamente, e gania.

– Melhor a gente ir embora – Mal disse, e se levantou. Prendeu a guia à coleira do cachorro e atravessaram a brecha no gradil até Herbert Place, retornando na direção de onde tinham vindo. A alta fileira de casas do outro lado da rua avultava na cintilante escuridão. Humanos constroem praças, Quirke pensou, a natureza nos cercando.

– Laura Swan – Mal disse. – Soa vagamente familiar, não sei por quê.

– Ela era proprietária de um estabelecimento na rua Anne, em cima de uma loja. Era um sucesso, parece. Senhoras ricas de Foxrock iam depilar as pernas, tingir os bigodes, esse tipo de coisa. Bronzeados artificiais, cremes para atenuar rugas. Billy, o marido, viaja para empresas de produtos farmacêuticos, provavelmente lhe fornecia os artigos a preço de custo ou de graça. Gente inofensiva, você pensaria.

– Mas?

Quirke, com as mãos nos bolsos, rolou seus grandes ombros de bola de boliche. Estava criando, Mal notou, uma visível pança; os dois estavam ficando velhos. Sob a aba do seu chapéu de feltro macio, a expressão de Quirke era inescrutável.

– Tem algo errado – ele disse. – Algo suspeito.

– Você desconfia que ele possa tê-la empurrado?

– Não. Ninguém a empurrou, eu acho. Mas ela não se afogou, tampouco.

Eles não falaram mais até chegarem em casa, na rua Rathgar. Pararam no portão. Todas as janelas estavam com a luz apagada. A mistura de fragrâncias do jardim pareceu, por um segundo, um hálito saído do passado, um passado que não era deles, exatamente, mas onde seus egos mais jovens ainda viviam de algum modo num presente que se fora havia muito tempo, mas que, no entanto, não envelhecia. Mal soltou o cachorro, que saiu numa disparada até os degraus de pedra e começou a arranhar freneticamente a porta da frente, as patas formando um borrão circular que fez Quirke pensar num esquilo numa roda. Os dois homens seguiram devagar, os saltos dos sapatos rangendo no cascalho empoeirado. O passeio terminara, mas eles não sabiam como se despedir.

– Como estava meu pai? – quis saber Mal. – Você o viu hoje?

– O mesmo de sempre. Ele não sabe como morrer. Pura vontade. É de se admirar.

- E você?
- O quê?
- Admira.

Eles chegaram à base dos degraus de granito e pararam de novo. Um morcego passou voando sobre o jardim à luz do lampião; Quirke imaginou ser capaz de ouvir o minúsculo, rápido, mecânico, bater das suas asas.

- Ele me odeia – ele disse. – Está nos seus olhos, esse brilho.
- Você tentou destruí-lo – Mal falou com brandura.
- Ele se destruiu.

A isso Mal nada respondeu. O cachorro ainda arranhava a porta.

– Ah, esse animal. Quando está dentro de casa uiva para sair, quando está do lado de fora fica impaciente para entrar.

Eles pararam, Mal observando o animal com tristeza e Quirke procurando o morcego arisco ao redor. Mal disse:

– Esta jovem, esta Deirdre Hunt – você vai se meter em confusão novamente, Quirke?

Quirke deu um suspiro, sentido, e raspou o cascalho com a ponta do sapato.

– Eu não me surpreenderia se o resultado fosse esse – ele concordou. – Confusão, quero dizer.



Ele achava impossível dormir nestas noites que pareciam não mais que o brevíssimo intervalo entre o fulgor do início da noite e o clarão da manhã. Às quatro horas, a luz do dia já encaracolava dedos insidiosos nas bordas das cortinas do seu quarto. Tinha experimentado usar uma máscara de dormir, mas achou a escuridão desorientadora, enquanto as tiras de elástico que a mantinham no lugar deixavam iradas marcas laterais em forma de V nas suas têmporas que duravam horas. Portanto, ele ficava ali deitado, desesperado como um besouro caído de costas, tentando não pensar em todas as coisas em que não queria pensar, conforme a aurora se infiltrava no quarto como uma poeira cinza radiante. Esta manhã, como em todas as outras recentemente, ele estava refletindo sobre o quebra-cabeça de Billy Hunt e da sua jovem esposa morta, embora esta provavelmente fosse uma daquelas coisas sobre a qual não deveria estar refletindo.

Se ele tivesse juízo, não teria mais nenhum envolvimento com Billy Hunt e seus problemas. Não deveria ter tido nenhum envolvimento com ele desde o início. Seu primeiro erro tinha sido o de retornar o seu telefonema; o segundo fora concordar em se encontrar com ele. Seria porque ele sentia uma simpatia por ele, uma empatia, visto que ambos tinham perdido suas jovens esposas? Para Quirke, isso parecia improvável. Delia estava morta havia muito tempo e, de qualquer maneira, ele não se sentira secreta e descaradamente aliviado com a sua morte? Embora Delia fosse aquela com quem ele havia se casado, não era Delia que ele queria, mas a irmã, Sarah, e ele a havia perdido, por descuido, e para Malachy Griffin, entre todas as pessoas. No entanto, havia algo em Billy Hunt, algo na sua tristeza e suada desolação, que deixara Quirke sensibilizado e, de algum modo, ainda estava deixando. “Algo suspeito”, ele havia dito a Mal, e ele sabia que na verdade era uma aragem que vinha lá das profundezas que ele havia captado. Não era a mesma coisa que o fedor que exalava das entranhas inchadas da jovem mulher; era ao mesmo tempo mais leve e mais pungente que isso.

Ele não sabia o que fazer em seguida, mesmo supondo que houvesse uma próxima coisa e, se houvesse, o que deveria fazer. Poderia falar com Billy Hunt de novo, descobrir mais sobre o que ele sabia a respeito da morte da sua mulher

e, mais importante, talvez, o que ele não sabia. Mas o que perguntar? Como estruturar a pergunta? Quem espetou a agulha no braço dela, Billy, quem a dopou – foi você, por acaso? Ele não acreditava que Billy fosse o assassino. Ele era muito azarado, muito incompetente. Assassinos eram certamente de uma estirpe diferente do pobre, desajeitado, sardento, desastrado Billy Hunt.

Sob as cobertas o seu joelho começou a doer, o esquerdo, cuja patela fora esmagada quando dois homens o atacaram e o derrubaram da escada dos fundos de uma casa deserta na rua Mount, numa noite chuvosa uns dois anos atrás. É isso, ele refletiu agora, que acontece quando você se mete no que é melhor deixar quieto.

Ele se virou de lado com uma das mãos sob o queixo no travesseiro quente e ficou olhando para as cortinas pesadas, caindo até o chão, ao seu lado na meia-luz como uma imponente lâmina canelada de pedra escura. O que ele deveria fazer? As águas em que o corpo de Deirdre Hunt havia mergulhado eram profundas e turvas. A autópsia que ele fizera naquela outra jovem mulher, dois anos atrás, levantara uma onda de lama e sujeira, em cuja borra ele ainda estava patinando. Não estaria ele agora correndo o risco de se encharcar em outras águas fétidas? Não faça nada, era o que o seu bom senso lhe dizia, fique em terra firme. Mas ele sabia que ia mergulhar, de ponta-cabeça, bem lá no fundo. Algo nele ansiava pela escuridão lá embaixo.

Às 8:30 daquela mesma manhã, ele estava na delegacia da rua Pearse, perguntando pelo inspetor Hackett. O dia já estava quente, com raios de sol refletindo como espadas em riste das capotas dos automóveis que passavam na rua na névoa azul-petróleo. Lá dentro, a sala de estar era toda sombras âmbar e partículas de poeira flutuantes, e sentia-se um cheiro de aparas de lápis e documentos assando ao sol que lembravam a Quirke os seus dias de estudante em Claricklea. Policiais uniformizados e alguns à paisana entravam e saíam, devagar, atentos, decididos. Um ou dois dirigiam-lhe um olhar firme que lhe dizia que sabiam quem ele era; ele podia vê-los imaginando o que ele estaria fazendo ali. Quirke, o talentoso patologista do Hospital da Sagrada Família, arrastando os seus elegantes sapatos de couro por estas emboloradas paragens; a esta altura, ele estava se perguntando a mesma coisa.

Hackett desceu para recebê-lo. Estava em mangas de camisa e com suspensórios largos; Quirke reconheceu as volumosas calças azuis, polidas pelo uso no assento e nos joelhos, que eram a metade que ainda deveria ser o único terno que possuía. Seu grande rosto quadrado, com o corte reto da boca e olhos atentos, brilhava também, especialmente nas bochechas e no queixo. Seus cabelos negros brilhantizados estavam ferozmente penteados para trás a partir da

testa, numa crista de ave de rapina. Quirke não tinha certeza de já ter visto Hackett antes sem chapéu. Já fazia dois anos desde a última vez que os dois tinham se falado, e ele estava ligeiramente surpreso em descobrir como estava satisfeito em ver o ardiloso, grosseirão, cabeça-dura e boca de carpa, sarja lustrosa e tudo.

– Sr. Quirke! – o detetive disse, expansivo, mas mantendo os polegares enganchados nos suspensórios e sem oferecer um aperto de mão. – É o senhor mesmo?

– Inspetor.

– O que o traz aqui a esta hora da manhã?

– Lembrei que o senhor era um madrugador.

– Ah, como sempre, de pé com a cotovia.

O policial de serviço no balcão, um gigante meio idiota, de orelhas de abano, observava-os com concentrado interesse.

– Sobe – Hackett disse. – Sobe para o gabinete e me conta todas as suas novidades.

Ele levantou a aba de madeira do balcão para Quirke e, ao mesmo tempo, abriu com o pé a porta de vidro fosco atrás dele que dava para a escada interna. As paredes da escada estavam pintadas num tom de verde acinzentado, e o verniz marrom do corrimão estava pegajoso. Todos os prédios institucionais faziam Quirke, o órfão, sentir calafrios.

O gabinete do inspetor era como Quirke se lembrava, em forma de cunha e atulhado, com uma janela encardida na extremidade estreita onde a mesa grande de Hackett estava plantada, sólida e quadrada como o cepo de um açougueiro. O espaço era tão pequeno que parecia que a entrada de Quirke ali, com seus ombros de touro e grande cabeça loura, deixaria as paredes abauladas.

– Sente-se, sente-se, sr. Quirke – o inspetor disse, rindo. – Está me deixando nervoso de pé aí, como um Homem de Preto.

O ar quente cheirava a suor e bolor, e as paredes e teto estavam manchados com um tom bilioso de marrom madressilva de anos de fumaça de cigarros. O inspetor teve de se espremer de lado para ir para trás da sua mesa. Sentou-se com um grunhido e ofereceu a Quirke um maço de Players; os cigarros perfilavam-se como um conjunto de foles de órgão em miniatura.

– Aceite um cigarro.

Pela janela atrás dele, embaçada de fuligem e velhas teias de aranha, Quirke podia ver uma vaga confusão de telhados e chaminés torrando ao sol de verão.

– Como está, no geral? – o policial perguntou. – Engordou um pouco?

– Não bebo mais.

– Não me diga. – O inspetor franziu os lábios e assobiou baixinho. – Bem, bebida é uma grande ajuda para não engordar, certamente.

Quirke pegou uma lapiseira de prata do bolso e começou a brincar com ela. Hackett recostou-se na sua cadeira barulhenta, direcionando uma coluna de fumaça para o teto, e olhou-o pela lateral do seu nariz com uma afetuosa piscadela, embora seus olhinhos castanho-escuros fossem mais penetrantes que nunca. A última vez que se encontraram fora numa manhã dois anos antes, quando Quirke foi ao seu gabinete com evidências da culpa secreta do Juiz e uma lista dos nomes que com ele dividiam a sua culpa. Mais tarde, ao telefone, Hackett dissera: “Eles cercaram as carroças, sr. Quirke, e nós, desventurado par de índios, podemos disparar todas as flechas que quisermos.” Ambos sabiam muito bem que não sealaria disso hoje; o que ainda tinha para se dizer? Era passado, morto, e os corpos estavam todos enterrados – ou, Quirke refletiu, quase todos.

– Um dia maravilhoso – Hackett comentou. – Com a chuva da semana passada, pensei que não fôssemos ter verão. – O olho brilhou mais. – Suponho que vá partir para a praia, dono do seu próprio tempo como é. Ou para as corridas – o senhor tem um olho para as barbadadas, acho que lembro, ou estou pensando em outra pessoa?

– Em outra pessoa – Quirke disse com ar sombrio, lembrando o seu desastroso dia em Leopardstown com Mal.

Ficaram fumando em silêncio, e, depois de um tempo considerável, o inspetor indagou afável: – Diga-me, sr. Quirke, a natureza desta visita é social ou o senhor tem algo em mente?

Quirke, sentado num ângulo da mesa com um joelho cruzado sobre o outro, contemplava o bico preto empoeirado do seu sapato. Pigarreou: – Quero pedir... – Ele hesitou. – Quero pedir o seu conselho.

A expressão de leve e amável interesse de Hackett não se alterou.

– Ah?

Mais uma vez Quirke hesitou.

– Tem uma mulher...

As pesadas sobancelhas negras do inspetor alçaram-se num centímetro indagador.

– Ah? – ele disse de novo, sem inflexão.

Quirke prendeu de novo a lapiseira no bolso, inclinou-se bem devagar e apagou o seu cigarro no cinzeiro já transbordando que ficava num dos cantos da mesa.

– Seu nome – disse – é Deirdre Hunt. Era.

O inspetor, sobrelhas ainda erguidas, agora levantou os olhos junto com elas e estudou o teto por um momento, fingindo estar puxando pela memória.

– Seria a mesma Deirdre Hunt que pescamos da água na ilha Dalkey outro dia?

E então, de repente, antes que Quirke pudesse responder, o policial começou a rir, o seu familiar riso de fumante, suave de início, depois cada vez mais forte e em seguida incontável. Saltou da cadeira, com o peito chiando, e bateu com a palma da mão na mesa encantado. Quirke esperou, depois de alguns segundos o detetive voltou a se sentar, respirando com dificuldade. Olhou para Quirke afetuosamente.

– Por Deus, sr. Quirke – ele disse –, o senhor é um homem terrível para os jovens defuntos.

– Ela também era conhecida – Quirke falou, a voz rouca – como Laura Swan.

Isto provocou uma renovada crise de alegres chiados.

– Era, agora?

– Tinha um salão de beleza na rua Anne.

– Está certo. A minha patroa foi lá no Natal passado se embelezar.

Quirke fez uma pausa, ligeiramente consternado. Nunca lhe ocorrera que pudesse haver uma sra. Hackett. Tentou imaginá-la, grande e quadrada como o marido, braços manchados, tornozelos poderosos e um busto como o de uma figura de proa. Uma improvável cliente, sem dúvida, para as habilidades embelezadoras de Laura Swan. E se Hackett tinha uma esposa, céus, teria filhos também, uma ninhada de pequenos Hacketts, de cabeças miniaturizadas, de ternos azuis e suspensórios largos como o papai?

O inspetor se recuperou da alegria e, tendo enxugado os olhos, cavou freneticamente entre os papéis em desordem sobre a mesa, tirou uma página e se pôs a estudá-la com ar sério.

– O senhor parece saber muito sobre esta infeliz mulher – ele disse. – Como?

– Conheço o marido dela, quer dizer, conheci. Frequentamos juntos a faculdade. Quero dizer, na mesma época, mas em séries diferentes. Ele é mais jovem que eu.

– Médico, ele é?

– Não. Abandonou a medicina.

– Certo.

Hackett ainda estava estudando a página, segurando-a bem perto dos olhos,

forçando a vista, fingindo ler com profunda atenção o que estava escrito ali. Olhou por cima da folha de papel para Quirke.

– Desculpe – ele disse –, esqueci os óculos.

Ele deixou cair o papel sobre a pilha dos seus colegas, e mais uma vez se recostou na cadeira. Quirke, olhando abaixo viu que o documento nada mais era que uma listagem de turnos de serviço.

– Então, sr. Quirke, o que pensa que posso lhe dizer sobre a falecida sra. Hunt? Ou é alguma coisa que o senhor tem para me dizer?

Quirke olhou para a janela atrás dele e a vista embaçada lá fora. Sob o sol pouco habitual, os telhados e as chaminés pretas de fumaça pareciam planos e irreais, como uma linha do horizonte num filme musical.

– Fiz a sua necrópsia.

– Achei que sim. E?

– Seu marido tinha me telefonado, inesperadamente.

– Para quê?

– Pedir para não haver necrópsia.

– Por quê?

– Ele disse que não suportaria a ideia do seu corpo sendo retalhado.

– Um pedido estranho, certamente.

– É o tipo de coisa que vira uma obsessão na mente das pessoas, quando alguém querido tem uma morte violenta. Ouvi dizer que é uma substituição para a tristeza ou culpa.

– Culpa? – o inspetor disse.

Quirke lhe lançou um olhar inexpressivo.

– Aquele que sobrevive sempre sente uma certa culpa.

– Assim lhe disseram.

– Sim, assim me disseram.

O rosto chato, quadrado, tinha a expressão imperturbável como um pedaço de madeira, de uma máscara primitiva.

– Bem, o senhor deve está certo – ele disse. E esmagou o cigarro apagado no cinzeiro; um lado continuou queimando, emitindo uma espiral fina, agitada, de fumaça que subia em ondas. – Então, o que o senhor disse para ele, o viúvo enlutado?

– Que ia ver o que eu podia fazer.

– Mas o senhor foi em frente... Fez a autópsia?

– Como eu disse. Claro.

– Ah, claro – o detetive murmurou secamente. – E o que o senhor encontrou?

– Nada. Ela se afogou.

O inspetor o observava com uma profunda e, pelo que parecia, inabalável calma.

– Afogada – ele disse.

– Sim. Será... – e foi preciso pigarrear de novo – será que o senhor poderia dar uma palavrinha com o investigador?

Ele pegou a cigarreira e ofereceu-a para o outro lado da mesa.

– O investigador? – Hackett disse, num tom de leve e inocente surpresa. – Por que o senhor ia querer que eu falasse com o investigador?

Quirke não respondeu. O detetive pegou um cigarro e debruçou-se com ele até a chama do isqueiro de Quirke. Havia adotado um ar ausente agora, como se de repente tivesse perdido o fio da meada. Quirke conhecia esse olhar.

– O senhor mesmo, sr. Quirke – o inspetor recostou-se de novo, emitindo duas cornetas de fumaça das narinas infladas –, não poderia falar com ele?

– Bem, num caso como este...

O inspetor deu um salto.

– Um caso como o quê?

– Suicídio, quero dizer.

– E foi isso, não foi?

– Sim. Não vou dizer isso, é claro. Para o investigador, quero dizer.

– Mas ele vai saber.

– Provavelmente. Mas vai guardar isso para si mesmo...

– ... Se alguém der uma palavrinha com ele.

Quirke olhou para baixo.

– O fato de ele ter ido me procurar – disse – o marido, Billy Hunt. Sinto uma certa responsabilidade.

– De poupar seus sentimentos.

– Sim. Algo desse tipo.

– Algo como o quê?

– Não é como eu expressaria.

Fez-se um silêncio. O detetive estava observando Quirke com uma expressão de curiosidade infantil, o olhar arregalado e com um brilho intenso.

– Mas foi, o senhor diz, um suicídio? – ele perguntou, como para esclarecer uma leve dúvida sem importância.

– Suponho que sim.

– E o senhor saberia, tendo feito a autópsia, quero dizer.

Quirke não enfrentou o seu olhar. Depois de um momento, disse: – Não estou pedindo muito. Os suicídios na sua maioria são encobertos; o senhor sabe disso tão bem quanto eu.

– Mesmo assim, sr. Quirke, tenho certeza de que não é comum um marido procurar um patologista e lhe pedir para não realizar uma autópsia. Poderia ser que esse tal senhor – Swan? Não, Hunt – talvez estivesse preocupado com o que o senhor encontraria se retalhasse a sua patroa?

De novo Quirke não respondeu. E Hackett deixou o seu olhar seguir enevoadado mais uma vez. Ele afastou a sua cadeira da mesa até o encosto bater no peitoril da janela, ergueu os pés com as suas pesadas botas ferradas pretas e os depositou sobre a pilha de papéis, entrelaçando os dedos gordos sobre a pança. Quirke notou, não pela primeira vez, as suas mãos grossas, as mãos de um homem do campo, feitas para o trabalho com a enxada, para escavações profundas e penosas; ele pensou em Billy Hunt na mesa em Bewley's, triste e distraído, mergulhando a colher no açucareiro.

– Sinto muito – disse Quirke, recolhendo a cigareira e o isqueiro. – Estou abusando do seu tempo. O senhor está certo. Eu mesmo vou falar com o investigador.

– Ou o senhor espera pelo interrogatório e conta uma mentirinha inofensiva – o inspetor disse, sorrindo satisfeito.

Quirke se levantou.

– Ou eu conto uma mentira, sim.

– Para poupar os sentimentos do seu amigo.

– Sim.

– Visto que o senhor não conseguiu fazer o que ele lhe pediu, ou que lhe pediu para não fazer, quero dizer.

– Sim – Quirke repetiu, inexpressivo.

O inspetor o olhou com o que poderia ser uma pontinha de interesse, como um visitante no zoológico diante da jaula de uma espécie não muito curiosa que um dia, muito tempo atrás, foi uma criatura selvagem feroz e destemida.

– Até logo, então, sr. Quirke. Não vou me levantar, o senhor acha o caminho?

No Trinity College, um pequeno jornaleiro esfarrapado com um boné de tweed grande demais oferecia exemplares do Independent. Quirke comprou um e passou os olhos rapidamente pelas páginas, sem parar de andar. Procurava alguma coisa a respeito daquela operária da fábrica de camisas afogada no Foyle, mas não havia notícias dela, hoje.

Ele foi da rua Pearse para o seu gabinete subterrâneo no hospital e ficou sentado uns cinco minutos diante da sua mesa, tamborilando com os dedos no mata-borrão. Finalmente, pegou o telefone. Billy Hunt atendeu ao primeiro toque.

– Alô, Billy. Dei um jeito, não precisa se preocupar. Não vai haver autópsia.

A voz de Billy estava grossa e enrolada, como se estivesse chorando, o que talvez fosse verdade. Ele agradeceu e disse a Quirke que ficava lhe devendo uma, e quem sabe Quirke lhe deixasse pagar um drinque um dia desses.

– Não bebo, Billy.

E Billy sem escutar, continuou:

– Tudo bem, tudo bem. – E desligou.

Quirke baixou o fone e ficou sentado alguns instantes com a respiração presa, depois a soltou num longo e cansado suspiro. De olhos fechados, beliscou a pele da ponta do nariz com o polegar e o indicador. Que importância tinha o que acontecera na noite que Deirdre Hunt morrera? Que importância tinha se Billy voltou para casa, encontrou a mulher morta por uma overdose, levou o seu corpo nu de carro até Sandycove e o deixou escorregar para dentro d'água no meio da noite? Que importância tinha isso? Ela já estava morta e, como Quirke sabia melhor que ninguém, defunto é defunto.

Mas tinha importância, e Quirke sabia disso também.

Às terças, depois da visita que Phoebe fazia ao avô no convento, Quirke tinha o hábito de levar a filha para jantar no restaurante do Russel Hotel, em St. Stephen's Green. Phoebe confessava gostar de lá; era pretensioso e ao mesmo tempo, como ela dizia com uma risadinha fria e debochada, bastante elegante. A comida era boa, embora Phoebe mal notasse isso, e o vinho melhor ainda – esta era a única ocasião na semana em que Quirke se permitia esquecer um pouco a abstinência à qual retornaria tranquilamente no dia seguinte. Era curioso, porque, em outras situações, ele estava convencido de que até um golinho o deixaria de novo no velho caminho da perdição, ou no mínimo com um fígado arruinado. De alguma forma, a presença da filha era uma proteção, um talismã contra excessos desastrosos. Esta noite eles estavam bebendo um clarete cor de ferrugem que Quirke tomara pela primeira vez numa viagem de final de semana a Bordeaux, anos antes, com uma mulher, cujo sabor da boca ele fantasiava ainda ser capaz de detectar na intensidade da cor da uva escura; isso era o que Quirke lembrava das suas mulheres, os seus sabores, os cheiros, o toque quente de suas peles sob as mãos dele, quando os nomes e até os rostos havia muito estavam esquecidos.

Phoebe usava um vestido preto justo com uma gola de renda branca. Aos olhos de Quirke, parecia assustadoramente magra, e sempre um pouco mais a cada vez que se encontravam. Usava os cabelos escuros curtos e frisados em ondas apertadas, metálicas, a sua única concessão à moda. Ela preferia sapatos baixos e quase não usava maquiagem. As freiras que tinham dado abrigo ao seu avô aprovavam Phoebe. Nos últimos dois anos, ela criara para si mesma uma personalidade fria, frágil, irônica; tinha 23 anos e poderia ter quarenta. Sob o seu olhar cáustico e cético, Quirke se sentia desconcertado. Phoebe crescera pensando ser filha de Mal e Sarah, não de Quirke e sua mulher Delia, e a vida inteira ele a deixou continuar pensando assim até as crises de dois anos atrás o forcaram a lhe revelar a verdade. Quando ela nasceu parecera melhor, ou pelo menos mais fácil com a morte de Delia, deixar que Sarah cuidasse da criança – o Juiz providenciou isso – visto que Sarah e Mal não podiam ter filhos e Quirke não queria a filha que lhe fora apresentada de forma tão trágica. O problema, problema após problema, foi que, para Sarah, ele continuava fingindo achar que

o bebê de Delia morrera e que acreditava que Phoebe era mesmo filha de Sarah. E agora Phoebe sabia, Sarah já se fora, Mal estava sozinho, e Quirke era como Quirke sempre tinha sido. E ele estava com medo da sua filha.

Só algumas mesas no restaurante estavam ocupadas, e os dois garçons de serviço estavam de pé, imóveis como cariátides, de um lado e de outro da porta que dava para a cozinha. O salão era vagamente iluminado do alto, como um ringue de box, e as paredes cor-de-rosa emprestavam um toque rosado, exausto, ao ar pesado.

– Estive com Mal outra noite – comentou Quirke.

Phoebe não olhou para ele.

– Ah, sim? E como ele está, meu ex-papai?

– Bastante triste.

– Quer dizer triste triste, ou numa triste condição?

– Ambos. Aquele cachorro foi um erro.

– Brandy? Pensei que ele gostasse do pobrezinho. Ele disse que sim.

– Não acho que o seu... – Ele se interrompeu; estava para dizer *seu pai*, por hábito. – ... Não acho que Mal seja uma pessoa que se identifique com cachorros.

Ele derramou uns dois dedos de vinho no copo dela e no seu; a garrafa tinha de durar até o final do jantar, essa era a regra.

– Ele devia se casar de novo – opinou Phoebe.

Quirke olhou para ela. Para Quirke, Mal parecia ter chegado à condição que lhe era mais natural, como se tivesse nascido para ser viúvo.

– E você? – ele disse.

– Eu o quê?

– Alguma perspectiva de romance à vista?

Ela olhou para ele com uma das sobranceiras arqueadas, séria, franzindo a boca pálida.

– Isso é uma piada?

Ele estremeceu diante daquela determinação; era filha de Delia, afinal de contas, e a cada dia estava mais parecida com ela. Delia era a mulher mais dura que ele conheceu; Delia fora uma mulher determinada o tempo todo. Era o que ele mais amava nela, esta mulher admirável, atormentada e atormentadora.

– Não – ele disse. – Não estou brincando.

– Estou casada com o meu trabalho – Phoebe retrucou, com fingida solenidade. – Não percebe isso?

Ela estava trabalhando numa loja de chapéus na rua Grafton, desperdiçando

seus talentos, mas Quirke não protestava, sabendo que ela simplesmente cerraria os dentes naquele queixo quadrado e lindo que era outra coisa que tinha de Delia, e fingiria não ouvi-lo.

Agora ela pousou faca e garfo lado a lado no prato – mal havia tocado no bife – e pegou uma cigarreira fina de ouro e um isqueiro cilíndrico, também de ouro, não mais grosso que um lápis, que Quirke nunca tinha visto. Ele sentiu uma angústia. Devia ter comprado ela mesma estas coisas, pois quem mais teria feito isso? Ele a imaginou na loja, examinando as vitrinas, a balconista observando-a com maldosa simpatia, uma moça comprando presentes para si mesma. Ele olhou para os pulsos dela, as maçãs do rosto, a depressão no seu pescoço: tudo nela parecia deliberadamente emagrecido, como se tivesse intenção de ir se afinando pouco a pouco até não lhe restar mais nada além de uma silhueta como um fio de cabelo, traçada com umas poucas linhas pretas e prateadas.

– Tive uma experiência engraçada hoje – ela disse. – Bem, engraçada não, nada engraçada, de fato, mas estranha. Não paro de pensar nisso.

Ela franziu um pouco o rosto enquanto escolhia um cigarro. Nuvem Passageira, ele notou, ainda era a sua marca. Ele continuou estudando-a de viés, disfarçadamente. Quanto mais a olhava, mais a via velha, sentada em algum restaurante de hotel de segunda como este, no seu vestido preto, aprumada, enfasiada, seca, incuravelmente solitária. Ela acendeu o cigarro, soprou uma nuvem tênue de fumaça e debruçou-se com os cotovelos sobre a mesa, revirando o isqueiro de ponta a ponta nos dedos.

– Liguei para alguém, num endereço perto da loja, que havia encomendado uma coisa para mim dos Estados Unidos: água de rosas da Kiehl's, não se consegue aqui. A pessoa não estava, então liguei para a casa dela – tinha me dado o número dizendo para eu ligar sempre que precisasse de alguma coisa. Eu estava esperando pela encomenda, e surpresa porque ainda não tinha chegado, e me perguntava o que teria acontecido. O marido atendeu – pelo menos, suponho que fosse o marido dela. Ele pareceu muito estranho. Disse que ela não estava disponível. Foi assim que ele disse: “Ela não está disponível.” E desligou. Pensei que talvez estivesse bêbado ou coisa parecida. A essa altura, eu já estava intrigada, então liguei para o sócio dela, o homem que dirige o salão junto com ela. Ele também não estava em casa, mas achei a mulher dele. Disse que estava tentando entrar em contato com esta pessoa, e que tinha falado com o marido dela, ou seja lá quem fosse, e que ele tinha dito, daquele jeito peculiar, que ela *não estava disponível*. A mulher deu uma risada – mas não de alegria, era mais o riso de alguém com raiva – e disse: “Bem, deve ser a primeira vez em muito

tempo que essa cadela não está disponível” – e pelo jeito que ela falou “disponível”, eu entendi o que queria dizer. Fiquei surpresa. “Desculpe”, falei, “obviamente liguei numa hora ruim.”, e tentei desligar. Mas ela devia estar esperando que alguém ligasse para poder desfiar uma série de queixas sobre “esse traidor”, que foi como ela descreveu o seu marido. E começou a me contar coisas muito curiosas. Acho que estava um pouco histérica – bem, mais que um pouco, de fato. Disse que tinha encontrado uma pilha de fotografias obscenas – não sei o que ela queria dizer com isso, exatamente – e cartas dessa mulher para o seu marido, que aparentemente eram bastante pornográficas também. Era óbvio, disse, que eles estavam tendo um caso bem debaixo do seu nariz, o traidor e esta mulher. Ela ficou uma eternidade falando sobre isso. Às vezes eu achava que estava chorando, mais de raiva que por qualquer outro motivo. Sim, definitivamente histérica. Mas quem não ficaria, eu acho, depois de descobrir esse tipo de coisa?

Enquanto a filha falava, Quirke sentia algo se retesando dentro dele e ganhando força, como a corda de um arco sendo puxada para trás lentamente, tremendo e zunindo. Phoebe ainda revirava o isqueiro entre os dedos.

– Esta mulher – perguntou. – Como era o nome dela?

Ela olhou para ele.

– Qual delas?

– A que não estava disponível.

Ele já sabia o que ela ia dizer.

– Deirdre qualquer coisa, mas o seu nome profissional é Laura Swan. Por quê?

Eles deixaram o hotel, atravessaram a rua para o parque e caminharam ao longo da cerca na direção da rua Grafton. O crepúsculo adensava-se no ar, mas o céu ainda estava claro, uma abóbada clara de azul esbranquiçado com uma estrela palidamente queimando sobre os telhados.

– O que você faz de noite – Phoebe perguntou – agora que não está mais bebendo?

Ele não respondeu. Mas o que ele fazia *mesmo* atualmente com o seu tempo? Ele temia tornar-se um andarilho da noite, um desses solitários que andavam pelas ruas da cidade de noite, encostados nas paredes, nas soleiras das portas das lojas ou sentados em seus carros com os motores ligados, sujeitos sem rosto, embaçados, vislumbrados no clarão de um fósforo ou na luz de um painel, embalando as suas obscuras tristezas. Phoebe disse: – Você é que deveria estar procurando um romance.

Foram para o Shelbourne, o seu antigo refúgio, sentaram-se no saguão e tomaram café. Quando ela estava no colégio, ele costumava levá-la até lá de tarde e lhe dar chá com pequenos sanduíches, bombas de chocolate e bolinhos com geleia e creme. Parecia uma eternidade – *era* uma eternidade. Esta noite o lugar estava vazio, a não ser por uma trinca de políticos de terno azul, dos prédios do governo vizinhos, conspirando num canto ao lado da lareira. A luz do anoitecer nesta sala grande era sempre estranha, mais um lusco-fusco granuloso que um brilho, caindo lentamente de dois enormes, fantasmagoricamente imóveis, candelabros. Quirke, por sua vez, imaginava o que Phoebe fazia com as noites *dela*. Morava sozinha num apartamento de três quartos na rua Harcourt. Não tinha namorado, disse ele tinha certeza, mas teria amigos, pessoas que ela via? As pessoas a convidavam para sair, apareciam para visitá-la? Ela não lhe contava nada sobre a sua vida.

Estava fumando de novo, ereta numa cadeirinha dourada, com um joelho cruzado sobre o outro. Havia renda nos punhos do seu vestido, assim como na gola. Dava-lhe um leve aspecto de coisa antiga: poderia ter sido uma governanta de antigamente, ele pensou só para matar o tempo, ou acompanhante de uma senhora rica.

– Por que está tão interessado em Laura Swan? – ela perguntou.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Estou?

– Vi a sua expressão quando mencionei o nome dela. Você a conhece?

– Não. Não, não conheço. Conheci o marido dela, um pouco, faz muito tempo.

– Como ele é? Parecia meio louco ao telefone.

Quirke hesitou.

– Ele sofreu uma perda – ele disse, deixando passar outro momentâneo silêncio. – O fato é que a sua mulher está morta.

Ela olhou fixo para ele, o cigarro erguido a meio caminho da boca.

– Quem?

– A mulher dele. Deirdre. Deirdre Hunt. A que se dizia Laura Swan.

Algo cintilou nos olhos dela, uma incerteza infantil e um lampejo quase de medo. Por algum tempo ela não disse nada; depois perguntou: – Como? Quero dizer, o que aconteceu?

– Encontraram o seu corpo uma manhã, na semana passada, lançado sobre as pedras pela água na ilha Dalkey. Sinto muito – você a conhecia bem? Era sua amiga?

Ela franziu a testa agora, fitando com olhar vago o espaço na sua frente.

– Sinto muito – ele disse outra vez. – Ela estremeceu, ou talvez tenha sido um arrepio.

– Eu a conhecia – ela disse –, mas não vou dizer que a conhecia bem. Ela parava para conversar às vezes quando passava pela loja, e eu comprava cosméticos no salão que ela tem na rua Anne. O Cisne de Prata, como ela chama. – Phoebe fez uma pausa – Afogada. Pobrezinha. – Uma ideia lhe passou pela cabeça, e ela olhou rápido para ele. – Foi suicídio?

– Esse será o veredicto do investigador – Quirke respondeu com cautela.

Ela percebeu o seu tom comedido.

– Mas você pensa outra coisa?

Ele não respondeu, ergueu apenas um dos ombros e deixou-o cair de novo. Ela persistiu.

– Você lidou com o corpo, fez a autópsia?

Ele acenou que sim.

– E o que encontrou?

Ele olhou na direção dos três políticos no canto, sem vê-los. E perguntou: – Como ela era?

Phoebe parou para pensar.

– Não sei. Era apenas... comum. Bonita, mas comum, quero dizer, não tinha nada de especial que eu percebesse. Muito séria, raramente sorria. Mas sempre gentil, sempre prestativa. Tive a impressão de que havia alguma coisa entre ela e o sujeito com quem dirigia o salão.

– Quem é ele?

– Leslie White. Inglês, acho. Alto, magro, muito pálido – sem cor até –, com extraordinários cabelos brancos prateados. Com o nome certo, suponho que você diria. White. Usa uma gravata prateada, também. – Ela franziu o nariz.

Ele a observava atentamente ao perguntar:

– Como o conheceu?

– Ele me deu o seu cartão um dia quando eu estava na loja. – Com um dedo ela traçou a legenda no ar. – Leslie White – Diretor Comercial – O Cisne de Prata. Ele não para por lá. Um tipo assustador. Eu não descartaria a ideia de que fosse capaz de jogar uma mulher no mar. – Ela olhou firme para Quirke. – Ela foi empurrada?

Ele desviou o olhar de novo. O fato de ela conhecê-los, conhecer Deirdre Hunt e este sujeito White, era perturbador. Era como se algo que ele pensava estar a uma distância segura, de repente tivesse esbarrado nele, tocando-o com o

seu tentáculo. O relógio sobre a lareira na extremidade da sala começou a bater, um som sinistro, sussurrante, e, ao seu sinal, os três políticos se levantaram e saíram correndo da sala, ainda em grupo, como uma matilha de vilões num melodrama.

– Não sei – disse Quirke. – Não sei o que aconteceu com ela. Mas sei que não se afogou.

Ele mentiu para o investigador, como ele e o inspetor Hackett sabiam que ia fazer. Não tentou se enganar com a justificativa de que estava poupando os sentimentos de Billy Hunt ou protegendo a reputação da sua mulher. Estava, por assim dizer, selando a cena, como Hackett selaria a cena de um crime, para posterior investigação. Só isso.

Quando a corte se reuniu no meio da manhã, a atmosfera na sala já estava densa e rançosa. Havia a agitação usual indutora de dores de cabeça, com funcionários transportando documentos para lá e para cá, o júri acomodando-se de mau humor e os farejadores de notícias trocando piadas em seus canis numa das laterais do tribunal. Quirke notou que os repórteres eram na sua maioria novatos – pelo visto seus editores não estavam contando com uma matéria que fosse despertar muito interesse. Se fosse um suicídio, não valeria a reportagem, essa era a regra não oficial que os jornais observavam. Na galeria destinada ao público, ficavam os costumeiros embasbacados e necrófilos. Billy Hunt sentou-se numa ponta da primeira fila, ladeado por duas mulheres, uma velha e uma jovem, e segurando o rosto nas mãos o tempo todo. Na outra ponta, sentou-se um casal, provavelmente os pais de Deirdre Hunt, Quirke supôs: uma mulher com ar cansado, doentio, de uns 50 anos e cabelos oxigenados, e um sujeito baixinho, grisalho, de terno marrom, cujo paletó estava abotoado bem justo sobre um tronco em forma de barril.

Sheedy, o investigador, estava com o seu habitual terno cinza cor de poeira, suéter azul e gravata listrada, estreita. Ele ouviu as evidências do sargento da polícia costeira, cujos homens tinham tirado o corpo nu de Deirdre Hunt das pedras em Dalkey. Em seguida virou a sua longa e pálida cabeça para Quirke e indagou, com a sua frieza habitual, se, no exame que havia feito dos restos da falecida, ele havia chegado a alguma conclusão quanto à causa da morte.

– Cheguei – respondeu Quirke, bem alto, bem firme, e pensou ver a ponta do pálido nariz de Sheedy torcer.

Sheedy fora investigador municipal durante vinte anos e tinha uma aguçada percepção das hesitações e evasivas que escorriam feito peixe através das evidências, até das testemunhas mais irrepreensíveis que se apresentavam na sua

frente. Quirke se apressou. Tinha realizado um exame externo do corpo, disse, e concluía que a mulher morrera por simples afogamento.

Na realidade, ele tinha aberto o corpo de Deirdre Hunt e não tinha encontrado a espuma nos pulmões que deveria estar ali se ela tivesse se afogado; o que ele achou foram fortes traços de álcool no sangue e o resíduo de uma potente e, sem dúvida alguma, fatal dose de morfina.

Sheedy o ouviu em silêncio, uma mão em cima da outra sobre a mesa, e então, depois de uma breve mas, assim pareceu a Quirke, cética pausa, orientou o júri para dar o veredicto de morte por afogamento accidental. Billy Hunt tirou as mãos do rosto aflito, levantou-se e saiu da sala, seguido às pressas pelas duas mulheres que estavam com ele e que, Quirke deduziu pela semelhança familiar de seus traços, deviam ser sua mãe e sua irmã. Quirke também se preparava para sair, mas Sheedy o chamou e, sem olhar para ele, mas concentrado em arrumar um maço de documentos sobre a sua mesa, perguntou em voz baixa: – Tem algo que o senhor não está me contando, não tem, sr. Quirke?

Quirke, firmando os ombros e o queixo, ficou calado. Sheedy torceu o nariz e Quirke viu que ele tinha decidido deixar as coisas como estavam. Afinal de contas, ninguém era inocente aqui. O próprio Sheedy provavelmente suspeitava de suicídio, mas nada dissera. Suicídios eram um problema, envolvendo uma entediante papelada e, além do mais, um veredito de *felo de se* só causava sofrimento aos parentes, que teriam de pensar na pessoa amada morta torrando, naquele mesmo momento, ali onde os padres lhes garantiam ser um poço especial no Inferno, mais profundo, reservado às almas dos que acabavam com a própria vida.

Quando Quirke deu as costas para a mesa, viu pela primeira vez – ele estivera ali o tempo todo? – o inspetor Hackett, de pé no corredor com o chapéu nas mãos, peitando a enxurrada de espectadores e repórteres dirigindo-se para a saída. Ele sorriu, piscou para Quirke e bateu com o chapéu no peito num divertido cumprimento, como Stan Laurel batendo a ponta da gravata, ao mesmo tempo tímido e sabendo das coisas. Em seguida, deu a volta e foi saindo atrás dos outros.

Uma vez lá fora, Quirke caminhou até o rio no calor do meio-dia, lamentando o seu terno e chapéu pretos. Parou para fumar um cigarro, encostado no muro de granito do dique. A maré estava baixa e a lama azul da margem do leito do rio fedia; as gaivotas faziam círculos e davam gritos estridentes a sua volta. Ele estava satisfeito porque o inquérito terminara, mas ainda se sentia carregando um peso, uma estranha sensação: era como se tivesse esvaziado um reservatório só para descobrir que continuava tão pesado quanto antes. Ainda

queria saber como e por que Deirdre Hunt tinha morrido. Ele havia suposto que ela exagerara na dose sem querer – embora não houvesse indícios de que fosse uma viciada em drogas – e que alguém levara o corpo de carro até Sandycove e o deixara escorregar no mar. Mas se foi Billy Hunt quem se descartou assim da mulher morta de modo tão inconveniente, por que ele imaginara que um suicídio por afogamento pareceria uma desgraça menor que a morte por uma overdose não intencional de morfina? Pois, mesmo que tivesse pensado que Quirke não notaria a marca da picada, ele não poderia ter sabido que Quirke e o investigador conspirariam ignorando a óbvia probabilidade de que sua mulher havia se afogado. Teria Billy esperado que o corpo afundasse e jamais fosse recuperado? Ou teria pensado que, se encontrado, ele estaria irreconhecível – foi por isso que ele a despiu, se é que tinha sido ele quem fez isso? As pessoas eram curiosamente ignorantes quanto às complexidades da medicina legal e dos procedimentos policiais, aliás. Quando o corpo foi encontrado, com chocante rapidez, como Billy poderia imaginar que Quirke, mesmo sem fazer a autópsia, não descobriria como foi que ela morreu? Mas talvez Billy não se importasse. Quirke sabia como era perder a esposa, conhecia essa confusa mistura de tristeza, raiva, perplexidade, estranho e vergonhoso júbilo.

Com um piparote, ele lançou a guimba do cigarro sobre o muro do dique. Uma gaivota, iludida, mergulhou atrás dela. Nada é o que parece ser.



Pareceu tão natural, naquela tarde de quarta-feira de muito vento, quando o dr. Kreutz a convidou para entrar na casa, mas ela mal podia acreditar quando se viu, uma mulher casada, atravessando com ele o portãozinho no gradil de ferro preto que soou como uma expressão de surpresa nas suas dobradiças, ou um nítido grito de alerta. Pegou a sua chave, abriu a porta do porão e, afastando-se, ele a manteve aberta, acenando para ela entrar na sua frente. Havia um corredor curto na penumbra e depois a sala, a sala de consultas, de teto baixo e também na penumbra. O ar estava agradavelmente perfumado com alguma erva ou especiaria; era um cheiro bom, amadeirado, e nada semelhante às essências baratas, saturadas, que o sr. Plunkett vendia: Coty, Ponds e Evening in Paris. A fragrância a fez pensar em sobremesas, tendas e camelos, embora soubesse que eram coisas que não estariam na Índia – não que ela soubesse muito sobre a Índia, exceto por filmes, e isso era tudo inventado, nada parecido com o lugar real. Havia um sofá baixo, fundo, coberto por um cobertor vermelho, uma mesinha baixa e quatro almofadas bem coloridas no chão ao redor, devia ser para sentar, em vez de cadeiras, ou talvez estivessem ali para as pessoas se ajoelharem. Não havia tapete e as tábuas do assoalho estavam pintadas com verniz vermelho escuro brilhante.

– Bem-vinda, bem-vinda – disse o doutor, e encorajou-a em direção ao sofá, com um gesto da longa e esguia mão cor de chocolate derretido.

Mas ela não se permitiria sentar, ainda não.

Sobre a mesa, havia uma tigela de cobre macetado, e dentro dela o doutor esvaziou, da sacola de corda, três maçãs vermelho vivo – ela pensou na Branca de Neve e sua Madrasta Má – e em seguida passou por um arco sem porta para outra sala, de onde ela o ouviu encher uma chaleira com água. Ela ficou em silêncio, sentindo o lento, monótono, bater do seu coração. Não estava pensando em nada, não em palavras, pelo menos. Era a coisa mais estranha que já havia experimentado na vida, estar simplesmente ali, nessa sala, com esse perfume exótico no ar, e tudo parecendo de certa forma diferente de qualquer coisa a que estava acostumada. Se Billy tivesse entrado pela porta neste minuto, dificilmente o reconheceria. Ela não sentiu nenhum vestígio de alarme ou preocupação. De

fato, nunca se sentira tão longe do perigo. Na rua lá fora, o vento zunia, e as vagas sombras das nuvens moviam-se na sua frente na parede distante. Estava tremendo, ela percebeu, tremendo de excitação e uma estranha felicidade, cheia de esperança, que de alguma maneira tinha algo a ver com o vermelho intenso do cobertor no sofá, com as almofadas no chão vermelho-escuro e aquelas três maçãs de uma perfeição irreal na vasilha de cobre, cada uma refletindo na sua superfície um ponto cintilante idêntico de luz que vinha da janela.

O aposento do outro lado do arco era uma cozinha, com armários mal pintados, uma velha pia de pedra e um fogão Baby Belling, onde o doutor colocou a chaleira para ferver e preparou um chá de ervas numa jarra de metal verde que não era redonda, mas que tinha a forma de um barco, um pouco parecida com a lâmpada de Simbá, com um bico longo e curvo e desenhos em espiral gravados no metal. Desta vez ela aceitou o seu convite para sentar e se acomodou com cuidado no sofá, os joelhos bem juntos e as mãos entrelaçadas no colo. O doutor, com maravilhosa graça e naturalidade, dobrou-se rapidamente para baixo, como um saca-rolhas entrando na rolha, até sentar, tal qual um indiano, numa das almofadas ao lado da mesa. Ele serviu o chá quase incolor em duas delicadas xicrinhas de porcelana. Ela ficou esperando que ele lhe oferecesse leite e açúcar, mas percebeu que, é claro, este não era aquele tipo de chá, e, embora não tivesse dito nada que demonstrasse a sua ignorância, corou assim mesmo, e esperou que ele não notasse.

Eles começaram a conversar e, antes mesmo de se dar conta, ela estava lhe contando tudo sobre si mesma, coisas que nunca teria contado a ninguém. Primeiro, falou sobre sua família e sua vida nos Flats, ou uma versão disso – teve o cuidado de não dizer como se chamavam os Flats ou onde ficavam, exatamente, no caso de ele saber como eram, pois tinham uma péssima reputação sobre a qual pessoas que nunca tiveram de viver ali faziam piadas o tempo todo – e conseguiam dar a impressão de que eram velhos e bastante grandiosos, grandiosos como os da Mespill Road, por onde passava quando saía para passear sozinha nos finais de semana. Ela lhe contou sobre a bicicleta roubada quando era menina e como havia quebrado um dente de Tommy Goggin, e este certamente não era o tipo de coisa que aconteceria em Mespill Road. Ia até lhe contar o que o pai costumava fazer com ela quando era menina, o que ele a fizera prometer que seria “o nosso segredinho”, mas parou bem a tempo, chocada consigo mesma. Como podia falar assim com uma pessoa totalmente estranha? Pensar no seu pai e em tudo aquilo lhe deu um embrulho no estômago e, apesar do perfume picante no ar e a fragrância do chá, ela teve certeza de sentir nitidamente por um segundo o habitual cheiro do pai, de poeira

de carvão, pontas de cigarro e suor, e teve de conter um arrepio.

Mas o que estava fazendo ali, perguntou-se enquanto bebericava o chá agridoce, o que ela pretendia sentada nesse cobertor vermelho na sala desse homem estranho, numa tarde de outono como outra qualquer? Só a tarde não era comum, ela sabia disso. Ela sabia, de fato, que lembraria para sempre deste dia como um dos mais importantes da sua vida, mais importante ainda que o dia do seu casamento.

Ela parou de falar então, pensando que havia dito o suficiente sobre si mesma por enquanto, e esperou para ver o que, em troca, ele revelaria sobre ele mesmo e a sua vida. Mas ele lhe contou pouca coisa, ou pouco de que ela pudesse ter uma real compreensão, de qualquer modo, pareceu estranho. Nascera na Áustria, disse, filho de um psicanalista austríaco e da filha de um marajá que fora enviada da Índia para ser aluna do psicanalista, mas se apaixonara por ele. Ao ouvir isto, ela sentiu, sem querer, uma pontada de dúvida; embora ele falasse casualmente, parecendo não estar preocupado se ela acreditava nele ou não, havia algo no seu tom que não lhe soava totalmente bem, natural. Ela o pegou observando-a, também, com o que lhe pareceu ser um brilho especulativo naqueles seus olhos castanho-escuros, e ficou imaginando se ele estava testando a sua credulidade ou, na verdade, rindo dela. Mas ela não podia acreditar que ele mentisse, nem se importava se estava rindo dela, o que era estranho, pois se havia algo que ela costumava não suportar era ser alvo de gozação. Mais tarde, veria que era assim que ele agia com todos e com tudo, que para ele não havia nada que não tivesse o seu lado divertido, e ele a ensinou, ou pelo menos tentou ensiná-la – ela nunca foi boa para entender brincadeiras – que ser solene era o mesmo que ser triste, e que Deus só queria que fôssemos felizes.

Ele lhe explicou que era um sufi. Ela não sabia o que era aquilo, ou até como pronunciar aquele nome. Supôs no início que fosse o nome de uma tribo ou – como era a palavra? – a casta de onde ele viera, ou pelo menos de onde sua mãe tinha vindo, na Índia. Mas não, era uma religião, pelo visto, ou uma espécie de religião. Ele explicou que o nome era uma versão da palavra árabe *saaf*, que significava puro. O sufismo baseava-se nos ensinamentos secretos do profeta Maomé – ao som desse nome, ele inclinou a cabeça e murmurou algo, uma oração, ela supôs, numa linguagem gutural que soava como se estivesse pigarreando – que tinha vivido havia quase mil e quatrocentos anos, e que foi um pregador tão importante quanto Jesus. O profeta fora enviado por Deus como “uma bênção para o mundo inteiro”, ele explicou, e sempre falava com as pessoas de um modo que elas pudessem compreender. Visto que as pessoas na sua maioria eram gente simples, ele transmitira os seus ensinamentos com

palavras simples, mas ele tinha outras doutrinas, também, místicas e difíceis, que eram apenas para os mais sábios, os iniciados. Foi com base nesses ensinamentos que os sufis fundaram a sua religião. Os sufis tinham se originado em Bagdá – ela tinha visto o filme, *O ladrão de Bagdá*, mas achou melhor não comentar isso – e seus ensinamentos espalharam-se pelo mundo inteiro, e agora havia sufis por toda a parte, ele disse, em todos os países.

Ele falou durante um bom tempo, tranquilamente, sério, sem olhar para ela, mas olhando com ar sonhador o espaço na sua frente, e, pelo modo como falava – cantando, melhor dizendo –, poderia estar pensando em voz alta, ou repetindo algo que havia dito muitas vezes antes, em muitos outros lugares. Ela se lembrou de um padre pregando um sermão, mas ele não se parecia com um padre, não com os padres a que ela estava acostumada, de jeito nenhum, com seus mantos pretos fedorentos, bochechas mal barbeadas e olhos assombrados, ressentidos. O Doutor era, simplesmente, belo. Era uma palavra que ela jamais teria pensado em aplicar a um homem, até agora. Ele lhe contou tantas coisas, e disse tantos nomes – Ali de tal Talib, e El-Ghazali, e Omar Khayyám, de quem pelo menos ela ouvira falar, e outros que eram quase engraçados, como Al-Biruni, e Rumi, e Saadi de Shiraz – que logo a sua cabeça estava girando. Ele a ensinou que os sufis acreditavam que todas as pessoas devem se purificar de baixos instintos humanos e se aproximar de Deus por etapas, *maqaam*, e estados mentais, *haad*. Ele pronunciava estas e outras palavras exóticas com muita clareza e cuidado, para que ela as lembrasse, mas ela esqueceu imediatamente da maioria. De duas delas, no entanto, ela sabia que iria se lembrar, e estas eram *shaykh*, que é o sábio, e *murid*, o estudante ou aprendiz que se coloca sob a orientação e cuidado do *shaykh*. Conforme ela o escutava falar sobre o amor que deve existir entre estes dois, o professor e o seu aluno, aquele sentimento que ela teve ao entrar na sala brilhou dentro dela mais forte que nunca. Era uma espécie de – ela não sabia como descrever para si mesma –, uma espécie de calma excitação, se isso era possível; excitação, calor e uma sensação de feliz anseio. Sim, anseio – mas de quê?

Só depois é que ela percebeu plenamente como foi extraordinária aquela hora que passou com ele – como foi extraordinário o fato de ela ter ido até lá, e ficado ali sentada todo aquele tempo, escutando-o falar. Ela sempre foi uma pessoa impulsiva – todos diziam isso a seu respeito, até a tia Irene, embora ela conseguisse fazer soar como um grande defeito –, mas isto era diferente. Ela fora atraída para o dr. Kreutz por necessidade. O que era essa necessidade, ou como sabia que era ele que poderia satisfazê-la, ela não sabia dizer. Ela só se deu conta quando ele a acompanhou até a porta, e ela estava de novo caminhando pela rua

Adelaide em direção ao ponto de ônibus no crepúsculo ventoso – deve ter ficado com ele mais de uma hora, se era assim tão tarde –, de ter se distanciado de algum modo de tudo a sua volta. Ela se sentia como as pessoas nos comerciais que aparecem caminhando em meio a uma forte tempestade de inverno, mas sorrindo animadas, envoltas numa aura protetora de luz e calor.

Repassou mentalmente o que conseguiu se lembrar dos contos e parábolas que ele havia contado. A história que mais lhe causou impressão foi a da menina ressuscitada dentre os mortos. Esta menina tinha três pretendentes e não conseguia se decidir por nenhum deles. Então, um dia, ela caiu doente e uma hora depois estava morta. Os pretendentes ficaram muito tristes, e cada um a pranteou do seu jeito. O primeiro não conseguiu deixar o cemitério, dia ou noite, e comia e dormia ao lado do túmulo; o segundo saiu vagando pelo mundo e se tornou um faquir, ou homem sábio, enquanto o terceiro dedicou todo o seu tempo para consolar o pai enlutado. Um dia, numa de suas viagens, o segundo pretendente, o faquir, soube por outro homem sábio da existência de um encantamento secreto que trazia os mortos de volta à vida. Ele correu para casa, foi até o cemitério e disse a fórmula mágica para evocar a menina do seu túmulo, e no mesmo instante ela surgiu, tão bela como sempre fora. A menina retornou à casa do pai, e os pretendentes começaram a discutir entre eles para saber quem deveria ficar com a sua mão. Por fim, eles foram até ela e cada um fez a sua defesa. O primeiro disse que não tinha deixado o cemitério por um só instante; portanto, o seu luto tinha sido o mais puro. O segundo, o faquir, observou que tinha sido ele a adquirir o conhecimento que a trouxe de volta da terra dos mortos. O terceiro falou do consolo e conforto que havia levado ao seu pai depois que ela morrera. A menina ouviu um de cada vez e, em seguida, lhes disse: “Você que descobriu o encanto que me restaurou a vida, você foi um humanitário. Você que cuidou do meu pai e o confortou, você agiu como um filho. Mas você que chorou ao lado do meu túmulo, você foi um verdadeiro amante – e com você me casarei.”

Era apenas uma história, ela sabia, até boba, mas alguma coisa nela a comoveu. Ela sentiu que, de tudo que o Doutor lhe dissera, só isso teve um significado especial para ela. O formato da fábula parecia o de uma vida que um dia seria a sua. O futuro, ela acreditava, o futuro na improvável forma do dr. Kreutz, havia lhe enviado uma mensagem, uma profecia, de sobrevivência e amor.



Quirke não se surpreendeu ao saber quem pedia para falar com ele. Desde o dia do inquérito, esperava uma visita do inspetor. Colocou o fone no lugar, acendeu um cigarro e ficou pensando: que Hackett fique esfriando as canelas por cinco minutos, vai lhe fazer bem. Era de manhã e Quirke estava na sua sala no hospital. Pelo vidro da porta, podia ver o brilho artificial da sala de dissecação, onde seu assistente, Sinclair, de uma beleza austera com seus cachos escuros e uma boca fina de cantos caídos, trabalhava no cadáver de um garotinho atropelado por um caminhão de carvão, na Coombe, de manhã. Pensando no policial, Quirke sentiu uma pontada de inquietação. Dos anos passados em Carricklea, restara nele um temor oculto de todas as figuras públicas de autoridade, do qual nenhum acúmulo subsequente de sua própria autoridade foi capaz de livrá-lo.

Ele esmagou o cigarro, despiu o seu jaleco cirúrgico verde e saiu da sala. Parou por um instante para observar Sinclair retalhando a caixa torácica exposta da criança com a cisalha, que sempre fazia Quirke pensar, incongruentemente, em tesouras de podar prateadas. Sinclair era hábil e rápido; um dia, quando ele não estivesse mais ali, esse jovem seria responsável pelo Departamento. Ainda não tinha pensado nisso. Onde, exatamente, ele estaria quando esse dia chegasse?

O inspetor Hackett estava de pé ao lado da mesa da recepção com o chapéu nas mãos. Vestia, como de hábito, o terno lustroso, a camisa branca ligeiramente encardida e a gravata inexpressiva; o nó da gravata, bem apertado e também lustroso, parecia não ter sido desfeito havia muito tempo, apenas afrouxado de noite e apertado de novo de manhã. Quirke imaginou o detetive no final do dia, exausto, sentado na beirada da cama de casal sob a luz enviesada do abajur, descalço, os cabelos arrepiados, alargando distraidamente o laço da gravata com ambas as mãos e erguendo-a sobre a cabeça, como um pretenso suicida pensando melhor no que ia fazer.

– Espero não estar tirando o senhor do seu trabalho importante – Hackett disse com o sotaque arrastado das Midlands, sorrindo. Ele tinha um jeito de fazer até as maiores gentilezas parecerem carregadas de ceticismo e dissimulada

gozação.

– Meu trabalho sempre pode esperar – Quirke respondeu.

O inspetor deu uma risadinha.

– Acho que sim, seus clientes não vão a lugar nenhum.

Eles deixaram o hospital e saíram a pé para o sol da manhã fumacenta. Hackett passou uma das mãos pelos oleosos cabelos negros azulados e colocou o chapéu, dando à aba um hábil toque para baixo com o indicador. Eles viraram na direção do rio, que se anunciava com o seu usual fedor esverdeado. Um moleque maltrapilho passou correndo, quase colidindo com eles, e Quirke pensou de novo no cadáver da criança sobre a lousa, o rosto esquelético exangue e as pernas raquíticas esticadas.

– Foi uma coisa decente – o inspetor disse – poupar os sentimentos da família daquela jovem mulher... Como era mesmo o seu nome?

– Hunt – Quirke respondeu. – Deirdre Hunt.

– Isso aí... Hunt. – Como se ele tivesse esquecido. E puxou o lóbulo da orelha com o dedo indicativo e o polegar, torcendo o rosto numa careta pensativa. – Por que, o senhor acha, ela faria uma coisa como essa, uma jovem mulher fina como ela era?

– Uma coisa como o quê?

– Ora, se matar.

Eles chegaram no rio e atravessaram para o dique, caminhando na direção do parque. A fumaça das ruas não se estendia sobre a água e a atmosfera ali brilhava em tons de azul. Uma carroça de entrega do correio vazia passou com estardalhaço, o grande Clydesdale levantando as patas com arrogância, a crina esvoaçante, os enormes cascos franjados soando na estrada como se feitos de aço oco pesado.

– O veredicto do investigador – Quirke disse, com cautela – foi afogamento acidental.

– Ah, eu sei, eu sei. Eu sei qual foi o veredicto. Não estava lá para ouvir? – Ele deu outra risadinha. – Um veredicto de acordo com as evidências, não é isso que os jornais dizem?

– O senhor duvida?

– Ora, sr. Quirke, eu duvido. Quero dizer, é difícil pensar que uma jovem mulher iria de carro até Sandycove na calada da noite para tirar toda a sua roupa, deixá-la dobrada no chão e depois cair no mar acidentalmente.

– Um nado à meia-noite – Quirke disse. – É verão. Era uma noite quente.

– As únicas pessoas que nadam ali são homens, no Forty Foot... não é

permitido mulheres.

– Talvez ela tivesse feito isso de brincadeira. Era de noite, não haveria ninguém para ver. Mulheres fazem esse tipo de coisa, com a lua cheia.

– Ah, sim – o policial disse –, uma brincadeira à meia-noite.

– As pessoas são estranhas, Inspetor. Elas se metem nas coisas mais esquisitas, sem dúvida o senhor já notou isso na sua linha de trabalho.

Hackett consentiu com um movimento de cabeça e fechou os olhos brevemente, reconhecendo a ironia.

Eles chegaram no mesmo plano do pub Ryan's, na rua Parkgate. O policial fez um gesto na sua direção.

– O senhor deve sentir falta da companhia de uma noite.

Quirke preferiu não entender.

– Companhia?

– Sendo um rígido abstêmio agora, como me diz. O que faz consigo mesmo depois que escurece?

Era a pergunta de Phoebe de novo. Ele não tinha resposta. Em vez disso, perguntou, num tom quase de impaciência:

– O senhor está investigando a morte de Deirdre Hunt?

O inspetor parou de repente com exagerada surpresa.

– Investigando? Ah, não. Não, nada disso. Estou apenas curioso. São ossos do ofício que ambos temos em comum.

Ele olhou rapidamente de lado para Quirke com uma certa malícia. Continuaram andando. Era meio-dia agora e o sol estava muito quente, o policial tinha tirado o paletó e o carregava pendurado no ombro.

– Andei farejando para descobrir de onde ela veio, Deirdre Hunt. Lourdes Mansions, nada mais. Os Ward, esse era o seu nome de solteira, são uma turma violenta. O pai trabalhava nos barcos de carvão, aposentado agora... Enfisema. Não o impediu de beber e usar a sua influência. A mãe, suponho tenha estado na vida, quando jovem. Tem um irmão, Mikey Ward, conhecido pela polícia local – assalto e invasão, esse tipo de coisa. Outro irmão fugiu para o mar, aos 14 anos, e nunca mais se ouviu falar dele. Ah, que turma difícil.

– Suponho que tenha sido por isso que ela entrou no negócio de tratamentos de beleza – comentou Quirke.

– Sem dúvida. Com a intenção de se aprimorar. – O policial suspirou. – Sim, é uma pena.

Eles atravessaram de novo e subiram a íngreme ladeira até os portões do parque. Diante deles, as árvores dos dois lados da avenida palpitavam contra o

céu quente, descorado.

– O senhor conhece o sujeito que era sócio dela?

– Sócio em quê?

– No salão de beleza.

– Não.

– Um sujeito chamado White. Um cara esperto, soube de fonte confiável. Tinha um cabeleireiro nas dependências da rua Anne antes de abrirem o salão.

– Por que esperto?

– Assume riscos... financeiros. A mulher teve de intervir uns dois anos atrás para o seu nome não ir parar no registro oficial de falências. Aí o cabeleireiro fracassou.

– Ela tem dinheiro?

– A mulher? Deve ter. Está no comércio também, dirige uma loja que emprega mão de obra barata na rua Capel, costura de alta classe a dois centavos a hora.

Agora foi a vez de Quirke dar sua risadinha.

– Devo dizer, Inspetor, que, para um homem que não está conduzindo uma investigação, o senhor parece saber muita coisa sobre estas pessoas.

O inspetor aceitou isto como um elogio, e fingiu estar encabulado.

– Arragh – ele disse –, esse é o tipo de coisa que se capta parando numa esquina e escutando o vento soprar.

À esquerda deles, uma manada de veados parou na grama alta em meio à luz quente e difusa; um macho ergueu a cabeça de chifres rebuscados e olhou de lado para eles com truculenta suspeita.

– Veja, Inspetor, que importância tem tudo isso? A mulher está morta.

O inspetor concordou, mas poderia da mesma forma estar negando.

– Mas é exatamente quando isso tem importância, para mim, quando alguém está morto e não está claro como foi que chegou a esse estado. Está vendo o que eu quero dizer, sr. Quirke? E por falar nisso – ele acrescentou, sorrindo –, foi o senhor que chamou a minha atenção para Deirdre Hunt em primeiro lugar. Esqueceu?

Quirke não teve resposta.

Eles retornaram então, pegaram um ônibus do lado de fora dos portões do Parque Phoenix e ficaram de pé na plataforma aberta aos fundos, agarrados à balaustrada e oscilando em embaçoso uníssono enquanto o ônibus seguia em altos e baixos ao longo do cais. O inspetor tirou o chapéu e o segurou contra o peito, na atitude de alguém que chora um morto num funeral. Quirke estudou o

perfil simples, de camponês, do homem. Não sabia nada a respeito de Hackett, percebeu, além do que via, e o que via era o que Hackett deixava que visse. Às vezes o policial soltava um bafo de alguma coisa – era tão tangível como um cheiro, calcáreo e cinza – que sugeria instituições. Haveria, quem sabe, uma Carricklea no seu passado distante, também? Eram ambos meninos de reformatório? Quirke não se deu o trabalho de perguntar.

Ele saltou em Four Courts, descendo da plataforma com o ônibus ainda em movimento. Um bêbado de cabelos desgrenhados estava escarrapachado ao lado dos portões do tribunal, inconsciente, mas agarrado firme à sua garrafa de xerez. Quirke às vezes se imaginava assim: perdido no mundo, maltrapilho e encharcado, caído numa esquina qualquer coberta de lixo, como única posse uma garrafa num saco de papel pardo.

Quando o ônibus arrancou num miasma de fumaça cinza suja do cano de descarga, o inspetor procurou por ele, sorrindo o seu sorriso dissimulado, e fez aquele gesto de Stan Laurel com seu chapéu de novo, batendo-o contra o peito num aceno cômico, fingindo luto, que parecia ao mesmo tempo um adeus e – seria? – uma advertência.



Phoebe Griffin – não lhe havia ocorrido mudar o seu nome para Quirke e, mesmo se houvesse, ela não o teria mudado – não estava acostumada a se interessar pela vida alheia. Não que considerasse as outras pessoas totalmente desinteressantes, é claro; não era tão indiferente assim. Só que não sentia a voluptuosidade que parecia ser, que na verdade deveria ser, assim ela supunha, e que levava fofoqueiros, jornalistas e, sim, policiais a mergulharem nas escuras fendas onde ações tentavam ocultar seus motivos. Ela pensava na sua vida agora como um cuidadoso caminhar por uma fina corda bamba sobre um escuro abismo. Assim equilibrada, sabia que era melhor não olhar com muita frequência ou com muita curiosidade de um lado para o outro, ou para baixo – não deveria olhar para baixo de modo algum. Aqui em cima, onde ela pisava a sua fina linha, o ar era leve e fresco, um ar inebriante, mas sustentador. E este lugar alto, iluminado, por mais disperso que fosse, era suficiente para ela, que conhecera o bastante sobre profundidades e escuridão. Por que ela deveria especular a respeito da multidão que sabia estar embaixo dela, olhando para cima com inveja, espanto e com esperançosa, despeitada, expectativa?

Ela não confiava em ninguém.

Mas se viu pensando, e pensando, em Deidre Hunt, ou Laura Swan, e no modo como morreu. A mulher tinha sido bastante agradável, de um jeito frágil. Talvez fosse essa mesma fragilidade que havia atraído a simpatia de Phoebe. Mas aqui ela se conteve – simpatia? Por que simpatia? Laura Swan, ou Deirdre Hunt, nunca lhe dera motivos para pensar que estava precisando da simpatia de ninguém. Mas ela deve ter tido necessidade de alguma coisa, e muita, descontroladamente, para ter acabado como acabou. Phoebe não podia imaginar o que a teria levado a fazer tal coisa, pois, mesmo nas suas épocas de grande depressão, ela jamais, nem por um instante, alimentou a possibilidade de suicídio. Não que ela não pensasse que seria bom, de modo geral, desaparecer deste mundo, mas ir desse modo seria simplesmente absurdo.

Suicídio. A palavra soava na sua mente agora como a pancada de um martelo num pedaço de aço. Talvez o fascínio, para ela, fosse apenas por nunca ter conhecido ninguém pessoalmente, ou de carne e osso, pelo menos – e certamente

ela não tinha conhecido Laura Swan de outra forma senão pela aparência – que tivesse desaparecido tão completamente, que tivesse se tornado descarnada, por assim dizer, por um súbito, impulsivo mergulho na escuridão. Phoebe pensou saber como teria sido para a outra mulher, cortando a cintilante superfície negra por onde luzes deslizavam, mergulhar fundo, mais fundo e mais fundo, no frio, na falta de ar e no esquecimento. A mergulhadora teria sentido impaciência, sem dúvida, impaciência para tudo terminar e ela morrer; isso, e uma estranha, desolada, espécie de alegria e satisfação, a satisfação de ter sido, paradoxalmente, vingada. Pois Phoebe não podia conceber essa jovem mulher caminhando para a morte a não ser que alguém a tivesse levado a isso, consciente ou inconscientemente, alguém que agora, sem dúvida alguma, sofria as dores cruéis do remorso. Sem dúvida alguma.

Era 17:30 e a tarde de verão adquiria tons de amarelo queimado. Embora o seu orgulho não lhe permitisse admitir isso, nem para si mesma, para Phoebe, este era o momento mais triste do dia, ainda mais triste pela sensação de pressa à sua volta nas outras lojas da rua, onde uma ansiosa multidão de outros vendedores já baixava persianas e postigos, virando as tabuletas nas portas de vidro de ABERTO para FECHADO. Agora a sra. Cuffe-Wilkes, a proprietária da Maison des Chapeaux, veio agitada dos fundos numa nuvem pulsante de perfume de essência de pêssegos que ela usava, batendo os cílios como borboletas de asas grudentas e cantarolando baixinho mmm mmm. Ela ia à inauguração de uma galeria, onde um jovem terrivelmente talentoso estava expondo os seus últimos desenhos. Antes, porém, ia ao Hibernian Hotel para uns drinques e depois jantar no Jammet's com Eddie e Christine Longford, entre outros. A sra. Cuffe-Wilkes era uma figura da sociedade, e só as pessoas mais importantes é que usavam os seus chapéus. Phoebe a achava divertida, e, a seu modo, valente, e não de todo ridícula.

– Não vai fechar, querida? – quis saber a sra. Cuffe-Wilkes.

Seu vestido era uma mistura diáfana de chifon amarelo-limão, e sobre a orelha direita empoleirava-se perigosamente uma de suas próprias criações, um minúsculo toque branco e dourado, do qual um arame fininho erguia-se, tendo na ponta um tufo de seda no formato de uma orquídea e um longo alfinete com cabeça de pérola espetado.

– Esse seu amiguinho vai ficar impaciente.

Era uma das fantasias da sra. Cuffe-Wilkes insistir que Phoebe devia ter um namorado cuja identidade ela escondia e, na verdade, cuja existência ela negava, devido a uma incurável timidez.

– Estava esperando a senhora sair para fechar.

– Bem, estou saindo agora, então está livre para acabar com o sofrimento dele.

Ela sorriu com ar provocante – trinta anos sumiram do seu rosto com esse sorriso – e saiu tremeluzindo para a rua Grafton.

Phoebe se deixou ficar na súbita solidão da loja. Arrumou alguns toques que havia mostrado antes para uma mulher idosa, indecisa, que obviamente não tinha intenção de comprar nada e entrara só para passar uma pequena parte do seu longo e solitário dia. Phoebe sempre tinha paciência com essas não clientes, “as visitantes da tarde”, como a sra. Cuffe-Wilkes desdenhosamente chamava as velhas, as solitárias, as amalucadas, as destituídas. Agora ela ficou por um longo momento olhando vagamente para a rua de sombras oblíquas. Havia horas, como esta, que era como se estivesse perdida, a pessoa que ela era tivesse sumido e se tornado uma coisa sem substância, um grão de poeira à deriva na luz imóvel. Ela piscou, balançou a cabeça e suspirou impaciente. As coisas teriam de mudar; ela teria de mudar. Sim – mas como?

Depois de trancar a porta, certificando-se de que a cavilha estava no lugar, ela virou na direção da rua Anne. A velha florista na esquina perto da Brown Thomas estava desmontando a sua barraca. Ela cumprimentou Phoebe, como fazia todas as noites, e a presenteou com um maço de violetas que sobrara. Caminhando, Phoebe segurou as flores perto do nariz. Já tinham começado a murchar e só restava um levíssimo vestígio do seu perfume, mas ela realmente não se importava visto que flores, para ela, sempre cheiravam constrangedoramente a gatos.

Parou do outro lado da rua em frente à ótica e olhou para a janela do primeiro andar e para o cartaz ali pintado em letras metálicas: O Cisne de Prata

SALÃO DE BELEZA

A janela tinha um ar vazio, abandonado, mas ela supôs que fosse apenas porque conhecia por quem ela fora abandonada, e de que maneira. Estranho, pensou de novo, este negócio de gente morrendo. Acontecia o tempo todo, é claro, era tão comum quanto gente nascendo, mas a morte certamente era um mistério bem mais profundo que o nascimento. Não estar aqui e estar aqui era uma coisa, mas ter estado aqui e ter tido uma vida em toda a sua variedade e complexidade, e de repente não estar mais, isso é que era realmente sinistro. Quando ela pensava na sua própria mãe – em Sarah, isso é, aquela que ela ainda considerava sua mãe, assim como, com um pouco menos de convicção, ela considerava Mal seu pai – sentia, junto com a constante dor da perda e da tristeza, uma espécie de irada perplexidade. Para ela, o mundo tinha parecido muito maior e vazio depois que Sarah morreu, como um enorme auditório de onde a plateia se fora e ela havia

sobrado, vagando perdida e desolada.

A estreita porta ao lado da ótica se abriu e Leslie White saiu, caminhando de costas com uma grande caixa de papelão nos braços. Ocorreu-lhe de novo como o seu nome descolorido, andrógino, lhe cabia bem. Ele era alto e muito magro – esbelto foi a palavra que lhe veio à mente – e o seu grande nariz adunco parecia estar sempre detectando um leve cheiro desagradável. Usava um blazer listrado azul-claro e calças de algodão brancas, sapatos de duas cores e, é claro, a sua gravata prateada; os cabelos cintilantes – à luz do sol eles tinham o aspecto, ela pensou, de magnésio incandescente – eram longos de um jeito boêmio, caindo vaidosamente sobre o colarinho. Ela supôs que ele seria considerado bonito, num estilo pálido, cediço. Ele fechou a porta com o pé, segurando entre os dentes um conjunto de chaves. Colocou a caixa no degrau e trancou a porta, em seguida deixou cair as chaves no bolso do paletó e já tinha pegado a caixa de novo e se virava para ir embora quando a viu olhando para ele do outro lado da rua. Franziu a testa, depois pensou melhor e rapidamente sorriu, ainda que, como ela pôde ver claramente, não se lembrasse dela; Leslie White, Phoebe tinha certeza, sempre teria um sorriso pronto para as moças.

Ela estava atravessando a rua. O que você está fazendo?, ela se perguntou, mas sabia muito bem que fora na esperança de vê-lo que estava ali perdendo o seu tempo. O homem hesitou, o sorriso vacilando; moças, sorrindo ou não para elas, seriam, ela supôs, com a mesma frequência, tanto uma fonte de problema como de promessa para os Leslie Whites deste mundo.

– Alô – disse ele animado, sondando atentamente o seu rosto para uma pista sobre sua identidade.

O que ela deveria dizer? Sua mente estava vazia, mas aí ele a salvou.

– Ouça – ele disse –, você me faz um favor? – Virando-se de lado para ela, erguendo a caixa mais alto contra o diafragma. – As chaves estão no meu bolso, o carro está ali na outra rua. Poderia...?

Ela pescou as chaves – que sensação aterrorizante, mergulhar no bolso de outra pessoa! – enquanto ele sorria para ela, confiante agora de que, embora não a pudesse situar, ele deveria conhecê-la, ou confiante de que, de qualquer maneira, em breve ele a iria conhecer. Ela viu que ele estava notando as flores ainda em suas mãos – ela não conseguia pensar num jeito de se livrar delas – embora não fizesse nenhum comentário. Caminharam até a esquina e viraram para a Duke Lane. Ela estava certa de ainda não lhe ter dito uma palavra, mas ele parecia não se importar com isso nem achar estranho. Era uma dessas pessoas, ela deduziu, capaz de manter um silêncio perfeitamente tranquilo em qualquer situação, não importa o quanto delicada ou constrangedora fosse. O seu carro era

um Riley verde-maçã, estiloso e compacto, absurdamente baixo e com amassados nos para-choques. A capota estava arriada. Ele tombou a caixa no banco do carona, com um “Ufa!” e se virou para ela com a mão estendida para receber as chaves.

– Muito gentil da sua parte – ele disse. – Você não sabe o que eu fiz.

Ela sorriu. De que servira a sua ajuda ela não sabia, visto que o carro não precisou ser destrancado. Ele sustentou com o seu o olhar dela. Tinha esse jeito que todos os homens atraentes têm, com seus sorrisos tortos, quase se desculpando, de parecer ao mesmo tempo descarados e tímidos.

– Deixe-me lhe oferecer um drinque – ele disse e, antes que ela pudesse responder, continuou: – Entramos aqui, onde posso ficar de olho no carro.

O interior do pub era escuro e a atmosfera tão abafada como a de uma caverna. Eles se aproximaram do estreito bar e ela se sentou numa banquetta alta. Quando ela pediu um gim com água tônica, ele ficou radiante e disse “Essa é a minha menina”, como se ela tivesse passado num teste, um teste que ele havia preparado especialmente para ela. Ele lhe ofereceu um cigarro de um estojo de cobre e sorriu ainda mais extasiado quando ela pegou um; o teste era composto de múltiplas partes, pelo visto. Ele estendeu o isqueiro para ela.

– O nome é White, por falar nisso. Leslie White.

Ele pronunciou o nome como se estivesse partilhando com ela algo de grande e íntimo valor. O sotaque perfeito era afetado; ela podia detectar perfeitamente a nuance *cockney* dos londrinos por trás dele.

– Sim – ela disse, virando a cabeça e soprando a fumaça do cigarro de lado. – Eu sei.

Ele ergueu as sobrancelhas. Sua pele realmente era de uma palidez extraordinária, quase prateada, como seus cabelos.

– Agora tenho a certeza de que a conheço – ele disse, rindo como se pedisse desculpas. – Mas você é...?

– Phoebe Griffin. Eu era cliente da loja.

– Ah. – Seu olhar escureceu. – Terá conhecido Laura Swan, então.

– Sim. Você me deu o seu cartão, um dia.

– Claro que dei, lembro agora. – Estava mentindo, é claro. Ele deu um gole no seu gim. A luz do fim de tarde no vão da porta era uma cunha de ouro puro. – Sabe o que aconteceu com ela? Laura, quero dizer.

– Sim.

Ela se sentia ridiculamente tonta, como se já tivesse consumido uma meia dúzia de drinques.

– Como soube?

– Me contaram.

– Ah. Estava com medo de ter saído alguma matéria nos jornais. Fico contente por não ter sido isso. Seria insuportável ver a história impressa a frio. – Ele olhou para os sapatos. – Cristo. Pobre Laura.

Ele engoliu o resto do drinque, chamou a atenção do barman e fez um gesto com o copo vazio. Olhou para o dela e disse: – Você não está bebendo.

– Não, realmente.

Ele ficou olhando para ela por um momento em silêncio, sorrindo, e então perguntou de repente: – Quantos anos você tem?

– Vinte e cinco – ela disse, e ficou surpresa consigo mesma; por que mentira, acrescentando mais dois anos à sua idade? – E você?

– Ah, essa agora – ele disse. – Uma moça não pergunta a um cavalheiro quantos anos ele tem.

Ela sorriu de volta para ele, depois olhou para dentro do seu copo.

O barman trouxe o segundo drinque e Leslie girou o copo de um lado para o outro na mão, fazendo tilintar os cubos de gelo. Pela primeira vez desde que tinha falado com ela, Leslie parecia momentaneamente desnorreado. Ela perguntou: – Está fechando?

– Fechando...?

– O Cisne de Prata. Pensei, quando o vi com a caixa de papelão...

– Não, estava apenas retirando algumas... algumas coisas da Laura. – Ele fez uma pausa, uma expressão exageradamente triste. – Não sei o que vou fazer com o lugar, realmente. É complicado. Há vários interesses envolvidos. E as finanças estão um pouco... bem, confusas, digamos.

Phoebe esperou, depois disse:

– O marido dela, ele é um dos “interesses”?

Pela segunda vez, ele ficou em silêncio.

– Você o conhece, o marido? – ele perguntou, um tanto desconfiado.

– Não. Alguém que eu conheço o conhece. De algum tempo.

Ele balançou a cabeça com pesar.

– Esta cidade – disse. – É uma aldeia, realmente.

– Sim. Todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Ao ouvir isso, ele lhe lançou um olhar penetrante por baixo das sobrancelhas.

– É verdade, tenho certeza – disse, deixando a voz ir se extinguindo.

Um casal entrou no pub nesse momento e o cumprimentou. O homem usava um terno amarelo avermelhado de chamar a atenção, feito de uma fazenda

grosseira, peluda. A mulher que o acompanhava tinha os cabelos tingidos de preto lustroso reunidos num penacho e amarrados firmemente com uma fita, o que lhe dava uma expressão de espanto, de olhos arregalados. Leslie White se desculpou e foi até lá. Ela o observou enquanto conversava com eles do seu jeito languidamente animado. Se Laura Swan era mais que sua sócia nos negócios, como Phoebe suspeitava, era evidente que a sua morte não lhe havia partido o coração. De repente ela viu mentalmente, com enervante clareza, o rosto largo de Laura Swan – Deirdre Hunt – com seus traços ligeiramente imperfeitos, a sela de leves sardas no cavalete do nariz, os olhos azuis-púrpura e a expressão neles, impaciente, ansiosa, excitada, e sentiu uma pontada de piedade – seria? – tão aguda que a fez respirar fundo. Estava surpresa consigo mesma, e até um pouco chocada. Achava que tinha perdido o costume desse tipo de sentimento.

Leslie White voltou parecendo se desculpar de novo e insistiu que ela aceitasse mais um drinque, mas ela recusou. Phoebe desceu da banqueta. Sentia-se desconfortável. Estava muito quente e abafado ali, o tecido do seu vestido fino colava ligeiramente na parte anterior das coxas e ela teve de desgrudá-lo com a mão num gesto rápido. Leslie – ela já estaria realmente pensando nele no primeiro nome? – pousou dois dos seus longos e esguios dedos no seu pulso para detê-la. Ela imaginou poder sentir o leve sussurro do sangue dele sob a ponta dos seus dedos. A vida consiste, ela refletiu com casual clareza, em uma longa série de falsos julgamentos. O homem de terno peludo e sua companheira de penacho – ela parecia estar suspensa do teto por um cabo invisível preso nos seus cabelos – a estavam examinando do outro lado da sala com indisfarçada especulação.

– Preciso ir – ela disse. – Tem alguém me esperando.

Ela pôde ver que ele não estava acreditando.

– Você tem o meu cartão. Me liga?

Ela inclinou a cabeça de lado e olhou para ele, permitindo um leve sorriso.

– Duvido muito.

Ela percebeu que ainda estava segurando o maço de violetas na mão úmida e não muito firme; pareciam uma pequena criatura de múltiplas cabeças acidentalmente estrangulada.

Quirke estivera meditando sobre aquele lugar em cima da loja de óculos na rua Anne, e ele, também, havia se visto conduzido até lá depois de ter encerrado o seu expediente, de modo que quando Phoebe saiu do pub em Duke Lane lá estava ele parado, ali mesmo, embora não soubesse, onde ela ficara uma meia hora antes observando Leslie White sair do vão da porta com a caixa de papelão nos braços. Ela não viu Quirke, mas ele a viu. Ele não acenou para ela; deixou-a

seguir o seu caminho e observou quando ela virou para a rua Grafton, agora quase deserta, e desapareceu de vista. Ele fechou a cara. Não gostava de coincidências; elas o deixavam apreensivo. Segundos depois, prestes a ir embora, ele viu outra figura sair do pub, e soube logo quem deveria ser – havia apenas uma pessoa capaz de ter cabelos como esses. Quirke estava familiarizado com o tipo: comprido e desengonçado, um jeito de andar curvo, sinuoso, de quem tem pés chatos, as longas mãos pálidas oscilando nas extremidades dos braços como se estivessem ligadas aos pulsos não pelos ossos, mas apenas pela pele. Um homem oco: batendo-se de leve, retornaria apenas um eco surdo, chocho. O sujeito entrou no seu carrinho, sem se dar o trabalho de abrir a porta, mas lançando uma das longas pernas e depois a outra por cima dela, deixando-se cair no assento ao lado da caixa de papelão e, dando a partida no motor, fazendo-o rugir. Como era o seu nome – White? Alguma coisa White, sim. O carro saiu disparado da travessa e virou na direção da rua Dawson, passando veloz por Quirke, onde ele estava de costas para a vitrina de uma loja de tecidos. O homem, com seus finos cabelos esvoaçando, não olhou para ele. Leslie, esse era o nome, Leslie White.



Quirke sentiu-se como um homem que vinha caminhando em segurança ao longo de um mar traiçoeiro dos trópicos e de repente sente a areia começar a se mover e sugar seus pés nus, indefesos e, inesperadamente, instáveis. A possibilidade de que Phoebe também pudesse estar envolvida na morte de Deirdre Hunt era algo que não podia ter previsto e que o deixou abalado. Fora Phoebe quem lhe contara sobre Leslie White, em primeiro lugar. Será que ela o conhecia melhor do que tinha fingido conhecer? E, nesse caso, que tipo de conhecimento era esse?

Ele subiu a pé lentamente a rua Dawson e atravessou o Green na direção da rua Harcourt. Casais sentados nos bancos timidamente de mãos dadas e rapazes de pele branca com suas camisas abertas até a cintura estatelados na grama aos últimos raios de sol. Ele sentiu bem lá no fundo, como era tão frequente, a sua desajeitada corpulência, o pescoço atarracado e os ombros curvos, os braços grossos e a vasta, sólida, caixa torácica. Era grande demais, muito abarricado, tudo desproporcional com o mundo. A testa estava molhada sob a fita do seu chapéu. Precisava de um drinque. Estranho, como esta necessidade ia e vinha. Dias podiam se passar sem que ele pensasse em álcool; em outras ocasiões, ficava horas tremendo, contraído, cada nervo ressequido gritando para ser saciado. Havia outro eu dentro dele, um eu que agia com prepotência e tentava engabelar, exigindo saber que direito ele tinha de lhe impor esta cruel abstinência, ou sussurrando que ele tinha sido bom, ah tão bonzinho, durante tanto tempo, por meses e meses, e certamente agora merecia um drinque, um pequeno e miserável drinque.

Na rua Harcourt, ele tocou a campainha do apartamento de Phoebe e ouviu bem fraquinho o seu zumbido elétrico lá em cima no quarto andar. Esperou, olhando a larga extensão da rua até a esquina do Green e o que era possível vislumbrar das folhas caídas acumulando-se ali. Uma brisa quente soprou no seu rosto, trazendo uma mistura poeirenta de cheiros, o hálito exausto do verão. Lembrou-se dos bondes de antigamente que passavam por ali, retinindo e lançando fagulhas. Tinha vivido nesta cidade a maior parte da sua vida e, no entanto, ainda se sentia um estranho.

Phoebe não tentou esconder a sua surpresa; fazia parte do acordo tácito entre eles, o contrato pai e filha – pai traiçoeiro, filha magoada – que ele não a visitaria sem antes avisar. Os cabelos dela estavam presos para trás com um elástico, e ela estava usando chinelas de bico fino de veludo preto e um robe de seda achamalhada com um elaborado desenho de dragões e pássaros que um dia pertencera, ele concluiu, a Sarah.

– Eu ia tomar um banho – ela disse. – Tudo parece tão sujo com este tempo.

Lado a lado, eles subiram com esforço a longa escadaria. A casa era velha e escura, e na escada pairava o mesmo cheiro acinzentado do lugar onde ele morava na rua Mount. Ele imaginou outras casas, semelhantes, por toda a cidade, cada uma delas um labirinto de vastos aposentos, de teto alto, transformados em apartamentos e conjugados para gente como ele e sua filha, os sem-teto, os cronicamente desabrigados.

Uma vez dentro do apartamento, ela lhe pediu uma moeda para o medidor de gás.

– Que sorte você ter vindo – ela disse. – Apesar deste calor terrível, não me agrada um banho frio.

Ela fez chá e o trouxe para a sala de estar. Eles sentaram, as xícaras apoiadas nos joelhos, de frente um para o outro no banco sob a grande janela de guilhotina, cuja metade inferior estava totalmente aberta para o silêncio do anoitecer. Os funcionários dos escritórios das redondezas a essa altura já tinham ido para casa e a rua lá embaixo estava vazia, salvo por um ou outro automóvel ou um ônibus verde de dois andares, buzinando, lançando fumaça e cuspidando na calçada seus esporádicos passageiros. Atrás deles, a sala estava em muda tranquilidade; a luz da janela refletida no espelho de um aparador na parede dos fundos parecia um enorme ponto de exclamação em suspenso.

– Estou atrapalhando o seu banho – comentou Quirke.

Ela continuou olhando fixo para a rua como se não tivesse escutado. A luz cor de ouro velho caindo lá de cima iluminava o ângulo do seu queixo, e Quirke captou a própria imagem da sua mulher morta.

– Um detetive me procurou – ele disse.

Um leve franzir apertou o pálido triângulo entre as sobrancelhas dela, mas ainda assim Phoebe não olhou para ele.

– Queria saber a respeito de Deirdre Hunt, ou Laura Swan, seja como for.

– Por quê?

– Por quê?

– Quero dizer, por que ele estava perguntando a você?

– Eu fiz a autópsia dela.

– Certo. Você disse.

Ela pegou um fio da áspera capa do assento na janela. Em seu robe de seda, Phoebe tinha a aparência de uma das frágeis figuras numa estampa oriental desbotada. Ele se perguntou se ela seria considerada bonita. Ele não podia julgar. Era sua filha.

– Me diz – ele falou –, você conhecia bem esta mulher?

– Eu já lhe disse. Comprei alguns produtos com ela, loção para as mãos, esse tipo de coisa.

– E o sujeito que era o seu sócio, Leslie White, você o conhecia?

– Eu lhe disse isso também. Ele me deu o seu cartão um dia. Está aqui em algum lugar.

Ele a estudou. Então era verdade: ela estivera com Leslie White antes que ele visse os dois na Duke Lane indo cada um para o seu lado. Ele virou a cabeça e passou os olhos pela sala. Ela não imprimira quase nada de si mesma naquele ambiente. Uns poucos móveis grandes demais estavam ali provavelmente havia um século ou mais, relíquias de um mundo opressivamente sólido, espaçoso, que já se fora havia muito tempo. O console da lareira sustentava uma ou outra bugiganga – uma bailarina de Meissen, um porquinho de cobre para guardar moedas, duas miniaturas de cachorro de porcelana de frente uma para a outra em cada extremidade – e, num canto do sofá de crina de cavalo, um urso de pelúcia com um olho só estava enfiado num ângulo bêbado. A única fotografia à vista, numa moldura de tartaruga sobre o aparador, era de Mal e Sarah no dia do casamento; não havia imagem da mãe de Phoebe, ou dele. Onde estava o estudo a lápis que Evie Hone fizera de Delia e que ele lhe dera quando ela voltou dos Estados Unidos? Ela reduzira a sua vida ao essencial. Um maço de violetas murchas jazia sobre a mesa.

Ele estava em Dublin no dia que Sarah morreu, em Boston, no mesmo hospital onde ele a encontrara pela primeira vez quase vinte anos antes. O tumor no cérebro, cujos sinais nenhum dos médicos a sua volta reconheceria, tinha, no final, feito o seu trabalho rapidamente. Depois de receber a notícia de Boston, Quirke tinha falado com Phoebe à longa distância. Ela estava em Scituate, sul da cidade, com Rose Crawford, viúva do seu avô. A conexão na linha transatlântica era cavernosa, sinistra, que o fez voltar na mesma hora à grande e velha casa lúgubre em Scituate que Josh Crawford havia deixado para sua mulher. Ele imaginara Phoebe de pé no hall de entrada onde os sons ecoavam, com o fone na mão, olhando fixo para os arabescos de luz nos vitrais de cada lado da porta da frente. Por um momento, ela escutara as suas hesitantes tentativas de encontrar

alguma coisa para lhe dizer, uma palavra de condolência e desculpas, mas aí o interrompeu.

– Quirke, escuta. Sou órfã. Minha mãe morreu, agora Sarah morreu, e você está morto para mim também. Não me ligue mais.

E desligou.

Quando Phoebe voltou da América, ele esperava que ela se recusasse a vê-lo, mas era uma época de tréguas e ela havia aderido, embora sem muito entusiasmo, à anistia geral. Ele se perguntava, como fazia com tanta frequência, o que ela pensava a seu respeito agora – estava ressentida, ela o desprezava, o odiava? Ele só sabia que tinha sido muito mais fácil entre os dois durante todos aqueles anos antes que ela descobrisse que era ele o seu pai. Ele gostaria de recuperá-los, aqueles anos; gostaria de ter de novo aquela naturalidade, aquela isenção.

Ela se levantou e levou a bandeja de chá para a cozinha, voltando com a sua cigareira e o isqueiro. Parou no console, acendeu o cigarro e soprou com a boca de lado uma linha de fumaça na direção da lareira, e lá estava Delia outra vez, sua mulher de olhar duro, enigmática, morta.

– Deixe-me ver este cartão – ele disse.

– Que cartão?

– O que Leslie White lhe deu.

Ela olhou para ele de igual para igual, com um leve, discreto sorriso.

– Está começando a se intrometer de novo, Quirke, não está?

Ele nunca sabia ao certo agora como chamá-la, como se dirigir a ela. De algum modo, apenas o seu nome não era o suficiente, mas ao mesmo tempo era demais.

– O mundo – ele disse – não é o que parece.

O sorriso dela ficou ainda mais duro.

– Ah, Quirke, não tente parecer filosófico, não convence. Além do mais, eu conheço você. Você não consegue deixar nada em paz.

Ela deu mais um longo trago no cigarro, inflando as narinas. Quando inclinou a cabeça para trás para expirar a fumaça, seus olhos se estreitaram e ela pareceu mais oriental do que nunca. Atrás dele, lá embaixo na rua, a campainha de uma bicicleta tilintou bruscamente.

– Você pensa que há algum mistério na morte de Laura Swan, não é? – ela disse. – Posso escutar as pequenas células cinza funcionando.

Ela estava zombando dele; ele não se importava. Desviou o rosto e olhou para a rua de novo. Na calçada distante, um seminarista de roupas sóbrias tinha

desmontado da sua bicicleta e se inclinava para retirar os pregadores das calças. Ainda agora a visão desses trajes lustrosos, cor de corvo, dava um aperto no estômago de Quirke.

– Há pessoas perigosas em volta – ele disse. – Podem não parecer perigosas, mas são.

– Em quem você está pensando, especificamente?

– Em ninguém, especificamente.

Ela ficou olhando para ele longamente.

– Não vou lhe dar o telefone de Leslie White.

– Vou conseguir de qualquer jeito.

Ela se levantou e caminhou até as profundezas sombrias da sala e se sentou no sofá, cruzando uma perna sobre a outra e alisando a seda do roupão sobre o joelho. Na obscuridade do lugar, seu rosto pálido brilhou ainda mais pálido, uma máscara de Noh.

– O que está fazendo, Quirke? Quero dizer, realmente?

– Realmente? Não sei, e a verdade é essa.

– Então, se não sabe, não deveria estar fazendo isso, não é?

– Nem tenho certeza do que “isso” é. Mas sim, você está certa. Eu devia ficar fora disso.

– Mas não vai ficar.

Ele não respondeu. Estava lembrando da sua primeira impressão a respeito de Billy Hunt naquele dia no Bewley’s, sentado diante da mesinha de mármore tendo à sua frente a xícara de café intocada, ereto na banquetta de pelúcia, cujo tom vermelho parecia a cor de uma ferida aberta, perdido na sua tristeza. Era tão fácil, Quirke refletiu agora, ter pena dos que despertam piedade.

Ouviu-se o estrondo de um trovão ao longe, e uma brisa trouxe o cheirinho de chuva iminente.

– Você é tão inocente, Quirke – sua filha disse, quase com ternura.

O tempo mudou, e o dia foi de muita ventania e fortes pancadas de chuva tépida. Primeiro as ruas fumegaram, depois viraram córregos. A superfície do rio parecia aço coberto de pústulas, e as gaivotas rodopiavam e mergulhavam, pegando carona nos vagalhões de vento. Um guarda-chuva virado ao contrário passou roçando pela ponte O'Connel e foi atropelado ruidosamente por um ônibus. Quirke estava sentado com seu assistente, Sinclair, num café na esquina com a ponte. Bebiam café ralo e Sinclair comia um pãozinho de passas. Eles iam ali às vezes ao saírem do hospital na hora do almoço, embora nenhum dos dois pudesse se lembrar de como haviam escolhido este determinado lugar, ou por quê; era um estabelecimento melancólico, especialmente com este tempo, as janelas embaçadas e o ar pesado com fumaça de cigarros e o fedor de roupas molhadas. Quirke havia tirado a cigarreira do bolso e estava se preparando para contribuir com a sua cota para a névoa geral. O joelho doía, como sempre quando o tempo ficava úmido.

Ele tinha encontrado o número de Leslie White na lista telefônica – tão simples –, mas ainda hesitava em ligar para ele. O que ia dizer? Não havia nada que o aproximasse dele ou de alguém que tivesse conhecido Deirdre Hunt. Ele era um patologista, não um policial.

– Diga, Sinclair, já pensou na ética da nossa profissão?

– A ética? – Sinclair repetiu. Parecia prestes a rir.

– Sim, ética. – Quirke confirmou. Havia momentos, e eram sempre uma surpresa, em que a estudada, cínica, estupidez de Sinclair o irritava intensamente. – Tem que ter alguma. Nós fizemos o juramento de Hipócrates, mas o que isso significa quando todas as pessoas que tratamos, se essa é a palavra, estão mortas? Não somos como os médicos.

– Não, nós só os fatiamos e embalamos.

Sinclair gostava de fazer piadas como esta, com a fala arrastada típica de Hollywood. Isto também irritava Quirke. Ele suspeitava que a intenção fosse desafiá-lo, mas não podia imaginar por quê.

– Mas é essa a minha ideia – ele disse. – Nós temos uma responsabilidade com relação aos mortos?

Sinclair olhou para dentro da sua xícara de café. Nunca tinham conversado sobre a profissão deles assim antes, se, Quirke refletiu, estavam mesmo falando disso agora. Recostou-se na cadeira, afastando-se da mesa, tragando o seu cigarro.

– Você queria ser patologista? – ele perguntou. – Quero dizer, você sabia que era isso que você ia ser, ou entrou num desvio, como o resto de nós?

Sinclair não disse nada, e ele continuou:

– Eu entrei. Pretendia ser cirurgião.

– E o que aconteceu?

Ele olhou para a umidade de aparência glacial na janela e as vagas, embaçadas formas de pessoas, carros e ônibus do outro lado.

– Suponho que eu deva ter preferido os mortos aos vivos. “Lá não vai ter problemas”, alguém me disse um dia. – Ele riu discretamente.

Sinclair ficou pensando.

– Eu acho – ele disse lentamente – que fazemos o melhor possível por eles; os mortos, isso é. Não que para um cadáver importe que o tratemos com respeito ou não. É o que a família espera de nós. E no final, suponho que os parentes são os que realmente contam. – Ele olhou para Quirke. – Os vivos.

Quirke concordou. Este era o mais longo discurso sustentado que já ouvira de Sinclair. Estaria sendo desafiado de novo? Ele teria achado difícil gostar deste enervante rapaz de poucas palavras, se gostar era um requisito, e felizmente não era. Apagou o cigarro no cinzeiro de estanho sobre a mesa. Ele fazia o melhor para os mortos? Não estava certo do que isso implicava. Para Quirke, um cadáver era um recipiente contendo um quebra-cabeça, o quebra-cabeça sendo a causa da morte. Ética? Era exatamente para evitar questões tão sérias que ele havia tomado o rumo da patologia. Ele preferia mesmo os mortos aos vivos. Foi isso que aconteceu. Nada de problemas.

Ao se despedir de Sinclair na rua – ocorreu-lhe que nem sabia em que parte da cidade Sinclair vivia –, esperou que ele se perdesse na multidão da tarde antes de sair em busca de uma cabine telefônica. Lá dentro havia o usual misto de cheiros de suor, urina e pontas de cigarro. Folheou o catálogo amarfanhado e sujo, preso à prateleira por uma corrente, e conferiu se era aquele número mesmo. Desta vez anotou também o endereço. Avenida Castle, Clonfard – um lugar estranhamente tranquilo para alguém tão mal-afamado como Leslie White morar. Ele inseriu as moedas e discou o número. Rajadas de vento faziam a porta atrás dele ranger nas dobradiças. Depois de uma dúzia de toques, e ele já ia desligar, de repente uma voz de mulher atendeu. As moedas tilintaram uma por uma na calha. Ele pensou em largar o fone e fugir. Em vez disso, perguntou por

Leslie White.

– Ele não está – a mulher disse bruscamente.

Era uma voz clara, forte. A voz de uma mulher alta. O sotaque era definido. Inglês?

– Quem é? – ela perguntou.

– Eu era amigo de Deirdre Hunt – disse Quirke, incapaz de pensar numa mentira melhor. – Sócia do sr. White.

A mulher deu uma risada fria.

– Sócia? Essa é boa.

Evidentemente era a esposa com quem Phoebe já havia falado ao telefone.

– De qualquer maneira, ele não está. E não devia estar mesmo. Eu o botei para fora. Quem o senhor disse que era?

– Meu nome é Quirke – ele disse e então, com a sensação de estar prestes a despencar de cabeça de uma escada, escutou a sua voz perguntando: – Posso ir até aí e falar com a senhora?

Fez-se um silêncio. Ele não conseguiu identificar se as leves oscilações na linha eram o som da respiração dela ou o vento nos fios telefônicos.

– Quirke, o senhor disse? – ela perguntou finalmente. – Eu o conheço?

– Não, não nos conhecemos.

Mais uma vez fez-se uma pausa, e então:

– Ah, dane-se.

O que ele havia suposto estava certo: ela era uma mulher alta, ombros e ancas largas, cabelos muito negros cortados em estilo reto, dramático, como os de uma filha de faraó, os olhos negros também faraônicos, pintados ao redor das pálpebras com grossas linhas negras. Usava um complicado xale de seda carmim e sandálias com tiras estreitas douradas. Quando abriu a porta da frente da casa na avenida Castle, ela susteve a cabeça para trás e olhou ceticamente para Quirke do alto do seu belo e afilado nariz. Ergueu uma das mãos e a pousou contra a quina da porta, e a ponta solta do seu xale caiu revelando a leitosa parte inferior do seu longo, esguio, bem feito, braço – Quirke tinha um fraco pelas partes internas dos braços femininos, sempre tão pálidos, tão macios, tão vulneráveis. Na outra mão, ela segurava uma taça de vinho com uma leve inclinação. Seu nome, ela disse, era Kate.

– Kate de Kathryn, com k e y.

Estava, ele estimou, no fim dos trinta.

– Entre. Pode entrar.

A casa era uma construção grande, feia, de tijolos vermelhos, com três andares sobre um porão com janelas, cercas pretas na frente e um jardim onde cresciam lilases e roseiras. Dentro, entretanto, o lugar havia sido totalmente desmontado e reformado no estilo mais moderno, severo, robusto, de aço e vidro. Kate White liderou o caminho para o que chamou de estúdio, andando na frente dele com um ritmo preguiçoso, descansado. Na sala havia numerosos móveis brancos angulares com tapetes e mesas quadradas de vidro espalhados, numa delas havia um telefone branco e noutra uma garrafa recém-aberta de vinho branco com as laterais embaçadas. Tudo isto, Quirke logo percebeu, em sua homenagem: os olhos pintados, o xale de seda e as sandálias douradas, a garrafa gelada de Chablis, talvez até o telefone branco, pousado no seu pequeno pedestal. Na parede do outro lado, e ocupando a sua maior parte, havia uma imensa janela panorâmica. Kate White foi até lá e, num gesto dramático, pegou a cordinha e, com um movimento brusco, abriu a veneziana para revelar, nos fundos da casa, um sofisticado jardim com árvores, canteiros de flores, tanques de lírios e trilhas sinuosas, pavimentado com retalhos de ladrilhos. Ela acenou com a taça de vinho para este cenário e disse secamente: – Minhas necessidades são modestas, como o senhor vê. – Voltou-se para a mesinha e pegou a garrafa de vinho. – Um gole?

– Não, obrigado.

Ela olhou para ele.

– Ah? Eu o tomei por um homem que bebe.

– Eu costumava beber.

– Bem, desculpe, mas sinto a necessidade de um trago a esta hora da tarde.

Ela completou a sua taça e o convidou a se sentar, enroscando-se numa das extremidades do grande sofá branco de costas para o jardim. Cruzou as pernas, deixando-o vislumbrar um pedaço macio de coxa vestido de nylon retesado, e o início do reforço de uma meia. Do lado de fora da janela, o sol despontara entre nuvens gorduchas, e as árvores encharcadas cintilavam.

– Então – ela disse. – O senhor era amigo daquela fulana.

– Não, não realmente.

Ela aceitou isto com aparente indiferença.

– Feliz em saber – comentou.

Ele tirou os cigarros do bolso. Ela se debruçou sobre a mesa baixa e empurrou para frente um cinzeiro quadrado de cristal lapidado.

– Então, quem é o senhor?

– Sou um patologista.

Ela riu incrédula.

– O senhor é o quê?

– Eu conhecia o marido dela, de Deirdre Hunt.

Ela lhe lançou um longo olhar, em seguida bebeu um gole de vinho.

– E o que exatamente o senhor quer de mim, senhor...? Desculpe, esqueci.

– Quirke.

Ele fez uma pausa, olhando para as suas mãos.

– Francamente, sra. White...?

– Kate, pode me chamar.

– Francamente, não sei o que eu quero.

Ela deu outra risadinha.

– Para um homem, isso é novidade.

Sua taça estava quase vazia de novo.

– A senhora a conheceu – Quirke perguntou –, Deirdre Hunt?

– Ela se chamava Laura, nesta casa. Laura Swan. – De novo um riso de desdém. – O ex-patinho feio.

– Seu marido tinha negócios com ela.

– Era como ele chamava. Um negócio. Ao contrário do senhor, ele sabia o que queria. – Ela franziu o rosto. – Por falar nisso, como soube onde ele mora, costumava morar?

– Procurei na lista telefônica.

Ela franziu ainda mais o rosto e pareceu desconfiada.

– O marido, o marido da Swan, foi ele quem mandou o senhor?

– Não. Por que deveria?

Ela se serviu novamente de vinho; restava um terço da bebida na garrafa agora.

– Não sei. O senhor me diz.

No jardim, uma rajada de vento sacudiu as árvores, espalhando punhados de gotas de diamante. Ela o estava estudando de novo sobre a borda da sua taça.

– Um patologista – disse. – O senhor trabalha com a polícia?

Ele negou.

– Mas o senhor é uma espécie de investigador ou algo parecido, não é?

– Não. Sou um patologista consultor. Trabalho no Hospital da Sagrada Família. O marido de Deirdre Hunt me ligou. Foi assim que soube da sua morte.

Ela sorriu de repente. Era um sorriso surpreendentemente cândido, obsequioso, e, por um momento, a transformou da virago de olhar duro que

estava fingindo ser outra coisa.

– Estou pensando, sr. Quirke, que estou sentada aqui, sozinha na minha casa no meio da tarde com um completo estranho, bebendo vinho demais. Não deveria estar preocupada?

– Preocupada?

– Bem, que o senhor possa se aproveitar de mim, por exemplo.

Ela lhe deu um sorriso ambíguo de novo que deixou seus olhos úmidos e franziu a pele em volta, parecendo que ia chorar, ainda que estivesse sorrindo.

– Acontece o tempo todo, me dizem – ela continuou. – Donas de casa ingênuas deixam entrar pessoas que se dizem caixeiros viajantes ou corretores de seguro, e logo depois estão deitadas de costas lutando por sua honra.

Ela riu, fazendo um gorgolejo no fundo da garganta e, inclinando-se para frente, agarrou a garrafa pelo gargalo e encheu a taça. Deixou cair algumas gotas de vinho na almofada branca onde estava sentada.

– Ups! Que desajeitada.

Limpou a mancha com os dedos, depois os colocou na boca e lambeu as pontas, uma por uma, observando-o sob as pálpebras. Ela bebeu, sentou-se e suspirou.

– Eu, provavelmente, levei a vadiazinha a fazer isso, o senhor sabe – disse complacente.

Ela esperou uma reação dele e fez beicinho porque não aconteceu.

– Eu telefonei para ela. Tinha descoberto umas coisas, coisas incriminadoras: cartas, fotografias. Eu liguei e lhe disse o que tinha encontrado. Receio – de novo esse olhar trêmulo de vamp de cinema por baixo dos cílios emplastados de preto –, receio ter-lhe dito tudo que pensava. Como o senhor pode imaginar. É muito desconcertante, o senhor sabe, quando uma mulher de repente descobre que alguém está tendo um caso com o seu marido.

Ela parou, olhou de novo para dentro da taça, franzindo os lábios e piscando lentamente. Ele podia ouvir a sua respiração.

– Acho que devo estar um pouco bêbada – murmurou, num tom de vaga surpresa.

Ela depositou a taça com cuidado na mesinha baixa e se levantou do sofá, caminhou até a janela e ficou ali de costas para ele, as mãos nos quadris.

– Estou contente porque a prostituta morreu – ela disse.

Deixou cair os braços e, virando a cabeça, olhou para ele.

– Suponho que o senhor pense que eu sou uma grande sem-vergonha, senhor... Como é mesmo o seu nome? Quirke, sim, desculpe. E acho que sou...

uma sem-vergonha, quero dizer. Mas ela não passava de uma prostituta, e, francamente, estou feliz porque se foi.

Ela franziu o rosto e inclinou a cabeça como se estivesse escutando alguma coisa dentro dela mesma, em seguida se desculpou e, passando por ele rapidamente, saiu da sala. Quirke a ouviu subir correndo as escadas, e uma porta bateu. Ele estava sentado numa cadeira quadrada branca com as mãos nos joelhos. Lentamente, o silêncio congelou ao seu redor. O lugar parecia uma casinha de bonecas tamanho gigante, com paredes pálidas e móveis ainda mais pálidos, mesas requintadas e cadeiras cúbicas. O ar cheirava a nada. Era como uma casa que ainda não fora habitada. Ele olhou lá fora o jardim molhado, varrido pelo vento, onde o sol da tarde ofuscava. Lá em cima, a descarga do banheiro disparou e a água gorgolejou pela tubulação. Ele saiu sorrateiramente pelo corredor e estava se dirigindo para a porta da frente quando ela apareceu no topo das escadas. Tinha trocado de roupa e vestia um suéter de gola polo preto e calças pretas. Ele parou, e ela desceu até ele. Removera a maquiagem, e seu rosto agora tinha uma textura tosca, alvejada.

– Escapando, não é? – ela perguntou numa tentativa de animação, depois olhando de lado. – Sinto muito, não costumo beber.

Ela o levou até a cozinha. Ali também tudo era de plástico branco e vidro, e aço cinza fosco. Ele se sentou num tamborete alto, apoiando-se num cotovelo sobre a bancada azulejada, enquanto, com uma colher, ela colocava o pó de café na cafeteira de metal com uma cúpula de vidro e a colocava sobre uma das bocas do fogão para ferver. Tinha dado um jeito de ficar sóbria e, na sua severa roupa preta que colocava em nítido relevo os seus traços, ela era uma pessoa diferente daquela que se sentara enrodilhada no sofá escarnecendo dele com sua beleza de ossos largos e quase se gabando do dilúvio de lama que havia arrasado sua vida.

A água da cafeteira ferveu e começou a espirrar na pequena cúpula de vidro. Kate ficou de pé com os braços cruzados, apoiando o quadril no fogão e estudando os bicos das sapatilhas pretas que havia calçado no lugar das sandálias egípcias. Ele lhe ofereceu um cigarro, mas ela não aceitou.

– Já senti ciúmes, sr. Quirke? – ela perguntou. – Quero dizer, ciúmes de verdade? Ciúmes não apenas de algo que desconfia existir, mas de uma pessoa definida, identificável, um rosto, um corpo que conhece como real, que se pode imaginar, numa cama, fazendo coisas. Dá náuseas, esse tipo de ciúmes, quero dizer que a gente se sente fisicamente nauseada, como acontece com a pior ressaca que o senhor já teve. Já teve a infelicidade de se encontrar nesse estado?

Ele teve uma súbita imagem da esposa, Delia, antes de se casarem, afastando-se dele vestida apenas com chinelos de saltos altos e um colar de

pérolas, e se virando para olhar para ele sobre o ombro com aquele seu sorriso de gato, a pontinha de língua rosada aparecendo entre os lábios pintados de vermelho.

– Não – ele disse. E notou que tinha pegado a sua lapiseira e estava brincando com ela. – Assim não.

– O que não nos avisam, os livros e outras coisas mais, é a respeito da solidão. Os ciúmes fazem a gente se sentir a única pessoa sofrendo no mundo inteiro, a única pessoa sofrendo deste jeito, como se tivesse a lâmina de uma faca incandescente enfiada no peito, no lado onde fica o coração.

Ela sorriu para ele com aquele sorriso de olhos úmidos, choroso. Quirke se imaginou estendendo a mão, pressionando com os dedos a sua têmpora e atraindo a sua cabeça lentamente na sua própria direção, beijando-lhe as pálpebras, primeiro uma, depois a outra. Na luz áspera refletida das paredes brilhantes, ele podia ver os inúmeros grãosinhos da sua pele e o leve buço sobre o seu lábio superior.

Ela desligou o gás, pegou duas xícaras do armário sobre o fogão, colocou-as sobre a bancada e serviu o café.

– Eu não devia ter telefonado para ela, suponho – disse. – Ela não era nada, apenas mais uma prostituta oportunista, absolutamente comum, arrastada dos bairros miseráveis.

Ela levou a xícara aos lábios e contraiu os olhos com o calor do café.

– Essa é outra coisa que ninguém lhe diz, como a outra mulher – a outra mulher! –, mesmo quando a gente a conhece, vira uma espécie de serpente maligna, ardilosa, irresistível, enroscada na vida da gente, colocando o seu muco em tudo, extraindo a bondade de tudo. No fundo, a gente sabe que ela é apenas uma pessoa como outra qualquer, como a gente mesmo, até, talvez um pouquinho mais egoísta do que a maioria, um pouquinho mais cruel, querendo impor a sua vontade, querendo o homem no qual colocou os olhos mesmo que ele seja o marido de outra mulher, mas, ainda assim, apenas um ser humano. Mas você não se permite reconhecer isso. Não, se quiser preservar algum fragmento de amor próprio.

Ela bebeu o café, gole por gole, fazendo careta para o calor escaldante que vinha dele, punindo-se. Quirke a observava.

– Não – ela disse –, ela deve ser uma... Como se chama? Uma górgona, algo que não é humano, mais do que humano. Um demônio.

Ela levou a sua xícara para a mesa com tampo de plástico no chão e se sentou. Quirke olhou ao redor. Tudo estava limpo demais; a limpeza brilhante dessas superfícies lhe provocou um arrepio. Mesmo o ar, a própria luz do

aposento, parecia exaurido de todas as impurezas. Kate o viu olhando e leu seus pensamentos.

– Sim, faço um bocado de faxina. Parece ajudar.

Ele foi se sentar à mesa na sua frente.

– Sinto muito – ele disse, sem saber exatamente do que estava se desculpando.

– Estou velha demais para este tipo de coisa – ela disse. Inclinando-se para frente, debruçou-se sobre a xícara de café como se de repente estivesse com frio.

– Daqui a dois anos, faço quarenta. Que homem vai olhar para mim depois disso?

Disse isso com um sorriso humilde, de falso pesar, e em seguida, passando a um outro nível de sobriedade, voltou-se para ele de repente.

– Por que o senhor está envolvido nisto – perguntou –, neste pequeno melodrama suburbano obscuro?

Ele ergueu um dos ombros.

– Sofro de uma curiosidade incurável.

Ela aprovou, como se considerasse isso suficiente como resposta. Outra ideia lhe ocorreu.

– É casado?

– Fui. Faz tempo. Ela morreu.

– Sinto muito.

Não parecia sentir; era como se ela, com aquela boca firme e olhos apertados, o invejasse por ter uma esposa que estava morta.

– O que aconteceu com ela?

– Parto. Um azar, um caso em dez mil.

– E a criança?

– A menina sobreviveu.

– Uma filha.

– Tem 22 anos agora. Vinte e três.

– Mora com o senhor?

– Não.

– Bem, pelo menos ela não se lembra. De perder a mãe, quero dizer.

Indolentemente, ela bateu de leve com a ponta do dedo na cinza do seu cigarro dentro do cinzeiro entre eles sobre a mesa.

– Não tenho filhos – disse. – Leslie não podia ter. Por ele, estava ótimo. Ficou satisfeitíssimo quando descobriu. Conveniente, eu suponho, para – ela entortou a boca – “rondar as moças”, como ele dizia, não tenho dúvidas.

Ficou em silêncio de novo, mas depois de um pouco se agitou.

– O que posso lhe contar, sr. Quirke? Não tenho ideia do que quer saber. Nem o senhor, como diz. Existe algo suspeito na morte de Deirdre Hunt? Acha que foi empurrada? Eu mesma teria feito isso se... – Ela parou e sentou-se firme, fazendo as pernas da cadeira ranger nos ladrilhos. – O senhor não acha que Leslie... não acha que Leslie está de algum modo envolvido, acha? Quero dizer, o senhor não acha...? – Ela riu. – Acredite em mim, Leslie não faria mal a uma mosca. Teria medo de levar uma picada. Ah, ele pode ser perigoso, se encurralado. Sei disso. Mas não posso vê-lo jogando uma mulher no mar. Leslie, sr. Quirke – ela estendeu o braço e parecia prestes a tocar na sua mão, mas em seguida recolheu os dedos –, meu pobre Leslie, tem tanta fibra quanto uma lesma do mar. Desculpe, eu o amo muito, que Deus nos ajude, mas é a verdade.

Ele ficou por mais uma hora, ela preparou travessas de salmão defumado com salada e os dois comeram calados, de frente um para o outro à mesa, na luz fulgurante e no silêncio do aposento irreal. A geladeira deu sinal de vida e ficou zumbindo baixinho por uns momentos, em seguida desligou-se de novo abruptamente com outra, aparentemente rancorosa, sacudidela. Uma bolha de ar presa numa tubulação de água em algum lugar deu um suspiro. Facas e garfos tilintavam nos pratos, os copos com água faziam ruídos cadenciados quando eles o pousavam sobre a mesa de fórmica.

– Desculpe – Kate White disse – sobre o que aconteceu antes.

– Antes?

– O senhor sabe o que quero dizer. Entornando vinho e me exibindo. Essa não sou eu, realmente, ou pelo menos espero não ser. Levei um golpe e não sei como lidar com isso. Fico tentando outras personalidades, para ver se encontro uma que funcione melhor, que seja mais plausível, mais convincente do que essa à qual estou presa.

Sorriu, os belos olhos negros, magoados, brilhando do seu jeito lacrimoso.

– Até agora, não tive sorte.

Ela se levantou, recolheu travessas, talheres, e os levou para a pia.

– Não pense que esqueci que não tenho ideia de quem seja o senhor ou por que está aqui. Não tenho hábito de deixar que homens estranhos entrem na minha casa e de tratá-los com salmão defumado e revelações íntimas.

Ele colocou o guardanapo sobre a mesa.

– Preciso ir.

– Não quis dizer isso, necessariamente. Apreciei muito recebê-lo aqui. Não tenho muita companhia, hoje em dia. Leslie e eu nunca nos interessamos em ter

amigos. – Ela sorriu de novo. – Ele é inglês. Eu também. Sabia?

– Sim. O seu sotaque...

– Pensei que tinha perdido. É confortante saber que não. Eu me pergunto por quê? Quero dizer, por que confortante.

Ela abriu a torneira e ficou pensativa, esperando a água aquecer. Sobre a pia, uma janela quadrada dava para um jardim lateral com estrados de grama africana. O dia estava terminando, escurecia.

– Talvez eu deva voltar – Kate disse. – Minha mãe tinha sangue irlandês, mas eu acho que sou londrina de coração. Ela deu uma risadinha. Começou a lavar os pratos, enxaguando-os e arrumando-os num suporte de plástico. Ele se levantou e foi para o lado dela.

– Tem um pano de prato?

– Ah, deixe-os escorrendo – ela disse. Um brilho esverdeado, pálido, vindo da janela tocou o seu rosto. – Basta ficar por aí, e ser simpático.

Ele acendeu um cigarro.

– Você tem um ateliê, não tem? – disse. – Um ateliê de corte e costura?

– Sim. Eu chamo de fábrica. É melhor ser honesta. Trabalhamos para os principais estilistas. As moças irlandesas são costureiras maravilhosas. Aprendem com as freiras. – Ela sorriu, sem olhar para ele. – E, sim, se está se perguntando: sou eu que sustento a família, ou sustentava, quando ainda havia uma família. Leslie costumava dirigir um salão de cabeleireiro, até afundá-lo. Foi por isso que entrou no negócio com a pequena Senhorita Swan. Ele se achava o seu Svengali, mas aposto que era ela quem hipnotizava. – Ela parou e ergueu o rosto para a janela de novo. – Fico imaginando o que ele vai fazer agora, o velho Leslie. Tarde demais para virar gigolô. Ele costumava ser bastante decorativo, também – um tipo diferente do senhor, claro, mas muito atraente da mesma forma, com seu jeito lânguido. Ultimamente, a decadência se instalou. Suponho que esta tenha sido a principal razão para ele se juntar com aquela pobre leviana: ela era jovem o suficiente para ele se sentir lisonjeado.

Ela foi até o escritório e voltou depois de um pouco com a sua taça e os restos do vinho de antes. Colocou a garrafa quase vazia na geladeira e mergulhou a taça na água da pia, sacudindo-a vigorosamente na espuma.

– Estávamos muito bem, em Londres – ela disse. – Meu pai ganhou um bocado de dinheiro com a guerra... – Ela o olhou de lado. – Está chocado? Acho que deveria estar. Ele era meio vigarista, mais que meio, de fato... mercado negro, o senhor sabe. Então naturalmente ele se dava bem com Leslie. Depois Leslie e eu decidimos vir para cá, muito contra a vontade do meu pai, ele não era lá muito apaixonado pelos irlandeses, eu receio, apesar das raízes em Tipperary

da mamãe. E depois que a fonte do meu pai secou, Leslie ficou terrivelmente desapontado e me culpou, é claro, embora tentasse não demonstrar, benza-o Deus. Em seguida, eu abri a fábrica e a grana começou a entrar de novo e tudo parecia bem. Até que o Cisne Negro entrou nadando nas nossas vidas.

– Como eles se conheceram, seu marido e Deirdre – Laura Swan?

Ela virou a cabeça devagar e lhe deu um longo olhar ironicamente curioso.

– Tem certeza de que não trabalha para a polícia? Tem o tom de um interrogador.

Ouviu-se um som abafado na água da pia – toque! – e ela levantou o olhar rapidamente e sufocou um gritinho.

– Oh, Cristo, acho que me cortei.

Ela tirou a mão de dentro da espuma. Havia um corte profundo, anormalmente limpo e reto, na parte inferior do seu polegar direito perto da articulação. O sangue diluído escorria com incrível rapidez pelo pulso e ao longo do braço. Ela olhou horrorizada para o ferimento. Seu rosto estava branco feito papel.

– A taça – ela disse sem entonação. – Quebrou.

Ele colocou a mão sob o cotovelo dela.

– Vem – disse –, vem se sentar.

Ele a conduziu até a mesa. Ela caminhava como em transe. O sangue tinha chegado ao cotovelo e estava ensopando a manga dobrada do seu suéter preto. Ela se sentou. Ele lhe disse para manter a mão para cima e a fez apertar bem a ponta do polegar cortado com a outra mão, para reduzir a hemorragia.

– Tem uma atadura? – ele perguntou.

Ela olhou para ele com uma careta de incompreensão.

– Uma atadura – ele disse. – Ou alguma coisa que eu possa cortar e usar como se fosse?

– Não sei. No banheiro?

Quirke pegou o seu lenço e tentou rasgá-lo, mas a bainha não cedeu. Ele perguntou se tinha uma tesoura. Ela apontou para uma gaveta sob a bancada ao lado da pia.

– Ali.

Ela deu uma breve risada, ligeiramente histérica. Ele encontrou a tesoura, cortou uma tira de algodão e começou a amarrar o corte. Enquanto trabalhava, ele sentia o seu hálito nas costas das suas mãos e o calor do rosto dela batendo delicadamente contra o seu. Tentou impedir as suas mãos de tremer, espantando-se com a rapidez, e a abundância, com que o sangue insistia em fluir. Uma

mancha carmim opaca já aparecia na atadura improvisada.

– Vai precisar dar ponto? – ela quis saber.

– Não. Já vai parar.

Ou assim ele esperava. Não sabia realmente o que fazer com carne viva, com sangue escorrendo livremente.

Ela disse:

– Me faz um favor? Procura na minha bolsa, tem umas aspirinas.

Ele foi até o corredor, seguindo a orientação, pegou a bolsa preta pendurada pela alça no cabide de casacos atrás da porta da frente e levou para ela.

– Procura você – ela disse. – Não se preocupe, não vai achar nada incriminador.

Ele revistou a bolsa. O cheiro de batom, pó de arroz e perfume que exalou de seus recessos o fez lembrar-se de todas as mulheres que já tinha conhecido. Encontrou o vidro de aspirinas, sacudiu liberando dois comprimidos, levou um copo até a pia, encheu, e o trouxe de volta para a mesa. A mão boa de Kate White tremia quando ela ergueu o copo até os lábios. Ainda estava segurando no ar o polegar enfaixado numa paródia de lampeira afirmação.

– Vou ter de ficar assim o dia inteiro? – ela perguntou, fazendo a sua voz tremer numa tragicomédia.

Ele disse que o corte ia fechar e o sangramento pararia. Ela passou os olhos pelo aposento.

– Cristo – ela murmurou, com vaga inconsequência –, como eu odeio esta casa.

Ela lhe pediu para acender o gás sob a jarra de café, e, quando esquentou, serviu-se de uma xícara, provou, e fez uma careta. Voltaram para o estúdio e ela se sentou no sofá sobre as pernas dobradas, olhando para ele por cima da borda da xícara de café.

– O senhor é um Bom Samaritano, não é? Praticou muito?

Ele não respondeu. Parou na janela, onde ela ficara antes, e colocou as mãos nos bolsos contemplando o jardim. Em breve a tarde se transformaria em noite. Sobre as árvores, pequenos tufo de nuvens cor-de-rosa navegavam contra uma banda de céu esverdeado, suave.

– Diga-me – disse ela –, qual é o seu interesse nessa Swan? A verdade, agora.

– Eu lhe disse: o marido me telefonou.

– O senhor disse.

– Ele me pediu para não fazer uma autópsia.

– Por quê?

Ele continuou estudando o jardim. Na atmosfera que ia escurecendo, as árvores, ainda brilhando da chuva que havia muito cessara de cair, eram globos esfarrapados de esplendor.

– Não lhe agradava a ideia – ele respondeu.

– Mas o senhor não acreditou nele. Quero dizer, não acreditou que era esse o motivo para ele lhe fazer esse pedido.

– Eu não tinha motivos para duvidar dele.

– Então por que está aqui?

Ele se virou para ela, finalmente, ainda com as mãos nos bolsos.

– Como disse, estava curioso.

– Curioso para quê? Ver a esposa traída? – Ela sorriu.

– Eu realmente preciso ir – ele disse. – Obrigado por me receber, sra. White.

– Kate. E obrigada por cuidar das minhas feridas. O senhor o fez com perícia, como um médico de verdade.

Ela pousou a xícara de café ao lado do telefone sobre a mesa de vidro e se levantou. De pé, ela vacilou um pouco, e colocou uma das mãos, a enfaixada, de leve na testa.

– Oh, meu Deus – disse. – Estou tonta.

No corredor, ela tirou o chapéu dele do cabide onde o havia pendurado e lhe entregou. Ele estava na porta, mas ela colocou a mão no seu braço e, quando ele se virou, ela avançou rapidamente e o beijou em cheio na boca, mergulhando dedos urgentes no seu pulso através do tecido do paletó dele. Ele sentiu um gostinho de batom. No hálito dela, por trás do cheiro de café, persistia uma leve acidez do vinho. Os bicos dos seus seios raspavam ligeiramente contra o peito da camisa dele. Ela o soltou e se afastou.

– Desculpe – ela repetiu. – Como eu disse, não sou eu mesma.

Em seguida, deu um passo rápido para trás e fechou a porta.



Ela não sabia o que queria do dr. Kreutz, ou o que esperava dele; não tinha certeza de que houvesse alguma coisa para esperar. No princípio, ela gostou – ficou emocionada – só por ter sido notada por ele. Era verdade, muita gente a notava, homens especialmente, mas o tipo de atenção do Doutor era único, na sua experiência. Ele não parecia estar interessado nela por causa da sua aparência ou pelo que achasse que ia conseguir convencê-la a fazer por ele. Demorou muito até para ele tocá-la e, quando o fez, o seu toque foi especial, também. E foi estranho, mas ela nunca desconfiava dele, como aprendera a desconfiar dos outros homens. De um modo curioso, ela não pensava nele como um homem. Ah, ele era atraente – o mais atraente, o mais requintado ser humano que ela jamais encontrara em sua vida –, mas, quando pensava nele, não o imaginava beijando-a ou segurando-a em seus braços ou qualquer coisa desse tipo. Não era essa a atração que ele exercia nela. O mais próximo que podia pensar era o que sentia, quando menina, por um artista de cinema. Ela se sentava nas matinês nos lugares mais baratos com as mãos unidas, palma com palma, e pressionadas entre as pernas – uma atitude invertida de oração, ocorreu-lhe, embora certamente não fosse a Deus que ela rezava nessa hora – e seu rosto se erguia para as imagens tremeluzentes prata e negro de John Gilbert ou Leslie Howard, ou o cara que representava Zorro nos seriados, como se um deles pudesse de repente debruçar-se na tela e beijá-la delicada, rápida e alegremente nos lábios antes de voltar à ação. Assim é que seria com dr. Kreutz, ela estava convencida, este mágico, este luminoso, este infinitamente suave debruçar-se, quando ele por fim julgasse ser a hora de lhe mostrar o que de fato sentia por ela.

Claro, ele não tentou nada com ela, nem fez uma observação sugestiva, como os homens sempre fazem, mais cedo ou mais tarde. Não, não havia nada disso com dr. Kreutz.

Ele tentou ensinar-lhe mais sobre sufismo e lhe deu livros e panfletos para ler, mas ela teve dificuldade para aprender. Eram tantos nomes, para começar, a maioria dos quais ela mal conseguia pronunciar, e que a confundiam – metade deles se chamava Ibn-isto ou Ibn-aquilo, embora ele lhe dissesse que isso só significava filho de, mas mesmo assim. E os ensinamentos destes homens sábios

não lhe pareciam assim tão sábios. Eram muito seguros de si mesmos e de que estavam divulgando a maior das sabedorias, mas em geral o que diziam lhe parecia óbvio ou até tolice. *Nunca vi um homem perdido que estivesse no caminho certo, ou Se não é capaz de suportar uma ferroada não coloque o seu dedo no ninho de um escorpião, ou O que talvez lhe pareça um aglomerado de moitas pode muito bem ser o lugar onde um leopardo espreita* – o que tinha de tão inteligente ou profundo nessas frases? Não era muito diferente do que seu pai e seus camaradas diziam uns aos outros numa tarde de sábado, curvados sobre seus copos no bar, com o rádio resmungando no fundo e alguém fazendo palavras cruzadas no jornal – *É sábia a criança que conhece o seu pai, ou Há mais de um jeito de esfolar um gato, ou É um longo caminho aquele que não tem volta.*

Entretanto, havia um ditado de um desses Ibns que era incontestável, como ela podia atestar com pesar depois de todas aquelas palestras estonteantes do dr. Kreutz, e que era uma definição do próprio sufismo como “verdade sem forma”. Mas para ser justo, era isso que o dr. Kreutz estava sempre lhe dizendo: isso, ou versões disso. “Minha querida, querida menina”, ele lhe disse um dia logo quando se conheceram, “você não deve pedir nenhuma resposta, nenhum fato, nenhum dogma como aqueles nos quais os seus padres lhe dizem que você deve acreditar. Ser um sufi é estar a caminho sempre, sem expectativa de chegada. A jornada é tudo.” Bem, não tinha dúvida de que havia muita andança envolvida nesta religião, se fosse uma religião: os sufis pareciam não parar nunca num mesmo lugar por mais de um dia ou dois, e aí partiam de novo nas suas viagens. Ela supunha que fosse porque essas coisas aconteciam em países quentes e lugares desertos onde as pessoas eram nômades – essa era uma nova palavra que ela aprendera – que estavam sempre de mudança em busca de água e comida, e de lugares onde seus camelos e mulas pudessem pastar. Ela não conseguia se refazer do espanto de participar deste mundo tão diferente de tudo que ela conhecia até então. E ela era uma parte dele, mesmo não estando totalmente convertida como o dr. Kreutz pensava que estivesse.

Ela o visitava quase todas as quartas-feiras e às vezes nos finais de semana, também, quando Billy estava viajando. Quando estava com um cliente – ele nunca chamava as pessoas que tratava de pacientes –, ele transferia uma tigela de cobre da mesinha para o peitoril da janela, como um sinal para ela de que havia alguém com ele. Aí ela precisava esperar o tempo passar andando à toa pela rua Adelaide, até ver o cliente sair. Com o avançar do inverno, ela fez amizade com o porteiro do Eye and Ear Hospital e, quando chovia ou fazia muito frio, ele a convidava para entrar na sua cabine feita de madeira creosotada e que cheirava a

desinfetante. Ela achava engraçado o nome dele, sr. Tubridy; não sabia exatamente por quê, exceto que ele era um homenzinho atarracado, com um rosto redondo, brilhante e uma careca riscada com uns poucos fios longos, cuidadosamente penteados, de cabelos oleosos, escorridos. Ele tinha um fogão a querosene, fumava cigarros Woodbine e lia jornais ingleses, o People e o Daily Mail, dos quais contava para ela os artigos mais picantes. Ele fazia chá para ela, e às vezes ela experimentava um dos seus cigarros, embora não fosse fumante. Ela sentia, ali naquela pequena cabine, sentada ao lado do fogão com seu casaco bem apertado a sua volta, como se tivesse retornado à infância, não a sua infância real nos Flats, mas a um tempo de aconchego e segurança que não conhecera, mas que lhe era de algum modo familiar – uma infância de sonho. Depois ela saía e subia a pé a rua e olhava para ver se a tigela de cobre ainda continuava no peitoril da janela e, se não estivesse lá, ela abria o portão de ferro, batia na porta do porão e entrava naquele outro mundo, tão exótico como era comum aquele da cabina.

Dr. Kreutz jamais falava dos seus clientes. Eram todos mulheres, pelo que ela podia ver. Isso não a surpreendia – que homem se consultaria com um curandeiro espiritual? Ela ansiava por saber alguma coisa sobre estas mulheres, mas não ousava perguntar. Supunha, no entanto, que fossem ricas, ou bem de vida; mais de uma vez, depois de sair uma cliente, ela entrou e dr. Kreutz ainda guardava o dinheiro no cofre que mantinha num arquivo trancado no corredor, e ela viu muitas notas de cinco, dez e até de vinte libras indo para o topo dos grossos maços que já estavam na caixa.

Às vezes as clientes deixavam vestígios, uma luva ou um cachecol esquecidos, ou apenas uma sugestão de perfume caro. Ah, como ela gostaria de conhecer uma delas.

Então um dia, ao sair da cabine do sr. Tubridy, ela teve tempo de ver uma cliente indo embora, e, antes mesmo de se dar conta do que fazia, ela a seguiu. A cliente era uma mulher de estrutura esbelta, cabelos escuros, uns 40 anos, vestida com roupas caras: um costume azul-noite com paletó justo e saia reta no meio da canela; tinha uma pele de raposa sobre os ombros e usava um chapeuzinho preto com um meio véu. Ela caminhava rapidamente na direção da rua Leeson, os saltos altos matraqueando na calçada. Havia algo no modo como andava apressada, de cabeça baixa, que fazia com que parecesse nervosa, temendo que alguém a visse. Seu carro, um grande Rover preto lustroso, estava estacionado no canal. O dia estava claro, com lampejos de sol na água e golpes de vento balançando as árvores ao longo dos caminhos de sirga. A mulher abriu a porta do carro, mas não entrou, e em vez disso pegou um casaco de pele do banco de trás

e o vestiu, tornou a enrolar a pele de raposa no pescoço e, trancando o carro novamente, virou-se e começou a caminhar na direção da rua Baggot. Deirdre foi atrás.

A mulher parou na livraria Parson's na ponte da rua Baggot e entrou. Deirdre parou na vitrina, fingindo olhar os livros expostos. Lá dentro, pelo vidro refletindo as imagens vagamente embaralhadas, ela viu a mulher examinando as pilhas de livros dispostas sobre as mesas, mas era óbvio que ela, também, só estava fingindo. Era evidente que estava nervosa, e não parava de olhar para a porta. Então um homem se aproximou atravessando a ponte, na direção da rua Baggot; um homem alto, magro, com um sobretudo de pelo de camelo com o cinto amarrado meio frouxo. Tinha boa aparência, embora seus olhos fossem um pouco juntos demais e o nariz adunco, muito grande. Seus cabelos eram longos e de um tom prateado que ela nunca vira antes, em homem ou mulher, embora não estivessem tingidos, ela tinha certeza disso. Ele parou na porta da livraria e, tendo o cuidado de olhar sobre um ombro e depois sobre o outro, entrou sorrateiramente. De algum modo, ela sabia o que estava para acontecer. Ela viu a mulher registrando a entrada dele, mas demorando um pouco para reconhecê-lo, e, quando o reconheceu, fez um teatro demonstrando estar “oh-tão-surpresa” em vê-lo por ali. Sorrindo para ela, ele se encostou à vontade com um quadril apoiado na mesa de livros onde ela estava e desamarrou o cinto do sobretudo. Foi esse gesto, o descuidado piparote da sua mão e o cinto se afrouxando, e o casaco se abrindo, que de algum modo revelou a Deirdre exatamente qual era a situação, e ela deu meia-volta rapidamente e se afastou.

Um carrinho verde estava estacionado na porta de um jornaleiro na rua Baggot, e quando ela o viu soube, simplesmente soube, que pertencia ao homem de cabelos prateados.

O que tinha visto na loja, os dois ali juntos e a mulher tentando fingir surpresa, lhe deu um calafrio, uma leve sensação de enjoo. Mas por quê? Era apenas um homem e uma mulher num encontro combinado, afinal de contas. Mesmo assim, a mulher era bem mais velha que o homem e, pelo nervosismo com que fingiu se surpreender a vê-lo, era óbvio que não eram casados – não casados um com o outro, isso é. Mas não foi isto que lhe deu náuseas. O motivo do mal-estar foi a associação com o dr. Kreutz. Ela sabia que estava sendo tola. Uma mulher que tinha ido ver o Doutor saíra dali para se encontrar com o namorado, só isso. Não significava que o Doutor estivesse envolvido seja lá no que houvesse entre esses dois – ela não tinha nenhum motivo para pensar que ele soubesse que os dois estavam se encontrando daquela forma. Mas uma nódoa se inserira na fantasia que ela havia criado em torno da figura do dr. Kreutz, uma

nódoa de realidade: comum, clandestina, suja realidade.

Essa foi a primeira vez que lhe ocorreu se perguntar o que exatamente seria “cura espiritual”. Até então isso não tivera nenhuma importância; de repente, agora, tinha. Ela havia suposto, quando especulara a respeito, o que era raro, que estas mulheres lhe traziam os seus problemas – um casamento indo por água abaixo, filhos problemáticos, menopausa, nervos – e que ele lhes dizia coisas muito parecidas com o que ela ouvia, que deviam colocar de lado os problemas mundanos e se concentrar no espírito, que era o caminho para Deus e para a paz Divina, como ele estava sempre declarando do seu jeito suave, sério, mas divertido e bondoso. Mulheres ricas tinham tempo e dinheiro na mão para encontrar meios para fazer isso passar. Estava certa de que não havia nada de errado com a maioria delas, que estavam apenas sendo indulgentes consigo mesmas ao pagarem por uma ou duas horas da atenção deste belo, tranquilo e exótico homem. E, pensando isto, ela percebeu que estava, é claro, com ciúmes. Ela os imaginou juntos, dr. Kreutz e a mulher de costume azul, ela ajoelhada na almofada no chão, descalça, com os olhos fechados e a cabeça para trás, e ele de pé atrás dela acariciando-lhe as têmporas, as pontas quentes dos dedos apenas roçando a pele dela, mas fazendo-a formigar, como a sua própria pele formigara no par de ocasiões em que ele a massageara assim, falando com ela na sua voz ronronante sobre a sabedoria dos antigos mestres sufistas, que mil anos atrás, assim ele disse, haviam escrito sobre coisas que o mundo só agora estava descobrindo, pensando que fosse pela primeira vez.

Mas por que ela sentira ciúmes ao ver a mulher com o homem de cabelos prateados? Deveria ter sido o contrário; deveria ter ficado satisfeita ao saber que a mulher estava apaixonada por outra pessoa e não pelo Doutor. Era confuso.

Ela desejou ter alguém com quem conversar sobre tudo isto. Não podia comentar nada disso com Billy – já imaginava o que ele ia dizer. Não lhe contara sobre o dr. Kreutz. Ele não compreenderia e, além do mais, era o seu segredo.



Leslie White dera a Phoebe um número de telefone pelo qual ela pudesse entrar em contato com ele, o que ele esperava – sinceramente, segundo disse – que ela fizesse, em breve. E, para surpresa dela, foi o que fez. Sabia que não podia esperar nada dele a não ser problemas. Mas talvez problemas fosse exatamente o que ela queria. Quando ele atendeu, ela disse o seu nome e ele não pareceu nem um pouco surpreso. Ela supôs que nunca houvesse passado pela cabeça dele que ela não iria ligar, que alguma moça deixaria de ligar para ele, o Leslie White de cabelos prateados. Ele estava em acomodações temporárias, disse, “devido a contratempos no front doméstico”. Contou que a mulher o havia colocado para fora de casa, por razões que não especificou. Ela gostou da franqueza dele. Supôs que fosse por ser inglês. Nenhum irlandês, ela sabia, admitiria com tanta leveza, alegria quase, ter sido chutado de casa pela mulher. Quando Phoebe lhe disse isto, ele fingiu ficar surpreso e fascinado, como se ela houvesse partilhado um conhecimento antropológico. Era um dos seus truques, fingir um admirado interesse pelas observações mais comuns – Deus, isso é muito curioso! – e, mesmo sabendo que era um truque, ela gostou. Estava seduzida pelo seu jeito de menino, ou a sua presunção. Ele tinha um repertório de exclamações – deus, caramba, puxa – que ela supunha que tivesse aprendido nos livros de Billy Bunter, ou semelhantes, pois estas palavras e o seu jeito de arremessá-las aqui e ali casualmente eram coisa da vida na escola particular, e Leslie White, Phoebe tinha certeza, nunca vira o interior, ou o exterior possivelmente, de uma dessas instituições.

Ele a levou para tomar um chá no Crafton Café, em cima do cinema. Pegaram uma mesa ao lado da janela que dava para a rua Grafton. Era sábado e a rua estava movimentada com pessoas fazendo compras. Depois dos raios e trovoadas da véspera, o tempo estava bom de novo, e por debaixo deles o sol fazia sombras negras com os toldos sobre as lojas. Leslie usava um terno de veludo cotelê marrom-claro e sapatos de camurça, e exibia um lenço cor de prata no bolso superior para combinar com a gravata prateada e, claro, seus cabelos prateados. “Como ele se admira”, ela pensou achando isso uma graça, “é quase adorável o seu narcisismo.” Estava surpresa por estar aqui com ele. Ele, ela sabia

muito bem, era aquilo para o qual as freiras do convento onde estudou costumavam advertir: “má companhia”, e a companhia dele era certamente uma “oportunidade para o pecado”. A verdade era que ela não sabia muito bem por que havia ligado para ele, em primeiro lugar. Não tinha o hábito de telefonar para homens, conhecidos ou não, e homens não lhe telefonavam, pelo menos não o tipo de homem que Leslie White tão obviamente era.

Ela fumou um cigarro e ficou olhando a rua. Podia sentir que ele a observava. Ele perguntou: – Você sempre usa preto?

– Não sei. Uso? É uma exigência na loja, e suponho que peguei o hábito.

Ele riu.

– “Hábito” é o termo.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Acha que pareço uma freira?

– Eu não disse isso, disse?

– Não me interessa muito por roupas, receio.

Ele sorriu para si mesmo como para uma piada particular.

– Espero que não se importe que eu diga – ele falou –, mas você realmente não se parece, nem soa, como uma vendedora de loja.

– Com que me pareço?

– Humm. Deixe-me pensar.

Ele inclinou a cabeça de lado e apertou os olhos, examinando-a da cabeça aos pés. Ela suportou o seu escrutínio, impassível. Estava usando uma saia preta com suéter e cardigã pretos; seu único adorno era um colar de pérolas que tinha sido da sua mãe, isso é, de Sarah. Não tinha dúvida de que Leslie White gostaria de saber – “por Deus, eu diria isso!” – que as pérolas eram autênticas, e bastante valiosas. Ele ainda a estava olhando de cima a baixo, e esfregando pensativo uma das mãos no rosto.

– Eu diria que você é uma jovem senhora bem-educada e muito respeitável – ele disse.

– Moças que atendem em lojas não podem ser respeitáveis?

– Não as que eu conheço, querida. Por que está vivendo como uma favelada?

De qualquer outra pessoa, isso teria sido ofensivo, e ela sabia que ele estava tentando provocá-la; mas não podia levá-lo a sério o suficiente para ser provocada, ou ofendida, por nada que ele dissesse. Virou a cabeça e olhou bem no rosto dele, e por sua vez perguntou: – Por que a sua mulher está tão zangada com você?

Ele a olhou fixo por um segundo e então riu:

- Receio ter-lhe dado motivo.
- Laura Swan foi parte do motivo?

Ele se endireitou lentamente na cadeira, desenrolando a sua longa e magra estrutura, e ela pensou que ele fosse se levantar e sair. Em vez disso, ele pigarreou e estendeu a mão para a cigarreira dela sobre a mesa, abriu-a e se serviu de um cigarro, que acendeu com o isqueiro dela. Estava de cara fechada. Ela notou como ele sustentava o cigarro com afetação entre o segundo e o terceiro dedos da mão esquerda.

- Você é uma garota e tanto, não é? – ele disse.
- Quer dizer, uma vendedora de loja e tanto?

Ele se retraiu fingindo dor, um sorriso torto:

- Touché.

A garçonne estava rondando. Leslie perguntou a Phoebe se queria mais alguma coisa, mas ela disse que não e, debruçando-se, enfiou a mão na bolsa para pegar o dinheiro.

- Permita-me – ele disse, mostrando a carteira.

- Não!

Foi tão brusco que ele piscou.

- Não – ela repetiu, com mais delicadeza. – Eu gostaria, realmente, eu quero.

- Bem, obrigado.

Phoebe passou uma moeda para a moça e lhe disse que não precisava de troco. Os dois se levantaram da mesa. Ela estava consciente desse constrangedor momento em que é preciso tomar uma decisão. Se eles se despedissem agora, ela sabia que nunca mais o veria, não porque não quisesse, não por ser indiferente a ele, mas em obediência a uma convenção tácita e, no entanto, rígida. Ela não olhou para ele, mas se ocupou em guardar a bolsinha de dinheiro.

- Gostaria – perguntou – de dar um passeio comigo?

Eles passearam ao longo do parque St. Stephen Green, captaram a fragrância dos canteiros de flores lá dentro e, de um local mais próximo, o odor forte, quase animal, de alfenas com o sol batendo em cheio. As folhinhas das moitas comprimindo-se por trás da cerca eram de um tom de verde-garrafa intenso, e cada folha parecia como se tivesse sido individual e amorosamente polida. Às vezes, a beleza das coisas, coisas comuns – essas flores despercebidas, estas folhagens lustrosas, a luz do sol melíflua sobre a calçada aos seus pés –, a pressionava com urgência, enquanto ao mesmo tempo as próprias coisas pareciam se deter, muito próximas, como se fossem uma barreira invisível entre ela e o mundo. Ela via, cheirava, tocava e escutava, mas de alguma maneira mal

conseguia sentir.

Leslie, que devia estar meditando sobre isso por algum tempo, disse: – Sim, receio que Laura tenha sido o problema, ou grande parte dele.

Ele aspirou o ar bruscamente entre os dentes como se tivesse sentido um golpe de vento gelado. Caminhava com as mãos nos bolsos. Tinha um jeito de andar de muitos homens magros e altos, os ombros caindo para trás e a pélvis jogada para frente; ela gostava desta marcha sinuosa, maleável.

– Esse não era o seu nome real, você sabe – ele disse, parecendo ligeiramente ressentido e ansioso para expor uma fraude banal.

– Sim.

– Ah, você sabia?

Ela concordou.

– Sim, claro – ele prosseguiu, parecendo mais magoado do que nunca –, e você sabia que ela era casada, também, eu lembro. Com um sujeito chamado Billy. Um tolo, coitado.

– Por que Laura Swan?

– O nome, quer dizer? Ah, foi uma bobagem. Eu lhe disse que ela parecia uma Laura. Deus sabe por quê. Até Lauras não têm cara de Laura. E ela decidiu que era isso que ela ia ser.

– E Swan?

Ele emitiu um som que poderia ter sido uma risadinha afetada.

– Ela disse que eu parecia um *swan*, um cisne. Algo a ver com meus cabelos, não sei o quê.

– Ah – ela disse. – Entendo: o Cisne de Prata.

– Como eu disse, uma grande e abominável tolice.

Eles chegaram à esquina e atravessaram para a rua Harcourt.

– Ainda coro ao pensar nisso.

Estavam nos degraus da casa e ela parou. Ele olhou para ela com ar indagador.

– Eu moro aqui – ela disse.

Ele fez uma expressão desconcertada.

– Bem, não foi um longo passeio.

Ela se apressou para não perder a coragem:

– Quer entrar?

Ele tinha uma esposa que o expulsou de casa, ela disse para si mesma, com espanto, e uma amante que se suicidou, e eu o estou convidando para entrar na minha vida. Ela apontou para cima: – Meu apartamento é ali.

Mas quem de nós dois é a aranha, e quem é a mosca?

Tinham subido as escadas e ela estava fechando a porta atrás deles quando ele passou um braço pela sua cintura e a puxou contra ele, e a beijou. Ela sentiu o hálito das narinas dele como uma penugem em seu rosto. Ela pensou, nós dois devemos estar cheirando a Passing Cloud. Ele estava ao mesmo tempo tímido e insistente; segurava-a tão de leve que o seu braço poderia ter sido uma mola delicadamente equilibrada que a libertaria à mais leve pressão, mas que, no entanto, era de aço. Seu modo de beijá-la era sonhador, quase distraído. Phoebe pensou que ele poderia estar cantarolando no fundo da garganta. O abraço não durou mais que um ou dois segundos, então ele se afastou dela com uma espécie de volteio, como um dançarino armando languidamente uma pirueta para se abandonar num passo ou dois de sua própria criação. Ele entrou no apartamento na frente dela e parou no meio da sala de estar, olhando ao redor.

– Agradável – ele comentou. – Ligeiramente espartano, mas agradável.

Ele se virou e sorriu para ela, jogando a cabeça para trás. O beijo poderia não ter acontecido – teria ela imaginado?

Ela lhe ofereceu um drinque. Tinha uma garrafa de gim em algum lugar, disse, mas não tinha água tônica, ou gelo – “não tenho geladeira”. Ele disse que gim puro estava ótimo. Ela parou um momento, olhando para a porta – alguma coisa tremia na boca do seu estômago –, em seguida encaminhou-se para a cozinha. Sozinha ali, ela tocou os lábios cautelosamente com os dedos. Podia ouvir o seu coração, um tum-tum-tum surdo, como o som de um bobalhão chapinhando por uma trilha enlameada com grandes botas molhadas. Tola, ela estava sendo tola! O gim estava no fundo do armário no alto da parede; ela tinha de subir numa cadeira para alcançá-lo, e pensou que poderia cair, sentia-se tão atordoada. Ela o ouvia na sala de estar, cantando baixinho para si mesmo. *Enjoy yourself, it's later than you think...*

Ela pegou dois copos e os poliu com uma toalha de chá. E se ele fez isso?, ela sussurrou em voz alta para si mesma. E se ele a empurrou? Seu estômago tinha parado de se revolver e queimava agora com um fogo baixo, mal-humorado. Tremendo, ela serviu duas doses acidentalmente fortes de gim e levou os copos para a sala.

Ele estava de pé ao lado do aparador, inclinado para frente com as mãos nos bolsos das calças, examinando a fotografia de Mal e Sarah no dia do seu casamento, na moldura de tartaruga.

– Mamãe e papai? – ele perguntou.

Ela fez que sim. Apoiou o copo no aparador ao lado da fotografia e, afastando-se dele, parou na janela, olhou para a rua e não viu nada. Ela o escutou

pegar o copo e beber, e quase engasgar.

– Caramba! – ele disse. – Puro fica forte, não é mesmo?

Ele mudou de lugar e num segundo estava do lado dela. Como ele se movia silenciosamente, tão suave. Na rua, a tranquilidade do sábado estendia-se entre as casas como uma rede de gaze. Ele estava de novo cantando baixinho. “*Enjoy yourself, while you’re still in the pink...*” Ele fungou.

– Aposto – ele disse – que eles não estão mais entre nós. Seu *pater e mater*.

– Sarah morreu. Mal está vivo – ela falou sem ênfase.

– Sarah e Mal. Mal e Sarah. Engraçado, não é, como dois nomes podem soar bem juntos? Quero dizer, natural, como uma fórmula, quando realmente são apenas... nomes. Romeu e Julieta, *Fortnum and Mason*, Mutt e Jeff. – Mal parava para respirar. – Sente falta dela?

– Sinto falta de quem?

– Sarah. Sua mãe.

– Você sente falta de Laura Swan?

Ela não sabia por que tinha dito aquilo, e por que tanta aspereza. Era porque ele a tinha beijado? Talvez fosse porque ele não a beijara de novo, ou porque estava se comportando como se não a tivesse beijado. Sua cabeça era um rodaminho. Não estava acostumada a esse tipo de situação, não sabia o que fazer, como se comportar. Alguém devia ter lhe ensinado, alguém devia ter lhe aconselhado. Mas quem estava do seu lado? Quem, realmente, algum dia esteve do seu lado?

Ele estava considerando a pergunta que ela fizera. Por um momento ela esqueceu o que havia perguntado – sobre Laura Swan, sim. Ele não parecia nada desconcertado.

– Não tive tempo para pensar nisso – ele disse. – Ah, quero dizer, sinto falta dela, é claro.

Ele deu um longo gole no gim, estalou os lábios e fez uma careta.

– Sem dúvida, qualquer noite dessas eu acordo derramando baldes de lágrimas, mas até agora, nem um dedal. É chocante, você não acha?

Ele estava olhando para ela de lado, quase com alegria, a ponta do seu nariz adunco parecendo estremecer.

– Sim – ela disse, o mais secamente que pôde. – É chocante, sem dúvida.

Ele ignorou o sarcasmo dela.

– É o que eu penso.

Ele pousou o copo no banco sob a janela, entrelaçou as mãos nas costas e se virou para ela, uma expressão tão grave e untuosa quanto a de um jovem

camponês vitoriano prestes a pedir a mão de uma filha em casamento, e perguntou: – Você vai para a cama comigo?

Ela se sentou no banco sob a janela aberta de novo com o robe de dragão que pertencera a Sarah. A tarde de verão estava chegando ao fim e o que restava de sol era um brilho de ouro velho contra os topos das casas em frente. Antes, ela não sabia o que fazer, o que pensar, e agora, depois do que acontecera, ela continuava sem saber. Algo a imobilizara no ar, na sua corda bamba, e a deixara incapaz no momento de ir para frente ou para trás. O copo de gim vazio de Leslie White estava ao seu lado na cadeira; ela ficou olhando para ele, de cara fechada. Esta era a segunda vez na sua vida que um homem se enfiara dentro dela. A primeira fora contra a sua vontade, com violência, com uma faca no seu pescoço. Leslie White tinha sido violento com ela, também, mas de uma forma diferente. O que a impressionou foi o aparente desamparo da necessidade dele; ela poderia estar amamentando ao seu seio um bebê grotescamente alongado, guloso. Era assim que deveria ser? Ela não tinha como saber. Quando terminou, ele voltara a ser como antes, leve e brincalhão do seu jeito ligeiramente ameaçador, como se nada tivesse acontecido entre eles, ou nada de muito importante. Para ela, tudo estava mudado, impossível de se reconhecer. Ela olhou lá fora o céu noturno e a luz nas fachadas das casas como se nunca tivesse visto essas coisas antes, como se o mundo tivesse ficado irreconhecível.

Ela pegou o copo e o levou aos lábios, tocando o lugar onde os lábios dele haviam tocado.

O que a despertou do devaneio foi a súbita sensação de que alguém a observava. Olhou bruscamente para a rua. Lá estava um velho com um cachorro na coleira; um casal passeando de braços dados; um velho vagabundo catando o que havia de uma lata de lixo no ponto de ônibus. Mas ela estava convencida de que alguém estivera ali um segundo atrás, de pé na calçada, olhando para ela lá em cima emoldurada na janela. Até pensou tê-lo visto com o canto do olho, sem vê-lo, ou sem registrá-lo, pelo menos não enquanto ele estava ali, um homem num – no quê? O que ele estava vestindo? Ela não sabia. Tinha sido nada mais que uma simples presença, a sombra de uma sombra. E para onde ele tinha ido, se estivera ali? Como desaparecera tão rápido? Phoebe disse a si mesma que fora imaginação sua, que estava vendo coisas. A luz ao anoitecer pregava essas peças, evocando fantasmas. Então levantou-se da cadeira, fechou a janela e entrou no quarto para se vestir.

Nos dias que se seguiram, ela teve de novo essa sensação de estar sendo observada, de estar sendo seguida. Era sempre inesperado, sempre vago, mas ela não conseguia se livrar da convicção cada vez mais forte de ser objeto de intenso

interesse de alguém. Uma vez na loja, Phoebe pensou haver uma pessoa lá fora olhando para ela e, quando se virou para a vitrina, pareceu vislumbrar uma figura afastando-se rapidamente. Entretanto, quando foi até a porta e olhou a rua à esquerda e à direita, não havia ninguém à vista, ou ninguém que se parecesse com a figura que ela pensou ter vislumbrado olhando pela vitrina. Ela estava caminhando no Green um dia, na hora do almoço, quando de repente teve a forte sensação de que, entre as pessoas passeando ao lado dos canteiros de flores ou deitadas na grama, havia uma que a observava secretamente. Ela parou ao lado do coreto onde a Banda do Exército estava tocando e examinou os rostos na plateia para ver se conseguia captar um olho dissimuladamente fixo nela, mas não conseguiu. De novo, tentou se convencer de que era uma ilusão. Quem a estaria observando, e por quê? E então aconteceu a noite em que ela chegou, depois do cinema, e viu o corpo caído nos degraus na entrada da casa, e seus joelhos bambearam, e o seu coração pareceu parar por um segundo e voltar a bater de novo nauseantemente como se na extremidade de um fio elástico.

Inspetor Hackett não reivindicaria o direito de ser considerado o mais implacável dos investigadores. Preferia uma vida tranquila e não fingia outra coisa. Ele tinha o seu jardim, onde cultivava verduras, principalmente, embora a sra. Hackett – cujo nome era May, um passarinho delicado – o estivesse sempre aborrecendo para que plantasse mais flores; ela particularmente preferia dalias, e ele plantava algumas para calar a sua boca, embora no íntimo as considerasse pouco mais que um abrigo para centopeias. Ele também era pescador, e descia até Greystones sempre que arrumava um final de semana de folga dos seus deveres domésticos, e em geral voltava com uma penca de peixes de água doce para a mesa, embora a sra. H. se queixasse amargamente de ter de limpá-los, pois era de delicada disposição quando se tratava de estripar peixes. A casa também o mantinha ocupado. Parecia haver sempre alguma coisa para consertar, pregar ou rasgar, pintar de novo, reformar. Seus dois filhos, uns estafermos – era assim que ele os considerava –, não eram de grande ajuda e pareciam estar sempre na rua em partidas de futebol ou no cinema. Portanto, em resumo, a sua vida era uma vida cheia, o seu tempo era precioso, e ele tinha o cuidado de evitar assumir coisas que poderiam ser deixadas com segurança de lado, ou nas mãos de outros.

Entretanto, a morte de Deirdre Hunt o preocupava. Ele suspeitava que todo policial, ou todo policial do seu nível, pelo menos, tinha um jeito particular de saber quando uma coisa não estava certa num caso que aparentemente deveria estar claro. Com ele, não era nada específico; seu nariz não torcia nem suas entranhas se contraíam, como acontecia com os cães de caça nas lorotas de detetives. O que ele sentia, quando suas suspeitas eram levantadas, era uma sensação geral de desconforto. Era um pouco como ter uma leve ressaca, do tipo com a qual acorda e se pergunta o que está errado com você, até se lembrar daqueles dois, ou será três, uísques engolidos às pressas na véspera, com a aproximação do encerramento do expediente. E era assim que ele se sentia quando pensava em Deirdre Hunt: ansioso, a cabeça doendo e agitado.

Ele era um solitário, também, era o inspetor. Não tinha nenhum companheiro de labuta a quem pudesse confiar suas dúvidas e suas suspeitas, e com quem

pudesse testar suas teorias quanto a quem tinha feito o quê, por que e como. Preferia os seus próprios julgamentos e, para falar a verdade, a sua própria companhia, também. Mesmo quando criança, sempre foi uma pessoa solitária que vagava pelos campos ou pelas ruelas da cidade das Midlands onde nascera, procurando alguma coisa e nunca sabendo o quê, esperando deparar com algo, qualquer coisa, que o interessasse ou divertisse.

Ele falou com Billy Hunt uma noite no clube de futebol Clontarf Rovers. Tinha consultado os filhos, achando que talvez o conhecessem. Ao ouvir o nome, os rapazes se entreolharam e riram. “Ah, sim”, um deles disse, “nós conhecemos o bravo Billy Hunt. Um homem duro. Eu não gostaria de lhe dizer o seu apelido, mas rima com alguma coisa.” Eles riram de novo. Hackett suspirou. Ele já reconhecera havia tempo que os seus meninos não seriam exatamente o que ele gostaria que fossem como filhos e herdeiros, mas eles amavam a mãe e o respeitavam – ou pelo menos demonstravam respeito por ele, o que não era necessariamente a mesma coisa – e ele supunha que isso fosse o máximo que um homem poderia razoavelmente pedir – hoje em dia.

Billy, os jovens Hackett informaram ao pai, jogava como atacante nos Rovers e naquela mesma noite, por acaso, eles estavam jogando uma partida contra um time de Ringsend, um povo que não servia para nada, conforme os rapazes declararam, e como o próprio inspetor viu um ou dois minutos depois de chegar ao campo. O jogo estava no final. Os rapazes estavam certos: Billy era um cara desonesto, um jogador rude, para não dizer sujo. Os zagueiros estavam obviamente atentos ao que ele fazia, e ele marcou dois gols fáceis e três ou quatro pontos no curto espaço de tempo em que o inspetor estava ali. Quando o apito final soou, os times se retiraram para o vestiário e, enquanto os últimos espectadores saíam, o detetive se demorou mais um pouco no portão do campo, encostado no pilar de cimento, fumando um cigarro. A noite estava encoberta, mas a temperatura era agradável e no final da rua ele podia ver as pessoas passeando, alguns barcos à vela na água e, mais longe ainda, no horizonte, o barco-correio do Dun Laoghaire partindo para Holyhead. Por que, ele se perguntou, com essa vaga, tépida, sensação de contentamento que sempre emanava de dentro dele quando refletia sobre a tolice e a perfídia de seus semelhantes, por que uma pessoa que não era um doente terminal iria querer se matar e deixar este mundo? Pois o inspetor Hackett gostava de estar vivo, por mais modesta e mal recompensada que fosse a sua própria vida. E mais estranho ainda, por que um homem desejaria matar a esposa, por mais difícil que ela fosse ou por pior que o tratasse? Houve momentos, isso era verdade, em que a sua May o havia levado à beira da violência, especialmente nos seus primeiros anos

juntos, mas esse era um ponto que ele jamais, não, jamais, se permitiria ultrapassar.

Billy Hunt cheirava a suor e linimento. Ele olhou para o inspetor com a boca semiaberta, o sangue subindo do pescoço até deixar o seu rosto sardento praticamente em chamas. Os jogadores que vinham ao seu lado avançaram um pouco mais, pararam e olharam para trás, curiosos. Billy, o detetive notou, era mais velho do que parecera de longe, e bem mais velho, também – tinha uns 40 anos pelo menos. Isso explicaria, de certa forma, a sua truculência no campo. Teria tido que provar o seu vigor para a mulher, também, que teria dois terços da sua idade? Interessante. Esse tipo de diferença de idade dificilmente favorecia uma felicidade doméstica, Hackett tinha certeza.

– Só umas perguntas – ele disse com naturalidade. – Rotina apenas.

Ele empregava esta fórmula intencionalmente: deixava as pessoas apreensivas, pois era isso que elas teriam escutado os policiais nos filmes dizer, quando o que eles realmente pretendiam dizer era que o que viria a seguir seria tudo menos rotineiro.

– Pode passar na delegacia amanhã de manhã, se tiver um minuto ou dois livres.

Billy Hunt ainda de olhos arregalados, o rosto agora pálido à medida que o tom afogueado diminuía, não perguntou sobre o que seria interrogado. Isto, o inspetor se recomendou prudência, provavelmente não era tão significativo quanto poderia ter sido. A mulher de Hunt, afinal de contas, havia morrido em circunstâncias questionáveis, então por que a polícia não iria querer falar com ele? Mesmo assim, ele não deveria ter ficado intrigado, no mínimo, ao ser abordado só agora, considerando o tempo que havia se passado desde a morte dela? Billy murmurou que sim, tudo bem, ele iria à delegacia, ele estaria lá, sim.

– Ótimo – o inspetor disse, radiante, e saiu caminhando pela rua na direção do passeio à beira-mar, passando pelos dois companheiros de Billy e piscando para ambos de um jeito amistoso.

Billy apareceu na delegacia na manhã seguinte às 9h em ponto. Vestia um terno escuro com gravata escura e camisa branca. O inspetor supôs que fossem as suas roupas de trabalho – o terno estava desgastado em vários pontos e o colarinho da camisa parecia já ter sido virado. Tempos magros, atualmente, para um vendedor ambulante, ele supôs. Tentou pensar em que ramo o sujeito trabalhava, e aí lembrou que eram produtos farmacêuticos, pílulas, poções e coisas semelhantes, curas caras para doenças imaginárias. Havia sempre demanda para esse tipo de coisa, é claro, mas algo lhe disse que Billy Hunt não era o melhor vendedor do mundo. Algo nele não inspirava confiança, uma

impaciência, como se não estivesse totalmente confortável na sua pele, e tinha um jeito de passar um dedo sob o colarinho da camisa e ao mesmo tempo avançar a mandíbula inferior que fez o inspetor lembrar de uma galinha doente com gosma. Embora o sol brilhasse, ainda fosse cedo e fizesse frio ali na sala de recepção, o rosto de Billy reluzia com uma fina camada de suor e sua testa e pontas das orelhas estavam coradas. Pessoas de pele clara eram sempre as mais difíceis de avaliar, o inspetor descobrira, com tendência a corar mesmo quando não havia nenhum motivo para isso.

Eles subiram para o gabinete em desordem do inspetor, que ficava enfiado sob um teto de mansarda. Ao contrário do ambiente lá embaixo, ali já fazia calor, como sempre no verão, embora no inverno, é claro, o maldito lugar congelasse. O inspetor indicou a Billy uma cadeira de espaldar reto e sentou-se por trás da sua mesa, ofereceu cigarros, em seguida acendeu um e inclinou-se confortavelmente, soprou a fumaça e olhou para o rapaz na sua frente com benevolência.

– Obrigado por ter vindo – disse. – Tem feito um tempo ótimo, não é mesmo?

Billy Hunt piscou, engolindo com um ruído alto o suficiente para ambos escutarem, e juntando as mãos afundou-as entre os joelhos. Havia recusado um cigarro, mas tirou do bolso um isqueiro Zippo e começou a brincar com a tampa.

– Não fuma? – Hackett indagou fingindo interesse.

– Não quando estou em treinamento.

E colocou o isqueiro de volta no bolso.

– Ah – o inspetor disse. – Treinamento. Você é bom no esporte, não é?

Billy olhou para baixo, como se essa fosse uma pergunta que exigisse séria consideração.

– Distrai a minha mente – disse por fim.

O inspetor deixou passar mais um momento de silêncio e em seguida disse, de leve, que ele achava que sim, realmente. Ele se inclinou para frente, fazendo a cadeira ranger sob o seu peso, e fez um gesto rápido com o cigarro na direção do cinzeiro no canto da mesa, batendo a cinza.

– É duro – o inspetor disse – perder uma esposa tão jovem, e nessas circunstâncias.

Billy concordou calado, ainda de olhos baixos. No topo da sua cabeça, havia um círculo conciso de calvície prematura, a pele ali tinha um comovente tom rosa bebê.

– Ela nadava, a sua esposa?

Billy levantou o olhar rapidamente, surpreso.

– Nadar? Não sei. Nunca a vi dentro d'água.

O inspetor admirava-se, como era tão comum ele ter motivo para isso atualmente, de como a geração mais jovem se conhecia pouco, se era possível dizer que Billy Hunt fazia parte dessa turma mais jovem. Mas imagine não ser capaz de dizer se a sua mulher sabia nadar ou não! O inspetor olhou mais firme nos olhos de Billy Hunt: estaria fingindo ignorância ou era sincero? Billy pareceu ler os seus pensamentos e disse, com um toque de mau humor: – Ela era uma moça da cidade. Não gostava de praia, ou do campo, da natureza, nada dessas coisas. Costumava dizer que tinha alergia. – Ele sorriu, o que só fez com que parecesse ainda mais consternado. – Sempre brincava dizendo que se surpreendia muito por ter se casado com um cara do interior.

– De onde você é?

– Waterford.

– A cidade ou o condado?

– A cidade.

– A cidade, sim, é claro. A grande cidade de Waterford. Ainda tem família lá?

– Minha mãe e meu pai, e uma irmã casada.

– Vai lá com frequência para vê-los?

– De vez em quando.

– Onde estava na noite que a sua mulher morreu?

A testa de Billy Hunt franziu, e ele sacudiu a cabeça como se não tivesse certeza de ter escutado bem.

– O quê?

– Queria saber onde você estava quando a sua mulher se afogou, naquela noite.

– Eu estava... – Billy desviou o olhar, de repente, mais atordoado e impotente do que nunca. – Acho que estava em casa. Não saio muito. Já saio o suficiente quando estou viajando.

– Então é um sujeito caseiro, é?

Billy Hunt olhou para ele por um momento com cuidado, mas a expressão do inspetor era, como sempre, suave e amigável. Billy disse: – Nós nos dávamos bem, Deirdre e eu. Deus sabe. Talvez eu não lhe desse o suficiente... talvez eu não desse... quero dizer, talvez não houvesse o suficiente, de sabe-se lá o que ela precisava. Mas eu me esforçava. Tentava fazê-la feliz.

– E conseguiu?

– O quê?

– Conseguiu fazê-la feliz, você diria?

Billy não respondeu, mas de novo desviou o olhar, o queixo firme numa carranca de resistência infantil. O inspetor esperou, em seguida perguntou: – O que acha que aconteceu naquela noite?

– Não sei. – Um resmungo abafado.

O policial esmagou o cigarro no cinzeiro e inclinou-se para trás de novo na cadeira, juntando as mãos atrás da sua grande, atarracada, cabeça. O colarinho da camisa estava desabotoado e a gravata afrouxada; os ganchos de couro dos suspensórios pareciam dois pares de dedos afunilados. Ele deixou o olhar vagar ociosamente pelo teto.

– O negócio – ele disse – é que venho pensando na maneira estranha como deve ter acontecido, o acidente. Ela dirigiu até o Dalkey...

– Sandycove – Billy disse.

– ... Sandycove, ao longo daquelas estradas solitárias, de noite, e estacionou o carro, caminhou no escuro até a extremidade do pier, tirou todas as roupas, e mergulhou no mar...

Billy interrompeu de novo, dizendo algo que o inspetor não entendeu e teve de lhe pedir para repetir. Billy pigarreou, tossindo na mão fechada.

– Não devia estar tão escuro – ele disse com a voz grossa – mesmo sendo tão tarde, nesta época do ano.

– Escuro o suficiente, entretanto, sem dúvida, para dar calafrios, especialmente numa mulher sozinha, ali perto do mar no meio da noite. Ela deve ter sido uma mulher muito corajosa.

– Não havia muitas coisas de que Deirdre tivesse medo – ele falou. – De onde ela veio, elas são criadas para serem fortes.

Um longo e vago silêncio se seguiu. Billy apertou as mãos entre os joelhos de novo e balançou um pouco o corpo para frente e para trás enquanto o policial inspecionava vagamente um canto do teto. Por fim, ele disse, de um jeito lento e deliberadamente distraído: – Você não acha que foi um acidente, acha?

Desta vez o olhar que Billy Hunt lhe deu foi difícil de avaliar. Havia surpresa, mas cálculo também, e algo mais, algo carrancudo e resistente, e o inspetor lembrou como no campo de futebol na noite anterior Hunt havia se lançado como um animal através da linha de defesa repetidas vezes para chegar ao gol, impermeável a tudo, empurrões, chutes, socos furtivos, o apito do árbitro. Lá ele tinha feito uma figura bem diferente do pobre coitado, triste e impotente, sentado todo curvo aqui, agora. O inspetor tinha conhecido sujeitos assim na sua cidade, quando jovem, na faculdade e mais tarde na escola de treinamento da

Garda em Tullamore: caras apalermados, lerdos de raciocínio com sorrisos tortos estilo John Wayne e braços de gorila, que a uma só palavra passavam da tolerância bem-humorada para a ira surpreendente, de olhos injetados, de punhos erguidos.

A expressão no rosto de Billy durou apenas um segundo; em seguida, ele recostou-se na cadeira e disse: – Que quer dizer?

– Eu digo: você não pensa que foi um acidente.

Billy suspirou como se de repente se sentisse exausto:

– Não, suponho que não.

O inspetor acendeu outro cigarro. Fumou por um momento em silêncio, depois despertou.

– Abafado demais isso aqui – ele resmungou, e se levantou, virando-se desajeitado no espaço exíguo atrás da sua mesa, e ergueu, não sem dificuldade, a metade inferior da pequena janela, o cigarro pendurado no canto da boca. As calças do seu terno azul, presas por suspensórios largos, estavam mais suspensas nas costas do que na frente. Sentou-se de novo e se debruçou com os cotovelos sobre a mesa, os dedos entrelaçados numa abóbada na frente do rosto.

– O que acha que foi, então, se não foi um acidente?

Billy Hunt encolheu os ombros. Agora que o tópico de como exatamente Deirdre havia morrido estava exposto, ele parecia de repente ter perdido o interesse por ele. O inspetor o observava atentamente.

– Diga-me, sr. Hunt – Billy –, por que a sua esposa teria querido se matar?

A isso, Hunt baixou a cabeça, levantou uma das mãos e, num gesto curiosamente afetado, quase feminino, encobriu os olhos, e quando falou sua voz era um gorgolejo lacrimoso, desesperado.

– Não sei. Como vou saber?

– Bem – o inspetor disse, e sua voz de repente era afiada como uma faca –, quem mais poderia saber?

Billy baixou a mão dos olhos. Estava todo bambo, como se um suporte esquelético dentro dele tivesse ruído.

– Não acha – ele disse, com irada súplica – que esta é a pergunta que venho me fazendo a cada minuto, todos os dias, desde que isso aconteceu? Quem poderia saber, se não eu? Mas não sei.

Ele fixou o olhar chocado na janela atrás da cabeça grande do inspetor e nos telhados ensolarados mais além. Pela janela aberta podia-se ouvir, leve, mas distintamente, os sons de cascos pesados e o ranger metálico das rodas das carroças: uma carreta de Guinness, o inspetor supôs, seguindo ao longo do cais.

– Acho que ela estava bem – Billy disse, parecendo cansado agora, de repente.

Ele era, o inspetor pensou, um conjunto de mudanças, desvios abruptos, trocas de humor; como, ele ficou pensando, a sua mulher o teria suportado?

– Eu achava que ela estava feliz, ou contente, pelo menos – Billy continuou. – Tínhamos os nossos altos e baixos, como todo mundo. Brigávamos – ela era uma terrível lutadora quando começava, como um gato selvagem. Eu lhe dizia, eu dizia: “Pode-se afastar a mulher de Lourdes Mansions, mas não se pode afastar Lourdes Mansions da mulher.” Isso realmente a provocava.

Ele sorriu, lembrando.

– E aí ela terminava chorando, soluçando no meu ombro, tremendo, dizendo que sentia muito e me implorando para perdô-la.

Ele retornou do passado e focalizou o grande rosto achatado do inspetor Hackett e os seus olhos castanhos doces, infalivelmente intrigados e aparentemente amistosos.

– Talvez ela não estivesse feliz. Não sei. As pessoas brigam e gritam assim, e depois soluçam até não saber mais se estão felizes?

Ele avançou com o corpo de repente e pegou um cigarro do maço do inspetor que estava sobre a mesa. Remexeu no bolso procurando um isqueiro, mas o inspetor já havia riscado um fósforo, e o estendia para ele. Billy era um fumante nervoso, aspirando rápidos bocados de fumaça com um sibilo e expirando-os de novo de uma só vez como se exasperado.

– Não sei – ele disse –, simplesmente não sei o que pensar, juro por Cristo que não sei.

O inspetor inclinou-se para trás de novo e colocou os pés sobre a mesa, cruzando as mãos sobre a pança.

– Conte-me sobre ela – ele disse.

– Contar o quê? – Billy retrucou com petulância. – Já não lhe contei?

O inspetor pareceu não se perturbar.

– Mas conte como era a sua vida. Quero dizer, que tipo de amigos ela tinha?

– Amigos? – Ele quase riu. – Deirdre não ligava para amigos.

– Não? Deve ter havido mulheres da sua idade, mulheres com quem ela conversava, trocava confidências. Ainda não encontrei uma mulher que não precisasse de alguém a quem contar os seus segredos.

Embora mal tivesse começado, Billy Hunt apagava furioso o cigarro no cinzeiro.

– Deirdre não era assim. Era uma solitária, como eu. Suponho que foi isso

que vimos um no outro.

– Ela raramente saía de casa, você me diz. Nenhum de vocês saía. É isso?

Billy Hunt concordou com um gesto sarcástico e virou de lado como se estivesse prestes a cuspir.

– Ah, ela saía, sim. – E parou, como se percebesse que já havia falado demais.

O inspetor, vendo a súbita cautela do outro, decidiu esperar.

– Mas ela era caseira, assim você disse.

– Não, não disse. Isso foi o que o senhor disse que eu era.

– Eu disse? Ah, estou ficando muito esquecido. Deve ser a velhice chegando.

Ele inseriu um dedinho delicadamente no ouvido direito e sacudiu para cima e para baixo, em seguida o extraiu de novo e espiou para ver o que havia se alojado debaixo da unha.

– Então, aonde ela ia, quando saía?

Billy não enfrentou o olhar dele.

– Não sei.

– Isso acontecia quando você não estava em casa?

– Acontecia o quê, quando eu não estava?

– Ela sair.

– Não sei o que ela fazia quando eu estava trabalhando, viajando. – Ele estremeceu, como sentindo a dor de uma punhalada. – E agora não quero saber.

– E quem você acha que ela ia ver quando ela saía?

– Ela não dizia.

– E você não a pressionava para dizer?

– Ninguém pressionava Deirdre. Ela não era o tipo de pessoa que se podia pressionar. Você só conseguia uma parede de silêncio, ou escutaria o que fazer com você mesmo. Ela era dona dela mesma.

– Mas você deve ter se perguntado – quero dizer, quem ela via, quando ela saía. Era de noite? Que ela saía?

– Nem sempre. Às vezes ela desaparecia a tarde inteira. Tinha um sujeito, médico, a quem ela ia ver.

– Ah?

– Um estrangeiro. Indiano, eu acho.

– Um médico indiano?

– E tinha esse outro poço de maldades, é claro. O seu sócio.

Ele falou essa última palavra com virulência.

O inspetor tinha começado a cantarolar baixinho; era como se tivesse uma abelha presa em algum lugar na sala, dentro de um armário ou de uma gaveta.

– E quem era este sócio?

Quirke tinha lhe dito o nome, mas ele esquecera, e de qualquer modo queria escutar de Billy.

– Um sujeito chamado White. Uma espécie de inglês. Costumava ter um salão de cabeleireiro até falir. Foi ele que incentivou Deirdre a abrir o salão de beleza. Ele tinha as instalações e a ajudou a se estabelecer; aí alguma coisa aconteceu ali, também – o dinheiro acabou, eu suponho.

– Que tipo de ajuda ele deu a Deirdre?

– O quê?

– Você disse que ele a ajudou a se estabelecer. Ele entrou com o capital?

– Não sei. Não tenho certeza. Ele deve ter recebido dinheiro de algum lugar, para dar início. Talvez a sua mulher tenha contribuído – ela tem o seu próprio negócio. Mas Deirdre não teria precisado de muita ajuda. Tinha uma cabeça firme nos ombros, Deirdre tinha sim.

– Tinha dinheiro também, como a mulher deste sujeito?

– Não o que você chamaria de dinheiro real. Mas estávamos indo bem, entre nós. – Ele ruminou, um músculo funcionando na sua mandíbula. – Eu pensei que poderia entrar com ela em alguma coisa, desistir de viajar e abrirmos um negócio juntos, mas aí apareceu o White. Suponho que ela tenha gostado dele, com o sotaque elegante e tudo.

– Tinha ciúmes?

Ele ficou pensando.

– Acho que não. Mas ele era um... um chato, sabe. Eu sempre o achei meio maricas. Mas, nunca se sabe, com as mulheres é diferente.

– Verdade.

Billy Hunt olhou firme para o policial de novo, como se desconfiasse de estar sendo ridicularizado: o inspetor devolveu o olhar com decidida suavidade.

– Se eu pensasse – Billy Hunt disse, num tom estranhamente monótono, distante –, se eu pensasse que foi ele que a levou a fazer o que ela fez, eu...

Ele deixou a voz ir sumindo, a imaginação falhando.

O inspetor, a cabeça pendendo de lado – fazer o que ela fez –, estudava-o pensativo.

– Ela estava apaixonada por ele, talvez, você diria?

Billy Hunt colocou aquela mão sobre os olhos de novo, mais por exaustão do que tristeza, parecia, e lentamente balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Não sei se Deirdre amava alguém. É triste dizer, mas pensei muito nisso nas duas últimas semanas e acho que é verdade. Não a condeno. Não era da sua natureza. Ou talvez fosse, no início, e foi destruído. Se você conhecesse o pai dela, saberia do que estou falando.

– É – o inspetor disse. – A vida é dura, e mais dura para uns do que para outros.

Abruptamente ele se levantou e estendeu a mão.

– Não quero tomar mais o seu tempo, tenho certeza de que tem coisas a fazer. Um bom dia, sr. Hunt.

Billy Hunt, apanhado de surpresa, levantou-se devagar, devagar pegou a mão oferecida, e devagar a sacudiu. Murmurou alguma coisa e se virou para a porta. O inspetor permaneceu de pé atrás da mesa, sem expressão, mas quando Billy abriu a porta, ele disse: – Por falar nisso, este médico que Deirdre costumava ir ver, como é o seu nome, sabe?

– Kreutz – Billy respondeu. Ele soletrou.

– Não me parece indiano.

Billy olhou como se isto não lhe tivesse ocorrido. Mas não respondeu nada, acenou apenas com a cabeça uma vez e saiu, fechando a porta suavemente atrás dele. Por um bom tempo, o inspetor permaneceu imóvel; em seguida, sentou-se lentamente. Pegou um lápis de dentro de uma caneca rachada sobre a mesa e, na caligrafia saltitante, redonda, que não mudara desde o quarto ano de escola, anotou o nome no verso de um envelope de papel-manilha: Kreutz.



Phoebe não tinha visto Leslie de novo depois daquela tarde no seu apartamento quando tinham ido para a cama juntos; nem lhe havia telefonado. Mas não conseguia deixar de pensar nele. Bastava fechar os olhos para ver o seu longo, pálido, corpo suspenso sobre ela na penumbra aveludada da sua mente. Uma meia dúzia de vezes pelos menos tinha pegado o telefone e começado a discar o seu número, mas se obrigara a colocar de novo o fone no lugar. Estaria apaixonada por ele? A ideia era absurda – quase a fez rir. Ela se amaldiçoava por sua tolice, mas lá estava ele, a lembrança dele, a imagem dele, acompanhando-a por toda a parte como aquele outro observador fantasma que ela estava convencida de que a seguia nas ruas. Este era o seu estado mental – nervosa, confusa, presa num emaranhado de memórias imperfeitas e inquietantes fantasias – quando parou essa noite na calçada, na escuridão acinzentada das onze horas, e viu a figura encolhida nos degraus.

Seu primeiro pensamento foi virar as costas e fugir. E aí ela percebeu quem era. Hesitou. Tinha certeza de que estava morto, deitado ali daquele jeito, como uma coisa quebrada. Por que veio aqui?, ela quis lhe perguntar. E o que ela ia fazer? A delegacia da Garda não ficava longe: ela devia ir até lá agora, direto, pedir socorro? A rua estava deserta. Por um momento, ela estava de volta naquele carro, no promontório, com a lâmina de aço contra a veia que latejava na sua garganta e aquela criatura enlouquecida proferindo, ofegante, palavras sujas de carinho no seu ouvido. Suas mãos tremiam. Por que você veio até a minha porta? Ela prendeu a respiração e se forçou a dar um passo à frente. Sabia instintivamente que ele não queria que ela chamasse a polícia. Estendeu a mão e tocou no seu ombro. Ele se retraiu, depois gemeu. Não estava morto, então; ela estava consciente de uma fugaz pontada de arrependimento. Seu terror estava passando. Talvez ele estivesse apenas bêbado.

– Leslie – ela disse baixinho, como era estranho dizer o seu nome! – Leslie, o que foi, o que aconteceu com você?

Com outro prolongado gemido, ele levantou a cabeça e tentou focalizar os olhos nela, lambendo os lábios inchados. Ela recuou, sufocando um grito.

– Meu Deus, você sofreu um acidente?

O rosto estava tão contundido que ela dificilmente o teria reconhecido. O brilho exíguo dos seus olhos entre as pálpebras inchadas lhe pareceu diabólico, como se houvesse uma outra pessoa de tocaia dentro dele, alguém diferente, espiando furiosamente lá fora.

– Leve-me para dentro – ele murmurou com a voz rouca. – Leve-me para dentro.

Era uma triste coincidência que, no filme que ela fora ver, uma história violenta sobre a Resistência Francesa, houvesse uma cena em que uma jovem mulher, membro do Maquis, tivesse ajudado um soldado inglês ferido a sair de um prédio em chamas. Passando o braço dele sobre os seus ombros, a corajosa moça, menosprezando os pedaços de caibro caindo e o chão em fogo, conduzira o soldado britânico com improvável facilidade e presteza para a rua, no meio da noite, onde um grupo de seus camaradas aguardava para recebê-los com aplausos. Agora Phoebe estava sabendo exatamente o quanto pesava um homem ferido. Quando chegou ao quarto andar, com ele pendurado nela e o seu braço sustentando-o pela cintura, ela estava com uma agonizante dor nas costas e o rosto pingando de suor. No apartamento, ela fechou a porta atrás deles com um chute e eles cambalearam até o sofá caindo nele juntos, embaralhados, o joelho direito dele bateu no joelho esquerdo dela e ambos gritaram de dor simultaneamente.

Quando ela finalmente conseguiu ficar de pé, foi mancando até a cozinha e encontrou a garrafa de gim no armário, encheu um quarto de copo e levou para Leslie. Ele deu um gole sôfrego, com uma careta quando a bebida tocou nos seus lábios rachados. Ela foi buscar uma almofada para a cabeça dele e o ajudou a esticar as pernas no sofá, não só num esforço para deixá-lo confortável, mas também para evitar ter de olhar diretamente para o seu rosto despedaçado e sangrando. Quando se debruçou sobre ele, ela pôde sentir o calor dos seus machucados. Ele terminou o gim e deixou o copo cair no tapete, onde rolou num semicírculo, bebadamente. Ela sentiu que ia chorar, mas se controlou. Leslie pousou de novo a cabeça na almofada e fechou os olhos, ali ficou respirando com a boca aberta. Ela esperava que ele não adormecesse, pois não queria ficar sozinha na sala com ele, e por um momento até pensou em esbofetear o seu rosto para mantê-lo acordado, mas não suportou a ideia nem mesmo de tocar naquelas terríveis equimoses. Todo o tipo de coisa se amontoava na sua cabeça, uma miscelânea de pensamentos aleatórios, fragmentados, absurdos. Ela devia se controlar, ela precisava. Levantou-se e foi procurar os cigarros na bolsa, acendeu dois e encaixou um entre os lábios de Leslie. Ele resmungou alguma coisa com a boca torta, soprando uma bolha de cuspe sangrento, mas não abriu os olhos. Ela

ficou de pé ao lado dele, fumando nervosa, um cotovelo apertado na palma da mão.

Depois de um pouco, ele começou a falar, com a cabeça jogada para trás contra a almofada e os olhos ainda fechados, comendo as palavras. Era um bando, ele disse, três pelo menos. Eles o haviam atacado numa travessa ao lado do Colégio de Cirurgiões. Deviam estar seguindo-o desde que ele saíra de Stag's Head, onde estivera bebendo com um amigo. Um deles tinha enfiado uma bola de borracha sólida na sua boca para silenciá-lo; em seguida o haviam empurrado para o vão de uma porta na travessa e começaram a bater nele com os punhos e uma espécie de vara, ou bastão. Nem uma palavra foi pronunciada. Ele não sabia quem eram, ou por que o espancavam. Mas eles sabiam quem ele era.

Eles sabiam quem ele era. E ela pensou logo: Quirke.

Ela queria perguntar por que ele a havia procurado, e, como se lesse seus pensamentos, ele lhe disse que a sua casa era o lugar mais perto que lhe passou pela cabeça, e de qualquer maneira estava indo para lá quando seus atacantes o apanharam. Ele fechou as pálpebras inchadas.

– Cristo. Estou cansado – ele disse e adormeceu na hora.

Phoebe não acreditou que ele estivesse indo para lá. Acreditava em pouquíssimas coisas que ele dizia. Mas que importância tinha, verdade ou mentiras – ele estava tão machucado, tão machucado.

Ela foi se sentar numa poltrona perto da lareira, e por um longo tempo guardou ali uma silenciosa vigília. Lembrou a noite, dois anos atrás, quando foi levada para ver Quirke no Mayer Hospital; ele, também, tinha sido espancado por pessoas que não conhecia e por motivos que estavam, assim ele alegou, além da sua compreensão. Ele tentara convencê-la de que havia caído na escada, mas ela sabia que estava mentindo. Agora Phoebe tinha certeza de que tinha sido ele a mandar aqueles sujeitos atacarem Leslie. Por quê? Para avisá-lo para se afastar dela? E era Quirke, também, que estivera observando-a, seguindo-a, bisbilhotando a sua vida, tinha certeza disso. Ela olhou para os nós dos seus dedos; estavam brancos. Esse homem – ela não se permitia chamar Quirke de pai, nem mesmo, ou especialmente, na sua cabeça –, ele nunca a deixaria em paz, continuaria a interferir na sua vida e no que ela fazia, arruinando as coisas, manchando as coisas, sujando tudo que tocava? Ela o odiava com paixão, e o amava, também, amargamente.

Ela deve ter caído no sono, pois quando Leslie falou – quanto tempo havia se passado –, ela deu um salto na poltrona, assustada. Ele disse o nome dela, baixinho. Ela foi até ele e, antes mesmo de perceber o que estava fazendo – estaria ainda pensando em Quirke? – havia caído de joelhos e tomado a sua mão

entre as dela. Os nós dos dedos estavam terrivelmente esfolados; duas unhas estavam quebradas e sangravam. Os olhos estavam abertos e ele olhava para ela. Ele lambeu os lábios secos e inchados.

– Escute, Phoebe. Quero que faça uma coisa para mim.

Ele tentou se aprumar na almofada e fez uma careta de dor.

– Tem um homem, um médico. Quero que vá procurá-lo. Ele vai lhe dar alguma coisa para mim, um remédio. Eu preciso.

– Quem é ele?

– Seu nome é Kreutz – ele soletrou para ela. – Tem um consultório na rua Adelaide, em frente ao hospital. Tem uma placa no gradil, com o seu nome.

– Quer que eu vá agora?

– Sim. Agora.

– Mas é – não sei – estamos no meio da noite.

– Ele vai estar lá. Ele mora no prédio.

Ele emitiu um som no seu peito que ela levou alguns segundos para reconhecer como risada.

– Ele não dorme muito, o Doutor. Você pode tomar um táxi. Diga-lhe que precisa do remédio para Leslie. Ele vai saber. – Seus dedos apertaram a mão dela. – Vai fazer isso? Vai fazer isso por mim? O remédio de Leslie, basta dizer isso. Diga-lhe que eu falei que é o mínimo que ele pode fazer, que ele me deve isso.

Da outra extremidade do sofá, o seu ursinho de pelúcia caolho olhava para ambos com uma expressão glacial, escandalizada.

Bem longe do Green, no seu apartamento na rua Mount, Quirke também fora despertado do seu sono. Ficou na escuridão da sala de estar de ceroulas, descalço, segurando o fone no ouvido e com o olhar parado na sua frente. Não havia se dado o trabalho de acender a luz. O lampião da rua lá embaixo lançava uma imagem fantasmagórica da janela para a sala, de baixo para cima, metade na parede e metade no teto, uma forma desconjuntada, partida, vertiginosa.

– É o Juiz – Mal falou, a voz ao longe na linha telefônica soando exausta. – Ele partiu.

E foi assim que, no cruzamento da rua Harcourt com a rua Adelaide, os dois táxis, o de Quirke e o de Phoebe, passaram em suas diferentes direções, embora nenhum deles tivesse visto o outro, perdidos como estavam em seus próprios, confusos e desordenados pensamentos.

DOIS



Um manto de nuvens à deriva pairava baixo sobre o aeroporto e uma garoa de verão constante batia de viés. Por algum tempo parecia que o avião seria desviado devido à fraca visibilidade, mas, por fim, teve permissão para aterrissar, apesar do atraso de uma hora. Quirke estava com Phoebe na janela de observação e viu a máquina chegar de nariz apontando na pista, suas quatro grandes hélices girando na chuva e arrastando túneis ondulantes de ar molhado atrás dela. Dois conjuntos de escadas foram transportados sobre rodas por homens de capas de chuva amarelas e as portas se abriram por dentro, os passageiros começaram a desembarcar, parecendo grogues e amarrotados mesmo a esta distância. Rose Crawford estava entre os primeiros a aparecer. Vestia um costume preto justo, com um chapéu preto e véu – “O luto lhe cai bem”, Quirke observou secamente – e carregava uma valise preta de couro. Ela parou no alto da escada e olhou para a chuva, em seguida voltou para a cabine e disse alguma coisa, um segundo depois uma das aeromoças surgiu abrindo um guarda-chuva, e sob esta cúpula protetora Rose desceu pisando com cuidado neste solo estrangeiro.

– Realmente, não posso imaginar o que esperavam encontrar nas minhas malas – ela disse, exagerando a sua fala arrastada sulista, quando finalmente saiu a passos largos da sala da Alfândega. – Seis revólveres, suponho, visto que sou uma ianque. Quirke, você parece arrasado. Esperaram muito tempo por mim? E estou vendo que ainda está mancando. Mas, Phoebe, minha querida, você, você está positivamente radiante. Está apaixonada?

Ela permitiu ser beijada no rosto por ambos, um de cada vez. Quirke aspirou o seu perfume de que tinha lembrança. Ele pegou as malas e os três atravessaram a multidão de passageiros chegando. A fila de táxi já estava grande. Rose se surpreendeu em saber que Quirke não dirigia.

– Não sei como eu o vi por trás do volante de algo grande e poderoso – e franziu o nariz com o cheiro de fumaça de cigarro e couro suado no táxi.

Chovia mais forte agora.

– Que coisa! – ela disse com melosa falta de sinceridade. – A Irlanda é exatamente como eu esperava que fosse.

Logo eles estavam na estrada em direção a Dublin. Na chuva, as árvores brilhavam, um verde bem escuro.

– É quase horripilante, não é – Rose disse para Quirke, que estava sentado no banco da frente ao lado do motorista. – A primeira vez que nos encontramos, você estava chegando na América para o que acabaria sendo um funeral – meu pobre Josh – e agora aqui estou eu, chegando para ver o seu grande amigo Garret ser enterrado. A morte parece seguir você de um lado para o outro.

– Um acaso ocupacional – Quirke disse.

– Claro, sempre esqueço o que você faz.

Ela se virou para Phoebe:

– Mas você precisa me contar tudo, minha querida, todas as suas novidades e segredos. Tem se comportado mal desde que a vi a última vez? Espero que sim. E aposto que está desejando ter ficado comigo em North Scituate em vez de ter voltado para este cantinho úmido do globo.

Rose era a terceira esposa, agora viúva, do falecido avô de Phoebe, Josh Crawford. Foi na casa de Rose, no dia do funeral do velho, que Phoebe finalmente ficara sabendo por Quirke os fatos da sua verdadeira ascendência. Desde então, Quirke vivia com medo da filha, um temor reprimido, constante e difícil de explicar.

– Ah, estou feliz aqui – Phoebe disse. – Tenho uma vida.

Rose, sorrindo, deu um tapinha na mão dela.

– Certamente você tem, queridinha. – Ela se recostou no estofado e olhou lá fora os subúrbios cinza passando, molhados de chuva, e suspirou. – Quem não se sentiria feliz aqui?

Do banco da frente, Quirke disse por cima do ombro:

– Está cansada?

– Dormi durante o voo. – Ela desviou o olhar da janela para o perfil dele na sua frente. – Como está Mal?

– Mal? Ah, Mal é Mal. Sobrevivendo, você sabe.

– Ele deve estar triste, perdendo o pai.

Ela desviou os olhos então para Phoebe, ao seu lado, olhando impassível na sua frente para a nuca atarracada do motorista. Rose sorriu levemente; o tópico de pais perdidos, ela notou, ainda era obviamente um assunto delicado.

– Sim – Quirke disse em inflexão. – Estamos todos tristes.

De novo ela estudou o seu perfil de imperador romano e sorriu o seu sorriso felino.

– Sem dúvida.

No Shelbourne, o porteiro de cartola cinza e casaca veio recebê-los com o seu enorme guarda-chuva preto, radiante. Rose lhe deu um olhar frio e passou rápido pela porta de vidro giratória. Quirke estava para dizer alguma coisa a Phoebe, mas ela fugiu dele com um gesto brusco e seguiu rapidamente atrás de Rose para o saguão do hotel. O que está acontecendo com ela? Mal havia lhe dirigido uma palavra desde que ele a pegara naquela manhã a caminho do aeroporto. Ela nem o convidara a subir até o apartamento, mas o tinha deixado de pé na garoa no vão da porta de entrada enquanto terminava de aprontar lá em cima. Estava abalada com a morte do seu avô Griffin – ela e o velho tinham sido muito chegados –, mas ela parecia mais zangada do que triste. Mas por que, Quirke se perguntava, era com ele que ela estava zangada? O que ele tinha feito? Isto é, o que ele tinha feito pelo qual já não tivesse sido punido, muitas vezes? Ele deu uma gorjeta ao porteiro e as orientações para trazerem as malas. Estava cansado de ser o objeto das censuras de todo mundo. O passado estava amarrado a ele como uma lata ao rabo de um gato, e até o menor esforço que fizesse para avançar produzia um vergonhoso alarido atrás dele. Deu um suspiro e entrou no hotel, sacudindo um fino borrico de gotas de chuva do seu chapéu.

Enquanto Rose desfazia as malas, eles esperaram constrangedoramente juntos, homem e filha, no salão de chá no primeiro andar. Phoebe sentou-se num sofá, enrodilhada em si mesma, fumando o seu *Passing Clouds* e observando a chuva que sussurrava contra as vidraças das três grandes janelas que davam para a rua. As árvores aglomeradas do outro lado emprestavam uma leve luminescência verde à sala. Quirke sentava-se dedilhando a sua lapiseira, tentando pensar em algo para dizer, sem conseguir. Não demorou muito e Rose desceu. Tinha trocado de roupa, escolhendo uma saia e um bolero vermelhos – “Pensei em acrescentar um pouco de cor a esta triste ocasião” – e Quirke notou como aquele visual colorido, apesar da maquiagem perfeita e dos cintilantes cabelos pretos, só mostrava com mais nitidez como ela havia envelhecido nos últimos dois anos desde que a vira pela última vez. Mas ainda era uma mulher elegante, no seu estilo metálico, polido. Ela lhe havia pedido para ficar com ela em Boston depois que o marido morreu, ele e Phoebe. Ele sorriu para si mesmo, pensando como teria sido isso, os três ali em Moss Manor, o grande e velho mausoléu de Josh, cercado de dólares, a sra. Rose Crawford e seu novo marido, o mimado sr. Rose Crawford, e a sua finalmente reconhecida e jamais disposta a perdoar, filha. Agora Rose lhe disse: – Pensei que você estaria no bar.

– Quirke desistiu de bares – Phoebe disse, num tom ao mesmo tempo arrogante e rancoroso.

Rose ergueu uma sobrancelha para ele.

– O quê? Você não bebe mais?

Quirke deu de ombros e Phoebe respondeu por ele de novo.

– Ele toma uma taça de vinho comigo uma vez por semana. Sou o seu álibi.

– Então não é mais um alcoólatra?

– Você achava que eu era?

– Bem, eu imaginava. Você podia certamente abandonar o uísque.

– Nós dizemos aqui “ele era um homem grande para mamar na garrafa” – Phoebe disse.

Durante esta conversa, ela não olhou nem uma vez para Quirke diretamente.

– Sim – Rose murmurou. Ela sustentou o olhar de Quirke e seus olhos pretos brilhavam de divertida malícia. – Como um bebê.

A garçonete apareceu e eles pediram chá. Quirke perguntou a Rose se o seu quarto era satisfatório e do seu gosto, e Rose disse que estava ótimo, “muito antiquado, surrado e do velho mundo, como seria de esperar”. Quirke tirou a sua cigarreira do bolso. Rose pegou um cigarro, ele lhe ofereceu o isqueiro e ela se inclinou para frente, tocando com a ponta dos dedos as costas da mão dele. Quando ela ergueu o cigarro dos lábios, estava manchado de batom. Ele pensou quantas vezes esta pequena cena se repetira: o inclinar-se para frente, o rápido, torto, olhar para cima, o toque dos dedos dela na sua pele, o papel branco de repente vividamente manchado. Ela lhe havia pedido que a amasse, que ficasse com ela. Sarah ainda estava viva na época, Sarah que...

– Pelo amor de Deus, pare de brincar com isso! – Phoebe disse com rispidez, surpreendendo-o.

Ele olhou sem entender para a lapiseira na sua mão; tinha quase esquecido dela.

– Aqui – ela disse, por um momento toda uma impaciência matronal –, me dá. – E arrancou a lapiseira da mão dele, jogando-a dentro da sua bolsa.

Seguiu-se um breve, tenso, silêncio. Rose o quebrou com um suspiro.

– Tantas mortes – disse. – Primeiro Josh, depois Sarah, agora o pobre Garret. Ela estava observando Quirke.

– Você quase sente o Ceifador aqui com a sua foice, não sente? – Ela fez um movimento circular com um dedo de unha carmin. – O tempo todo aproximando-se mais.

Phoebe estava olhando de novo para as janelas. Rose virou-se para ela: – Mas, querida, isto é deprimente demais para você. Estou vendo. – Ela pousou a mão no pulso da moça. – Diga-me o que anda fazendo. Soube que está trabalhando. Numa loja, não é?

– Uma loja de chapéus – Quirke disse, e mudou de posição bruscamente na cadeira.

Rose riu.

– O que tem de errado nisso? Eu trabalhei em lojas, ou casas comerciais, se vocês preferem, quando jovem. Meu pai tinha uma mercearia, até que faliu, como tantos outros. Isso foi nos tempos difíceis.

– E olhe para você agora – comentou Quirke.

Ela esperou um momento e então:

– Sim – respondeu com suavidade –, olhe para mim agora. Ele olhou para outro lado. Rose era sempre muito perturbadora quando se mostrava suave demais.

Phoebe murmurou alguma coisa, levantou-se e afastou-se deles, atravessando a sala e saindo. Rose olhou pensativa para ela e em seguida se virou de novo para Quirke.

– Ela precisa estar de luto tão fechado? Parece um pouco de exagero.

– Está falando do preto? É assim que ela se veste sempre.

– Por que você deixa?

– Ninguém deixa Phoebe fazer nada. Ela é uma mulher agora.

– Não, não é. – Ela esmagou o cigarro no cinzeiro de vidro sobre a mesa. – Você ainda não sabe nada sobre pessoas, sabe, Quirke, mulheres especialmente. – Ela deu um gole no chá e fez uma careta: estava frio. Colocou de novo a xícara no pires. – Mas tem alguma coisa nela, alguma coisa diferente. Ela tem namorado?

– Como você diz, não sei de nada.

– Devia se preocupar em saber – ela disse com rispidez. – Você lhe deve isso, Deus sabe.

– O que eu devo?

– Interesse. Cuidado. – Ela sorriu quase com pena. – Amor.

Phoebe voltou. Quirke a observou aproximando-se do outro lado da sala. Sim, Rose tinha razão, ele tinha de reconhecer; havia algo de diferente na sua filha. Estava mais pálida do que nunca, pálida feito gelo, e, no entanto, parecia de algum modo em fogo, por dentro. Ela se sentou e procurou os seus cigarros. Talvez não fosse com ele que ela estava zangada. Talvez nem estivesse zangada. Talvez fosse apenas a chegada de Rose que despertasse nela a lembrança de coisas que preferia ter esquecido.

Mal apareceu. Hesitou na passagem em arco que ligava ao saguão e examinou a sala com a insegurança que agora era o seu estilo, os óculos

faiscando como coruja. Ele os viu e se aproximou, abrindo caminho entre as mesas como se não pudesse enxergar bem. Vestia um dos seus ternos cinza com um pulôver cinza por baixo, e uma gravata-borboleta azul-escuro. Os cabelos, escovados rigidamente para trás, projetavam-se em pontos nítidos na parte de trás da cabeça alta, estreita, e em cada maçã do rosto havia uma faixa lívida de veias partidas. Todas as vezes que Quirke via Mal atualmente, o seu cunhado parecia um pouco mais seco e poeirento, como se um fluido essencial estivesse vazando de dentro dele, constantemente, invisivelmente. Ele se debruçou e, estendendo a mão cumprimentou Rose constrangido. Dava vontade de chorar, Quirke pensou, por aquele pulôver.

Eles deixaram o saguão e passaram, os quatro, para a sala de jantar, e tomaram os seus lugares à mesa que Quirke reservara. Quando a agitação de guardanapos e cardápios se acalmou, estabeleceu-se um silêncio pesado. Só Rose parecia à vontade, olhando para os outros três e sorrindo, como uma pessoa numa galeria admirando as semelhanças entre um conjunto de retratos de família. Quirke viu como o rosto de Mal, quando ele olhava para Phoebe, que durante tanto tempo o mundo pensara que fosse sua filha, assumia uma expressão anuviada, dolorida. Phoebe, da sua parte, mantinha os olhos baixos. Quirke olhava para as suas mãos finas, brancas como presas, agarrando o cardápio. Como ela parecia infeliz, e, no entanto – o que era? Ávida? Excitada?

– Bem – Rose disse com falsa vivacidade, estreitando os olhos –, não é encantador?

Numa fria manhã cinzenta de verão, o juiz Garret Griffin foi posto para descansar ao lado da sua mulher no jazigo de família em Glasnevin. Havia uma guarda de honra do exército, e aos muitos parentes juntou-se um público numeroso pois o juiz Griffin, como era conhecido por todos, tinha sido uma figura popular na cidade. Louvores foram declamados por políticos e prelados. Quando os primeiros punhados de barro caíram sobre o caixão, começou a cair uma chuva fina. Ninguém, entretanto, chorou. A vida do Juiz fora, o arcebispo disse na sua homilia na missa fúnebre na capela do cemitério abarrotada de gente, uma vida a ser celebrada, uma vida plena e realizada, uma vida de serviço à nação, devoção à família, comprometimento com a Fé. Depois disso as pessoas que acompanhavam o enterro se misturaram entre os túmulos, as mulheres conversando em voz baixa enquanto os homens fumavam, protegendo seus cigarros furtivamente nos punhos em concha. Em seguida, os carros pretos começaram a se afastar, as rodas rangendo no cascalho.

O inspetor Hackett estava entre os participantes, ficando bem atrás na orla da multidão no seu terno azul e gravata preta. Tinha captado o olhar de Quirke e

batera com a ponta do dedo na aba do chapéu, num cumprimento disfarçado. Mais tarde eles caminharam juntos por uma trilha entre as lousas. A chuva tinha parado, mas as árvores ainda pingavam. No túmulo de uma criança, havia rosas de gesso sob uma cúpula de vidro manchada de líquen por dentro.

– Fim de uma era – o detetive disse, e olhou de lado para Quirke. – Não veremos iguais a ele de novo.

– Não – Quirke disse terminantemente. – Não veremos.

O Bentley do arcebispo deslizou pelo portão, com ele sentado ereto no banco de trás como uma efígie religiosa sendo transportada em exibição na sua vitrina de vidro. O inspetor pegou um maço de Players e o ofereceu aberto a Quirke. Eles pararam para acender. Em seguida, continuaram andando.

– Falei com aquele sujeito – o inspetor disse.

– Que sujeito?

– O seu amigo, o sr. Hunt. Aquele cuja mulher morreu, lembra?

Agora o carro fúnebre acompanhou o carro do Arcebispo; o longo, deserto, espaço na parte de trás onde o caixão tinha estado, era lúgubre na sua solidão.

– Sim – Quirke disse. – Lembro. E?

– Ah, que Deus ajude o pobre sujeito, está num estado deplorável.

– Imagino que sim.

O policial olhou para ele de novo.

– Às vezes desconfio, sr. Quirke – ele disse –, que o senhor tenha um coração duro.

A isso, Quirke não deu resposta. Pelo contrário, perguntou: – O que Billy Hunt disse?

– Sobre o quê?

Estavam perto de Rose Crawford e Phoebe, caminhando na frente deles ao longo da trilha de cinzas. Rose prendendo o braço da mulher mais jovem no seu.

– Sobre a morte da mulher dele – Quirke disse impaciente.

– Ah, não muito. Não sabe por que ela fez isso, se ela fez.

– Se?

– Ah, vamos, sr. Quirke, não se faça de ingênuo. O senhor tem as suas dúvidas, tanto quanto eu, neste caso.

Eles tinham dado uma meia dúzia de passos antes que Quirke falasse de novo.

– O senhor acha que Billy Hunt também não é inocente?

O inspetor deu uma risadinha.

– Segundo a minha experiência, ninguém é totalmente inocente. Mas então, o

senhor esperaria que eu dissesse isso, não é?

Eles agora alcançaram Rose e Phoebe. Quando Phoebe viu que era Quirke que estava atrás dela, murmurou alguma coisa, desengatou o seu braço do de Rose e saiu andando rapidamente pela trilha. Rose olhou para ela e sacudiu a cabeça.

– Tão abrupta, a jovem – ela disse.

Quirke apresentou-a ao policial.

– Como vai, Oficial? – ela falou. Oferecendo uma mão esguia, enluvada de preto, a Hackett, que sorriu timidamente, os cantos da sua boca de peixe estendendo-se quase até os lóbulos das orelhas.

– Satisfeitíssimo em conhecer uma amiga do sr. Quirke. A senhora é uma do grupo seletos e minúsculos, pelo que posso ver.

Quirke estava de olhar fixo em Phoebe, que havia se encontrado com Mal e estava com ele agora sob um portão em arco que levava à rua Glasnevin. Eles pareciam mais pai e filha, Quirke sabia, do que Quirke e ela jamais se pareceriam.

– O senhor deve ter conhecido o Juiz, também, é claro – Rose estava dizendo ao policial.

O sorriso dele se ampliou ainda mais.

– Ah, sim, senhora – ele disse, adotando a sua fala arrastada das Midlands para combinar com o sotaque sulista dela.

– Uma pessoa excelente, ele era, também, e um grande defensor da justiça e da lei. Não é mesmo, sr. Quirke?

Quirke olhou para ele. Ele imaginou, ou a pálpebra do olho esquerdo do policial piscou momentaneamente?



Ela encontrou o homem de cabelos prateados numa tarde de quarta-feira quando chegou a casa na rua Adelaide e ele estava lá, sentado no sofá da sala do dr. Kreutz como se fosse o dono da casa. Ela pensara que o Doutor estivesse sozinho porque a tigela de cobre, o seu sinal para ela, não estava no peitoril da janela, mas foi só porque ele tinha esquecido, o que apenas mostrava a sua agitação. Ao abrir a porta, ele a olhou com uma expressão tão estranha, tão furiosa, que ela só pôde compreender quando entrou na sua frente e lá estava o homem esparramado no sofá com seu casaco de pelo de camelo. Tinha um braço descansando sobre o encosto do sofá, e os pés com os tornozelos cruzados sobre a mesinha. Fumava um cigarro, segurando de um jeito afetado, entre o segundo e o terceiro dedos da mão esquerda. Deu-lhe um sorriso preguiçoso e olhou-a de cima a baixo, dizendo: “Ora, ora, quem temos aqui?” Era o casaco de pelo de camelo de novo, as abas escancaradas de cada lado, que o faziam parecer estar se exibindo para ela de um modo que era quase, ela pensou, indecente. Dr. Kreutz ficou de um lado, olhando de um para o outro com uma expressão bestificada, desarmado. Ela se sentiu constrangida, e não sabia para onde olhar. O homem tirou os pés de cima da mesa e se levantou languidamente, oferecendo-lhe a mão esguia, quase incolor.

– White – ele disse. – Leslie White.

Ela pegou a mão dele, macia como a de uma moça, fresca e úmida, mas esqueceu-se de dizer o seu nome, tão hipnotizada estava por esse sorriso torto, esse cacho de cabelos caído na testa – era platina, realmente, mais do que prata – e aqueles olhos nos quais havia um misto de diversão, curiosidade, audácia, mas que também tinha um brilho arrependido, fingindo desculpas, como se estivesse lhe dizendo, Sim, eu sei, sou um patife, mas sou tão divertido, também, você verá. Dr. Kreutz despertou então e a apresentou, como “sra. Hunt”, mas ela, erguendo o queixo, olhou direto para o rosto de Leslie White e disse, “Deirdre”. Ficou surpresa como a sua voz soou firme.

Dr. Kreutz falou em chá, mas era evidente que o seu maior interesse não estava no oferecimento. Ela nunca o vira tão inseguro. Ainda tinha aquele olhar bravo, mudo, com que a recebera à porta, como um personagem de filme

tentando informar à heroína que tem um homem com uma arma escondido atrás da cortina, e continuava erguendo as duas mãos, palmas para cima num gesto peculiar, quase como se estivesse rezando, e deixando-as cair de novo, numa atitude de derrota. Leslie White ignorava-o, nem mesmo olhava na sua direção. “Preciso ir”, ele disse agora, com essa sua voz macia e sonolenta, ainda sorrindo para ela. Como se soubesse como ela estava constrangida com o seu casaco, ele o fechou bem devagar, como uma carícia, envolvendo-se nele, observando-a o tempo todo, e amarrou o cinto frouxamente, desprezando a fivela. “Adeus, Deirdre”, ele disse. Pronunciou Deardree. Foi até a porta, acompanhado às pressas por dr. Kreutz, e virou-se mais uma vez antes de sair, dirigindo-lhe o seu último, leve, malicioso sorriso.

Ela os escutou no corredor, dr. Kreutz falando num sussurro insistente e Leslie White dizendo, querendo se despedir, “Sim, sim, sim, não arranque os cabelos, pelo amor de Deus”. Ela ouviu a porta da frente se abrir e fechar de novo, e um segundo depois vislumbrou aquela sua cabeça cintilante, como um capacete prateado, passando furtivamente pela janela.

Dr. Kreutz pareceu demorar muito antes de voltar para a sala. Ela não tinha percebido que uma pessoa da sua cor podia empalidecer, mas a sua pele escura havia assumido um tom acinzentado definido. Ele não olhava para ela. Ela pediu desculpas pela interrupção, mas quando viu que a tigela de cobre não estava na janela... Ele concordou distraído. Ela sentia pena dele, mas estava queimando de curiosidade também.

Ela não se demorou, naquele dia. Pôde ver que o dr. Kreutz ficou aliviado quando mentiu dizendo que tinha combinado se encontrar com Billy, e que precisava ir. Na porta, ele fez aquele gesto de apelo, ineficaz, erguendo apenas uma das mãos desta vez e deixando-a cair de novo, impotente.

Era época de Natal e fazia frio, com lufadas de neve úmida e pancadas de gelo fino de pontas afiadas. Embora estivessem no meio da tarde, estava quase escuro, e a luz que restava era da cor de água suja. Do lado de fora do portão, ela parou e olhou em ambas as direções da rua, em seguida virou para a direita e caminhou para a rua Leeson, levantando a gola do casaco para se proteger do frio.

Ele estava de pé no abrigo da banca de jornal na ponte. Ela não se surpreendeu: alguma coisa lhe dissera que ele a esperaria. Ele atravessou a rua, esfregando as mãos e sorrindo com ar de censura.

– Puxa – ele disse –, pensei que você não ia sair nunca.

Ela pensou em lhe dizer o que achava dele por sua presunção, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele a pegou pelo braço, virou-se e a arrastou com

ele atravessando a rua até a esquina da Fitzwilliam.

– E onde – ela disse, com uma risada descrente – você acha que vamos?

– Estamos indo para um pub, minha querida, para um pub, onde vou pedir um uísque quente para cada um de nós, para nos aquecer.

Ela parou e, desvencilhando-se dele, olhou-o diretamente.

– Ah, é assim, agora?

Ele riu, baixando o olhar para os pés e balançando a cabeça, em seguida estendeu as mãos e a agarrou firme pelos braços.

– Ouça – ele disse –, podemos ficar aqui trocando trivialidades, se gosta, contando sobre nossas vidas passadas e o que comemos no café da manhã, mas, visto que já fomos apresentados, e visto estar fazendo um frio danado, podemos simplesmente ir ao pub, onde você pode defender a sua dignidade, se precisar, mas eu, pelo menos, posso tomar um drinque?

Ela esperava que ele estivesse de carro, gostaria de dar uma volta, mas ele disse que Old Mother Riley, como o chamava, estava doente e no hospital de automóveis. Então eles desceram a pé a longa avenida, sob as janelas altas das casas onde já se acendiam as luzes elétricas, passaram pela praça com suas árvores gotejantes, desfolhadas, e entraram na rua Baggot. Massas granulosas de gelo carregado pelo vento haviam se acumulado nos cantos da varanda ladrilhada do pub, mas lá dentro havia um fogareiro de carvão de coque aceso e as lâmpadas no bar derramavam um brilho quente amarelo. Eram os únicos clientes. Havia mesas com cadeiras baixas, mas eles preferiram sentar em dois bancos no bar.

– É mais simpático, não acha? – Leslie White disse, movendo o seu banco mais para perto dela. – Além do mais, se eu sentar numa daquelas mesas, meus joelhos vão ficar comprimidos sob o meu queixo.

Enquanto subia no banco, ela o vira tentando olhar por baixo da sua saia, mas ele percebeu que ela estava vendo e apenas sorriu; ele tinha feito isso, olhar de cima a baixo, não do jeito obsceno como os caras costumam fazer nos pubs, lascivos e lambendo os beiços, mas abertamente, sem nenhuma vergonha, e com uma espécie de floreado invisível, como aqueles dos cantores numa ópera rodopiando alegres um chapéu de palha ou torcendo as pontas enceradas de um bigode. Ele chamou o barman e fez o seu pedido, dizendo exatamente como os drinques tinham de ser preparados – “Água quente, atenção, não é fervendo, e não mais que três cravos em cada copo.” –, e em seguida ofereceu-lhe um cigarro, que ela ia pegar, mas pensou melhor, com medo de tossir, cuspir e dar um espetáculo, pois não fumava e em toda a sua vida só tinha dado umas duas baforadas. O banco era alto e, ao cruzar as pernas, ela se sentiu oscilando por um

segundo e pareceu que ia cair para frente, como se desmaiasse, e ele teve de segurá-la nos braços. Quando os uísques fumegantes chegaram a sua cabeça, já estava girando.

Ele lhe perguntou como tinha conhecido o dr. Kreutz. Ela inventou uma história sobre o sr. Plunkett mandando-a à rua Adelaide para entregar algo que o Doutor encomendara, mas era evidente pelo seu sorriso afetado meio contido que ele não acreditava nela.

– Precisa ficar de olho nele, o velho Kreutzer – ele disse, rolando o cigarro na borda do cinzeiro para se livrar da cinza até a ponta em brasa ficar apontada como um lápis. – Eles o chamam de o Negro com as Mãos Inquietas, você sabe.

Ela ficou imaginando quem seriam eles, ou seria apenas Leslie White? Queria perguntar como ele o conheceria, mas supôs que ele mentiria como, é claro, ela mesma tinha feito. Era estranho, mas era preciso admitir que havia alguma coisa no Doutor que fazia uma pessoa prestar atenção para não ser totalmente franca ao falar a seu respeito. Por que era assim? De qualquer maneira, havia mais coisas e mais obscuras sobre Leslie White, ela tinha certeza, que fariam a franqueza parecer totalmente fora de questão.

Eles ficaram no pub quase duas horas – foi uma boa coisa Billy estar viajando e não estar em casa à sua espera, para sentir o cheiro de uísque no seu hálito. Mais tarde, ela teria apenas uma lembrança enevoada do que tinham conversado, ela e Leslie. Não foi o álcool que afetou a sua memória – embora, Deus sabe disso, ela não estivesse acostumada a beber uísque de tarde, ou em qualquer outra hora do dia ou da noite –, mas tinha ficado tão tonta que não conseguira se concentrar. Ela lembrou do arco que teve num verão quando criança – era apenas uma roda enferrujada de uma bicicleta velha sem pneu com metade dos aros quebrados ou faltando – que costumava fazer rolar com uma vareta pela trilha ao redor do quintal na parte externa dos Flats, e que, quando estava cansada demais para correr junto com ele, continuava rolando sozinho durante um certo tempo, depois começava a se desequilibrar até cair. Era assim que ela se sentia agora, como se estivesse perdendo a velocidade e se desequilibrando, incapaz de se controlar. Mas ela não estava no final de alguma coisa, e sim no início.

Depois do terceiro drinque, ela ergueu a mão e lhe disse para não pedir outro, que precisava voltar para casa, e mentiu dizendo que o marido estava esperando. Ela não sabia ao certo porque mencionara o marido – era para colocar o sujeito no seu lugar, porque ele era tão presunçoso, ou era, como ela fracamente suspeitava, uma espécie de desafio para ele? Mas ela o estava desafiando a fazer o quê? Ele a observava, os olhos examinando-a toda, que ela quase podia senti-

los na sua pele como as pontas dos dedos de um cego. Ela se viu recostada no sofá do dr. Kreutz, não com o dr. Kreutz, mas com este homem prateado, de membros esguios, debruçado sobre ela, erguendo camada por camada de um tecido diáfano que era tudo que a cobria, erguendo e delicadamente erguendo, repelindo seus protestos cada vez mais fracos, até ela estar estendida nua na sua frente, nua e trêmula, e úmida. O quadro era tão forte na sua mente que desta vez ela realmente perdeu o equilíbrio por uma fração de segundo e teve de fechar os olhos por um momento e se concentrar bastante para não cair do banco.

Depois ela não conseguia parar de pensar nele. Ele a perseguia mentalmente, uma espécie de fantasma jovial, afável e bastante real. Na loja, na manhã seguinte, ela se viu mais de uma vez sendo alvo do olhar fixo do sr. Plunkett, tendo se deixado levar num devaneio enquanto atendia um cliente. Sua cabeça ainda zumbia com a ressaca provocada por aqueles três uísques a que não estava acostumada, mas essa não era a verdadeira causa da sua falta de atenção, e ela sabia disso.

Ela gostava do jeito caprichado com que ele fazia as coisas, Leslie White: pequenas coisas, sem consequência, que ele mesmo não parecia notar que estava fazendo, como afiar a ponta coberta de cinza do seu cigarro daquele jeito na borda do cinzeiro, montar pequenas treliças com fósforos apagados ou juntar as suas moedas em pilhas separadas no bar, de meio pêni, um pêni, três pence, as bordas todas perfeitamente alinhadas. Ele podia fazer aquele negócio com uma moeda, também, rolando-a pelos nós dos dedos da mão, tão rápido que ela parecia se multiplicar em três ou quatro, girando e brilhando. E se vestia bem. Ela não tinha certeza se os tons que ele preferia, branco, branco sujo e cinza metálico, eram as cores certas para o seu tom de pele, mas o corte do que vestia era bom, ela podia ver, pois tinha um olho para talhos perfeitos. Talvez ele aceitasse os seus conselhos se ela os oferecesse. Ele ficaria ótimo de azul ou, melhor ainda, preto, um bom terno preto, talvez jaquetão, que ressaltaria a sua figura magra, ou até um três peças, com uma corrente de relógio de ouro cruzando o colete. Ela se viu de braço dado com ele, todo de prata e negro, e ela com algo bem claro e flutuante... “Deirdre!”, o senhor Plunkett resmungava furioso, sobressaltando-a, e ela tinha dificuldade para se concentrar na velha criada irlandesa diante da caixa registradora segurando o seu trêmulo *shilling*.

Ela se sentia culpada, não com relação a Billy, é claro, mas – e isso era muito estranho – porque sentia como se estivesse traindo o dr. Kreutz. Ela disse para si mesma que era uma idiota pensando assim – o que fizera, afinal de contas, exceto tomar um drinque com um homem, nem mesmo de noite, ainda por cima, mas de tarde? Mas, por mais que tentasse não dar importância ao que tinha

acontecido, até ela não estava convencida. Porque alguma coisa tinha acontecido, e algo mais aconteceria, e em breve, estava certa disso.

Mas antes aconteceu outra coisa, e totalmente inesperada, que a fez ver o dr. Kreutz sob uma nova luz, fascinante.



Quando Phoebe era menina, seus pais, ou o casal que na época ela pensava serem os seus pais, costumavam levá-la todos os anos no mês de julho para uma estadia de duas semanas numa casa em Rosslare Strand, emprestada por amigos de Sarah, gente do teatro, como ela lembrava. Estas férias à beira-mar eram programadas para ser uma coisa fantástica, mas a verdade é que nenhum dos três realmente curtia, lá onde chamavam de Sudoeste Ensolarado. Mal se irritava por estar longe do seu trabalho e Sarah não tinha nada para fazer e, embora tentasse não demonstrar, ficava entediada a maior parte do tempo. Quanto a Phoebe, não se interessava por praia. Detestava se mostrar seminua na areia – era magrela e de pernas tortas, e sua pele pálida recusava-se a pegar uma cor por mais sol que tomasse – e não tinha talento para fazer amigos. Além do mais, tinha medo do mar. Numa temporada, com 9 ou 10 anos, ela estava caminhando sozinha na larga faixa de espinheiros e grama dura entre o vilarejo e a praia, conhecido por alguma razão como a Toca, quando tropeçou, literalmente tropeçou, num ninho de lebre com dois filhotes. Ela nunca tinha visto nada parecido. Era como se a mãe lebre tivesse feito o ninho revirando-se várias vezes na grama para formar uma depressão lisa, bem trançada, na qual agora os animaizinhos jaziam enroscados um no outro, da cabeça até a cauda, cada um a imagem espelhada do outro, como um emblema, ela pensou, numa bandeira ou moeda. Eram muito novinhos, porque os olhos ainda não estavam bem abertos e eles nem pareciam respirar, mas palpar, leve e rapidamente, como se a perspectiva de uma vida correndo desesperados já os deixasse exaustos. Ela concluiu logo que tinham sido abandonados, embora no íntimo soubesse não ser verdade, e, portanto, cabia a ela salvá-los. Então ela os recolheu – como eram macios e quentinhos! –, fez uma bolsa na frente do seu cardigã e os transportou para casa assim, e os alojou na grama alta no canto ao lado do barril coletor de chuva atrás da casa, onde ninguém os veria. Sabia, embora sem admitir, que não os deveria ter apanhado e, quando desceu na manhã seguinte e os filhotes tinham desaparecido, teve uma crise de pânico e culpa que quase a fez vomitar ali mesmo. Tentou se convencer de que a mãe lebre tinha conseguido seguir o cheiro dos filhotes e viera apanhá-los de noite, mas não podia se forçar a acreditar nisso. Ela correu até a Toca de novo, para ver se estavam lá, mas não foi capaz nem de encontrar o ninho,

embora tivesse procurado a manhã inteira até a hora de voltar para casa para o almoço.

Ela nunca contara a ninguém sobre o incidente, e sempre que pensava nisso, o que fazia com surpreendente frequência, mesmo depois de todos esses anos, ela ainda se sentia um pouco envergonhada; mas lembrava, também, com tanta nitidez a ponto de experimentar de novo a cálida emoção de carregá-las, essas frágeis, impotentes, no entanto milagrosamente vivas, criaturas no bolsão do seu cardigã até a rua Station no silêncio da tarde de verão.

Estar com Leslie White no seu apartamento a fazia sentir um pouco essa mesma emoção. Ela sabia que era errado, e provavelmente perigoso, abrigá-lo. Ele era de um mundo do qual ela conhecia muito pouco, um mundo vergonhoso de carros esporte, drinques à tarde e negócios escusos, um mundo violento no qual uma pessoa estava sujeita a ser levada para vielas escuras por homens silenciosos, de respiração pesada, com porretes nas mãos. Ele não lhe contou nada sobre o ataque a não ser o que havia dito naquela primeira noite. Ele insistiu que não conhecia os três valentões nem sabia por que o haviam atacado. Ela não acreditou nisso. Do modo como seus olhos se desviavam dos dela enquanto o questionava, ela viu que havia coisas que ele estava lhe escondendo. Estava contente por ele escondê-las. Tinha certeza de que era melhor não saber muito sobre a conduta de Leslie White.

Phoebe tinha ido procurar o dr. Kreutz naquela noite, como ele lhe pediu. O lugar não era como ela esperava – não era um consultório médico, para início de conversa. Quando o táxi a deixou no endereço na rua Adelaide, ela teve uma sensação imediata de algo sinistro impossível de definir, que se devia, tinha certeza, não apenas ao adiantado da hora e ruas desertas. Embora já passasse da meia-noite, havia um brilho fantasmagórico no céu, mas se eram os últimos raios do dia ou a lua ainda por nascer, ela não podia dizer. Não costumava estar fora de casa a essa hora, e o mundo na escuridão parecia provisório e sem formas definidas, como se tudo estivesse no processo de ser desmontado para a noite. Acima das árvores, os lampiões brilhavam, e sombras gigantes de folhas tremiam nas calçadas. No ponto mais afastado da rua, perto do portão do hospital, um par de prostitutas flanava, as pontas dos cigarros fazendo trançados angulares nas sombras, como vaga-lumes; vendo-a hesitar no portão de ferro pintado de preto da casa, elas trocaram algumas palavras e riram, e uma delas lhe dirigiu baixinho o que pareceu ser uma pergunta, ou um convite, cujas palavras ela não conseguiu captar, o que, ela pensou, provavelmente dava no mesmo.

Não havia sinal de vida no apartamento no porão, nenhum som lá dentro e nenhuma luz na janela, mas ela mal havia tirado o dedo da campainha quando a

porta de repente se escancarou, como se movida por uma energia própria. Dr. Kreutz não acendera a luz do corredor e de início tudo que ela viu dele foi o clarão do branco dos olhos, que eram como os de um encantador de serpentes naquela selva pintada pelo Douanier Rosseau. De alguma forma, Kreutz devia saber que ela estava ali, antes mesmo de tocar a campainha. Quando ela disse o nome de Leslie White, pareceu por um momento que ele ia fechar a porta na sua cara, mas em vez disso ele saiu, puxando a porta atrás de si e segurando-a entreaberta. Este era o médico mais estranho que ela já tinha visto.

– Ele sofreu... ele sofreu um acidente – ela gaguejou. – Disse que lhe pedisse que me desse o seu remédio para ele. Disse que o senhor ia compreender.

Ele era alto e magro, o rosto mais escuro que a noite. Vestia uma espécie de túnica sem gola e, quando ela baixou os olhos, viu que estava descalço. Exalava um leve odor, também, condimentado e doce.

– Um acidente – ele disse, sem ênfase. A sua voz era profunda e inesperadamente macia e quase musical.

– Sim. – Ela estava consciente das duas prostitutas ainda observando do outro lado da rua; sentia seus olhos perfurando-lhe as costas. – Está muito ferido.

– Ah – dr. Kreutz pensou por um momento em silêncio, avaliando a importância do que ela havia dito. – Isto é muito, muito triste.

Por que ele não lhe perguntou que tipo de acidente tinha sido?

– Não sei qual é o remédio – ela falou. – Quero dizer, o sr. White não disse, só me pediu que viesse e lhe dissesse que precisava dele. – Ela estava balbuciando. Não conseguia parar. – Não tenho certeza se existe uma farmácia aberta a esta hora da noite, mas quem sabe se o senhor me der uma receita, eu posso mandar aviar em algum lugar, talvez até no hospital.

Ela deu uma meia-volta, para indicar o que estava querendo dizer, e viu com o canto dos olhos as prostitutas de pescoço esticado, curiosas. Dr. Kreutz balançava a cabeça de um lado para o outro.

– Não tem nenhum remédio – ele disse. – Você precisa lhe dizer isso: nada de remédio, nada de remédio mais.

– Mas ele está machucado – ela falou. Sentia-se prestes a chorar. Cada palavra que pronunciava caía como uma pedra no abismo sem fundo do seu calmo e aparentemente intransponível distanciamento. – O senhor não pode ajudar?

– Sinto muito, senhorita – ele disse. – Sinto muito muito. – Embora não soasse nada assim.

Um momento se passou, no qual ela não conseguiu pensar em mais nada para dizer, em seguida ele entrou silenciosamente de novo no corredor escuro, e

mais uma vez lá estava aquele lampejo de brancos faiscantes dos seus olhos, antes de fechar a porta.

Foi só ao sair que ela viu a placa no gradil com o seu nome. “Cura Espiritual” – o que era isso, exatamente, ela se perguntou.

Leslie estava deitado no sofá onde o deixara, cochilando, a cabeça toda torta apoiada nas almofadas. À luz da lâmpada elétrica sobre o aparador, o seu rosto contundido parecia mais inchado que antes, com hematomas vermelho-púrpura reluzentes; parecia uma peça na vitrina de um açougueiro. Quando ela lhe contou o que dr. Kreutz tinha dito, que não haveria mais remédios, ele cobriu os olhos com a mão e virou o rosto, seus ombros começaram a tremer e ela percebeu que ele estava chorando. Fosse lá o que ela esperava, não eram lágrimas. Estendeu a mão para tocá-lo, mas recuou. De repente havia um abismo entre eles, uma distância que não era grande, mas enorme, imensuravelmente profunda. Ela pensou de novo nos filhotes de lebre. Estava acontecendo com ele o mesmo que acontecera com os bichinhos: ela era de uma espécie diferente. Virou as costas, entrou no quarto e deixou-o ali, chorando lágrimas desoladas numa almofada forrada de veludo cotelê.

Nos dias que se seguiram, essa sensação de diferença e distância nunca a abandonou totalmente. Mesmo assim, ela cuidou dele o melhor que pôde com ternura e zelo. Achava que era assim que uma autêntica enfermeira diplomada – na infância, ela sonhava ser enfermeira quando crescesse – faria o seu trabalho, atenciosa, mas impessoal. De manhã, ela tentava que ele fizesse a primeira refeição, uma tigela de cereal ou uma fatia de torrada com chá, mas ele não queria comer nada. Na hora do almoço, ela voltava para conferir, e ao anoitecer subia correndo as escadas, preparando um sorriso para ele antes de se precipitar porta adentro, esperando que ele tivesse ido embora.

– Ora, srta. Nightingale – ele resmungava. – É você.

Ela podia ver que ele não sofria apenas das contusões, mas que havia uma outra angústia, mais profunda. Não sabia que tipo de remédio ele havia esperado do dr. Kreutz. Nem perguntou, em parte porque uma voz dentro dela a advertia de que era melhor não saber. Ela pensou no início que ele podia ser diabético e que era de insulina que precisava, mas com o passar dos dias ficou evidente que não era esse o caso. Ele sofria de violentos acessos de febre e ficava horas tremendo, deitado, olhando para o teto, com os dentes cerrados e uma película de suor sobre a testa e no lábio superior. Tinha tirado o terno sujo e rasgado e vestia o robe dela – ou de Sarah –, de seda com os dragões e pássaros, fechado frouxamente sobre o seu peito côncavo e pálido. Ela pegou as coisas dele, a camisa e as roupas de baixo, e as lavou na pia do banheiro, evitando olhar para

quem sabe que variedade de manchas. Nunca haviam lhe pedido para lavar as roupas de outra pessoa.

O extraordinário, entretanto, era como ela estava adaptando-se sem muita dificuldade a esta presença masculina indesejada nos seus domínios até então solitários. Ela não parava de se dar conta da estranheza dele, do que ele era, como era diferente dela, mas até com a diferença e com a estranheza ela se acostumou. Realmente era como se uma criatura delicada, meio selvagem, ferida, tivesse se apegado a ela e se colocado aos seus cuidados. Ela se sentia como uma daquelas damas bordadas numa tapeçaria com um unicórnio aos seus pés. Nem se lembrava direito de como tinha sido quando estavam juntos na cama naquela tarde, e os detalhes de que podia se recordar pareciam mais um sonho que realidade.

Ela tentou convencê-lo a deixá-la chamar um médico, um médico de verdade, desta vez, mas ele emitiu um som que era meio resmungo, meio risada, abanando a mão longa, pálida e desossada na sua direção. “Nada de charlatões!”, ele exclamou num tom de exagerada e cômica aflição. “Nada de charlatões, pelo amor de Deus!” Ele disse que sabia que não tinha quebrado nada; suas costelas doíam, mas estavam firmes, ele tinha certeza disso. Quando ela o ajudava a ir ao banheiro, sentia como se estivesse sustentando um saco de caniços. Mas para sua surpresa e leve consternação, era a sua própria fragilidade, a sua insubstancialidade, que ela achava mais excitante. O que isso significava? Era, ela lembrou a si mesma, uma nova paisagem na qual havia se aventurado. Nunca vivera em íntimo contato com um homem antes que não fosse um parente. Propinquidade, essa era a palavra, soando como o nome de um pecado reservado saído do livro de catecismo: até então não ela tinha vivido em propinquidade com um homem. Sorriu para si mesma e deixou escapar um leve, involuntário e felino som no fundo da garganta. Sim, isto era pecado, a verdadeira coisa finalmente, e inesperadamente. Uma noite quente e abafada quando estivera deitada pelo que pareciam horas insones na cama, com o lençol atirado de lado, ela se levantou com os primeiros clarões acinzentados da alvorada, foi para a sala de estar e se deitou com a sua combinação úmida ao lado dele no sofá, e ele acordou, murmurou alguma coisa e se virou, resmungando um pouco, pegou-a nos braços e ela sentiu o calor da pele dele machucada queimando contra a sua, ela fechou os olhos, abriu os lábios e se ouviu gritando, como se ela é quem estivesse sofrendo.

Ela ainda não conseguia fazer com que ele se alimentasse direito. Ele subsistia principalmente de biscoitos Garibaldi – eles a faziam lembrar de papéis pega-moscas – e gim Gordon’s, quatro garrafas para o mesmo número de dias.

Depois da primeira, que ela conseguiu no pub no final da rua, ela teve de ir cada vez mais longe para comprar substituições, com medo de que indo sempre ao mesmo lugar pudesse ser denunciada à polícia como uma bêbada perigosa. Ele tinha desejo de coisas doces de todos os tipos: bolo, chocolate, bombons cobertos de açúcar. Mandava ela sair para comprar balas de caramelo e chupava-as o dia inteiro, como uma criança.

Ela sentia medo dele? Sim, sentia. Mesmo quando o segurava, queimando, abraçado com ela, as mãos dele nos seus cabelos e a boca na dela, e gotas de suor pingando entre os seus seios, ela podia sentir o seu medo, ela podia quase ouvi-lo, uma espécie de zumbido agudo dentro dela. Ele não era fisicamente forte, ela sabia, e a surra o deixara mais fraco, mas com frequência não eram os mais fracos os mais perigosos? Ela pensava em Laura Swan e a via flutuando morta sob a água suja, cor de bile, os longos e espessos cabelos agitando-se ao redor do rosto desfigurado como copas de algas marinhas castanho-avermelhadas.

Ela foi ver Rose Crawford no Shelbourne. Sabia que não podia lhe contar sobre Leslie White – ninguém poderia saber disso –, mas só de estar na presença dela já era um conforto, e acalmava por algum tempo a sua mente acelerada e confusa. Rose, ela sentia, não a julgaria se lhe revelasse o seu segredo; Rose, do seu jeito casualmente amoral, compreenderia Leslie.

Elas almoçaram juntas no grill-room do hotel.

– Parece que a única coisa que eu faço aqui é me sentar e comer – Rose disse com um suspiro de exaustão. – Mal acabei de tomar o café da manhã e parece que já é hora de almoçar, depois tem o chá da tarde e então – ela franziu o rosto e imitou o baixo retumbante do chefe dos garçons – “jantar, madame!” – Ela sorriu. – Ah, minha querida, não envelheça.

– Você não é velha – Phoebe disse.

– Mas não sou jovem tampouco, o que parece quase pior, de certo modo. Está vendo aquele homem ali, o que está almoçando com a tia rica?

Phoebe olhou. O homem, de risca de giz e sapatos de couro rústico feitos à mão, era grande e de rosto corado, os cabelos repartidos ao meio e penteados para trás em duas pontas frouxas de cada lado da cabeça. A mulher na sua frente era pequenina e corcunda, os talheres nas suas garras trêmulas, manchadas, retiniam ao tocar no prato.

– Você o conhece?

– Não – Rose disse. – Mas sei reconhecer um sobrinho atento e esperançoso. A questão é, quando entramos aqui ele se virou para olhar para nós. Ou, melhor, para você. Seu olhar deslizou por mim sem nem piscar. – Ela fez uma careta. –

Nem sempre foi assim, minha querida.

Rose pediu linguado para as duas, e uma garrafa de Chablis. O sol passando pela janela fazia a toalha de linho na mesa brilhar como tecida em prata e depositava uma manchinha incandescente na borda de cada taça de vinho.

– Onde está esse seu pai? – Rose perguntou. – Esperava que ele me desse atenção, mas não o vi mais desde o dia em que cheguei. O que ele pensa que eu faço sozinha o dia todo? Não conheço ninguém nesta cidade.

– Por que ficou?

Rose arregalou os olhos em exagerada surpresa.

– Ora, minha querida! Quer se livrar de mim?

– Claro que não. Só...

– Ah, você está certa; por que fiquei? Não sei. De alguma forma, o seu paizinho sombrio está me conquistando. Não sabia que era masoquista.

Phoebe sorriu um de seus sorrisos fantasmagóricos, melancólico.

– É por causa de Quirke que você ficou?

Rose não olhou para ela.

– Vou ignorar isso, senhorita – ela disse.

O garçom apareceu e, com um floreio, apresentou a garrafa de vinho para Rose examinar, como um mágico mostra um pombo ao se preparar para fazê-lo desaparecer. Depois que ele serviu e desapareceu, ela ergueu a sua taça contra a luz e perguntou, no seu sotaque indolente:

– O que está pretendendo, mocinha?

Phoebe teve de morder o lábio para não mostrar os dentes como uma idiota. É assim que a gente deve se sentir grávida, ela pensou, a mesma sensação quente, reservada, emocionante, de estar o tempo todo prestes a transbordar. Ela olhou com ar inocente.

– Pretendendo?

– Sim. Não tente me enganar. Você está tramando alguma coisa. Tenho certeza.

– Como? Como você pode ter certeza?

Era impossível conter a ansiedade na sua voz. Se Rose pudesse adivinhar o seu segredo, não seria culpa sua, ela não seria a traidora, e aí poderiam conversar.

– Ah, não sei – Rose disse. – Você tem um brilho; não, um fulgor. Tem uma luz maliciosa nos olhos. Acho que está tendo uma caso, não está?

Phoebe baixou os olhos para a mesa. Não corava com frequência, mas sentia que talvez estivesse corando agora. Ficou feliz quando os linguados chegaram,

nadando em manteiga queimada em travessas ovais de peltre. Ela não ligava para peixe, mas Rose, no seu jeito suavemente autoritário, não a consultara antes. Tanto fazia: Phoebe raramente almoçava, e com toda probabilidade não iria comer este peixe. Ela deu um gole no Chablis e o sentiu subindo logo à cabeça, como um raio de luz amarelo-limão.

– Houve uma coincidência – ela disse, medindo as palavras.

– Uma coincidência? O que quer dizer?

– Alguém que Quirke conheceu foi procurá-lo e lhe pediu para não realizar uma autópsia.

– Não realizar?

– Sim.

– Em quem?

– Na mulher dele. Na mulher deste homem. Ela morreu.

– Sim, isso eu entendi, para se fazer ou não uma autópsia. Quem são estas pessoas?

– Não importa. Apenas... pessoas. Eu conhecia, a mulher... quero dizer, eu não a conhecia, mas... Ela tinha um salão de beleza; eu comprava algumas coisas com ela.

– Que tipo de coisas?

– Só creme para o rosto, loção para as mãos, você sabe. E então... – Ela parou. Teve uma sensação de queda impotente, lenta, não totalmente desagradável, como num sonho. Sua mão tremia, ela notou, teve medo de que, se deixasse, a sua faca, também, como a velhinha, matraquearia no ridículo prato de peltre. – Ela se matou – disse. – Como soou rígido, casual. Ela costumava pensar na morte como uma coisa misteriosa, mística; não mais.

Rose parou de comer e a observava com um olhar vivo, como um passarinho; Rose reconhecia o momento em que uma simples conversa se transformava em outra coisa.

– Phoebe, Quirke se envolveu em mais confusão?

Phoebe estranhou quando foi a última vez, se é que isso aconteceu, que ela ouviu Rose chamá-la pelo nome? Mas refletiu, Rose não estava realmente em termos de primeiros nomes com o mundo em geral. Ela não tinha entendido; não era Quirke que estava metido numa confusão. Ela ergueu a taça e olhou para ela, mas não bebeu. Rose ainda a observava com um olho de ave de rapina.

– Confusão? – ela disse. Não, não penso que Quirke esteja com problemas.

O garçom untuoso apareceu furtivamente e completou as taças, e, quando ele se foi, Rose, sem olhar para ele, dispensou-o com um piparote impaciente do

dedo indicador. Deu um gole no vinho. O brilho de preocupação no seu olhar estava desaparecendo, e de repente Phoebe soube, de repente e com certeza, que Rose estava mesmo apaixonada por Quirke. Surpreendeu-se por não estar surpresa.

– Você mencionou uma coincidência – Rose disse.

– Esta mulher, a que morreu, Laura Swan, eu conheci o parceiro dela, também.

– Que tipo de parceiro?

– Era sócio dela, no salão de beleza. Chama-se Leslie White. – Sua voz tremeu ao dizer isso? Ela se apressou. – Quirke parece pensar que houve algo de estranho, quero dizer alguma coisa estranha na morte dela, de Laura Swan, ou no fato de o marido ter ido procurá-lo...

Ela recuou em silêncio. Sua voz deve ter estremecido ao pronunciar o nome de Leslie, pois a atenção de Rose veio à tona.

– Leslie White – ela disse devagar, olhando para Phoebe, e cantarolou baixinho com os lábios franzidos. – É assim que se chama a sua aventura?

– Ah, não, não. Não, quero dizer, ele, isso é, Quirke, ele... parece não deixar nada em paz.

Rose concordou.

– Verdade.

E voltou a sua atenção para o prato, espetando um fragmento de peixe. Phoebe observou com peculiar fascínio o pedaço de carne branca com seus filamentos partidos de veias rosa forte passando pela boca pintada, vermelho sangue, de Rose. Havia minúsculas estrias sobre o seu lábio superior, como se a pele ali tivesse sido alinhavada em toda a extensão com um fio maravilhosamente fino, transparente.

– Como estão as coisas, entre você e o seu pai? – ela quis saber.

Phoebe sempre experimentava uma pausa, um tropeção mental, quando ouvia alguém se referir a Quirke como seu pai.

– Tudo bem – ela disse num tom neutro. – Ele paga o meu jantar uma vez por semana.

– E toma o seu copo de vinho. – O sorriso de Rose era tão seco quanto o Chablis.

– Nossas vidas realmente... não se cruzam – disse Phoebe olhando de novo para o seu prato.

– Humm. Exceto quando há uma coincidência, como esta com... Como é mesmo o seu nome? Leslie o quê?

Phoebe, olhando resolutamente para baixo, não respondeu. Rose cruzou os talheres no prato, debruçou-se com os cotovelos sobre a mesa, fechou uma mão na outra e pousou os lábios por um momento contra o nó de um indicador.

– Você soube – perguntou devagar – o que aconteceu naquela época, em Scituate, e antes disso, aqui, em Dublin? Sobre o juiz Griffin e o seu pai, Quirke quero dizer, e a moça que morreu, esqueci como ela se chamava, também.

– Christine Falls – Phoebe disse, surpreendendo-se, como tinha se lembrado com tanta certeza e tão rápido?

– Bem, então, obviamente você soube – Rose disse. – Quem lhe contou?

– Sarah.

– Ah.

– Mas eu tinha adivinhado muita coisa.

– Sabe que Quirke tentou destruir a carreira do Juiz? O seu avô, que acabou de morrer?

– Sim. Sei. Mas foi tudo abafado.

Rose torceu o nariz.

– E bem rápido, também. Foi um negócio desagradável. Por isso eu lhe perguntei se Quirke estava se metendo em mais confusões. Acho que ele ainda está um pouco magoado com tudo aquilo – não gostaria de pensar que ele está se deixando envolver de novo, em algum novo escândalo. Ele não é exatamente o cavaleiro da armadura reluzente que pensa que é.

Uma brisa suave soprou sobre as duas vindo da janela alta, aberta, ao lado da mesa, trazendo um perfume de árvores e grama do parque do outro lado da rua, e o fedor de feno seco do ponto onde os cocheiros com suas cartolas amarrotadas aguardavam à espreita de turistas com dinheiro.

– Você devia perdoá-lo, sabe – Rose disse.

Phoebe olhou para ela firme.

– Ah, sei que não é da minha conta. Mas, minha querida, você deve isso a si mesma, se não for a ele. – Ela olhou animada, sorrindo. – Não acha?

Phoebe continuou calada, e Rose sacudiu os ombros de leve.

– Bem, agora – disse –, por que não saboreamos um pedaço deste bolo de morangos que parece uma delícia, e depois vamos dar uma volta no parque ali adiante?

– Tenho de voltar para o trabalho – Phoebe disse.

– Não pode tirar uma folga, para passear com a sua velha avó madrasta solitária?

Às vezes, por nenhuma razão aparente, Rose exagerava o seu sotaque

confederado, enquanto ria de si mesma, uma improvável beldade do sul. Phoebe fez que não. Rose suspirou, ergueu suas finas sobrancelhas traçadas a lápis.

– Bem, então, toma um café pelo menos, e ficamos quites. – Ela examinou a jovem na sua frente por um momento, a cabeça inclinada num ângulo irônico. – Sabe, minha querida – ela disse, no tom mais amigável possível –, acho que você não gosta muito de mim.

Phoebe refletiu.

– Eu a admiro – disse.

A isso, Rose jogou a cabeça para trás e riu, um som nítido, quebradiço, argentino.

– Ah, que coisa – ela disse. – Você, sem dúvida nenhuma, é filha do seu pai.

Ela não foi direto para a loja, mas atravessou o Green, subiu a rua Harcourt e entrou em casa no silêncio do início da tarde a que não estava acostumada. Hoje ela não subiu correndo as escadas, mas arrastou-se passo a passo, agarrada ao corrimão. De alguma forma, ela sabia, mesmo antes de abrir a porta do apartamento, que Leslie tinha ido embora. O cobertor e a almofada ainda estavam no sofá, e havia papéis vazios de balas no tapete. E o copo de gim e um exemplar amassado do Mail do dia anterior estavam sobre a mesinha. Ela ficou ali parada por um longo tempo, a mente aos poucos se esvaziando, como um bueiro. Ela viu de novo os filhotes de lebre ofegantes no seu ninho de grama. Nenhuma raposa ou doninha teria levado Leslie; isso, pelo menos, embora quem sabe que outros perigos estariam aguardando por ele. Ela se ouviu soluçando, quase superficialmente, ouviu como se estivesse distante, como se não fosse ela, mas alguém num quarto ao lado. Colocou a bolsa sobre a mesa ao lado do copo – ainda tinha uma gota azulada no fundo –, depois se deitou no sofá, ajustando a cabeça na forma que ele havia deixado na almofada e puxou o cobertor até o rosto, fechou os olhos e se entregou, quase com luxúria, às lágrimas.



Eles sabiam, sem a menor dúvida, que iam se encontrar de novo. Quirke aguardou dois dias depois da primeira visita antes de lhe telefonar. Quando pegou o fone, percebeu uma trêmula sensação na região do diafragma, que o fez parar. No que estava embarcando aqui, e onde terminaria a viagem? Era, por natureza, prudente em questões do coração. Não é que, depois de Delia, este órgão tivesse sofrido outra vez um sério dano, mas ele preferia evitar o risco, agora que tinha cruzado são e salvo o meio caminho da sua vida. A sua própria hesitação o deixava ainda mais hesitante. Era evidente, como esse tremor interno de alerta estava lhe dizendo, que Kate White oferecia mais que a perspectiva do que ele tinha o hábito de pedir de uma mulher. Lentamente ele recolocou o fone no lugar e respirou fundo. Junho já ia avançado, uma tarde de domingo, e o pedaço de céu que ele podia ver entre os telhados, debruçando-se e forçando a vista pela janela da sua sala de estar, era de um azul-cobalto, quente e claro, que parecia o próprio tom de todas as possibilidades do verão. Ele evocou o sorriso triste, lacrimoso de Kate. O que ele perderia que tivesse um peso maior do que poderia ganhar?

Ele pegou o fone e discou.

Ah, poderia perder muito, muito.



Eles fizeram uma viagem até Howth juntos. Quirke tinha sugerido; tinha um pub no lugarejo onde ele costumava beber que disse achar que ela gostaria de conhecer. Nenhum dos dois havia levantado a questão maior do que poderia ser feito com o resto da noite. Ele chegou de táxi na avenida Castle e se espantou de novo com a feiura impassível, quadrangular, da casa, com suas grandes janelas fulgurantes, as persianas de tabuinhas e os tijolos da cor de sangue ressecado. Achava difícil imaginar Leslie White ali, voltando para casa depois de um dia de muito trabalho administrando os negócios do Cisne de Prata e se acomodando depois do jantar com seus chinelos e o jornal. Mas tinha sido Leslie, segundo sua mulher, que havia escolhido a casa, quando alguém que ele conhecia nos salões de cabeleireiro o convenceu a isso. “Acho que ele pensou que seria o tipo de

coisa de que eu ia gostar”, Kate havia dito, fazendo uma careta de palhaço. “Ele tem um péssimo gosto e imagina que eu compartilho isso com ele. Coitado do Les.”

Ela veio abrir a porta cheirando a sabonete de limão. Tinha tomado banho. Quando viu quem era, inclinou a cabeça de lado e ficou olhando para ele por um momento em silêncio, sorrindo.

– É sina – ela disse. – Obviamente.

Seus cabelos hoje estavam amarrados atrás das orelhas com uma fita preta, e ela não usava maquiagem, exceto um batom. Seu vestido era amarelo-claro estampado com grandes chapiscos azuis na forma de centáureas gigantes.

– Como está o corte? – ele perguntou.

– O quê? Ah – Ela ergueu o polegar para lhe mostrar o disquinho de esparadrapo. – Sarando bem. Você devia estudar medicina.

Ela o convidou a entrar por um momento enquanto ia pegar a bolsa. Ele aguardou no corredor e uma sensação de desconforto brotou na sua pele como suor; as casas das outras pessoas, o modo de se arranjar para viver, sempre o incomodavam. Quando Kate voltou, ele viu que ela, também, estava constrangida – estaria ela tendo segundas intenções a respeito de Howth, e dele? – e evitava olhar para ele diretamente. O taxista, curvado como um sapo por trás do volante do carro, olhou-a com desdenhosa lascívia quando ela chegou na calçada, o vestido leve rodopiando nas pernas.

– Ah, de táxi não – ela disse. – Vamos de ônibus. Estou num estado de espírito democrático hoje.

Quirke não protestou. Pagou o motorista, que disparou do meio-fio num ressentido rosnado de fumaça do cano de descarga. Eles começaram a descer a ladeira juntos até a orla. Para Quirke, havia algo ao mesmo tempo sonhador e puro nas tardes de verão; elas pareciam a própria definição de clima, luz e tempo. A rua ensolarada diante deles estava vazia. Pesadas folhagens de lilás pendiam das paredes do jardim, as folhas polidas misturando o seu leve e nítido perfume com o cheiro de sal do mar. Eles não falavam, e quanto mais durava o silêncio entre eles, mais difícil era de quebrar. Quirke sentia-se leve e agradavelmente ridículo. Isto só podia se chamar de um encontro, e ele não se lembrava de quando fora a última vez que isso lhe acontecera. Estava velho demais, ou pelo menos não tão jovem, para esse tipo de passeio. Achava isto inexplicavelmente animador.

O andar de baixo do ônibus estava cheio de famílias barulhentas, cercadas de varas de pesca e pás de areia, saindo para passar uma longa tarde de verão no mar. Eles subiram os estreitos degraus em caracol até o andar superior. Kate ia

na frente e Quirke, o cavalheiro, tentando não olhar para o traseiro dela. Ele encontrou um lugar para os dois na frente. O céu estava claro, uma superfície azul lisa e reta ao longo da sua margem inferior até o horizonte, onde havia uma forte brisa e a luz carregada de sal sobre a baía tinha um tom de equimose. Diante deles, Howth Head era uma corcova baixa, verde-oliva, salpicada de explosões de tojo amarelo.

Kate foi a primeira a falar:

– Você está muito elegante.

Surpreso, ele baixou os olhos para se ver, em dúvida, examinando a camisa azul-clara, o terno cinza-claro, os sapatos de camurça – ele nunca tinha certeza a respeito de sapatos de camurça. Lembrou-se de Leslie White descendo a esquina de Duke Lane, com aquele capacete de cabelos prateados, aqueles pulsos sem ossos. Leslie teria nascido para usar sapatos de camurça. Kate deu um risinho.

– Desculpe – disse –, vejo que o deixei encabulado. Estou sempre fazendo isso, deixando as pessoas constrangidas e sem jeito e me odiando por isso.

Em Howth, o ônibus parou na estação de trem, eles caminharam ao longo do calçadão e viraram para a rua Church. A Cock Tavern estava na penumbra e ligeiramente úmida. Uma única lâmina tremeluzente de luz do sol caindo de viés da tira sem pintura do topo da janela inseria-se em ângulo no centro do piso. Três bonés de críquete empoeirados estavam espetados numa tábua na parede, e havia um mapa da costa nas redondezas com todos os faróis assinalados. Eles se sentaram numa mesa baixa perto da porta de entrada de onde pudessem ver a luz do sol na rua. Quirke bebeu um copo de suco de tomates e Kate, um Campari com soda. Através do tecido do seu vestido, ele podia perceber as faixas largas do arremate das suas meias e a marca de um fecho da liga. Ele aprovava o seu modo de se vestir, as liberdades a que se permitia; as mulheres a que estava acostumado usavam roupas demais, cintos e alças, espartilhos, cintas de borracha, e vinham se arremessar nos seus braços com todo o volumoso rufar e tensão de um veleiro totalmente equipado no velho estilo.

– Eles moravam não muito longe de nós, sabe – Kate disse de repente, a conclusão, pelo visto, de uma longa e sombria cadeia de pensamentos.

Ele olhou para ela, que passava pensativa a ponta de um dedo pela borda do copo.

– A vaca e o marido dela. Laura Swan, quero dizer. Suponho que ele ainda more lá. Uma dessas ruas de pequenas casas geminadas de tijolos vermelhos perto da St. Anne. O auge da respeitabilidade, como ela deve ter dito a si mesma, tenho certeza. Estou vendo patos de gesso voando na parede e uma capa felpuda sobre a tampa da privada. Pensar no meu Leslie ali, enroscando-se com ela de

tarde sob o seu edredom de cetim cor-de-rosa. Ah, sim, ela deixava que ele a procurasse, aparentemente, enquanto o marido estava viajando. Deus, é tão humilhante. – Agora ela olhava para ele. – Como ele pôde fazer isso?

Quando eles terminaram os seus drinques, atravessaram a rua e desceram os estreitos degraus de concreto entre as casas até a rua Abbey e o porto. No píer a oeste, marinheiros de tamancos e aventais manchados embalavam arenques salgados em barris de madeira com aros de ferro. Mais adiante, uma turma de pescadores consertava uma imensa rede de pesca esticada entre mastros, sugerindo vagamente tocadores de harpas na sua destreza, as longas braçadas alongando-se e retraindo. Havia outros casais como eles, passeando na atmosfera clara, cheirando a iodo, da noite. Um cão de dentes arreganhados passou correndo pela beirada do píer, latindo furiosamente para as gaivotas que dançavam entre os barcos nas águas oleosamente oscilantes, iridescentes, do porto. Quirke acendeu um cigarro, parando para virar de lado e proteger com as mãos o isqueiro e a chama. Eles continuaram andando. Kate pegou no seu braço e se encostou mais nele, e ele sentiu a firme quentura do quadril dela e o aclave de um seio na sua fresca taça sedosa.

– Me diz alguma coisa – ela disse.

– O quê?

– Qualquer coisa.

Ele pensou por um momento.

– Vi o seu marido – ele falou.

Ela enrijeceu-se, ainda apoiando-se nele, e de repente pareceu toda ossos e ângulos.

– Onde?

Ele sacudiu os ombros.

– Na rua.

– Você o conhece? Quero dizer, encontrou-se com ele?

– Não.

– Então como sabia que era ele?

Ele hesitou, e então disse:

– Ele estava com minha filha. Ou tinha estado.

Ele não sabia por que havia lhe contado isso. Não tinha certeza nem se pretendia fazer isso. Pensou que talvez fosse porque, por um breve momento, ali no cais, com os casais passeando, o cão latindo, e esta luminosa, plena, ardente mulher apoiada em seu braço, tinha-lhe parecido haver a possibilidade de ser feliz. Pois

ali estava uma outra versão dele, uma personalidade dentro de outra, descontente, vingativa, sempre pronta para provocar, a que ele dava o nome de “Carricklea”. Com frequência, ele se via recuando, aparentemente impotente para intervir, quando esse outro eu dentro dele se dispunha a fomentar uma nova enormidade. Carricklea não poderia se satisfazer com a mera felicidade ou a insinuação de felicidade. Carricklea tinha de espetar uma vareta no olho desta bela, inocente, azul e dourada noite de verão que Quirke estava passando à beiramar na companhia de uma simpática e, provavelmente disponível, mulher. Carricklea não tinha encontros, não de boa vontade, e agora, quando a tinha forçado a isso, estava garantindo a sua vingança.

A viagem de volta foi carregada e muda. Era assim sempre quando Carricklea se comportara da pior maneira, uma mortalha de rancoroso silêncio cobrindo tudo, e tudo concernente quente, de lábios cerrados e sinistro. Quirke havia chamado um táxi do lado de fora da estação, e desta vez ela não protestou. No banco detrás, eles se sentaram lado a lado, mas separados, Leslie White e as muitas coisas a ele vinculadas sentadas entre os dois, invisíveis, mas palpáveis demais. Kate estava mergulhada em seus pensamentos; era quase possível escutar as catracas da sua mente encontrando-se e girando. Ele já tinha lhe falado a respeito de Phoebe antes? Tinha pelo menos mencionado o seu nome? Ele achou que não. Por que então ela o estava enchendo de perguntas? Pela janela ao seu lado, ele observava as fachadas empoeiradas, resistentes ao sol, de Raheby e Killester deslizando por eles, e suspirou. As perguntas, ele tinha certeza, viriam. Era com as perguntas que a sua mente se ocupava, até agora.

Na porta da casa, na avenida Castle, ambos hesitaram, e então Kate, sem olhar para ele, perguntou se gostaria de entrar, e ele acabou se vendo sentado, constrangido, entre os móveis em forma de cubo do – como ela havia chamado – o estúdio, fumando um cigarro e bebericando uma xícara de café que, para ele, não tinha gosto nenhum. Ele observou Kate fazendo as coisas que todas as mulheres pareciam fazer em momentos como este, afofar vigorosamente uma almofada, recolher um grampo no tapete, parar na frente de uma janela e franzir a cara para o jardim como se houvesse ali algo gravemente errado que só ela podia ver. Finalmente, irritado com o peso do silêncio na sala, ele depositou a xícara de café na mesinha de vidro ao seu lado e disse: – Olhe, sinto muito.

Ele havia decidido que, se ela fingisse não saber do que ele estava se desculpando, ele ia se levantar e sair na mesma hora. Mas ela só disse: – Sim. – Vagamente, deixando a sua voz se extinguir.

Então, despertando de repente, ela se sentou do lado oposto ao dele no sofá branco, os ombros encurvados e as mãos apertadas uma na outra sobre os

joelhos, e ficou olhando para ele demoradamente, sustentando a cabeça de lado daquele seu jeito, como se ele fosse um exemplar, um espécime raro, especial, até agora desconhecido, que lhe haviam mandado para avaliar.

– Por que veio aqui, naquele dia? – ela perguntou calmamente, num espírito de pura indagação, poderia ser, sem nenhuma sugestão de desafio ou ressentimento que se pudesse detectar no seu tom. – Você estava querendo o quê, realmente?

Ele não hesitou:

– Não sei. – Era verdade. – Eu lhe disse, sou curioso.

– Sim, isso você disse. “Sofro de uma curiosidade incurável”, essas foram as suas próprias palavras.

– E você não acreditou em mim.

– Por que não acreditaria em você? Além do mais, eu estava 75 por cento bêbada. Não fosse isso, estou certa de que não o deixaria entrar em casa.

Ele desviou os olhos do seu olhar incomodamente escrutinador. Estava ficando tarde e o ar no jardim tinha se transformado num cinza luminoso. Tudo lá fora parecia tocado por uma inexplicável, doce melancolia, como num sonho. Ele pensou em Deirdre Hunt morta sobre a lousa, o peito cortado e dobrado para trás de ambos os lados como abas de um paletó esfarrapado e grotescamente volumoso, manchado de sangue.

– Não é apenas curiosidade. – Ele parou. – Uns dois anos atrás – disse lentamente –, eu me envolvi em algo que nunca terminou.

– Que tipo de coisa?

– Ah, um escândalo. Uma moça morreu, e aí outra foi morta. Pessoas próximas a mim estavam envolvidas. O caso foi abafado logo depois.

Ela esperou. Ele procurou nos bolsos a lapiseira, mas aí lembrou que aparentemente a tinha perdido, em algum lugar, não sabia como.

– Entendo – ela disse.

Ele a estudou. Ela entendia? Via?

– Você farejou outro escândalo, e desta vez queria ter certeza de que não seria abafado, mas escancarado. É isso?

– Não. O contrário.

– O contrário?

– Quero que isso permaneça oculto.

– Isso?

– Seja o que for. Quem quer que esteja envolvido.

– Por quê? Por que quer que fique oculto?

– Porque estou cansado – ele deu de ombros –, estou cansando de lidar com a imundície dos outros. Passei a minha vida inteira imerso até os cotovelos nos segredos dos outros, nos seus pecadilhos sujos. – Ele olhou para a janela de novo e para a luz acinzentando-se. – Uma das primeiras autópsias que realizei foi numa criança, um bebê, seis meses de idade, 1 ano, não lembro. Tinha sido espancado até ficar todo preto e azul, depois estrangulado. As impressões digitais dos polegares do pai estavam na sua garganta. Não só a marca dos polegares dele, mas as impressões reais, gravadas na pele. – Ele parou. – Que importa o que as pessoas fazem? Quero dizer, o que está feito está feito. Eu prendi aquele filho da mãe por estrangular o filho, mas isso não trouxe a criança de volta. – Ele parou de novo, e tocou a testa com a mão. – Não sei o que estou querendo dizer. Olhe – ele se levantou de repente –, preciso ir.

Ela não se mexeu, mas olhou-o bem nos olhos dele.

– Gostaria que ficasse.

– Não posso.

– Não é um convite que faço a todos os homens estranhos que aparecem por aqui fazendo perguntas misteriosas.

Ele não disse nada. Estava se dirigindo à porta. Mesmo assim, ela ficou onde estava, sentada na beira do sofá com as mãos apertadas uma na outra e pousadas sobre os joelhos. Ele foi para o corredor. O chapéu estava num cabide atrás da porta. Ele o pegou e passou um dedo pela borda. A garganta estava contraída, como se alguma coisa estivesse crescendo dentro dele, uma bolha de bile. Por que Phoebe estivera com Leslie White? Essa era a pergunta que ele queria fazer. Mas a quem ele poderia perguntar isso, quem teria a resposta? Quando se virou, Kate estava de pé no vão da porta atrás dele, exatamente como estivera na primeira vez que ele a viu, um braço erguido contra o umbral e a cabeça inclinada de lado.

– Se você sair – ela disse –, não vou pedir que volte.

Ele ainda estava dedilhando o chapéu. Ela virou a cabeça violentamente de lado, como fosse cuspir.

– Ah, então vai.

Ele caminhou até a orla, atravessou a rua e parou na murada. O dia estava para terminar e o mar estava esmaltado com riscas cor de safira, verde alho-poró e cinza lavanda sob uma cúpula celestial violeta. Do outro lado da baía – era Dun Laoghaire? –, as luzes tremeluziam, e mais ao longe as montanhas tinham perdido uma dimensão e pareciam pintadas num plano só, como num pano de fundo. Vagos grupos acastanhados de nuvens abraçavam o horizonte, onde a

noite se formava. Seus pensamentos eram um espaço vazio, não havia nenhum pensamento. Ele tinha a sensação de estar sendo despojado, despojado não de uma coisa definida, mas em geral. Mas o que tinha perdido? O que tinha existido para ele perder? Uma luz piscou lá longe no mar: um barco, um farol? Ele se virou e caminhou de volta sobre a margem gramada da rua.

Quando ela abriu a porta, estava usando uma camisola de algodão azul e estava descalça. Não se mostrou surpresa por encontrá-lo ali. Disse: – Sina revisitada. – Não sorriu. – Ia tomar um banho.

– Pensei que já tivesse tomado antes – ele falou.

– Tomei. Ia tomar outro. Mas agora não vou.

Ele se sentou à mesa da cozinha, fumando, enquanto ela cozinhava. A janela por cima da pia ficou acetinada com a escuridão. Ela lhe serviu costeletas de carneiro, tomates, aspargos e maionese. Ele perguntou por que ela não estava comendo e ela respondeu que já tinha comido, e embora ele não acreditasse, não falou mais nada. Deixou seus pensamentos vagarem. Estava tomado de uma estranha letargia; era como se tivesse viajado muito para chegar até esse lugar, este aposento, esta mesa. Ele comeu com escasso prazer. Comida que outra pessoa tivesse preparado, preparado assim, numa cozinha e não num restaurante, sempre tinha um gosto estranho para ele, não como comida de verdade, embora soubesse que devia ser mais saborosa do que qualquer outra coisa que ele comesse em outros lugares, certamente mais do que as coisas que preparava para ele mesmo. Moly – era essa a palavra? Manjar dos deuses? Não, ambrosia. Kate sentou-se do outro lado da mesa e o observou com matronal concentração enquanto ele comia, obstinadamente consumindo a carne, a polpa vermelha dos tomates, as flácidas hastes verdes. Quando ele terminou, ela pegou o prato e o colocou na pia, e de costas para ele disse: – Vem para a cama.

– Ah – ela gritou, e rolou a cabeça no travesseiro para um lado e depois para o outro, mordendo o lábio inferior. Quirke avultava sobre ela à luz das estrelas, movendo-se gigantesco. – Oh, Deus.

De madrugada eles desceram e se sentaram de novo à mesa da cozinha. Kate tinha se oferecido para fazer mais café, mas Quirke recusou. Estava descalço agora, como ela, e vestia apenas a camisa e as calças; no quarto de dormir, ela lhe trouxera o robe de Leslie White, mas ele olhara firme para ela e ela dissera: “Desculpe”, e o colocara de volta no cabide. Agora na cozinha, a noite azul-escura pressionava-se contra as vidraças da janela, uma ávida escuridão. Não se ouvia um som em lugar algum; eles poderiam ter estado sozinhos no mundo. Ela o observou fumar um cigarro. Era exatamente como todos os outros homens com

os quais fora para a cama, ela o viu, constrangido agora que o principal evento já terminara, tentando não se contrair, os olhos movendo-se daqui para ali como em busca de um meio para escapar. Ela sabia qual era o problema dele. Não era aquela tristeza que se supõe que os homens sintam depois – isso era apenas uma desculpa, inventada por um homem –, mas ressentimento por terem sido tão carentes e, pior, terem mostrado essa carência. Mas por que ela não estava ressentida com o ressentimento dele? Não conseguia ficar zangada com ele. Uma vírgula invertida de cabelos louros mantinha-se ereta no topo da sua grande cabeça sólida, e ela viu por um segundo como ele deveria ter sido quando criança, já grande e perplexo com mundo, e morrendo de medo de demonstrar. Quando terminou o cigarro, ele acendeu outro com a ponta.

– Você podia participar das Olimpíadas – ela disse.

Ele olhou para ela.

– Como fumante. Tenho certeza de que ganharia uma medalha de ouro.

Ele sorriu desconfiado. Piadas, ela notara muitas vezes, não caíam bem nestes momentos. Ele fixou os olhos na mesa de novo.

– Tudo bem – ela disse, e bateu de leve nas costas da mão dele com a ponta do dedo –, não precisa dizer que me ama.

Ele concordou com ar envergonhado, sem olhar para ela. Não demorou muito e ele pigarreou, perguntando: – Por que o seu marido entrou no negócio com Deirdre Hunt?

Ela riu.

– Só consegue pensar nisso para conversar?

– Sinto muito.

De novo um rápido olhar, de lebre. Estaria ele realmente com tanto medo dela?

– Você é um velho buldogue, não é? – ela disse. – Agarrou o osso e não larga.

Ele estremeceu, inclinando os enormes ombros de lado e esticando o lábio inferior. Ela sentiu um forte impulso de estender a mão e abaixar aquele cacho louro rebelde. Em vez disso, levantou-se, foi até a pia e encheu um copo com água.

– Não sei por que ele se envolveu com ela – disse, bebendo a água. Tinha, como sempre, um leve e misterioso gosto de gás. E olhando pela janela o jardim, com seus retalhos bem definidos de luar cor de pedra e sombras cinza arroxeadas.

Naquela noite, depois de expulsar Leslie de casa, ela tinha ficado aqui assim, controlando-se para não chorar, e tinha visto uma raposa atravessar o pátio, a

cauda varrendo a grama, e tinha achado graça e dito em voz alta: “Ah, não, Leslie White, você não vai me enganar tão fácil assim, e voltar sorrrateiramente.” Agora ela virou de costas para a pia e contemplou Quirke de novo, curvado sobre a mesa com o cigarro apertado no punho enorme.

– Leslie estava sempre aprontando alguma – ela disse –, fazendo acordos e convidando pessoas para participar. Um espertalhão, na verdade. Não entendo por que não percebi isso logo. Mas – e deu um sorriso torto – o amor é cego, como dizem.

Ela voltou para a mesa, sentou-se na frente dele de novo, pegou o cigarro dentre seus dedos e deu um trago, devolvendo-o. Ele se apressou a lhe oferecer o maço, mas ela recusou.

– Parei de fumar.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Em algum lugar da casa, um relógio bateu três horas.

– É melhor eu ir – ele disse.

Ela fingiu não escutar. Estava olhando de novo para a janela.

– Talvez já estivessem tendo um caso – ela disse. – Talvez seja por isso que entraram juntos no negócio. – Ela interrompeu com uma risada amarga. – Negócio! Não sei por que uso a palavra ao falar de Leslie. Ele realmente era um caso perdido. É.

Quirke rolou a ponta do cigarro pela borda do cinzeiro, apontando a cinza, e ela sentiu uma leve pontada no peito, não uma dor, mas a lembrança de uma dor. Leslie também costumava fazer isso com o cigarro, talvez estivesse fazendo agora, neste mesmo momento, em algum outro lugar.

– Não me surpreenderia se ele tirasse dinheiro dela – disse. – O salão de cabeleireiro tinha falido. Chamava-se Clip Joint, muito apropriadamente, um Clube de Ladrões, e ele já tinha me tirado umas duzentas libras, que é claro jogou no poço sem fundo. Eu lhe disse que não haveria mais de onde aquelas tinham vindo. O que não melhorou a harmonia doméstica. Eu o processaria se achasse ter alguma chance de recuperar o dinheiro.

– Ela teria dinheiro, Deirdre Hunt?

– Quer dizer, Laura Swan. Não sei por que me irrita tanto quando você a chama por esse outro nome. – Ela fez um movimento rápido cobrindo os olhos com a mão. – Dinheiro? Não sei, você me diz. Mas Leslie tendia a não se interessar por quem não tivesse dinheiro, até mesmo um pedaço de mau caminho como ela.

Ela sorriu com uma versão fina e mais amarga do seu sorriso angustiado.

– Como eles se conheceram? – ele perguntou.

– Ah, só Deus sabe. Ou, espere, não. Foi por intermédio de uma espécie de médico que os dois conheciam. Um indiano, eu acho. Mas com um nome estranho, como era? Krantz? Kreutz. Isso aí, Kreutz.

– Que tipo de médico?

– Não sei. Um charlatão, eu imagino. Acho que Leslie não conhecia ninguém que não fosse uma fraude.

Quando nem um nem outro estava falando, o silêncio da noite caía na sala como um manto escuro, macio. Quirke tamborilou com os dedos na mesa.

– Kreutz – disse.

– Sim. Com K.

Ele ficou pensando, depois falou:

– Você mencionou fotografias, cartas.

– É?

– Sim, mencionou.

Ela fez uma careta de repugnância.

– Estavam numa pasta de executivo debaixo da nossa cama. Guardadas ali. Assim, simplesmente. Acho que ele queria que eu as encontrasse.

– Por quê? Quero dizer, por que ele iria querer que você as encontrasse?

– Por diversão. Ou para se excitar. Leslie tem um lado de menino com mente suja, que gosta de mostrar as suas coisas para as meninas e provocar gritinhos de protesto. – Ela olhou de lado, atarantada. – Por que será que me casei com ele?

Ele esperou um momento, com cautela.

– De quem eram as fotografias? – perguntou.

– De mulheres, é claro.

– Mulheres que você conhecia?

Ela riu:

– Por Deus, não.

– Prostitutas?

– Acho que não. Simplesmente... mulheres. De meia-idade, a maioria, exibindo-se enquanto ainda tinham alguma coisa para mostrar. – Ela lhe deu um olhar frágil. – Não olhei muito bem para elas.

– Havia alguma de Deirdre, Laura Swan?

– Não. – Ela parecia quase achar graça na possibilidade. – Eu teria notado.

– E quem as tirava? Leslie?

– Não sei. Ele, ou o indiano, Kreutz. Todos os seus pacientes, assim chamados, eram mulheres, era o que Leslie dizia.

– E as cartas?

– Eram delas, da Swan. Não cartas, realmente, apenas uma miscelânea de obscenidades, imagens, fantasias. Tenho certeza de que Leslie a fazia escrever para ele. Ele gostava de escutar essas coisas... – Ela parou, olhou para baixo, mordendo o lábio de lado. – Isso é outra coisa quando um casamento termina – ela disse baixinho –, o sentimento de vergonha que fica com você.

Ela se levantou, parecendo cansada de repente, foi até a pia e encheu outro copo de água. Bebeu com avidez, de costas para ele. Ele teve medo de que estivesse chorando, e ficou aliviado quando ela se virou com um sorriso forçado.

– O salão de beleza estava em dificuldades também, no final. Deus sabe que tipo de tramoia legal ele estivera aprontando. Provavelmente metera a mão na caixa registradora também, se eu o conheço. Ele realmente não tinha um osso honesto no corpo. – Ela parou controlando-se. – Por que fico falando dele no passado?

Ele fumou em silêncio por um momento, depois perguntou: – Chegou a conhecê-la, Deirdre Hunt?

Ela fez uma expressão de agoniada irritação.

– Eu lhe disse, seu nome era Laura Swan. E não, nunca a vi. Leslie não teria sido tão idiota. – Ela parou. – A esposa sempre sabe, não é o que dizem? Ou será que a esposa nunca sabe? De um modo ou de outro, Leslie tinha o cuidado de manter a sua amante longe da minha linha de fogo.

– E as fotos, as cartas, onde estão agora?

– Não existem mais. Eu queimei. Levou uma eternidade. Fiquei ali, de joelhos diante da lareira na sala de estar, alimentando as chamas com toda aquela sujeira e chorando feito uma idiota.

Ele não disse nada, depois de um pouco, esmagou o resto do cigarro e se levantou. Ela o observou e disse: – Você podia ficar, sabe.

Ele recusou.

– Não, eu...

Ela o viu tentando achar uma razão, uma desculpa, para ir embora.

– Tudo bem – ela falou.

– O negócio é que, eu...

Ela ergueu a mão.

– Por favor. Não vamos começar já mentindo um para o outro.

Ele andava de um lado para o outro descalço, satisfeito, olhando para ela sem saber o que fazer. Sim, ela pensou, são todos iguais, todos umas crianças grandes; depois de mamar no peito perdem o interesse.

Ele subiu para pegar o resto das suas roupas e, quando já estava vestido, ela o acompanhou até a porta. No degrau eles pararam. O ar escuro era úmido e frio, e perfumado com o cheiro de alguma flor noturna. Ela perguntou se ele voltaria para vê-la e ele disse que sim, claro. Era evidente que ele mal podia esperar para ir embora, e finalmente ela teve pena dele, beijou-o rápido no rosto, colocou a mão no seu ombro e lhe deu um leve empurrão. Ao fechar a porta, ela encostou a testa na madeira e fechou os olhos. Não tinha nem perguntado o número do seu telefone. Mas, ele também não tinha oferecido.



Incrível como eles rapidamente colocaram o salão em pleno funcionamento.

Deirdre jamais duvidou que fosse um sucesso, mas não imaginara que seria tudo tão tranquilo e fácil. Ela descobriu o seu tino para negócios, não apenas os tratamentos e a venda de produtos, mas o lado financeiro também. Sim, ela tinha uma boa cabeça para dinheiro. Quando soube que Leslie dirigia um salão de cabeleireiro foi, embora tentasse negar isso a si mesma, uma decepção. De início ela pensou que isso significava que ele era um cabeleireiro, e isso foi um verdadeiro choque, porque ela sabia como eles eram, a maioria deles. Mas ele riu e perguntou como ela podia pensar assim – por quem ela o tomava, um afeminado? Ela disse que não, claro que não, a ideia nunca lhe passara pela cabeça, embora tivesse, nem por um segundo. Afinal de contas, às vezes era difícil dizer se um homem tinha essa tendência, nem todos eles eram desmunhecados ou falavam ceceando. E de fato, pensando bem, ocorreu-lhe que os próprios pulsos de Leslie não eram dos mais rígidos, e em certas palavras ele ceceava um pouquinho. Mesmo assim, tinha certeza de que ele era normal, mas não conseguia se livrar de uma pontinha de decepção por ele estar nessa linha de negócios. Ela não sabia ao certo o que esperava que ele fosse. Algo mais romântico, certamente, do que dono do Clip Joint, como se chamava – o que, tinha de admitir, era engraçado – ou como tinha se chamado, pois o lugar acabara de ser fechado.

Leslie falava sobre o fracasso do Clip Joint com ar despreocupado, demonstrando uma bem-humorada indiferença. Ouvindo-o falar, não dava para pensar em fracasso, mas que ele havia deixado as coisas entrarem em declínio aos poucos porque estava entediado e queria mudar para algo mais excitante e à altura dos seus talentos. Ele tinha planos, lhe disse, ah, sim, realmente, grandes planos. Ele a tinha levado para ver o local na rua Anne, uma sala grande, pintada de branco, no primeiro andar, com entrada própria subindo um lance de escadas ao lado de uma ótica. Tudo que pudesse ser transportado não estava mais lá, mas as pias tinham ficado, lado a lado ao longo de uma parede, fazendo-a pensar, corando por achar isso engraçado, num banheiro masculino. Leslie parou no meio da sala no seu casaco de pelo de camelo e olhou ao redor, e não conseguiu

esconder, ela viu, a expressão de dúvida no seu olhar. Mas ele tentou ficar animado, falando superficialmente sobre os contatos que tinha, os homens de dinheiro e empreendedores com quem mantinha íntimas relações, que assim que soubessem dos seus planos ficariam ansiosos para investir, disso não havia nenhuma dúvida.

“Um salão de beleza”, ele tinha dito, o rosto iluminado, “a coisa é essa. Cuidar dos cabelos está bom para o seu cabeleireiro mediano, que não sabe fazer mais nada. Mas o pacote completo, o tratamento geral da mulher como um todo, é aí que se ganha dinheiro.”

Ela teve a nítida impressão de que nada disso era original. Era o tipo de coisa que ele teria ouvido de um dos seus contatos, um dos homens endinheirados, os “caras de visão”, como ele chamava. Ele percebeu o brilho cético nos olhos dela, embora ela tentasse ocultá-lo, mas ele só deu um sorriso afetado e mordeu o lábio, como um garotinho apanhado contando lorota. Essa era uma das coisas que ela gostava nele, talvez a que gostava mais, o jeito divertido com que descartava todos os reveses da sorte, tratando-os como meros tropeções ao longo do caminho para o sucesso inimaginável, para as riquezas e felicidade.

Havia nele, entretanto, um outro lado, e ela não demorou a perceber. Quando falava da esposa, por exemplo – “aquela cadela besta”, como ela pensava a seu respeito, embora nunca a tivesse visto –, o seu rosto comprido, pálido, corava, e seus olhos assumiam o que ela só podia descrever como uma expressão suja, enlameada, e ele fazia um movimento de sugar de lado com a boca, puxando o lábio para cima e revelando um canino levemente manchado. Mas essa demonstração de raiva e espírito vingativo durava apenas um ou dois segundos, e então retornava à sua velha personalidade jovial, e dava aquele seu passinho de dança, pavoneando-se lépido na sua direção e, erguendo uma das mãos com a palma para cima, tocava-a sob o queixo com a ponta do dedo indicador, provocando-a, cantarolando baixinho uma música com os lábios bem cerrados.

Ele não perdera tempo em tentar convencê-la a ir com ele, é claro. Ela admitiu candidamente para si mesma que ele teria conseguido isso naquela mesma hora se tivesse alguma superfície no Clip Joint mais confortável que o chão para eles deitarem. Mas ele não insistiu como ela estava acostumada com outros caras. Ele não a agarrou, ou procurou colocar a mão por baixo da sua saia ou no decote. Ele era mais como um maravilhoso e exótico pássaro, um pavão, quem sabe, dançando a sua volta e exibindo a sua plumagem, sorrindo e contando piadas e fazendo-a rir, muitas vezes a despeito de si mesma. Ah, sim, ele sabia como fazer uma mulher se sentir bem, Leslie White, sabia como, de fato, fazê-la se sentir uma mulher, não como a maioria dos homens que ela

conhecia, tratando-a como se ela fosse uma peça de mobília, um sofá, digamos, ou um colchão velho empelotado, sobre o qual se lançar, fungando e resfolegando como um porco.

Billy era assim, às vezes.

Ela não demorou a descobrir que Leslie era casado. Ela desconfiara disso desde o início. Ele não lhe contou muita coisa sobre a esposa. Ela tinha dinheiro, pelo visto – tinha seu próprio negócio, algo a ver com o comércio de roupas –, mas o mantinha trancado em segurança, longe. Ele deixara escapar que ela havia pelo menos uma vez, numa ocasião complicada no passado, intervindo e salvado o Clip Joint de fechar. Talvez, Deirdre pensou, fosse essa experiência que azedara a Senhora Arrogante White com o seu imprestável marido. Ele ainda vivia com ela, embora, quanto ao que lhe dizia respeito, o casamento tivesse terminado e, assim que houvesse um novo negócio a caminho ele se mudaria, assim lhe garantiria. Tudo isso ela aceitou com certa reserva. Não era tola, conhecia os homens, e como eles falavam; ela sabia o valor das suas promessas e declarações. No entanto, tinha alguma coisa em Leslie White a que ela não conseguia resistir – ela sabia disso, e ele sabia também – e isso tudo chegaria a um ponto do qual não haveria retorno. Ela era a moça na canoa e a borda da cachoeira estava se aproximando cada vez mais.

No final, as fotografias foram as responsáveis. Muitas vezes ela desejou que ele não as tivesse mostrado. Ela sabia, é claro, por que ele tinha feito isso. Em parte por pura maldade, esse seu ímpeto adolescente de exibir o segredo que tinha descoberto, mas ele também havia avaliado, corretamente, conforme se revelou, que havia uma parte dela, enterrada bem lá no fundo, tão fundo que ela dificilmente se dera conta antes, uma parte que era, ela tinha de admitir, tão alegremente suja nos seus desejos como Leslie White era – como qualquer homem era. Ainda assim, foram um choque, as fotografias, pelo menos no início. Quando ele lhe mostrou a da mulher com estola de pele de raposa – eles estavam na sala vazia sobre a ótica –, ela ficou excitada e quase assustada, como nunca se sentira desde menina. Era uma fotografia grande, uns 30x22cm, mas muito nítida, toda em tons de cinza prateado e preto fuligem, e com detalhes minuciosos. “Exposição” era a palavra, tudo bem. A mulher, muito magra, pálida, de seios pequenos, estava deitada em diagonal no sofá – Deirdre reconheceu logo – com uma perna bem aberta, o pé esguio descansando sobre uma almofada no chão. Estava nua exceto pela pele enrolada no pescoço, com o focinho afilado da raposa parecendo morder a pele do delicado declive do seu seio esquerdo. A mão direita estava esticada para o lado, pendurada languidamente ao lado da perna direita aberta; a mão esquerda estava no colo, o

polegar e o dedo médio mantendo bem afastados os lábios escuros ali e o indicador enfiado dentro dela até o nó. A mulher sorria para as lentes, ao mesmo tempo descarada e com culpa, e sua cabeça estava virada uma fração para um lado, como se estivesse convidando a pessoa por trás da câmera, e quem mais por acaso olhasse para a obra do fotógrafo, a unir-se a ela onde estava deitada.

Deirdre observou tudo isto, o pé sobre a almofada, o focinho travado da raposa, aquela mão pendurada, aqueles lábios escancarados, e fechou imediatamente os olhos virando de estalo a fotografia de face para baixo. Era capaz de ouvir a sua própria respiração. Era aquela mesma sensação: calor pelo corpo todo e ao mesmo tempo frio, que ela tinha quando criança e acordava na caminha no quarto dos pais e percebia que estava se molhando, se molhando e horrorizada por estar fazendo isso e, no entanto, incapaz de parar pelo vergonhoso prazer que isso lhe dava. E ela também não era capaz de parar agora, incapaz de não abrir os olhos, virar a fotografia e olhar de novo. Estava revoltada consigo mesma, mas excitada, também, de um jeito horrível que a fazia pensar que devia se sentir envergonhada, embora não se sentisse, não realmente.

Havia outras fotografias, umas vinte ou trinta, que Leslie guardava num velho estojo de música fechado com uma coisa de metal como um freio de cavalo que descia sobre a aba. Algumas eram da mesma mulher, a mulher com a pele de raposa, e algumas eram de outras, todas elas nuas, todas desavergonhadamente exibindo-se, algumas fazendo coisas ainda piores que a mulher com a mão lá embaixo, e todas com aquele mesmo sorriso obsceno para a câmera. No princípio ela não foi capaz de enfrentar o olhar de Leslie, e agora, quando finalmente olhou para ele, sabia que o seu rosto estava queimando. Ele a observava e sorria, com uma sobrancelha maliciosamente erguida, gozando o seu desconforto. Ocorreu-lhe que se lembraria deste momento pelo resto da sua vida, o frio na sala nua, a luz de inverno sobre as paredes brancas, o brilho monótono e taciturno das pias, e Leslie ali com seu sobretudo aberto, olhando-a de esguelha.

– Onde conseguiu isto? – ela perguntou, numa voz que a alarmou, era tão firme. Ela não tinha vergonha, realmente?

– Simples – Leslie disse, e bateu com a unha na da mulher com a estola de pele. – Ela me deu.

Em seguida ele lhe contou, andando de um lado para o outro com as mãos nos bolsos do casaco, como ele a tinha conhecido, a mulher, uma tarde num pub no subsolo na rua Dawson Street onde ele costumava ir beber – ele não quis lhe dizer o nome da mulher, disse que ela podia reconhecê-lo, visto que o marido era muito famoso, e que a chamaria apenas de Senhora T. – e que ele tinha feito

amizade com ela na esperança de que pudesse colocar algum dinheiro no Clip Joint, que estava começando a ficar em dificuldades na época. Ele tinha visto logo, apesar do fato de ela frequentar o bar de Wally, tão mal afamado quanto poderia ser um pub ou bar, ou seja lá o que fosse, que ela era bem relacionada. Esse objetivo não funcionou, entretanto – a Senhora T. era cautelosa quando se tratava de dinheiro –, mas era uma boa companhia, e divertida. Foi por intermédio dela que ele entrou em contato com o dr. Kreutz, e agora ele e Kreutzer, como o chamava, eram – ele riu – “Ah, amicíssimos”.

Ela enfiou o maço de fotografias de volta nas mãos dele.

– São repugnantes.

– Sim, são, não são? – Ele riu todo feliz.

– Por que ela deu para você, como pôde fazer isso?

– Bem, suponho que seja uma exibicionista. Achou que eu ia gostar. E, é claro, ela não sabia que eu ia mostrar para você.

– O que você não deveria ter feito.

– Não, acho que não.

Ele baixou a cabeça e olhou para ela por baixo das sobrancelhas de um jeito que o fez parecer um pouco como um diabo sorridente, de cabelos cor de prata.

– Mas você está contente por eu ter mostrado – ele disse de manso –, não está?

– Lógico que não.

Mas ela não estava, realmente? Não sabia. Estava confusa. Certamente ficou chocada ao pensar que o dr. Kreutz tiraria fotografias assim – pois não tinha dúvida alguma, sem ter de perguntar, que tinha sido ele a tirá-las. Então estas eram as suas clientes, então esta era a cura espiritual. Leslie, claro, podia ver o que ela estava pensando.

– Eu a avisei a respeito dele, não foi, o velho Kreutzer? Agora você está vendo.

Ela balançou a cabeça.

– Mas por quê? – disse. – Como?

Ele pareceu surpreso.

– Por que ele fotografava? Porque elas queriam. Tem gente que gosta de se ver fazendo coisas feias. Boas, não são? Como fotografias, quero dizer. Veja a técnica. Ele tem jeito. – Ele deu uma risadinha. – Vem de uma longa prática, eu imagino.

Ela sabia que podia romper com Leslie White ali mesmo. Nada seria o mesmo entre eles depois de ela ter visto aquelas fotografias. E, no entanto, ela

não conseguiu. Quando a lembrança daquelas mulheres, tão lascivas, tão desavergonhadas, lhe vinha à mente, ela sentia a garganta grossa, como se tivesse algo macio e quente alojado ali, e uma sensação de pânico que dava um prazer tão grande quanto qualquer outra coisa. Sim, prazer, escuro, excitante e assustador. Billy, seu marido, notou esta nova excitação nela, embora, é claro, não soubesse a causa, e quando estava em casa ele a seguia por toda a parte como – ela detestava pensar assim, mas era verdade –, como um cão farejador atrás de uma cadela no cio, e quanto às coisas que ele tentava conseguir que ela fizesse agora quando estavam na cama...

Billy. Ela sabia que precisava sentar e pensar bem no que fazer a respeito de Billy. Mais cedo ou mais tarde, ela teria de lhe contar sobre Leslie White, contar, isto é, que tinha conhecido este homem que queria que ela fosse sócia dele. Era só isso que ela precisava dizer, por enquanto; era também tudo o que ela ousaria dizer. Pois o fato é que ela havia aceitado a proposta de Leslie White – ah, meu Deus, que palavra para usar! – a sua proposta de negócio, ela queria dizer, para abrir um salão de beleza com ele. Estava tudo combinado. As instalações já estavam prontas, em cima da ótica – ele havia conversado com ela sobre locações de longo prazo, aluguel do terreno e opções do inquilino até a sua cabeça começar a girar – e os equipamentos estavam para chegar a qualquer dia desses.

Sim, estava tudo providenciado, tudo combinado. Numa manhã chuvosa de janeiro, Leslie a levava a um galpão em Stoney Batter para lhe pedir a sua opinião, assim ele disse, sobre um carrinho de consultório médico, uma espécie de cama alta, estreita sobre rodas, que um amigo seu estava vendendo e que seria ideal para massagens. O amigo, um sujeito com cara de trapaceiro e terno risca de giz que tinha a pior tosse de fumante que ela já havia escutado, afastou-se e os deixou a sós – Leslie tinha combinado isso também? – e algo naquela hora a afetou, talvez fosse a sensação de súbita intimidade que ela sentiu, apesar da umidade e escuridão do lugar, e, antes mesmo de se dar conta, ela estava na cama nos braços de Leslie, mordendo o polegar para não gritar, e a cama movia-se sobre as rodas a cada movimento em êxtase que faziam. Depois ela se cobriu com o casaco dele – aquele famoso casaco de pele de camelo! – porque estava com frio e porque o campeão da tosse podia voltar a qualquer minuto. Leslie tinha se levantado, visto não haver espaço suficiente no estreito colchão de borracha para os dois deitarem lado a lado, e quando ele arrumou as suas roupas, levantou uma ponta do casaco para poder olhar para ela. “Meu Deus”, ele disse, sorrindo, “o médico ficaria encantado com você.” Ela demorou um pouco para perceber o que ele estava querendo dizer, e virou o rosto para o outro lado para

que ele não a visse corar, e sorrir, e arrancou o casaco da mão dele, embrulhando-se de novo. “Clique, clique” – ele disse de brincadeira, segurando uma câmera invisível perto do olho.

Ela teve de deixar passar algumas semanas antes de conseguir enfrentar de novo o dr. Kreutz. Sim, tudo tinha mudado. Não era só que ela tivesse visto as fotografias – isso, de certa forma, era o mínimo a essa altura –, mas havia ela e Leslie, também. Ele viu isso nos seus olhos, ela podia vê-lo enxergando isso. Que mulher seria capaz de esconder a simples verdade de que estava apaixonada? Pensando nisso, ela parou. Era isso – amor? A palavra não havia entrado na sua cabeça antes. Ela amoleceu. Por que se surpreender por pensar em amor na presença do dr. Kreutz? Ele não a tinha ensinado sobre essas coisas, as coisas do espírito? Que importância tinha se ele gostava de tirar fotos de mulheres nuas? Talvez fosse parte do tratamento, talvez fosse uma forma de ajudar essas mulheres deixando que se vissem como elas são, em toda a sua feminilidade. Talvez isso curasse os seus espíritos – quem era ela para dizer outra coisa, ela que tinha se deitado de pernas abertas naquele colchão de borracha no carrinho naquele galpão sujo, e em outras camas, em outros dias, com todas as suas fibras em fogo sob o olhar admirador de Leslie?

Além do mais, o dr. Kreutz é que estava financiando a montagem do salão de beleza. Leslie tinha ido lhe pedir dinheiro e ele concordara, muito simples. Ou assim Leslie dissera.

Agora dr. Kreutz preparava um bule de chá de ervas e a convidava a se ajoelhar com ele nas almofadas no chão, diante da mesinha com a tigela de cobre. Já era quase primavera, e pela janela ela podia ver galhos pretos germinando e, por trás deles, um céu branco cor de pele com farrapos de nuvens atravessando-o na diagonal. Ela teve uma sensação de enclausurada felicidade que podia explodir a qualquer momento. Ela sabia, é claro, que havia coisas que podiam dar errado. Seria necessário muito trabalho e um bocado de sorte para manter o Cisne de Prata em funcionamento no mesmo ritmo até agora – ela mal podia acompanhar o número de clientes chegando todas as semanas e estava pensando na hora em que teria de contratar uma assistente –, mas ela não podia acreditar que entre eles, ela, Leslie e o dr. Kreutz, eles não continuariam com o sucesso que tinham alcançado até então. Era verdade que o Clip Joint tinha fracassado, mas Leslie explicara como tinha acontecido, e se ela não entendia todos os detalhes técnicos isso não significava que a explicação dele não fosse a verdadeira. O que tinham entre eles, Leslie e ela – o amor deles – superaria todas as dificuldades.

Amor. Ela deu um gole no seu chá e sua mente avaliou o tamanho, o peso, da

nova palavra. Ela a usaria com parcimônia. Leslie, ela já tinha aprendido, não aceitava bem ser amassado – essa era a sua palavra para os beijos e carícias com os quais, desde o dia no galpão, ela havia tentado mostrar o que sentia por ele. Isso porque ele era inglês, ela raciocinou, visto que os ingleses eram todos supostamente reservados e não gostavam de demonstrar o que realmente sentem. Ele tinha um jeito às vezes de se afastar, a cabeça erguida sobre o seu longo e pálido pescoço, e olhar para ela do alto com uma expressão que era menos um sorriso que um estremecimento, soltando um riso pelas narinas, como se ela tivesse feito algo tolo demais para palavras. Também era grosseiro com ela, às vezes. A esta altura, eles já tinham um lugar onde podiam ficar juntos, um conjugado em Percy Place, alugado, ou emprestado, o mais provável, de um outro amigo de Leslie. Eles iam lá de tarde, fechavam as cortinas, ele a despia lentamente e quase sem prestar muita atenção, em seguida ele a tomava nos braços e apertava contra o seu corpo, tremendo do seu jeito peculiar – como uma menina, quase – o que a excitava e ao mesmo tempo a fazia sentir vontade não tanto de fazer amor com ele como de pegá-lo no colo e niná-lo até adormecer. Mas ele não era nenhum bebê. Mordia os lábios dela até sangrar, ou torcia o seu braço para trás até ela ficar ofegante e, certa vez, quando ele não conseguiu fazer nada e ela achou graça dizendo que não tinha importância, em vez de lhe ser grato por sua compreensão, ele lhe deu uma bofetada no rosto, forte, tanto que a cabeça voou para trás e bateu na cabeceira e ela viu estrelas. E houve também a noite em que ela e Billy se aprontavam para ir para a cama – que sacrifício para ela, agora, ir para a cama com o pobre Billy – e ele viu os vergões vermelhos na parte de trás das suas pernas onde Leslie a tinha chicoteado com seu cinto de couro – Deus, como ela tinha gemido – e ela precisou inventar uma desculpa, que não pôde acreditar que ele acreditasse, dizendo que tinha sentado numa cadeira com assento de ripas. E, no entanto, ela...

– Mais chá? – dr. Kreutz perguntou.

Ela piscou, despertando do seu devaneio. Notou de novo agora, como já tinha acontecido, que ele mal a olhara diretamente desde que tinha chegado. Ela ficou imaginando se ele estaria com ciúmes, porque certamente deve ter adivinhado que o que havia entre ela e Leslie era mais que uma parceria de negócios. O pensamento a deixou furiosa. Já bastava ter de afastar as suspeitas do marido. Billy tinha falado com Leslie apenas uma vez, quando os três combinaram um encontro para beber no bar do Wynn's Hotel. Era uma noite de domingo e atrás deles três padres de cara vermelha bebiam uísque e falavam alto sobre uma partida de hóquei irlandês a que tinham assistido. Billy se sentira acanhado com o inglês de sotaque arrogante, como ele descreveu depois, e de

gravata prateada, e ficara olhando para as suas botas e falando baixinho – não que tivesse muita coisa a dizer –, as sobranceiras quase incolores encontrando-se numa carranca e as pontas das orelhas cor-de-rosa forte. Quando ela olhou para ele, mais que culpa, ela sentiu... pena; sim, essa era a única palavra para isso, ela sentiu pena dele, o pobre palerma de coração mole. E, o mais estranho, pareceu-lhe que nunca o tinha amado tanto, com tanta ternura, compaixão e simples solicitude, como naquela meia hora naquele bar fumacento, com as vozes daqueles padres perturbando-os e Leslie e ela tentando não olhar um para o outro para não caírem na gargalhada.

Leslie tinha sido muito bom com Billy, tinha realmente representado o papel do homem de negócios, falando sobre despesas gerais e renovação anual de estoque, e largas margens de lucro e todo o resto. Ela tinha de admirá-lo – que vigarista ele era. Ele fingia escutar os murmúrios de Billy, concordando solenemente com os lábios franzidos, e prestando atenção para lembrar de chamá-la de sra. Hunt e não pelo seu primeiro nome. Ouvindo-o falar dava para pensar que se tratava de um hospital ou de alguma coisa que os dois estivessem montando. Quando ele disse que “A sra. Hunt daria uma grande contribuição ao salão devido à sua longa experiência como farmacêutica”, Billy piscou. Ela se perguntou o quanto da conversa fiada de Leslie ele estava engolindo. Ele entendia um pouco de negócios, e não era nenhum tolo quando se tratava de lidar com pessoas. Ela decidiu não dizer muita coisa, mas ficar calada e deixar Leslie falar. Limitou-se a um copo de Baby Cham, e ficou acariciando-o o tempo todo enquanto estiveram ali, porque a bebida subia direto para a sua cabeça em ocasiões como esta – embora quando, na sua vida, ela se perguntou, teria havido outra destas ocasiões? – e acima de tudo, ela não devia demonstrar o quanto estava excitada. Pois o fato era que, só agora, quando ela estava ali nos seus confortáveis sapatos, de saia e paletó cinza-chumbo que comprou para trabalhar, ouvindo Leslie tentando convencer o seu marido, foi que percebeu plenamente em que aventura tinha se metido. O futuro de repente era...

– Você deve, você deve – dr. Kreutz dizia –, você deve ter muito cuidado, muito muito cuidado.

Ela olhou para ele sem entender. Do que estava falando?

– Cuidado com o quê?

Ele deu de ombros constrangido. Hoje ele estava usando uma caftã de seda azul – era outra das suas palavras e nomes exóticos para coisas que havia lhe ensinado – e, por baixo da roupa, seus ombros pareciam mais que nunca um cabide de casaco.

– Ora, tudo isto – ele disse –, este negócio que vocês abriram.

Ela notou que havia um novo tom, melancólico, na sua voz, e entre as frases ele mantinha uma espécie de cantarolar sussurrante.

– O empreendimento anterior do sr. White faliu, você sabe – hmm hmm – e o próprio sr. White talvez não seja – hmm – tudo que parece.

“Ah!”, ela pensou. O manco falando do coxo. Ela teve vontade de indagar onde estava a câmera dele hoje, e quantas clientes tinha fotografado recentemente. Mas não era capaz de ficar indignada com ele por muito tempo. No seu recente estado de felicidade, ela não era capaz de ficar furiosa com ninguém, nem com Billy, ou não por muito tempo. Claro que Leslie não era tudo o que parecia, mas ela sabia que se ele era alguma coisa, era mais não menos. Só que esse mais, é claro, era algo que o dr. Kreutz não compreenderia. Agora ela afastou a sua xícara – tinha um sabor residual peculiar, enjoativo e doce demais – e disse que precisava ir. Quando se levantou, entretanto, sentiu de repente uma tonteira, e pareceu por um momento que ia cair. O doutor estava de pé numa fração de segundo e segurando a sua mão, com a outra sob o seu cotovelo levou-a até o sofá – aquele sofá – e a pousou delicadamente sobre as almofadas, recuando, observando-a, a cabeça de lado e os lábios firmes daquele seu jeito virado para baixo, que era o mais perto que ele conseguia chegar de um sorriso.

– Descanse – ele disse baixinho. – Descanse agora, minha querida, minha querida querida dama.

Ela pensou em todas as mulheres que tinham se deitado ali, nuas e se exibindo. Imaginou como seria estar exposta assim, não diante de um homem, exatamente, mas de uma câmera. E pensando nisso, caiu num sono profundo sem sonhos.



Maise Haddon – ou Enfermeira Haddon, como ela gostava de ser conhecida, em particular e em público – tinha uma queda por Quirke, e com frequência lhe garantia isso, especialmente depois de um segundo ou terceiro drinque cordial de rum e groselha, que era a sua bebida. Tinham combinado se encontrar, como costumavam fazer, num pequeno pub escuro numa rua secundária atrás do Gaiety Theatre. Chegaram simultaneamente, ele a pé e ela no seu carrinho esporte vermelho conversível que sempre o fazia lembrar-se de uma joaninha arranhada e levemente amassada. Ela estava de óculos escuros com armação branca, e fumava um cigarro numa piteira de ébano. Apesar do dia quente, vestia uma jaqueta de vison e uma longa estola de gaze amarela, uma das pontas jogada para trás dramaticamente sobre o ombro direito. Ela encostou no meio-fio com um ranger de pneus e o carrinho subiu na calçada e parou, o motor deu um último rugido de pinos frouxos antes de desligar.

– Alô, bonitão – ela disse, debruçando-se sobre a porta baixa e oferecendo-lhe a mão com uma luva rendada.

Ele fez uma medida e roçou de leve com os lábios uma articulação ossuda, captando o forte odor do perfume que ela usava.

– Estou lhe dizendo, Maisie, um dia você acaba como a Isadora Duncan.

Ela pegou a bolsa no banco do carona e saiu com dificuldade do carro.

– Quem é ela?

– Dançarina. Sua estola ficou presa no eixo traseiro de um carro esporte e quebrou o seu pescoço.

– Jesus – ela disse –, que jeito de morrer.

Eles entraram no pub. Era uma tarde de sábado e a usual turma barulhenta estava lá. Quando Maisie parou no vão da porta para passar os olhos pela sala através dos seus óculos de armação branca, uma dúzia de cabeças se ergueu; poucos ali não conheciam a Enfermeira Haddon. Ela caminhou até o bar com Quirke no seu rastro e se empoleirou num banco alto, alisando a saia justa sobre os joelhos com um pequeno gesto recatado que fez Quirke sorrir. A seu modo, ele, também, tinha uma queda por ela, esta criatura estapafúrdia. Ele imaginou quantos anos ela teria exatamente – era impossível dizer pela sua aparência ou

silhueta. Seu rosto grande, quadrado, de mulher do campo, dificilmente exibía uma ruga, e seus cabelos, se eram pintados, eram louros até as raízes, pelo que ele podia ver – não ousava olhar muito de perto porque Maisie se irritava com muita facilidade e diziam que certa vez deixou inconsciente um detetive de Garda que tentava prendê-la. Quirke se divertia pensando, não pela primeira vez, que provavelmente estava colocando em sério risco a sua reputação profissional sendo visto com ela, e numa casa pública, ainda por cima. Pois Maisie Haddon era a mais notória, mais bem-sucedida e ocupada fazedora de abortos ilegais.

Quirke pediu as bebidas, o rum com groselha que ela tomava e, para ele, um suco de tomate.

– Parou de beber? – ela disse, incrédula.

– Tem seis meses.

– Santo Deus! – Ela ainda tinha o sotaque, grosseiro e insípido, seja lá de onde ela vinha, lá do oeste. – Converteu-se, ou o que foi?

As bebidas chegaram e ela bateu com a borda do seu copo no dele.

– Bem, espero que consiga um bom lugar no céu.

Ele lhe ofereceu a sua cigarreira e abriu a tampa do isqueiro. Ela torceu a boca e soprou a fumaça de lado, tocando com a pontinha do dedo mindinho delicadamente um dos cantos da boca e depois o outro.

– Então – ela disse. – O que você quer?

Ele fingiu perplexidade.

– Do que você está falando?

– Conheço você. Está sempre atrás de alguma coisa.

– Somente a sua companhia. Maisie.

Ela arqueou uma sobrancelha cética.

– Ah, sem dúvida.

Maisie tinha passado dois períodos na cadeia. A primeira vez, vinte anos antes, quando fora acusada de dirigir uma clínica de repouso, assim chamada, onde mulheres com gravidez indesejada iam em segredo ter os seus bebês, muitos deles deixados para Maisie dar destino, quase sempre numa trouxa de cueiros ao lado de uma estrada no campo na calada da noite. Depois de cumprir a sentença, ela alugou logo um quarto na rua Hatch e entrou no comércio de abortos. Logo depois, a Delegacia de Costumes deu uma batida na sua clínica, como ela chamava, e Maisie cumpriu mais um período de dois anos em Mountjoy. De novo em liberdade, e sem impedimentos, voltou direto ao trabalho. Maisie era guardiã de muitos segredos. Conhecia Malachy Griffin e dizia ter trabalhado com ele no hospital da Sagrada Família na época em que

ainda era uma enfermeira de verdade, uma afirmação, Quirke refletiu, que sem dúvida Malachy não desejaria ouvir revelada com muita frequência ou alto demais.

– Como vão os negócios? – Quirke perguntou.

– Melhor que nunca.

Ela tomou um gole do seu rum e ajustou outro cigarro dos dele na sua piteira de ébano.

– Eu lhe digo, Quirke, as mulheres desta cidade nunca devem ter ouvido falar de camisinha.

– Difíceis de encontrar.

Ela achou graça e o espetou no peito com um indicador.

– Difíceis de encontrar, essa é boa.

O copo dela já estava vazio, ele fez sinal para o rapaz do bar completá-lo.

– Seja como for, não é isso – ela disse. – Tenho um amigo que traz malas cheias pela Holyhead. Eu ofereço às minhas clientes. “Aqui”, eu digo, “leve umas duas dúzias de caixas com você, pois não quero vê-la aqui de novo por um bom tempo, e de preferência nunca mais.” Mas elas levam? – Ela fingiu choraminger. “O padre vai encenar comigo, Enfermeira. Meu companheiro não quer ouvir falar nisso, Enfermeira.” Tolinhas.

Quirke brincava com o seu copo.

– Conheceu uma mulher chamada Hunt? – ele perguntou. – Deirdre Hunt?

Ela lhe deu um olhar malicioso.

– A-ha! – disse. – Lá vem.

– Ela também se chamava Laura Swan.

Ela continuava olhando para ele firme, de lado.

– Você sabe o que é, Quirke – ela disse –, mas é um homem terrível.

Fingindo rendição involuntária, ela revirou o fundo da bolsa e retirou um caderno de endereços com as folhas marcadas encadernado em couro. Era o seu famoso caderninho preto, que, como declarava frequentemente nas suas bebedeiras, ela pretendia vender um dia à *People* e ou à *News of the World*, para garantir o seu conforto na velhice. Ela folheou as páginas, lendo num sussurro os nomes. Era tudo teatro, Quirke sabia: não havia uma mulher que Maisie tivesse tratado, em três décadas ou mais em que estava no ramo, cujo nome, endereço e telefone não pudesse recitar de cor na hora.

– Não – ela disse. – Nenhuma Hunt. Como era o outro nome? Swan? Nenhuma Swan, também. Quem é ela?

Quirke levantou um dos ombros um centímetro e deixou cair de novo.

– Era – ele disse.

– Ah. Então é assim.

Ela fechou o caderno de endereços de um só golpe e o jogou de novo no fundo da bolsa.

– Nesse caso, eu certamente não conheço e nunca conheci qualquer pessoa ou pessoas com esse nome ou nomes. Certo?

Ela terminou o seu segundo drinque e bateu decidida com o fundo do copo no bar.

Quirke ergueu um dedo para o rapaz.

– De fato – ele disse, fazendo uma pausa deliberada, como se num criterioso escrúpulo –, de fato não era nela, Deirdre Hunt, que eu estava particularmente interessado. Ela não teria sido uma das suas clientes.

Ela olhou para ele.

– Eu realizei uma necrópsia nela – ele falou. – Ela nunca esteve grávida.

Um homenzinho com uma gravata marrom arroxeadado, a caminho do banheiro masculino, cambaleou ao passar e empurrou o cotovelo de Maisie, uma gota de rum do seu copo foi cair na sua estola de gaze.

– Bichona – Maisie resmungou, fuzilando com o olhar o homenzinho e se aprumando como uma galinha com as penas eriçadas. Ela voltou a sua atenção de novo para Quirke. – Então, o que houve com ela?

Os vapores do rum que ela estava respirando em cima dele faziam a cabeça de Quirke girar. A boca estava seca e os dedos tinham a dor artrítica nas articulações que apareciam quando ele estava mais necessitado de um drinque. Não ia passar nunca, ele ficou pensando, esta ânsia brutal? Talvez fosse um alcoólatra, afinal de contas, e não apenas um cara que bebia muito, como sempre dissera a si mesmo. De repente ele queria estar longe dali, desse lugar cheirando mal, dessas pessoas que não paravam de falar, dessa mulher com o sangue de inúmeros embriões nas mãos, e de mais de uma infeliz mãe, também, se as histórias sussurradas a seu respeito fossem verdadeiras.

– Sabe – ele começou e teve de parar.

Sua sede estava furiosa agora, sua boca mais seca que nunca, e sua teste úmida com um suor frio. Ele passou a mão sobre os olhos, o nariz, a boca.

– Conhece um homem chamado Kreutz? – perguntou, fechando os punhos sob a borda do bar e enterrando as unhas nas palmas das mãos.

Ela olhou bem para ele, franzindo a testa.

– Como se soletra isso?

Ele soletrou.

– Ah, conheço, conheço sim – ela disse e riu baixinho. – O dr. Kreutz, assim chamado, O escurinho. Ele tem um consultório; onde é? Rua Adelaide, é isso. – Ela riu de novo. – Fui recomendada para algumas das pacientes desse senhor.

– O que ele faz?

– Não sei, coisas ligadas a superstições. Cura espiritual. Incenso e dietas de frutas, esse tipo de coisa. As mulheres o procuram.

– E ele mandou algumas delas para você?

Ela começou a ficar desconfiada, olhou para dentro do seu copo e sacudiu os ombros.

– Umas duas. Por quê?

– Era o problema de sempre?

– O que quer dizer?

– O motivo para ele mandar estas mulheres para você, era o de sempre?

– Não – ela disse com ríspido sarcasmo. – Elas precisavam de outras orientações espirituais e conselhos sobre suas peles. – Ela encostou a cabeça na dele. Não estava bêbada, mas também não estava mais sóbria. – Por que acha que ele as mandou para mim?

Ela entornou mais um gole do seu drinque. Uma ideia lhe ocorreu.

– O que ele tem a ver com aquela outra, qual o seu nome... Hunt?

– Não sei – Quirke respondeu.

Ele escorregou cautelosamente do banco. Era assim que seus encontros costumavam terminar, com Maisie vacilante e morosa, e ele escapando todo torto em direção à porta. Por trás de Maisie, e com um dedo sobre os lábios, ele pagou ao rapaz do bar por outro rum com groselha e se afastou do bar rapidamente. Maisie olhou por sobre o ombro e o observou partir. Para um cara tão grande, ela refletiu com os olhos turvos, ele era terrivelmente rápido.

O sol na rua o cegou. Um policial enorme estava examinando o carro de Maisie, enviesado em ângulo com duas rodas sobre a calçada. Quirke desviou-se e foi embora.

Para todos os lados que se virasse, no caso de Deirdre Hunt, as coisas que tinham parecido substanciais se evaporavam em fumaça e ar, e as que pareciam entradas abertas e convidativas fechavam-se de repente na sua cara.

Quando ele virou a esquina da praça Merrion e estava subindo a rua Mount, viu uma figura sentada ao sol nos degraus na porta do número 39 e soube logo quem era. Mesmo a essa distância, não havia como confundir a cabeça grande com seu barrete de cabelos cor de cenoura e a tonsura de monge. Pensou em retornar

antes de ser visto, mas continuou, por apatia. Sua ânsia por um drinque tinha diminuído, mas ele tinha uma ressaca abstinência agora; a cabeça latejava e os olhos escaldavam nas órbitas.

Billy Hunt estava sentado nos degraus com as costas inclinadas para frente e uma das mãos sob o queixo, como o Pensador, de Rodin. Quirke gostaria de saber o que tinha dado nele para se envolver com gente como Deirdre – como era o seu nome de solteira? – Deirdre Ward. Mas então, de que estaria possuído qualquer homem para ficar obcecado por uma mulher, ou uma mulher por um homem? No caso do seu próprio casamento, a resposta tinha sido simples, e Sarah, Sarah morta, a irmã morta da sua mulher, havia lhe dito claramente: Delia estava disposta a dormir com ele sem uma aliança de casamento, Sarah não, e nessa base ele havia feito a sua escolha. Mas Delia, a encantadora, insatisfeita, perigosa Delia, por que ela o havia aceitado, sabendo – porque Delia era inteligente, não deixava passar nada – que era a sua irmã que ele realmente queria? Ela teria, ele ficou imaginando agora – isso nunca lhe ocorrera antes – ela teria feito isso para magoar a irmã? Deus sabe, Delia teria sido capaz disso; Delia, ele pensou, teria sido capaz de qualquer coisa.

Ele parou no número 39, com um pé apoiado no primeiro degrau, o chapéu tombado para trás e o paletó sobre o ombro com um polegar enganchado na etiqueta.

– Dia quente – disse.

Billy ergueu a mão para fazer sombra e olhou para ele com olhos semicerrados.

– Ah, Quirke, você apareceu. Eu disse que pagaria um drinque.

Quirke recusou.

– Eu lhe disse, Billy, não bebo.

– Disse? Ultimamente estou sempre esquecendo as coisas. Tem uma névoa permanente na minha cabeça. Mas você deve beber alguma coisa. Chá? Café? Uma garrafa de água mineral?

Quirke sorriu. O seu modo de falar garrafa de água mineral. Billy seria sempre o garoto de Waterford.

Deram a volta na Igreja Peppercanister e atravessaram a rua na direção do canal. Iam calados. As árvores, palpitando no calor, pendiam suas cabeças sobre a água imóvel. Uma van da Swastika Laundry, comicamente alta e estreita, apareceu na ponte Huband, o motor elétrico ronronando. Billy Hunt era alto, Quirke era não mais que dois ou quatro centímetros mais alto, e tinha o andar desajeitado típico dos músculos atrofiados do esportista. Percy Plate era dividido ao meio, com o sol brilhando de um lado e uma fatia de sombra do outro. Na

porta do 47, Quirke sentiu o forte cheiro familiar dos pubs, de álcool, suor masculino e fumaça velha de cigarro que ele costumava apreciar tanto e que agora lhe dava náuseas. No bar, Billy perguntou o que ele queria tomar e ele pediu uma água gasosa – a essa altura, achou que nunca mais conseguiria beber outro suco de tomate – e Billy fez o pedido sem comentários, e uma caneca de cerveja preta para si mesmo. Quirke observou-o bebendo a cerveja em dois goles. Ele parecia não ter nenhum mecanismo para engolir, simplesmente escancarava a boca e derramava o pesado líquido escuro direto na garganta.

– Então – Quirke disse, ouvindo como a sua própria voz soava cautelosa –, como estão as coisas?

Billy enfiou o queixo no peito e arrotou.

– Agradeço você estar fazendo isso por mim – ele disse.

Quirke não disse nada. Billy arrotou de novo, não tão alto.

– Aquele detetive me chamou.

Ele estava olhando o seu reflexo no espelho atrás do bar, sobre a prateleira cheia de garrafas. Esfregou a mão para frente e para trás no queixo, fazendo um som irritante.

– Como é o nome dele? Hackett.

– Ah, sim? – Quirke disse. Johnnie Walker, Dimple Haig, Jameson 12 anos. Um cartaz de estanho lhe garantia que ARTISTAS POR FAVOR. – E?

– Você tem direito de perguntar.

Ele colocou o seu copo vazio no bar e olhou para o garçom, que pegou o copo e trouxe outro limpo, colocou sob a torneira de Guinness e puxou a manivela de madeira com forma de porrete. Todos os três homens observaram o jorro descorado de cerveja escurecendo no fundo do copo.

– Ele falou sobre o tempo – Billy disse. – Queria saber se Deirdre sabia nadar. Perguntou onde eu estava na noite em que ela morreu. – Ele se virou de repente e olhou para Quirke com seus olhos magoados de boi. – Ele não se deixou enganar.

– Enganar a respeito do quê?

De repente ele viu, pela primeira vez, realmente como Billy estava zangado. A raiva, ele percebeu, era o seu estado permanente agora. E isso nunca mudaria. Não só a sua mulher, mas o mundo inteiro o tinha enganado.

– Ele sabe que não foi um acidente – Billy disse.

– Sabe? Sabe baseado em fatos ou está supondo?

A cerveja de Billy chegou. Ele a apreciou, girando várias vezes o copo na sua base.

– O investigador também não acreditou, não foi? – ele disse. – Pude ver nos seus olhos. No entanto, deixou passar.

Quirke não falou nada, mas Billy concordou, como se ele tivesse falado.

– O que você disse para ele?

– Você ouviu as evidências que dei.

– E foi só isso?

– Só isso.

– Não falou com ele antes?

Mais uma vez Quirke preferiu não responder, e Billy concordou de novo.

– Não havia nada nos papéis – ele disse.

– Não.

– Você combinou isso, também?

– Não tenho esse tipo de influência, Billy.

Billy deu um risinho.

– Aposto que tem. Aposto que tem um pequeno acordo cômodo com os repórteres. Vocês são todos iguais, uma panelinha. Uma gangue confortável.

Desta vez Billy bebeu a cerveja aos goles, em vez de devorá-la, franzindo os lábios num bico e mergulhando-os delicadamente na espuma como uma ave aquática rompendo a superfície espumosa de uma piscina entre as rochas. Em seguida limpou os lábios com as costas da mão e franziu a cara no espelho diante dele, cuja superfície tinha um leve brilho, inexplicavelmente rosado.

– É isso que eu não compreendo – ele disse. – Ela jamais iria querer se exhibir desse jeito. Ser encontrada sobre as pedras, sem roupas. – Ele parou, pensando, lembrando. – Eu nunca a vi nua, sabe, quando estava viva. Ela não deixava.

Quirke tossiu:

– Billy...

– Não não, tudo bem.

Billy acenou com uma das suas mãos grandes, quadradas. Ele inclinou o rosto, como uma ave pernalta de novo, sobre a sua cerveja e bebeu, e novamente secou os lábios com as costas das articulações dos dedos.

– Ela era assim, só isso. Portanto, não posso compreender ela fazer o que fez. – Ele olhou para Quirke. – Você pode?

Quirke estava acendendo um cigarro.

– Não conheci a sua mulher, Billy. Tenho certeza de que...

Billy ainda estava olhando para ele.

– O quê?

Quirke respirou fundo. Tinha uma estranha e, certamente, errada sensação de que Billy estava rindo dele. Bebeu a sua água com gás.

– Não adianta, Billy. Ficar remoendo as coisas. O passado é passado. A morte é a morte. Ela não revela os seus segredos.

Por um momento, Billy não respondeu; em seguida, emitiu um som abafado, fanhoso, que depois de um pouco Quirke percebeu ser na verdade uma risada.

– Essa é boa – Billy falou. – “Morte é morte e não revela os seus segredos.” Você ensaiou isso, ou acabou de inventar?

Quirke sentiu o rosto corando.

– Quero dizer... – ele começou.

Mas Billy o interrompeu erguendo aquela mão carnuda de novo e depositando-a com pesada complacência no ombro dele. Quirke se arrepiou. Não gostava de ser tocado.

– Sei o que você quer dizer, Quirke.

De novo Billy girou o copo na base. O descanso de cortiça onde ele estava tinha o desenho de um pelicano com bico amarelo. GUINNESS É BOA PARA VOCÊ, sim, e ARTISTAS POR FAVOR. Que lugar agradável o mundo seria, apenas com um simples ajuste.

– Uma das coisas de estar na minha posição – Billy disse, agora num tom aparentemente relaxado, coloquial – é o jeito como as pessoas falam com você. Ou eu diria, o jeito como elas não falam com você. A gente vê como elas observam cada palavra que a gente está dizendo, temendo cometer alguma gafe e fazer você se lembrar da “sua perda”, como elas chamam, ou “seu problema”, e no minuto seguinte elas de repente deixam escapar algum ditado, ou provérbio, você sabe: “ela está num lugar melhor”, ou “o tempo cura tudo”, esse tipo de coisa pela qual você deve ser grato. – Ele concordou de novo, achando graça e com sarcasmo. – E a outra coisa é que você tem de escutar tudo isso e fingir estar agradecido, e não responder nada que possa aborrecê-las. Porque, é claro, quando você perde alguém, de repente você tem de ser a pessoa mais gentil, mais magnânima, mais compreensiva, mais inofensiva do mundo. – Ele agarrou o copo onde estava no bar e Quirke pôde ver os nós dos seus dedos empalidecendo. – Mas eu não sou inofensivo, Quirke – ele disse quase com uma espécie de sinistra alegria. – Eu não sou nada inofensivo.

Eles saíram logo depois. O estado de espírito de Billy tinha mudado de novo. Uma luz se apagara nele e seu aspecto era atordoado. Parecia, Quirke pensou, satisfeito, satisfeito e – presunçoso, era isso? – como se ele soubesse alguma coisa que Quirke e todas as outras pessoas não soubessem. Na porta do pub, eles se separaram e Billy foi arrastando os pés na direção da rua Baggot. Quirke

atravessou a pequena ponte de pedra. As árvores ao longo do canal pareciam inclinar-se mais agora, exaustas no calor do dia, mas, para Quirke, a luz do sol empalidecera, como se uma fina poeira tivesse sido peneirada no ar, engrossando-o e maculando-o.



Deirdre às vezes gostaria realmente que Leslie não lhe tivesse mostrado aquelas fotos. Não que tivesse ficado chocada – pelo contrário, elas a fascinaram. E o problema era este. Era o fascínio que a levava a outras coisas, coisas de que não pensaria ser capaz. Para começar, havia as cartas que Leslie a fizera escrever para ele. Não que fossem cartas, realmente, pareciam mais aqueles relatos dos seus sonhos que ela costumava escrevinhar quando era menina, porque tinha escutado alguém dizer que a partir dos seus sonhos é possível prever o futuro. Só que nenhuma menina escreveria as coisas que ela escreveu para Leslie. Ele disse que ela devia anotar tudo que lhe passasse pela cabeça, qualquer pensamento, desde que fosse obsceno. No início, ela achou graça e disse que não ia fazer isso, mas ele insistiu e não quis aceitar um não como resposta. O que ela devia fazer, ele disse, era imaginar que ele era um prisioneiro e ela a namorada e que estava escrevendo para levantar o seu ânimo – “E não só o seu ânimo”, ele murmurou, roçando o nariz na sua orelha e rindo baixinho. Por fim, ela concordou, disse que tentaria, mas estava certa de que não seria capaz de fazer isso. Acabou sendo capaz, e mais que capaz.

E as coisas que ela escreveu! Carregava com ela, aonde quer que fosse, um bloquinho de anotações com folhas azuis – e envelopes, também, porque Leslie fazia questão que fossem como cartas de verdade – e, sempre que tinha oportunidade, ela o tirava da bolsa e começava a rascunhar com um lápis indelével, sem pensar no que escrevia, só deixando fluir, corando metade do tempo e mordendo o lábio, mal conseguindo manter as linhas retas, curvada sobre a página como costumava fazer no colégio quando a menina que dividia com ela a carteira tentava colar dela. Ela se arriscava muito; parecia não ter medo. Escrevia na sua penteadeira no quarto enquanto Billy estava no banheiro fazendo a barba, ou na sua mesa no cubículo atrás da sala de tratamento no Cisne de Prata, entre uma e outra cliente. Escrevia nos bancos das praças, nos cafés, nos ônibus se não havia ninguém sentado ao seu lado. Uma vez até entrou sorrateiramente na igreja da rua Clarendon e se sentou curvada num banco nos fundos com o bloquinho sobre o joelho, quase ofegante em meio àquele silêncio sagrado, o cheiro de cera das velas queimando que a fazia lembrar de outros e

muito diferentes odores, odores noturnos, odores de Leslie. Conforme escrevia, ela ia ficando cada vez mais excitada e quase assustada. Lembrava daquele tempo quando trabalhava na farmácia e ia se confessar e contava ao padre uma ladainha de pecados inventados, sobre chupar o negócio do sr. Plunkett e transar com um cão alsaciano, só para chocar o velhote atrás da gelosia e ouvir o que ele diria.

As coisas que ela escreveu naquele dia na igreja eram mais obscenas que o usual, ou só pareciam pior por causa do ambiente? Ela ficava num tal estado, o lápis voando sobre a página, que tinha de parar de escrever, desabotoar a lateral da saia e colocar a mão dentro da calcinha, na quente umidade ali, e usar o seu dedo para gozar. O prazer era tão intenso que tinha que cerrar os dentes e fechar os olhos para não gritar. Por sorte, era de manhã e não tinha ninguém na igreja, exceto um velho sacristão encurvado e careca numa sobrepeliz desbotada que não parava de andar de um lado para o outro em frente do altar, parando sempre no meio para se ajoelhar diante do Santíssimo Sacramento, e que nem olhava na sua direção. Ao sair, a calcinha molhada entre as coxas, ela podia sentir o raio de luz vermelha da lâmpada do santuário batendo nas suas costas como um olho acusador. Pensar que tinha feito essas coisas numa igreja! Sabia que devia estar envergonhada, mas não estava; estava exultante.

Tudo isto encantava Leslie, claro. “Ora, ora”, ele lhe disse achando muito divertido, “Não tinha ideia da sua mente obscena.” Embora ele fingisse ser tudo uma brincadeira que tinha imaginado para se distrair, era evidente que estava impressionado com a quantidade de coisas que ela escrevia e com tantos detalhes. Ela estava vendo que ele mal podia acreditar na sua sorte por ter encontrado alguém disposta – que estava, para falar a verdade, ansiosa demais – para deixar que ele soubesse todas as coisas mais obscenas e repugnantes que lhe passavam pela cabeça. Os dois ficavam deitados nus entrelaçados na cama estreita do quarto em Percy Place – esse nome sempre fazia Leslie rir – e ele lia em voz alta o que ela tinha escrito para ele desde a última vez que tinham se visto. Enquanto ele lia, ela enterrava o rosto no côncavo do seu ombro, corando até as solas dos pés, mas fazendo questão de não perder uma só palavra, mal acreditando que tinha sido ela a escrever tais coisas. Ela adorava a voz de Leslie, o seu sotaque como se ouvia nos filmes, de modo que o que ele lia soava diferente de como havia soado na sua cabeça quando ela estava escrevendo. Na boca de Leslie, parecia sério, e – e autorizado, essa era a palavra; exatamente como, de fato, de repente lhe ocorreu, exatamente como o ator fazendo a narração de um filme, só que não – ela riu interiormente – não o tipo de filme cuja exibição fosse provável num cinema deste país.

Leslie ficava tão excitado quanto ela com o que estava lendo em voz alta, e parava no meio de algum trecho realmente apimentado, virava de costas apoiado no travesseiro e enrolava um maço de cabelos dela no seu punho como seus irmãos costumavam fazer e empurrava a cabeça dela para o seu colo. Como ele era sedoso ali, como era duro, quente e sedoso, quando ela puxava a pele da cabeça em forma de capacete com a engraçada fenda no topo como um olho piscando para ela e colocava os seus lábios delicadamente ao redor. Ela gostava de fazer assim, gostava de fazê-lo se contorcer e gemer, sabendo que era ela que comandava, ela que tinha o poder.

Ela jamais sonharia em fazer isso com Billy.

Sempre que pensava em Billy agora, imediatamente ela se apressava a pensar em Leslie. Isso queria dizer que estava apaixonada por Leslie? Uma colega da escola anos atrás lhe dissera, e ela acreditara, que quando você pensa num cara e então imediatamente em outro, era pelo segundo que você está apaixonada. Mas o fato era que ela não sabia o que sentia por Leslie. Não tinha nem certeza se gostava dele, o que era estranho – como era possível ficar com alguém como ela ficava com Leslie se não gostasse dele? Ele era bonitão, claro, de um tipo magrinho. Na cama, quando não tinha tomado nada, não parava nunca. Era fácil dizer que ele estivera com muitas mulheres e sabia o que estava fazendo. E era engraçado. Imitava o dr. Kreutz e até, embora ela tentasse impedi-lo, Billy – dava-lhe apelidos, tais como Billy Boliche, ou Billy the Kid, ou o Velhote – que a faziam gritar de tanto rir. Ele a derrubava no chão, sentava em cima dela e fazia cócegas, como se fossem duas crianças. Às vezes, quando estava para penetrá-la, ele parava um segundo, elevava-se acima dela apoiado nos braços e perguntava, com a vozinha sugestiva daquela mulher que os havia parado na rua um dia para pedir orientação: “Percy’s Place é aqui?” Mas apesar de tudo isso, às vezes ela achava – e isto era realmente estranho – que preferiria que ele não fosse real, mas uma parte das suas fantasias. Assim seria muito mais fácil. Billy, e a casinha deles em St. Martin’s Drive, e o seu trabalho no salão, e a sua mãe, que estava doente agora, e o seu pai de quem ainda sentia medo, e seus irmãos que ela nunca via – isso era vida, vida real e embora nada disso se comparasse em intensidade com o que ela tinha aqui neste quartinho miserável abaixo do nível da rua, com a meia janela com cortina de filó dando diretamente para a calçada, e o linóleo gasto e o lavatório no fundo do corredor e a pia para lavar as mãos rachada e a cama que afundava no meio, ainda assim ela valorizava essa outra vida, a normal, e queria mantê-la separada de tudo isto com Leslie, separada e incontaminada.

Nada era simples, embora Leslie tentasse fazê-la pensar o contrário. Ela não

acreditava que estivessem apenas se divertindo um pouco juntos, uma travessura, como ele dizia. Às vezes ela ficava chocada com os sentimentos confusos que tinha por ele. Por exemplo, teve a ocasião em que ele lhe disse que não havia perigo de ela engravidar porque tanto ele como a mulher tinham feito vários exames e ficou constatado que ele não podia ter filhos. Ele pensou que ela ficaria aliviada, e feliz, até, e ela supôs que deveria ficar, mas não ficou. Sabia ser pouco provável que chegasse uma hora em que eles pudessem ter um bebê juntos, mas o fato de que isso não poderia jamais acontecer, nunca, lhe deu uma espécie de sensação de vazio, de coisa oca, no estômago, como se uma parte dela tivesse sido retirada.

Não, nada era simples. E para complicar ainda mais as coisas, assim como a sua vida juntos muito privada, Leslie e ela tinham uma espécie de vida pública, também, na qual ela precisava fingir ser nada mais que a sua sócia nos negócios. O Cisne de Prata estava indo bem, melhor que ela, ou Leslie, também, ela suspeitava, apesar de toda a sua conversa confiante, teriam ousado esperar. Havia mais mulheres ricas, entediadas, nesta cidade, que ela podia ter imaginado. Nem ela podia ter pensado quantas teriam tendências esquisitas; dificilmente passava uma semana sem que ela tivesse de se defender dos avanços de alguma víbora de expressão rígida, unhas afiadas como navalhas e olhos como pedaços de gelo. Ela acabou pensando nestas mulheres – elas se diziam mulheres, embora fossem mais parecidas com homens que alguns homens – como ossos do ofício, e acrescentava uma pesada gratificação nas suas contas.

E como o dinheiro entrava. Tinha sido uma surpresa descobrir que tinha ótima cabeça para negócios, mas ainda bem, porque Leslie, ela percebeu logo, era um inútil – encantador, mas inútil. De fato, o seu único trunfo era o seu charme, e havia muitas entre as suas clientes, ela sabia, embora obviamente não as de olhos gélidos, que vinham procurá-la principalmente na esperança de encurralá-lo para uma conversa aconchegante, pelo menos, e ninguém tinha mais jeito para conversas aconchegantes que Leslie. Ela fazia questão de não criticá-lo por sua incompetência ou preguiça. Por que ela deveria se queixar? Pela primeira vez na sua vida, sentia-se realizada. Tinha confiança, segurança, dinheiro na bolsa, e um Baby Austin novinho para dirigir, e no próximo inverno, se as coisas continuassem como estavam indo, ela ia poder se dar um casaco de vison. Em outras palavras, ela não era mais Deirdre Hunt – tinha-se transformado em Laura Swan. E tinha Leslie, também, em troca.

Ele lhe mostrou como fazer coisas que, antes de conhecê-lo, ela não teria pensado nem nas suas fantasias mais secretas. Eram coisas que a deixavam envergonhada no início, o que, é claro, era uma grande parte do prazer, mas logo

elas se tornaram uma fonte quase de orgulho para ela. Era como aprender uma nova habilidade, treinar novos níveis de ousadia e resistência. Sempre tivera vergonha do próprio corpo; ela supunha que fosse por ter sido criada nos Flats e ser obrigada a dormir no quarto dos pais mesmo não sendo mais criança havia muito tempo, sem privacidade em lugar algum, mesmo no banheiro, visto que o pai não consertava a tranca que estava quebrada havia mais tempo que era capaz de se lembrar. Agora todo esse constrangimento desaparecera. Leslie cuidara disso. Só uma coisa a preocupava, que Billy percebesse a mudança nela. Uma noite na cama, ela se esqueceu e o guiou para um lugar que ele provavelmente pensava que ela nunca lhe permitiria nem mesmo tocar – ela estava fantasiando que era Leslie – e depois ele saiu de cima dela e se deixou cair bruscamente de barriga, ofegante, e perguntou com uma voz abafada onde ela tinha aprendido esse tipo de coisa. Em pânico, ela disse que tinha lido a respeito numa revista que alguém lhe emprestara, e ele bufou e disse que era uma bela revista para ela ler. Na manhã seguinte, quando ela se olhou no espelho, viu pela primeira vez algo no seu rosto, uma nova dureza, uma espécie de brilho metálico, e, pior que isso, uma expressão que nunca notara antes: era, embora ficasse chocada ao ter de admitir, a expressão do seu pai.

Sim, este lugar a que Leslie a trouxera era diferente, um lugar de cuja existência ela não sabia, mas que, no entanto, de alguma forma não lhe era nada estranho. Era como um lugar onde ela já tivesse estado na infância e esquecido e ao qual, então, de repente, voltara inesperadamente. O que sentia quando pensava em Leslie era o mesmo sentimento de quando brincavam de cabra-cega em casa no Natal. Um misto de vertiginosa antecipação e alegre terror, e isso fazia a sua pele formigar e a garganta fechar. Ou talvez fosse um sentimento que tivesse conhecido num passado ainda mais remoto, quando bebê, sim, era isso, com Leslie ela era um bebê de novo, um bebê de colo. Tentara explicar isto para ele um dia, mas é claro que ele só fez rir dela e disse que, sem dúvida, ela era um bebê, tudo bem, o seu bebê, e deu um beliscão no seu seio tão forte com as longas unhas perolizadas do indicador e do polegar que ela sufocou um grito.

Era estranho também que ela não tivesse ciúmes da mulher na pele de raposa, a mulher com que tinha visto Leslie se encontrar na livraria sobre a ponte, a que se exibia tão descaradamente na foto. Quando perguntou a Leslie a seu respeito, ele sacudira os ombros sorrindo como era o seu jeito e dizendo que, claro, tinha trepado com ela – a palavra fez o sangue lhe subir ao rosto –, depois pegou as outras fotografias e as espalhou diante do nariz dela como cartas de baralho, sorrindo com aquele olhar frio como fazia às vezes quando queria magoá-la e disse: “Fodi todas, isso sim.” Ela não sabia se acreditava nele ou não,

mas isso não importava, para ela tanto fazia se ele estava dizendo a verdade ou mentindo só por implicância. Não, ela não se importava; não sentia ciúmes. Onde ela estava agora, as velhas regras não se aplicavam. Tudo bem se Leslie tivesse dormido com a Raposinha – esse era o apelido que inventara para a sra. T., visto que Leslie ainda se recusava a lhe dizer o verdadeiro nome da mulher – e mesmo que ele tivesse dormido com todas essas mulheres das fotos, tudo bem, também. De certa forma, elas não importavam, elas eram como as pessoas nas fantasias que ela escrevia para ele, nada reais. Leslie, da sua parte, disse que não se importava que ela fosse com outros homens. De fato, ele queria que ela encontrasse pessoas com quem ir para a cama, homens, mulheres, quem quer que fosse, desde que lhe contasse tudo depois. Mas nisso, ela não cedia: jamais iria com outra pessoa que não fosse ele.

“Ah, sim”, ele disse, “e o velho Billy?”

Essa, ela havia descoberto, era a grande fraqueza de Leslie: ela podia não ter ciúmes das suas mulheres, mas ele certamente tinha ciúmes de Billy. Só de pensar no marido apenas tocando-a o deixava furioso. Ela teve de fingir, teve de jurar que não deixaria Billy se aproximar dela, nunca mais. Foi difícil convencê-lo. A primeira vez que ele exigiu que ela promettesse isso ela havia perguntado, como se não fosse nada, quase rindo, exatamente como ia se esquivar de Billy, pois ele era um cara forte e insistia nos seus direitos conjugais. Leslie lhe deu um olhar assustador, então, a cabeça de lado e os olhos parecendo se aproximar ainda mais, e não disse nada; só quando, um pouco mais tarde, eles estavam juntos na cama, ele torceu o braço dela para trás até ela achar que ia quebrar, e soprara no seu ouvido uma só palavra: “Lembre-se.”

Mas ele podia ser gentil, também, até, bondoso às vezes. Ela detestava as suas mãos, elas nunca foram outra coisa senão quadradas e grossas, mas agora eram vigorosas, as veias das costas quase como cordas, mãos de massagista, mas Leslie sempre dizia que eram encantadoras, e entrelaçava os dedos esguios, pálidos, nos seus que pareciam salsichas e os levava aos lábios e beijava as pontas, uma por uma, sorrindo com os olhos para ela.

Ele trazia coisas para ela tomar quando estavam juntos na cama, pílulas e gotas de substâncias oleosas de gosto desagradável que saíam de pequenos frascos de vidro. Havia um pó que ele misturava com açúcar e a convencia a comer, que apenas lhe dava uma coceira e a fazia se sentir biliosa, e que só depois ele lhe disse que era cantárida. Então uma tarde ele mostrou uma caixa forrada de veludo com uma seringa hipodérmica dentro e um punhado de ampolas de líquido claro como água, e lhe ofereceu um “cheirinho”, como chamou. Ela recusou. “É bom para você”, ele disse, naquela sua voz macia de

quando estava tentando convencê-la de alguma coisa. “É feito de papoula. É como alimento natural”. Ah, não, ela disse, ah, você não vai fazer isso. Ela não havia trabalhado numa farmácia todos esses anos para não ser capaz de reconhecer um entorpecente. Ele disse que ela não sabia o que estava perdendo. Mesmo assim, quando ele arregaçou a manga para aplicar a injeção em si mesmo, ela notou que ele virou de costas e manteve o braço bem apertado contra as costelas – como estava nu, de repente, esse braço, estava nu e branco – e ela lembrou de um gato fazendo as suas coisas e tentando não ser visto. Mas como ele era bonito ali, também, sentando de perfil, meio de costas para ela na cama com a perna dobrada na sua frente e um pé no chão, a luz seca, pálida, do dia encoberto que vinha da janela, batendo de lado no seu rosto, no seu longo e bem definido maxilar, e o queixo pontudo. Quando a substância começou a fazer efeito, ele se deitou de lado na cama, e ela se deitou também e o abraçou, e assim ficaram por um longo tempo, tão tranquilo, ele com uma das mãos sob a bochecha, com o olhar perdido na janela, e ela olhando para o rosto dele, que parecia, com a luz da janela ainda nele, ser de prata, uma prata diferente dos seus cabelos, e tão semelhante ao rosto de um santo, um santo martirizado num quadro antigo. Ele dormiu um pouco respirando como um bebê e, quando acordou, eles fizeram amor e ele foi tão maravilhosamente delicado que ela quase chorou nos seus braços. “Da próxima vez”, ele murmurou nos seus cabelos, numa voz lenta, como se estivesse dentro d’água, meio trêmula, “da próxima vez você tem de experimentar uma dose de suco da felicidade.”

Ela achou que não deveria ter deixado que ele entrasse em sua casa. Achou que foi a pior coisa que poderia ter feito com Billy, ou teria sido se ele soubesse, que Deus não permita. Billy estava na Suíça, bebendo com os esnobes, e talvez tenha sido por ressentimento – antes de se casarem, ele viera cheio de promessas de levá-la com ele para Genebra, mas nunca fez isso – que ela aceitou quando Leslie perguntou se podia “dar um pulo” em Clontarf para vê-la. Ele estava doido para entrar na casa e dar uma olhada, é claro, só isso; ela sabia disso. Ela o deixou entrar pela ruela nos fundos, com medo de que algum abelhudo na rua o visse. Estava decidida a fazê-lo sair de novo rapidinho, pois já estava com medo, porém, mal ele chegou na porta dos fundos, agarrou-a nos braços e a beijou na boca tão forte e tão profundamente que ela se esqueceu do perigo e da dor que poderia estar causando a Billy.

Leslie andou pela casa, as mãos nos bolsos e saltitando na ponta dos pés – ele tinha um jeito de andar que a fazia lembrar um tenista –, sorrindo encantado e dizendo como tudo era fascinante, as fotos do casamento no aparador, o aparelho de chá banhado à prata que ela ganhara dos pais, o diploma de

vendedor de Billy numa moldura dourada, a lâmpada do Sagrado Coração e a reprodução do Monarca do Vale sobre a lareira. Ela o acompanhou em silêncio. Em vez de ficar satisfeita porque ele gostou da casa – a sua casa, visto que Billy não se interessava por ela, exceto como um lugar para comer, dormir e se afundar numa poltrona nas tardes de domingo para escutar as partidas de futebol pelo rádio –, ela sentiu uma crescente sensação de dúvida, de apreensão. As coisas depois que Leslie olhara para elas pareciam mudadas, foscas, de algum modo, como se ele tivesse respirado em cima e as deixado cobertas por uma fina névoa, cinzenta, que, ao contrário da névoa real, não desaparecia. Mas aí ele a fez levá-lo para o andar de cima, para o quarto de dormir, dela e de Billy, e a despiu daquele seu jeito lento, sonhador, que quase a enlouquecia de desejo por ele, e eles se deitaram na cama, e ela perdeu a consciência de tudo, exceto dos seus lábios, e das suas mãos nela, e da sua pálida, fria, cintilante pele contra a dela.

Depois, é claro, ele teve de tomar uma dose, e ela o avisou para não se esquecer de levar embora todas essas coisas com ele, a agulha e a ampola vazia, o algodão e a garrafinha de álcool que teve o cuidado de passar no braço antes da aplicação. Seria muito bonito ver Billy encontrando tudo isso quando chegasse em casa.

Foi nessa noite que ela lhe contou sobre aquela ocasião no consultório do dr. Kreutz quando ela bebera o chá de ervas e desmaiara. Ela dissera a Leslie, enquanto se vestia, que achava que ele tinha obtido essas substâncias, a cantárida, o entorpecente..., com o Doutor – nada mais a surpreenderia no homem que ela costumava ter em tão alto conceito – e então ela se ouviu deixando escapar como acordara no sofá naquele dia sentindo como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Mal tinha falado e já se arrependia. De repente, pela primeira vez, ficou claro para ela o que tinha acontecido, o que soubera, sem saber, que tinha acontecido, e seu coração congelou. Então foi por isso que suas roupas pareciam estar ao contrário. Por que, o sacana... Mesmo meio dopado, Leslie estava escutando, e ouviu ainda mais que ela tinha dito, pois tinha um bom ouvido para essas coisas. Ele ainda estava na cama, deitado de costas com o lençol puxado até o queixo, como um paciente depois de uma cirurgia; ela sentiu um calafrio ao ver a cabeça dele onde estava acostumada a ver a de Billy. Ele girou os olhos até que as grandes pupilas se concentraram nela, e esperou, e é claro ela teve de continuar, embora tentasse atenuar os fatos.

– Devia ter alguma coisa no chá – ela disse, com um risinho que soou até para ela um pouco histérico. Ela se sentou na cama para ajustar as ligas, os dedos nervosamente atrapalhados com os ganchos. – Suponho que era alguma coisa

que ele dá às suas clientes. Devo dizer, dormi bem.

Leslie não fez nenhum comentário, apenas continuou olhando para ela, e então, lentamente, sorriu. Ela conhecia aquele sorriso. Ficava assustada, embora tentasse não demonstrar.

– Tudo bem, senhor – ela disse, batendo com as mãos nas coxas e ficando rapidamente de pé –, é melhor ir embora.

Mas ele não se mexeu para se levantar, apenas virou o rosto e suspirou. Seus longos pés, esguios e brancos, escapando por debaixo do lençol.

De novo ela teve a gélida sensação no peito. Se Kreutz a tinha dopado para tirar fotos suas, o que ele ia fazer com elas?

Ela não demorou a descobrir. Quando o correio entregou a correspondência de manhã no salão, uns dois dias depois, e ela viu o grande envelope pardo com a caligrafia quadrada que parecia tão inocente, soube logo o que ele continha. Ela estava com uma cliente na mesa – ela estava ficando boa, uma verdadeira profissional, na massagem, mesmo não tendo nenhum treinamento e apenas lido a respeito num livro –, mas teve de parar imediatamente, limpar o óleo das mãos e abrir o envelope, embora estivesse endereçado a Leslie. Ao ver a fotografia, o sangue pareceu escoar do seu cérebro e ela quase desmaiou. Deve ter recuperado o fôlego com um grito, pois a cliente, uma velha gorda, excêntrica, asmática, ergueu-se nos cotovelos com os olhos arregalados tentando ver que foto era aquela. Ela virou as costas e correu para o cubículo atrás da cortina, sentou-se à mesa e se obrigou a respirar fundo umas três ou quatro vezes. Tinha enfiado a foto outra vez no envelope – era realmente ela? – e, embora tentasse, não teve coragem de olhar de novo. Tinha ficado branca, primeiro, mas agora se sentia ficando vermelha de vergonha. Como ele pôde, o porco! Era como se tivesse levado um balde de água suja na cara. Até o que o seu pai costumava fazer com ela quando criança não lhe parecia tão ruim agora quanto a forma como Kreutz a traía. Como pôde?

Leslie riu apenas, claro, e, segurando a foto com o braço esticado, fingiu examiná-la como se fosse o quadro de um grande mestre, fechando um dos olhos e inclinando a cabeça, primeiro para um lado e depois para o outro.

– Ele sem dúvida alguma tem talento, o velho Kreutzer – disse. – Devia se dedicar profissionalmente. – E fez uma careta. – À fotografia, quero dizer.

Estavam no quarto em Percy Lane, e ele estava deitado de costas na cama ainda de paletó, com uma perna flexionada e um tornozelo magrelo apoiado num joelho. Estava caindo uma tempestade de verão, e o vento soprava a chuva em lâminas, diagonalmente cruzando a luz dos lampiões de rua. Ela havia comprado queijo, um pão de Viena e uma garrafa de Liebfraumilch para o jantar. Leslie

ainda estava rindo. Ela disse que não tinha graça nenhuma, e perguntou se não tinha nada que ele não achasse engraçado. Não era capaz de compreender como ela estava envergonhada, vendo-se desse jeito, com o vestido levantado e as pernas abertas, e tudo dela à mostra?

– Ele fez você parecer uma boneca, eu acho – Leslie disse. – A garota do calendário.

Ela disse que não parecia nada disso, e que era exatamente isso, não passava disso, uma foto pornográfica.

– Ah, não sei – ele disse zombando. – Tenho certeza de que encontro algum especialista que pagaria um bom dinheiro por um exemplar emoldurado.

– Nem pense nisso, Leslie White – ela gritou.

Ela sabia que ele estava brincando a respeito de vender a fotografia, mas ainda assim a ideia a deixou irritadíssima. Ao lhe passar a sua taça de vinho, ela não pôde deixar de dar uma olhada de novo na foto, onde ele a segurava na luz para estudá-la, e se arrepiou. Curiosamente, o pior, embora ela não dissesse, era o fato de na foto seus olhos estarem fechados. Ela ficava parecendo um defunto.

– O que será que ele lhe deu? Deve ter sido algo bem forte, para você ficar desmaiada enquanto ele montava essa ceninha. – Ele lhe lançou um olhar malicioso, a pontinha da língua aparecendo. – Tem certeza de que não estava fingindo?

Ela não se dignou a responder. Era tudo repugnante e, no entanto, em algum lugar dentro dela, bem lá no íntimo, uma pequena chama tremeluzia à ideia de estar ali inconsciente escarrapachada no sofá, sobre o cobertor vermelho, e Kreutz, com a câmera pendurada no pescoço, debruçado sobre ela, levantando o seu vestido, tirando as suas calcinhas e afastando os seus joelhos... Leslie a observava. Ele sempre sabia o que estava lhe passando pela cabeça. Ele encostou a foto no peito e estendeu a mão para ela.

– Vem cá – disse, suavemente.

Ela queria dizer não, que estava muito aborrecida, que se sentia suja e envergonhada. Mas no final, claro, ela não pôde resistir. Enquanto ele desabotoava o seu vestido, cantarolava baixinho, como fazia sempre, como se ela fosse uma tarefa à qual iria se dedicar.

– Quero essa foto – ela falou.

– Mm?

– Vou rasgá-la. Vou queimá-la.

– Ele deve ter cópias. Deve ter um negativo.

– Você pode pedir para ele. Faz isso, por mim? Consegue as fotos e queima,

queima tudo?

– Mm.

Ele achou engraçado que Kreutz ousasse chantageá-lo – por que outro motivo ele teria enviado a foto nua de D.? – e teria ignorado tudo se D. não insistisse tanto com ele. No final, para calar a sua boca, ele tinha lhe dito que de manhã ligaria para Kreutz e falaria com ele. Não contava cumprir a sua promessa, mas no dia seguinte de manhã cedo – cedo para ele, pelo menos – ele se viu subindo a rua Adelaide. A tempestade da noite anterior tinha passado e o sol brilhava, o cheiro da chuva secando nas calçadas e a aparência das árvores lavadas cobertas de folhas o animaram. Ele havia parado numa caixa de correio na Fitzwilliam Square e deixado cair o envelope com o endereço do destinatário, e uma moça de blusa branca que passava lhe dera um olhar sensual. Ele seguiu em frente, assobiando entre os dentes e sorrindo para si mesmo, com o vento agitando os seus longos cabelos.

Na casa de Kreutz, ele estacionou junto ao meio-fio e entrou pelo portão de ferro, bateu na porta e esperou. Ao fazer uma visita como essa, provavelmente um soco na madeira e muito barulho, ele refletiu, seria melhor para anunciar a sua chegada que apenas apertar a campainha; assustava quem estivesse lá dentro e ao mesmo tempo colocava em ação a sua própria adrenalina. Ele socou de novo as almofadas da porta, mas ninguém aparecia. Refez os passos até o portão e espiou a rua de um lado e de outro – estava vazia a esta hora no meio de uma manhã ensolarada de verão – depois voltou e, de um compartimento da sua carteira fechado com zíper, pegou uma engenhoca de arame resistente, reforçado, intrincadamente torcido. Parecia tão inofensiva quanto um grampo de cabelos. Ele inseriu a parte afiada na fechadura e girou com muita delicadeza para lá e para cá, pensando com ociosa satisfação como tinha sido esperto em aprender tantas habilidades úteis quando jovem, e não demorou muito para sentir com um prazer quase sensual o escorregar oleoso, mas resistente, dos tambores da engrenagem à medida que cediam e giravam. Empurrou a porta para abri-la não mais que um palmo, entrou de lado com presteza no corredor e ficou escutando, prendendo a respiração. Ele gostava de arrombar e invadir; dava-lhe uma verdadeira emoção. Nisso seu coração deu um pulo e ele quase gritou de medo. Kreutz estava de pé no escuro, no final do corredor, olhando para ele.

Ele nunca compreendeu Kreutz realmente. Não que esperasse isso – pessoas de pele escura eram diferentes, em todos os aspectos – ou que isso fosse importante para ele. Mas havia algo no jeito como esse sujeito se movia, ou não se movia, o mais provável, que ele achava misterioso. E calado, também, sempre muito calado. Não era apenas que ele falasse pouco e se movesse com agilidade;

não, o seu silêncio era mais um jeito de não estar ali – de estar ali, isto é, e, ao mesmo tempo, não estar. Inescrutável, era isso – ou isso era japonês? De qualquer maneira, Kreutz era um homem difícil de escrutinar, se essa palavra existia. Hoje ele estava descalço e vestia uma túnica de seda vermelho-escura, sem gola, abotoada até o pescoço, e uma espécie de calças frouxas tipo Ali Babá ou de pijama, que pareciam feitas de seda também. Para ocultar o seu choque inicial, Leslie riu e disse:

– Jesus, Doutor, do jeito que está aí de pé, pensei que alguém tivesse acabado com você e empalhado. E por que não atendeu quando bati?

Kreutz pareceu meditar seriamente na resposta, depois perguntou:

– O que você quer?

Leslie deu um suspiro, balançando a cabeça numa exibição de arrependida tristeza.

– Eu é que pergunto, isso é jeito de receber um velho amigo? Onde está a sua cordialidade? Onde está a sua hospitalidade? Por que não me convida para um bule do seu chá especial? Por que não faz isso, hein?

O Doutor parecia ponderar de novo. Leslie se perguntou se estava pensando em armar uma briga. Seria engraçado, se ele tentasse. Mas não, é claro, sendo um budista ou seja lá o que for. Leslie estava consciente de um leve arrependimento. Sentia aquele velho comichão nas palmas das mãos, a coceira de querer bater em alguma coisa ou alguém, desde que pudesse ter certeza de que o alguém ou a alguma coisa, uma mulher de preferência, não reagiria ou, pelo menos, não para valer. E Kreutz era bom como uma mulher, nesse sentido. Sem dizer uma palavra, ele girou nos calcanhares nus, calosos, e entrou na sala de estar. Leslie foi atrás e parou no vão da porta, apoiando-se no umbral numa pose negligente, com as mãos nos bolsos e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos. Ele olhou para os seus sapatos, admirando-os distraidamente: mocassins marrons com borlas, velhos, porém bons. Kate sempre ria do seu modo de se vestir, dizendo que ele parecia um malandro bem-sucedido. “Em vez de um fracassado”, ele dizia, com uma das suas risadas, “o que você realmente pensa que eu sou.” E aí começava a briga. Ela era boa na briga, Kate. No princípio, suas rixas acabavam sempre na cama; agora, não mais. Ele mexeu com os dedos dentro do sapato. Boa e velha Kate.

– O que você quer? – Kreutz perguntou de novo, acordando-o do seu devaneio.

– Eu lhe disse: uma xícara de chá.

A sala estava fortemente iluminada, quase com extravagância, por um grande painel de luz solar refletida pela janela lá de cima do telhado do hospital em

frente. Leslie podia ver como Kreutz estava preocupado pelo modo como se mantinha de pé, os braços rígidos ao seu lado, os dedos tamborilando e os brancos dos olhos faiscantes. Ora, bem; ele tinha de estar preocupado.

– Vai, coloca a chaleira no fogo – Leslie disse. – Como um bom menino.

Kreutz não se mexeu, ficou ali ao lado da mesinha com os braços naquela posição rígida, como, Leslie pensou, um soldado raso em posição de sentido: bateria continência de um momento para o outro. Não que Leslie soubesse muito sobre a vida militar, tendo sido esperto o suficiente para fugir da guerra e, depois, do Serviço Militar também. Kreutz respirou fundo, quase um gole, e disse:

– Esperava que você viesse.

– Ah? Por quê?

Kreutz piscou várias vezes rapidamente.

– Eu lhe mandei uma coisa.

Leslie fingiu se lembrar, batendo na testa com a palma da mão.

– Ora, mandou sim – ele disse. – Como é que fui me esquecer?

– Fiz chá – Kreutz disse rispidamente e, virando-se, saiu a passos largos para a cozinha sobre as suas pernas magrelas de cegonha. Mesmo no plano, Kreutz sempre parecia estar escalando uma difícil inclinação. Ouviram-se ruídos de chaleira e torneira aberta, o tilintar da lata de chá, colheres e louça – o Doutor estava nervoso, isso sim. Leslie foi até a porta da cozinha e ficou ali parado, de novo com as mãos nos bolsos das calças e um tornozelo cruzado sobre o outro. Kreutz estava tirando com uma colher as folhas secas de alguma coisa dentro de uma chaleira que tinha um bico longo, curvo.

– Sim, aquela foto. Muito boa. Você fez a Deirdre parecer bonita como uma pintura. Você tem talento. Disse isso para Deirdre, eu disse para ela: “O Doutor tem um verdadeiro talento para fotografia.” – Ele pegou cigarros e um isqueiro. – Mandei adiante pelo correio, por falar nisso – disse, soprando a fumaça para cima.

Uma espécie de ondulação passou pelo rosto marrom liso e polido do Doutor; Leslie levou um segundo para reconhecer isso como um franzir de sobrelhas.

– O quê? – ele perguntou.

– A foto. Eu mandei adiante. Remeti para novos endereços. Provavelmente vai voltar para você – coloquei o seu nome nela, e o endereço daqui. Achei que talvez pudéssemos iniciar uma espécie de abaixo-assinado. Você para mim, eu para alguém mais, alguém mais para você. Você sabe.

Kreutz não olhou para ele.

– Para quem você mandou? Por quê?

– Isso não tem importância. – Ele recolheu um pedacinho de tabaco do lábio inferior. – Diga-me por que mandou para mim em primeiro lugar. Achou que eu ia ficar aborrecido porque você fotografou Deirdre com a xereca à mostra, como as fotos que fez de todas aquelas putas que fingia tratar? – Ele deu uma risadinha. – Achou que eu ficaria preocupado com a honra da minha namorada, foi?

Kreutz não olhou para ele.

– Não posso lhe pagar mais – ele disse mal-humorado. – É demais para mim; não posso sustentar aquele lugar que você e ela estão dirigindo. Quando é que vai começar a dar lucro? Você devia me devolver o que já lhe dei.

A água na chaleira ferveu e soltou um apito pelo bico, primeiro trêmulo e depois cada vez mais forte e estridente.

– Deixa comigo.

Leslie falou e deu um passo à frente desligando a chama do gás. Ele levantou a chaleira e tirou o apito cuidadosamente do bico. Então, tão rápido que nem chegou a perceber o que ia fazer, ele agarrou Kreutz pelo pulso erguendo-o e, com um safanão, empurrou-o para a pia deixando cair uma gota da água fervendo direto nas costas da mão dele. Kreutz mal teve tempo de compreender o que estava acontecendo antes que a água escorresse fervendo sobre a sua pele. Deu um grito agudo abafado peculiar e um pulo para trás, sacudindo a mão esquentada no ar como um dançarino de vodu, ou uma espécie de dervixe, Leslie pensou. Ele largou a chaleira na pia. Parte da água respingara na sua própria mão, e ele abriu a torneira mantendo-a debaixo da água fria corrente.

– Agora veja o que você fez – ele disse irritado. – Fez eu me queimar.

Kreutz veio empurrando e tentou enfiar a mão por cima da de Leslie embaixo da água que jorrava na pia, fazendo um som lamuriento, nasal, agudo.

– Ah, para com essa gritaria – Leslie disse irritado. – Vai chamar a atenção da polícia. Você não é um budista capaz de suportar a dor?

– Você destruiu a minha mão! – o Doutor gritou. – Minhas mãos são o meu sustento!

– Bem feito. Você aprende a não mexer onde não deve.

Leslie examinava a sua própria mão; estava salpicada de marcas vermelhas inflamadas, mas sem formar bolhas. A essa altura, ele estava realmente muito contrariado. Pegou Kreutz pelo ombro e o girou para que ficasse de frente para ele, agarrou-o pela garganta com a mão boa e o empurrou para trás até as suas costas se arquearem contra o corredor de louças. Ele era só carne e osso, como

um longo pássaro marrom.

– Escuta, seu negro ou alemão, ou seja lá o que é isso que você é. Achou que podia me chantagear? Foi?

Kreutz, na sua dor e medo, estava gargarejando, os olhos saltados com o branco à mostra num rosto inchado cada vez mais escuro com o sangue congestionado. Leslie o soltou e deu um passo atrás, limpando a palma da mão na lateral do paletó com uma careta de nojo.

– Quero o negativo daquela foto – ele disse – e todas as cópias que você fez. Se a vejo em algum lugar, em outras mãos que não as minhas, volto aqui e quebro o seu maldito pescoço, seu negro filho da mãe. Compreende?

O Doutor colocou a mão de novo debaixo da torneira. Leslie avançou para frente rápido e pisou firme com o salto de um de seus sapatos com borlas no peito do pé esquerdo descalço do sujeito.

– Compreende?

Kreutz deu o seu grito abafado de novo e, apesar da sua irritação, Leslie teve de rir, tão cômico o cara parecia, pulando numa perna e agitando a mão empolada no ar, mais que nunca como um pássaro velho magrela com a asa machucada.

– Vamos – Leslie disse –, pega aquelas fotos.

Havia uma dúzia de fotos e o negativo. Ele entregou tudo para Deirdre quando ela veio a Percy Plane naquela noite, e ela queimou na mísera lareira enchendo a sala com o fedor de substâncias químicas chamuscadas. Ele não lhe disse o que tinha feito com a primeira cópia, a que Kreutz lhe enviara, ou que tinha guardado outra para si mesmo, em nome dos velhos tempos, ele pensou, depois se conteve, surpreso – velhos tempos? Mas pensando bem, ele percebeu que era verdade: o tempo deles juntos estava no fim, seu e de Deirdre. Tinha sido divertido, e ela era uma boa menina em muitos sentidos, mas tinha acabado. Ele se recostou na cama com um cigarro e a contemplou agachada diante da lareira, picando com a lâmina de uma faca de mesa os restos ainda fumegantes das fotografias. Ele admirou distraído a tensa, bem feita, curva das suas costas, o nariz atrevido, sardento, os seios arredondados. Ela estava lhe dizendo alguma coisa, mas ele não ouvia; era como se ela estivesse muito longe, como se estivesse fora do alcance do seu ouvido. De repente, ele mal a conhecia – ela podia ser uma estranha, uma criada arrumando o quarto, ou um cão sem dono que entrara em casa; ela poderia ter sido qualquer pessoa. Estranho, como as coisas se resolviam enquanto um corpo estava alegremente alheio ao que estava acontecendo. Ele a esgotara sem saber, e agora estava feito. Haveria o usual estardalhaço, lágrimas e

apelos, gritos, recriminações, mas tudo isso não duraria muito. Ele tinha experiência em terminar coisas.

Maisie Haddon ligou para Quirke e disse que queria vê-lo. Sugeriu que fossem ao Gresham Hotel, para variar. Ele tentou fazer com que ela dissesse o que tinha para lhe contar, mas não adiantou. “Me encontra lá”, ela disse, no seu jeito truculento. “No bar.” O sol ainda estava alto quando ele chegou no hotel e, ao entrar, escapando da claridade do dia, ficou parcialmente sem conseguir enxergar, mas era impossível confundir Maisie. Hoje ela usava um conjunto branco de ombreiras e lapelas largas, sapatos grandes de salto alto brancos, uma blusa carmim e uma echarpe de seda vaporosa verde-limão. Usava chapéu, também, uma coisa complicada com a forma de um barco de feltro verde navegando num ângulo elegante sobre as ondas dos seus cabelos frisados com um tom de amarelo luminoso. Estava sentada num tamborete no bar com as pernas cruzadas. Hoje, em deferência ao lugar, tomava um conhaque com porto.

– Para as entranhas – ela disse. – São muito delicadas, as entranhas.

Ele elogiou o chapéu e ela deu uma risada irritada.

– Deve ser bonito – disse. – Custou uma fortuna. Como ela se safa com isso, essa velha Cuffe-Wilkes, como ela se chama, eu não sei. Maison de Chapeaux. Maison de Clappo, mais parecido.

Apesar do tom estridente habitual, ela parecia mais controlada; Quirke suspeitou que estivesse intimidada pelos grandiosos acessórios do hotel, os candelabros e os altos espelhos cintilantes, os pisos de mármore polido, os garçons de pés silenciosos vestidos de fraque e as garçonetes de aventais brancos, meias pretas e touquinhas de seda.

– Mickey Rooney se hospedou aqui, você sabe – Maisie disse, apreciando o ambiente ao seu redor. – E Grace Kelly.

Quirke ergueu uma das sobrancelhas.

– Juntos?

Ela lhe deu uma cotovelada.

– Não, seu palhaço – ela disse rindo. – Mas vi o Aga Khan e Rita Hayworth aqui uma vez, quando estavam casados.

– Aly – Quirke disse. Ela franziu a testa. – Aly Khan é que se casou com Rita Hayworth – ele continuou –, não Aga.

Ela se empertigou.

– Aly, Aga, que importa? Se sabe tanto, seu Sabichão, me diz: de que outro astro do cinema Rita Hayworth era prima?

– Não tenho ideia.

Ela deu um risinho triunfante, mostrando a maioria dos seus grandes, levemente amarelados, dentes.

– Ginger Rogers!

– Maisie, você é uma enciclopédia ambulante.

A isso ela fechou a cara. Maisie era sensível, ainda mais quando achava que estava sendo alvo de gozação. Ele pediu outro drinque para ela, e para si mesmo um copo de água sem gás.

– Continua sem beber? – ela perguntou. – Não vai tomar nada, para fazer companhia a uma moça?

Ele fez que não.

– Se tomar um, vou tomar outro, e outro, e mais outro, e aí onde eu vou parar?

– Jesus, Quirke, você perdeu a graça, sabe disso?

Quando, Quirke se perguntou, ele e Maisie acharam graça em alguma coisa juntos?

– Aquela sobre quem você estava me perguntando – Maisie disse. – A que se matou.

– Sim?

Ele tinha feito uma pausa antes de responder. Maisie gostava que todo mundo mantivesse um ritmo descansado. Ela estava com o olhar fixo nas profundezas cor de rubi do seu segundo drinque, já pela metade.

– Andei indagando – ela disse. – Ninguém sabia de nada, ou nada que pudesse lhe interessar. Então falei por acaso com uma antiga cliente minha, que mora em Clontarf. Uma ex-freira, ela é, vivendo com um ex-padre; você acredita? Vieram da Inglaterra, os dois, fugindo dos bispos, eu suponho, ou da polícia, não sei de qual deles. Ela comprou uma aliança, ou tirou de um bolo de Halloween, montaram casa juntos, tão respeitáveis como você gosta.

– Como chegou a conhecê-la?

Ela lhe lançou um olhar:

– Como você acha? Uma aliança é uma coisa, mas um bebê saudável é outra. De qualquer maneira, aqui está, esta é a coincidência. Quando lhe perguntei a respeito dessa Deirdre Hunt, se ela a conhecia ou tinha escutado falar dela, ela deu uma risada e disse: “Deirdre Hunt, é? Certamente, ela não mora na mesma

rua que eu, em frente à minha casa?”

– Em Clontarf – Quirke disse.

– St. Martin’s qualquer coisa – Avenue, Gardens, Drive, não lembro. Mas não é estranho eu ligar para ela perguntando sobre alguém que é sua vizinha do outro lado da rua?

Quirke esperou de novo e tomou um demorado gole de água.

– Ela a conhecia? – ele perguntou. – Quero dizer, de falar com ela.

– Eram pessoas reservadas.

– Quem, a freira e o padre, ou os Hunt?

Ela se virou para ele e o estudou demoradamente, balançando a cabeça devagar de um lado para o outro.

– Às vezes eu me pergunto, Quirke, se você é tão lerdo como parece ou está só fingindo.

– Ah, eu sou muito lerdo, Maisie, muito lerdo.

– Sem dúvida – ela disse com um risinho sarcástico. – Sem dúvida.

Seu copo estava vazio e ela o sacudiu significativamente. Ele disse: – Mas a sua freira... Como se chama, por falar nisso?

– Philomena.

– ... Deve ter feito algum contato com os Hunt?

– Só para dizer bom-dia e alô, esse tipo de coisa. “Um casal tranquilo”, Philomena disse que eles pareciam. Não pôde acreditar quando soube que a mulher tinha se afogado. “Deve ter sido um acidente”, ela disse, “deve ter sido.”

Maisie se virou de novo, e desta vez deu um olhar curioso.

– Foi?

Ele devolveu com um dos seus olhares perplexos.

– Foi o quê?

Maisie balançou a cabeça como sabendo das coisas.

– Você não estaria interessado se fosse um acidente – ela disse. – Conheço você, Quirke. E por falar nisso – ela bateu com um dedo no seu pulso –, você pode ter desistido, mas tem gente aqui que está morrendo de sede.

Então ele pediu outro conhaque com porto e esperou o garçom servir, ambos observando-o trabalhar. Era jovem, com cabelos curtos e um pescoço cheio de espinhas. Vestia uma camisa branca e colete preto. Quirke notou um punho rasgado e um brilho gorduroso nos bolsos das calças. Este país. Alguém recentemente oferecera a Quirke um emprego em Los Angeles. Los Angeles! Mas ele iria? Um homem podia se perder em Los Angeles tão fácil quanto uma abotoadura.

Maisie pegou o seu drinque e se acomodou de novo satisfeita, como uma galinha, no poleiro alto do tamborete.

– Na noite que Deirdre morreu – Quirke disse –, Philomena notou alguma coisa fora do comum?

Maisie abafou o riso.

– Você fala como um detetive de filme. Humphrey Bogart. Alan Ladd. “Notou algo suspeito, senhora?” – Ela pegou o seu drinque, o dedinho curvado, e delicadamente deu um gole. – Sabe onde Philomena insistiu em me encontrar? Na igreja em Westland Row. O que acha disso? Você imaginaria que ela se sentiria envergonhada demais para mostrar a cara na casa de Deus. “Por que não Bewley’s?”, eu disse. “Ou o Kylemore.” Mas não, tinha de ser St. Andrew’s. A missa estava terminando, tivemos de nos sentar bem no fundo, sussurrando. Philomena não parava de fazer o sinal da cruz com ar de devoção. A falsa! Ela gosta de roupas elegantes, sabe – o padre com quem está vivendo deve ter dinheiro – meias de nylon, maquiagem, perfume, essas coisas. Mas sabe o que ela é? – Maisie fez uma pausa de efeito. – Ela ainda cheira a freira. Aquele ranço, não tem como se livrar disso.

Quirke estava entediado, seu joelho avariado doía e, como sempre na companhia de Maisie, ele estava começando a querer muito um drinque. Maisie não tinha nada para lhe contar. Por que tinha lhe pedido para vir aqui? Talvez estivesse entediada, também. Pensou em sair de mansinho, como fazia em geral, e tinha começado a descer do tamborete preparando-se para a fuga quando Maisie, olhando dentro do seu copo, com a vista um pouco turva agora, lhe contou, com casual indiferença, aquilo que ela o chamara para escutar.



Então um dia, sem avisar, seu mundo se despedaçou. Foi assim que ela pensou, essa foi a frase que ela não parava de repetir na sua cabeça: O mundo se despedaçara. No início parecia um dia como qualquer outro. Verdade, Billy mal havia lhe dirigido uma palavra, tomou o seu café da manhã sozinho na cozinha e depois partiu sem nem dizer adeus, carregando a sua mala de amostras. Ou ele havia usado loção pós-barba demais ou estava corado, como costumava ficar quando estava zangado. Mas ele não parecia zangado, só com um certo mau humor. A cozinha, depois que ele se foi, ficou enevoadada, a fumaça persistente do seu cigarro rolando em lentas nuvens cinza azuladas no grande veio de luz solar que entrava pela janela ao lado da porta dos fundos. Ela havia se servido de uma xícara de chá morno da chaleira de porcelana marrom e se sentado com ela à mesa em desordem ouvindo o rádio. Billy tinha deixado uma mancha de geleia na toalha branca; cintilava como um caco de vidro. No jardim, um pássaro se matava de piar. Ela se lembrou de que, antes de sair para trabalhar, precisava colocar a roupa de molho, na novíssima máquina de lavar que era outro pequeno luxo que o generoso Cisne de Prata havia comprado para ela.

Sim, um dia como outro qualquer, assim parecia.

Quando o telefone tocou, ela teve um sobressalto. Quem estaria ligando tão cedo? Correu para o corredor. De início não conseguiu reconhecer quem estava na linha. Hardiman, ele disse que era o seu nome. Ela conhecia alguém chamado Hardiman? Então ele disse que era do banco. A boca secou e ela sentiu seu pulso ficar reduzido de repente a uma palpitação surda, penosa, como se alguma coisa estivesse subindo com muito esforço dentro dela. Lidar com o banco tinha sido a parte do negócio que ela secretamente detestava. Tinha terror de bancos; nunca tinha entrado num deles antes dos 20 anos. Eram tão grandes, com tetos tão altos, e com tantos balcões com tanta gente por atrás, todos com gravata, ou suéter com casaquinho combinando, enquanto os homens nos fundos, os gerentes, ou seja lá o que for, usavam todos ternos risca de giz. Ela se assustava até com o cheiro, seco e de papel, como o cheiro do quarto da madre superiora na escola. Hardiman estava dizendo algo sobre “algumas questões” e “estes números”, e “estes cheques assinados pelo sr. White”. Ele pedia para ela se

encontrar com ele no banco. Ela deu um jeito de colocar a sua voz para trabalhar e disse que estava muito ocupada hoje, e se podia ser na segunda-feira. Fez-se um silêncio na linha então, um silêncio que era mais alarmante ainda que a voz do homem, e em seguida ela o ouviu tossir de leve – embora nunca tivesse estado com ele, ela podia vê-lo, cinzento e preciso, com caspa na gola, sentado à sua mesa com o fone numa das mãos e o nó de um indicador pressionando os lábios franzidos – e ele disse não, não, não dava para esperar até segunda-feira, era melhor ela ir imediatamente. Ela tentou protestar, mas ele a interrompeu, e com uma nova rispidez. “Realmente, sra. Hunt, penso ser de nosso interesse que a senhora venha agora e veja se podemos resolver isso.”

Quando desligou, ela teve de correr lá para cima, para o banheiro, e se sentar na privada com o xixi jorrando de dentro dela, jorrando e jorrando, ela não entendia como podia ter tanto xixi dentro dela. Ao tocar no seu rosto, ele estava seco como folhas mortas – não, não folhas, mas cinzas, sim, e a sua garganta estava tão contraída que ela mal podia engolir, e suas pálpebras queimavam e até seus cabelos doíam, se isso era possível. Apesar de tudo isto, o medo, o pânico e o xixi incontrollável, ela não estava surpresa. Isto, ela viu de repente, isto era o que ela vinha esperando o tempo todo, desde aquele primeiro dia no pub na rua Baggot quando se sentou no bar ouvindo Leslie White dizer ao barman exatamente como queria que ele preparasse os uísques quentes deles – “Água quente, preste atenção, não fervendo, e não mais que três cravos em cada copo” – e ela estava tão excitada por estar num pub no meio da tarde bebendo com esta bela criatura, de cabelos prateados, que teve medo de cair do tamborete desmaiada direto nos braços dele. Pois o que fizera tudo ser tão excitante, do seu jeito horrível, ela percebia agora, não tinha sido o sucesso do salão ou o dinheiro, não a conversa divertida de Leslie ou a inebriante sensação dos seus dedos na sua pele, não, nem mesmo o amor, mas a não admitida perspectiva disso, o telefonema às 9h de um dia comum, a ligação para anunciar que a catástrofe tinha acontecido. Isso era estranho.

A entrevista com Hardiman passou para ela numa imagem desfocada. Estivera errada a respeito dele: não era o caniço seco, mirrado, que havia imaginado, mas um homem grande, de cabelos brancos, cara vermelha, preocupada, de terno azul, que se debruçava atento com os cotovelos sobre a mesa, e as mãos enormes, carnudas, entrelaçadas diante dele, dizendo-lhe numa voz triste como Leslie White arruinara os negócios. Ela não compreendeu, não podia aceitar. Pelo visto, para cada libra que ela havia ganhado, Leslie gastara duas. Ele tinha dado o salão como garantia para levantar uma hipoteca em outro banco, mas isso foi gasto, também. Havia cheques que não tinham sido

“honrados”, Hardiman disse. Ela ficou olhando para ele, de queixo caído, e ele olhava para as mãos e depois para ela, suspirava e dizia:

– Voltavam, sra. Hunt. Os cheques voltavam.

Mas para onde tinha ido o dinheiro, ela perguntou, implorando por esclarecimento, no que Leslie tinha gasto o dinheiro? O sr. Hardiman ergueu os seus grandes ombros, vestidos de azul, e os deixava cair de novo, como se o peso do mundo estivesse sobre eles.

– O banco não tem acesso a essas informações, sra. Hunt – ele disse, e como ela continuava olhando para ele desamparada, ele piscou, franziu a testa e disse com rispidez. – Quero dizer, não sabemos no que ele gastou o dinheiro. Talvez esta seja uma pergunta – ele se controlou e suavizou o tom –, talvez esta seja uma pergunta que a senhora tenha de lhe fazer, sra. Hunt.

Ela saiu do prédio, naquela manhã de verão, sentindo-se como se fosse a única sobrevivente de um enorme, mas totalmente silencioso, desastre. A luz do sol batia em raios oblíquos, amarelados, e feriu os seus olhos. A carroça do vendedor de carvão passou, o carvoeiro de cara preta, de pé na prancha com as rédeas numa das mãos e o chicote na outra, as grandes narinas do cavalo infladas, os beijos virados para fora e a espuma voando para trás. Um ônibus buzinou, um pequeno jornaleiro gritou. O mundo parecia um novo lugar, um lugar onde ela nunca estivera antes, apenas engenhosamente organizado para parecer o antigo, familiar. Ela entrou numa cabine telefônica e remexeu dentro da bolsa procurando moedas. Não tinha nenhuma. Foi até a banca e comprou um jornal, mas o troco era em moedas de prata e ela pedira centavos de cobre, e o jornaleiro franziu a cara para ela e disse alguma coisa em voz baixa, mas lhe deu as moedas assim mesmo. Ela telefonou para o salão, mas ninguém atendeu. Não esperava que Leslie estivesse lá, é claro, mas dava um certo consolo discar os números familiares e escutar o telefone tocando no salão vazio. Então, antes de perceber o que estava fazendo, ela ligou para a casa dele. Casa. Casa. A palavra cravou no seu coração como uma lasca de aço. A casa dele. A mulher dele. A outra vida dele; a sua vida real.

Kate White atendeu. O sotaque inglês foi uma surpresa, embora não devesse ter sido. Parecia tão estranho agora que as duas nunca tivessem se encontrado, ela e a mulher de Leslie. No princípio, ela não conseguiu falar. Ficou olhando os vidros sujos da cabine telefônica na rua, os carros e os ônibus em movimento deslizando sinuosamente pelas imperfeições do vidro.

– Alô – Kate disse. – Quem é? – Mandona, controladora; acostumada a ser obedecida, a lhe responderem de imediato.

– Leslie está? – ela perguntou, e soou aos seus próprios ouvidos como uma

garotinha, uma colegial com medo das freiras, medo do padre no confessionário, medo de Margy Rock – a valentona da escola, medo do pai. Fez-se um silêncio. Ela sabia que Kate sabia quem ela era.

– Não – Kate disse finalmente –, meu marido não está. – E perguntou de novo. – Quem é?

Ela não se resolvia a dizer o seu nome.

– Sou a sócia dele. Quero dizer, trabalho com ele, no Cisne de Prata.

A isso, Kate reprimiu uma risada.

– Trabalha, agora? – disse.

Seguiu-se outro silêncio.

– Preciso falar com ele com urgência. É sobre a empresa. Estive no banco. O gerente falou comigo. Está tudo...

O que ela podia dizer? Como descrever o que tinha acontecido? A coisa era tão vasta, tão terrível, tão sem esperanças, e tão vergonhosa.

– Em dificuldades de novo, ele está? – Kate disse, com uma espécie de trinado na voz, um misto de amargura e irada diversão. – Isso não me surpreende. Surpreende você? Sim, acho que sim. Você não tem tanta experiência com ele como eu, seja lá o que possa pensar. Bem, espero que ele não imagine que vou pagar a sua fiança de novo. – Ela fez uma pausa. – Vocês estão juntos nisto, sabe, você e ele. No que me diz respeito, você pode afundar ou nadar. Sabe nadar, Deardree? – E desligou.

Quando chegou em casa, ela decidiu, embora não estivesse com fome – ela pensou que nunca mais sentiria fome outra vez – que devia comer alguma coisa para manter as forças. Fez um sanduíche de presunto, mas tinha engolido apenas a metade quando teve de correr para o banheiro e vomitar. Ela se sentou na borda da banheira, tremendo, e um suor frio brotou na sua testa. A náusea passou e ela desceu de novo, pegou o aspirador de pó e aspirou o tapete da sala de estar, empurrando a escova para frente e para trás com violência, como um marinheiro de castigo esfregando o convés. Nunca lhe ocorrera antes não ser possível deixar alguma coisa totalmente limpa. Não importa quanto tempo e esforço ela usasse neste tapete, havia coisas que ficariam grudadas teimosamente na felpa, cabelos, fiapos e migalhas de comida, e ácaros, milhões e milhões de ácaros – ela os imaginava, uma massa em movimento de criaturas vivas tão pequenas que seriam invisíveis mesmo que ela se ajoelhasse e baixasse o rosto enfiando o nariz bem no meio das fibras.

Ela se lembrou da garrafa de uísque que alguém lhes dera de presente de Natal. Nunca tinha sido aberta. Ela a colocara na prateleira de cima do guarda-louça ventilado, junto com as ratoeiras, a soda cáustica e a velha máscara contra

gases de borracha que restara de quando estavam em guerra e todos esperavam uma invasão pelos alemães. Desligou o aspirador e o deixou ali no chão, para os ácaros rastejarem em cima, à vontade.

O uísque parecia estar meio marrom. Uísque estragava? Ela achava que não – falavam sempre que quanto mais velho melhor. Este tinha 12 anos de idade quando foi engarrafado, a mesma idade da máscara contra gases, a mesma idade que ela tinha quando finalmente se revoltou contra o pai e ameaçou contar ao Padre Forestal na St. Bartholomew as coisas que ele lhe vinha fazendo desde quando aprendera a andar. As coisas nunca mais foram as mesmas depois disso. O mais estranho foi como a sua mãe tinha ficado furiosa com ela – a sua mãe, que a devia ter protegido durante todos aqueles anos. Como ela desejara, então, saber onde estava Eddie, Eddie seu irmão que fugira da escola e partira para o mar quando ainda era menino. De noite na cama, esperando ouvir os passos do pai no patamar da escada com uma sensação de náusea, ela inventava histórias sobre Eddie, sobre ele voltando para casa, adulto, com a túnica de marinheiro, as calças de boca larga e um chapéu como o de Popeye na nuca, Eddie sorrindo e exibindo seus músculos e tatuagens, e perguntando como ela estava, e ela lhe contando sobre o pai, e ele indo até o pai e lhe mostrando o punho fechado e ameaçando partir a sua cabeça se ele tocasse nem que fosse com um dedo na sua irmãzinha. Histórias, histórias. Ela tomou um gole de uísque direto da garrafa. Ele queimou a sua garganta e a deixou sufocada. Ela bebeu de novo, um gole mais longo. Desta vez queimou menos.

A tarde já ia avançada quando Kate White chegou. Ao ouvir a campainha, ela pensou que devia ser Leslie e correu para a porta, o coração disparado, por causa do uísque que tinha bebido tanto quanto pela excitação e a súbita esperança. Ele tinha vindo se desculpar, explicar, lhe dizer que era tudo um mal-entendido, que ia acertar com o banco, que ia ficar tudo bem. Quando abriu a porta, Kate a olhou quase com pena.

– Meu Deus – ela disse. – O que ele fez com você!

Ela mostrou o caminho para a sala de estar. Kate olhou para o aspirador, e Deirdre o pegou e colocou atrás do sofá. Não podia falar. O que havia para dizer?

Kate andou de um lado para o outro com os braços cruzados no peito, fumando um cigarro em pequenas, rápidas e iradas baforadas. Encontrara as fotografias, e as cartas. Leslie as tinha deixado numa bolsa debaixo da cama – da cama deles. Ela deu uma risada furiosa.

– Debaixo da maldita cama, pelo amor de Deus!

Ela supunha que ele quisesse que ela as encontrasse, disse. Ele queria uma

desculpa para ir embora, e assim seria ela quem o teria expulsado de casa. Ela riu de novo.

– Ele sempre gostou de deixar as decisões para os outros.

Ela não sabia para onde ele tinha ido. Disse que supunha que os dois tivessem um ninho de amor – ele provavelmente se mudaria para aqui. Ela parou de andar de repente.

– Vocês têm?

Deirdre respondeu que sim, eles tinham um quarto, mas não lhe diria onde ficava. Kate bufou.

– Acha que me importo com o lugar onde vocês trepavam? Por falar nisso – ela olhou para o teto –, vocês treparam aqui? Estou interessada em saber.

Deirdre baixou o olhar e fez um levíssimo sinal que sim. Sim, ela disse, Leslie tinha ficado uma noite quando o marido dela estava viajando, na Suíça. Kate arregalou os olhos, e ela teve de explicar que Billy às vezes tinha de ir a Genebra, para conferências no escritório central da firma onde trabalhava.

– Conferências? – Kate disse, com outro risinho de desdém. – O seu marido ia a conferências? – A ideia parecia diverti-la. – Tolinha.

Mas Kate, ela podia ver, não estava tão zangada agora como quando chegou. Ela supôs que Kate sentisse pena dela, ou quem sabe fosse apenas um sentimento de solidariedade entre as duas. Afinal de contas, Leslie tinha traído as duas, mais ela que Kate. Agora Kate, como pensando a mesma coisa, parou de andar de um lado para o outro de novo e olhou bem para ela, pela primeira vez.

– Está bêbada? – perguntou.

Ela disse que não, não estava bêbada, mas tinha tomado uísque e não estava acostumada.

– Vou lhe dar um conselho – Kate falou. – Não comece a beber.

Abruptamente ela se sentou no sofá com os joelhos fechados e os punhos pressionados neles.

– Cristo todo-poderoso – disse –, olhe para nós, enganadas por esse... esse rato.

E, por incrível que pareça, Deirdre sentiu um protesto subindo-lhe pela garganta, um grito de negação de defesa. Nesse momento, pela primeira vez neste longo dia, ela sentiu a punhalada da inevitável percepção de tudo que estava perdendo. Não o dinheiro, a empresa, não o seu carro novo, seus vestidos e o casaco de vison do próximo ano – nada disso tinha importância –, mas Leslie, quem ela amava, como nunca tinha amado ninguém antes e jamais voltaria a amar. Ela sentiu alguma coisa murchando dentro dela, murchando e se

esfarelando, como as fotografias se desfizeram em cinzas quando ela as queimara na lareira naquele dia em Percy Place.

Kate se levantou.

– Sinto muito – disse. – Não sei por quê, mas sinto. Vim aqui para gritar com você por ter roubado o meu marido. Tinha fantasias de bater em você, de arrancar seus olhos, todas essas coisas que você imagina fazer em momentos como este. Mas só sinto tristeza.

Ela deu um passo à frente e ergueu uma das mãos como se fosse mesmo bater, mas em vez disso tocou-a de leve no rosto, num gesto fugaz, com a ponta dos dedos.

– Pobre putinha idiota – ela disse. E saiu.

O dia foi passando, excruciantemente. O ar na casa era sufocante, mas ela não ousava ir lá fora, até mesmo no jardim dos fundos, não sabia por quê, exceto que o ar livre agora lhe parecia um lugar hostil, fumacento e sulfuroso. Ela entrou na cozinha, ainda abraçada com a garrafa de uísque, pegou um copo e sentou à mesa enchendo-o até a borda, tanto que teve de se debruçar para dar o primeiro gole. Seus olhos pareciam carvões em brasa, a língua e a parte interna dos lábios estavam em carne viva e flácidos. Ela continuou bebendo. Depois dormiu um pouco, ainda sentada à mesa, com a cabeça apoiada nos braços. Quando acordou, o sol estava se pondo. Para onde foi o dia? Parecia tão pouco tempo atrás que ela estivera no banco, com o sr. Hardiman. A casa estava num silêncio fora do comum; ela ficou sentada imóvel por um bom tempo, escutando, mas não ouvia som algum, exceto um zumbido constante, monótono, que ela sabia existir apenas na sua cabeça. A pele coçava por baixo da roupa. Sentia-se suja – não imunda, mas só isso, pouco asseada. Ela pegou a garrafa e subiu as escadas, apertando-a contra o peito e apoiando-se com um cotovelo no corrimão. No alto da escada ela se viu assim no espelho de corpo inteiro na parede do lado de fora do banheiro, com um cotovelo apontando para o lado e o punho com a garrafa virado contra o seu peito, como se ela fosse paralítica ou aleijada.

No banheiro, ela colocou a garrafa cuidadosamente na estante na cabeceira da banheira e pegou o copo de escovar os dentes. Ao inclinar-se para frente para tampar a banheira, quase caiu de ponta cabeça. Tirou as roupas, largando-as a sua volta como muitos retalhos de pele descartada. A nítida falta de cheiro do vapor feriu suas narinas. Ela entrou na água – tão quente que estava quase insuportável – e se deitou com um suspiro. Olhou para o seu corpo pálido debaixo d'água, suas linhas deslocando-se, seus planos ondulando. Então ela se ajoelhou e derramou o resto do uísque no copo – ela bebeu mesmo a garrafa inteira? – e se deitou de novo até o pescoço na água, segurando o copo entre os

seios flutuando indolentemente. Sua mente perambulava em vaga angústia pelas cenas da sua vida passada, o Natal quando o pai lhe comprou uma bicicleta de presente, o dia que quebrou o dente de Tommy Goggin, a gloriosa manhã quando marchou até a farmácia e disse àquele porco grosseirão do Plunkett que estava se demitindo e abrindo o seu próprio negócio. Ela cochilou um pouco, até a água da banheira esfriar, e acordou tremendo. Embrulhou-se numa toalha e foi para o quarto de dormir, tropeçando no vão da porta e machucando o ombro na maçaneta. Já estava escuro, mas ela não se deu o trabalho de acender a luz. O tremor tinha diminuído, mas ainda estava batendo os dentes. Ela afastou as cobertas e, ainda envolta na toalha úmida, deitou-se e puxou o lençol até o queixo. Havia uma lua cheia brilhando na janela, observando-a como um olho gordo e lascivo. Ela chorou por um certo tempo, os calafrios transformando o seu choro em soluços. Por que estava chorando – de que adiantava chorar? Estava tudo despedaçado.

Ela observou a lua e de repente se viu, muito claro, na luz radiante, de pé naquelas noites de verão na janela do apartamento quando era menina, sentindo o cheiro maravilhoso da fábrica de biscoitos e ouvindo o pássaro cantar no arame preto. Tinha parado de chorar. Talvez ainda fosse possível fazer alguma coisa, talvez alguma coisa pudesse ser salva do desastre que Leslie causara. “Sim”, ela disse em voz alta: “talvez possamos salvar alguma coisa, afinal de contas.” Então ela se lembrou de Kate White tocando-a no rosto com os dedos, tão delicadamente. Tinha gostado dela, apesar de tudo. Podiam ter sido amigas, se as coisas tivessem sido diferentes. Poderiam até ser sócias, poderiam ter aberto outro salão, sem Leslie. Pensando nestas ideias consoladoras, ela suspirou, sorriu para a escuridão enlutarada e fechou os olhos. E fechou os olhos.

TRÈS



Leslie White não podia entender por que tinha abandonado acomodações excelentes no apartamento da moça menos de uma semana depois e se isolado no quarto em Percy Place. O que ele estava pensando? Antes de mais nada, havia tantas coisas no quarto em Percy Place para lembrá-lo de Deirdre – começando pela cama – pobre Deirdre morta, e ele podia passar sem isso. Sentia falta dela, sem sombra de dúvida, ele sentia falta dela. Deirdre tinha sido uma boa moça, e cheia de fogo. Deus sabe. No final, é claro que ela tinha de morrer, e morreu. Ele não podia fingir estar com o coração partido. Afinal de contas, se vamos falar de acomodações, foi por causa dela que ele foi expulso das melhores que jamais teve, quando Kate descobriu as fotos e, pior, as cartas obscenas. Mas engraçado é que, depois da surra que levou daqueles filhos da mãe, ele tinha ido instintivamente para a casa da moça, jamais duvidando que ela fosse lhe dar abrigo e cuidar dele. E ele não poderia ter feito coisa melhor, pois embora parecendo e agindo como se fosse uma donzela de gelo, ela tinha derretido bem rápido. De fato, ela havia se revelado uma mulherzinha bem interessante, embora obviamente sem muita experiência, uma condição que, no final dos poucos dias que passaram juntos, ele tinha se esforçado bastante para curar, apesar das contusões e dores nas costelas. Então, por que ele foi embora?

Mas ele sabia que não podia ficar com ela por muito tempo. Ela era daquele tipo, faminta por sexo, nervosa e inteligente demais para o seu próprio bem ou de qualquer outra pessoa, que, se encorajada, grudaria e antes que ele percebesse estaria choramingando a respeito de amor e todo o resto. Ele já tinha estado com algumas dessas; era o diabo para se livrar delas se você ficasse por perto por mais de alguns dias. Então ele escapou e agora estava aqui em Percy Place – que nome, ainda o fazia rir – escondido atrás das cortinas de renda empoeiradas e cuidando da sua saúde e vigor da melhor maneira possível. Não era fácil.

A primeira coisa que precisou fazer foi colocar as mãos num suprimento de remédios, e ele não perdeu tempo em sair para dar os seus giros, de olho atento caso aqueles sujeitos com seus porretes – uma espécie de machadinhas de madeira, parecia – estivessem escondidos esperando para lhe dar outra surra. Não demorou muito para localizar o que estava buscando. Maisie Haddon era

sempre garantia para uma dose, e sem dúvida quando ele foi naquela noite ao seu pequeno negócio na rua Hatch, ela não o decepcionou. Mas quando o viu naquele estado e como ele devia estar precisando da droga, ela tentou cobrar, e ele teve de ameaçar lhe dar um tapa se não a entregasse rapidinho. Não que Maisie nunca tivesse levado uns bons tapas na sua vida, mas ela sabia o que ele conhecia a seu respeito, e o que faria com isso se ela resistisse, e isso era mais convincente que a perspectiva de um olho preto e alguns dentes quebrados.

A sra. T. foi mais gentil. O marido era um médico que a havia expulsado de casa e agora se recusava a vê-la ou falar com ela, mas a mantinha bem abastecida para que não viesse exigir a droga aos gritos na porta do seu elegante consultório na praça Fitzwilliam. Leslie combinou encontrar-se com ela na livraria, como de costume. Embora ela tivesse ficado obviamente chocada com o estado do seu rosto, os hematomas e os olhos pretos, ele teve medo nos primeiros minutos de que ela se jogasse em cima dele ali mesmo, no meio da loja, sentira tanta falta dele, assim ela tinha dito. Ela queria que ele a levasse a algum lugar imediatamente, e ele teve de pensar rápido e dizer que não tinha para onde eles pudessem ir, visto que o salão estava fechado e ele fizera as pazes com Kate e estava vivendo com ela de novo, o que era uma mentira, claro – Kate, ele tinha certeza, jamais o receberia de volta. Ele viu que a sra. T. não acreditava – tinha cometido o erro de levá-la a Percy Place umas duas vezes quando Deirdre virava as costas, então ela sabia a respeito do quarto, do qual agora ele também teve de jurar ter desistido –, mas ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar que com a decepção da sra. T. por não conseguir levá-lo para baixo dos lençóis. Ele escapou dela finalmente, depois que ela lhe entregou a droga, prometendo se encontrar com ela naquela noite no Shelbourne – “Vou reservar um quarto” – ela ronronou, olhando-o com olhos de gato e enfiando as unhas de manso nas lapelas do seu paletó de linho, “podemos dar um nome falso” – promessa que ele não tinha intenção de cumprir.

Quando ele partiu de carro pela rua Baggot, ela ficou na ponte debaixo do sol olhando para ele, com seus óculos escuros de armação branca e seu vestido florido jovial demais para ela, e quando ele olhou para trás por cima do ombro, ela ergueu a mão com a luva branca e acenou de leve, com tristeza, e ele soube que não a veria mais – a não ser, é claro, que Maisie Haddon e seus outros contatos se esgotassem de repente. A sra. T. era outra de quem ele sentiria falta, sentiria realmente. Tinha 45 anos, e era magra como um lebréu, mas tinha alguma coisa nela, alguma coisa naqueles pulsos ossudos e tornozelos esguios, tão frágeis, tão quebradiços, que tinha penetrado até mesmo debaixo da sua pele dura. Ele lembrou como tinha sido fácil fazê-la chorar. Sim, ele sentiria falta

dela. Mas, Cristo, todas estas mulheres, penduradas nele e lhe dizendo que o amam, e depois se tornando desagradáveis – o que um sujeito vai fazer?

Foi engraçado, mas quando ele saiu pela porta da frente em Percy Place para a manhã quente, cinza e mormacenta, foi interrompido na sua trajetória por um sentimento que a princípio não foi capaz de identificar, uma opressão no peito, como se um peso tivesse caído sobre o seu coração. Ele entrou cautelosamente no Riley, atento às suas costelas amarradas. Não deu a partida no motor de imediato, mas sentou-se atrás do volante tentando descobrir o que estava acontecendo com ele. Estivera pensando em Kreutz, Deirdre e nas fotos obscenas que Kreutz fizera dela, a foto que ele tinha colocado no correio, de brincadeira. Cristo, o que tinha feito. E então ele percebeu que o que estava sentindo era culpa. Sim, culpa. Isto é o que o fizera parar no meio da corrida, esse era o peso apertando o seu coração. Ele abriu de novo os olhos e olhou atônito para a rua vazia ao redor. Leslie White, sentindo culpa – ora, era isso. Então ele deu partida no motor pisando várias vezes no acelerador. O que estava feito estava feito. As coisas tinham se tornado sérias, mas a culpa era dele? O problema, enquanto entrava na rua Haddington, era que as pessoas não o compreendiam, as mulheres especialmente. Elas queriam dele coisas que simplesmente não era do seu estilo dar. Sim, esse era o problema, pessoas esperando coisas que ele não tinha para dar.

Ele ultrapassou um sinal amarelo na rua Baggot e disparou para a rua Mespil soltando fumaça pelo cano de descarga. As árvores no canal cintilavam em tons de verde acinzentado na atmosfera encoberta. A água tinha uma aparência de estanho polido. Ele enfiou a mãos nos cabelos, sentindo com prazer a sua sedosa textura. A brisa era agradavelmente fresca contra o seu rosto machucado. O que tinha sido, a não ser uma brincadeira, afinal de contas, colocar a foto no correio? Ele não pretendia fazer tamanha maldade. Essa era outra coisa que as pessoas não compreendiam a seu respeito: a sua essencial inocência, a sua falta de culpa. Nada que ele fazia era de propósito, não realmente.

Ele estava começando a ficar apreensivo, e pensou em parar o carro, beber alguma coisa num pub e se trancar num cubículo no banheiro masculino e se aplicar uma dose de suco da alegria, mas resolveu esperar. Tinha coisas para fazer, e precisava ficar atento até que elas fossem feitas. Havia o velho Kreutz, para início de conversa. Ele estava certo de que fora Kreutz a mandar aqueles caras espancá-lo, então isso tinha de ser esclarecido e a desforra cobrada. O velho Kreutz não tinha sido gentil com a moça quando ele a mandara até a sua casa naquela noite da surra para pegar o seu remédio. Ela tinha sido o seu anjo da misericórdia e Kreutz a tratara com desprezo, a expulsara da sua porta. Mas,

isso tinha sido melhor que lhe dar uma xícara do seu chá especial e fazer um estudo artístico dela, também, como fizera com a pobre Deirdre. Como o maldito negro tinha tido a coragem, primeiro de tentar chantageá-lo e depois de contratar uma turma de rufiões para lhe dar uma surra? Sim, o Doutor estava precisando de uma boa represália.

A rua Adelaide estava deserta como sempre esta tarde. Estranho como sempre havia pouco movimento ali, apenas um carro ou outro, e dificilmente um pedestre. Por quê?, ele se perguntou. Certamente haveria o trânsito do hospital, e havia muitas casas e apartamentos, então onde estavam os ocupantes? Ele não se importaria de uma casa aqui, um esconderijo, em meio a toda esta paz e tranquilidade verdejante. A questão de onde morar ocupava boa parte dos seus pensamentos atualmente, desde o rompimento com Kate e depois a morte de Deirdre. O quarto em Percy Place tinha servido muito bem ao seu objetivo quando o pediu emprestado, mas não serviria como pousada a longo prazo. Havia o problema de dinheiro, é claro, que estava escasso desde que o salão cantara o seu canto do cisne e afundara. Kreutz teria de ser forçado a retomar os pagamentos, ou certos maridos respeitáveis em breve estariam recebendo pelo correio fotos muito interessantes de suas esposas. A dificuldade, é claro, era que Kate, maldita, tinha queimado as fotografias. Não restava outra coisa além de obter um conjunto sobressalente de Kreutz, o que ele imaginava que implicaria numa certa dose de violência. Ele estava sorrindo sozinho quando encostou no meio-fio e estacionou. Que piada ia ser, fazer Kreutz entregar o próprio material que Leslie depois usaria para extorquir dinheiro dele. Chantagem era uma palavra, por falar nisso, pelo menos quando era ele que a usava, que ele não achava feia apesar que todo mundo dizia sempre nas histórias de detetives; ao contrário, ela lhe cheirava a atos perversos de risco elegante e feitos temerários. Ele abriu o portão de ferro com um empurrão – iic, iic – e subiu o curto trajeto até a porta, a mão no bolso do paletó rolando entre os dedos as ampolas que a sra. T. lhe dera como se fossem dados de vidro, gostando da sensação ao tato, tilintante, fria e prometedora de felicidade.

De novo Kreutz não atendeu à porta, e ele pegou o seu pedacinho de arame e, tendo checado a rua, passou a trabalhar na fechadura. Na penumbra do corredor, havia um leve, mas definido e distintamente desagradável cheiro. Ele avançou devagar. Onde será que Kreutz estaria se escondendo? Bem, isso não tinha importância; ele o encontraria.

Quando o telefonou tocou, Quirke sabia, um segundo antes de pegar o fone, quem era. Ele estava à sua mesa no seu gabinete no subsolo, ao lado da sala dos corpos onde Sinclair preparava um cadáver para o corte. Era quase seis horas de

um atarefado dia de trabalho e o telefone parecia ter tocado a tarde toda, esganiçado e exigente como um bebê querendo a mamadeira, então o que havia neste telefonema em particular, ele ficou imaginando, que ele era capaz de dizer quem estava na linha? No entanto, quando o policial se anunciou – “Inspetor Hackett falando” – ele sentiu a usual pontada de pressentimento. Hackett não se apressou em chegar ao que interessava. Falou do tempo – o assunto era para Hackett o que as piadas de sogra eram para os comediantes, sempre certeiras – dizendo que o calor estava acabando com ele, embora o rádio previsse chuva, o que seria um alívio, uma coisa que ele sabia que não deveria estar dizendo, tinha tantas pessoas lá fora curtindo o sol, ele as tinha visto no Green quando ia para lá, deitadas na grama, bronzeando-se, a metade, ele não tinha dúvida, sobre as quais eles saberiam tudo ao cair da noite... Onde, Quirke ficou imaginando, o inspetor tinha “ido”? Quando ele lhe disse, um endereço na rua Adelaide, Quirke teve outro momento de identificação telepática e já sabia o nome que ia ser pronunciado.

– Parece que deparei com um pequeno acidente – informou o inspetor. – Mais que pequeno, de fato, e mais que um acidente, se não me engano. Acha que tem um minuto livre para vir até aqui e dar uma olhada?

– Oficialmente?

Uma risadinha veio do outro lado da linha.

– Ora, sr. Quirke...

Sobre cada cena de morte violenta que Quirke presenciara ao longo da sua carreira, pairava um tipo particular de silêncio, aquele que cai depois que os últimos ecos de um grande clamor desapareceram gradualmente. Havia o estado de choque, é claro, assombro e revolta, a sensação de muitas mãos erguendo-se rápido até as muitas bocas, mas algo mais também, uma espécie de prazer, uma espécie de incapaz-de-acreditar-no-seu-destino, surpreso, feliz. Coisas, Quirke refletiu, até coisas inanimadas, pelo visto, adoram um assassinato.

– Uma boa bagunça, isso sim – o inspetor Hackett disse, cutucando cautelosamente com a ponta do sapato uma tigela de cobre derrubada no chão manchado de sangue.

O homem de pele escura jazia numa postura curiosa na frente do sofá, de borco, com os braços jogados para cima da cabeça e os pés descalços apontando para baixo. Era como se ele tivesse rolado, ou tivesse sido rolado, pela sala até parar aqui. A morte é um freguês violento. Uma das mãos do homem estava enfaixada copiosamente numa atadura não muito limpa.

– O que aconteceu? – Quirke perguntou.

O inspetor sacudiu os ombros.

– Levou uma surra – disse. – Socos, chutes. A mão enfaixada parece ser uma queimadura, ou escaldadura.

Ele estava usando um terno azul, o paletó firmemente abotoado no meio, mas o colarinho da camisa estava aberto e o laço da gravata afrouxado, pois estava quente e abafado na sala. Ele segurava o chapéu numa das mãos, e havia um leve vergão rosado atravessando a testa onde a fita do chapéu havia marcado a pele amolecida pelo suor.

– Deve ter havido uma balbúrdia. É surpreendente que ninguém nas casas ao redor tenha escutado nada; ou, se escutou, ninguém relatou isso.

Ele deu um passo à frente e parou em cima do corpo, puxando o lábio inferior com o polegar e o indicador. Olhou para Quirke.

– Importa-se se eu lhe perguntar como o conheceu?

– Como sabia que eu o conhecia?

O detetive sorriu e mordeu o interior da mandíbula.

– Não tem como tirá-lo da jogada, sr. Quirke. – Ele rodopiou o chapéu na mão. – Billy Hunt mencionou-o.

– Então suponho que ele deve tê-lo mencionado para mim também.

Hackett concordou.

– Certo – disse. – Certo. A mulher dele o conhecia, pelo que parece. A mulher de Billy. Existe uma coincidência. Primeiro ela morre, agora este pobre sujeito é morto. E – ele abanou um dedo de um lado para o outro, como se contasse os lados – tem o senhor, e eu, e a viúva chorosa, e Deus sabe quem mais, e todos nós de alguma forma conectados. Não é estranho?

Quirke não respondeu. Em vez disso, perguntou de novo:

– O que aconteceu?

– Deve ter sido alguém que ele conhecia. Não há fechaduras arrombadas, janelas quebradas, pelo que posso ver.

Algo ocorreu a Quirke.

– O senhor não chamou os legistas?

O inspetor deu um sorriso malicioso.

– Pensei em falar com o senhor primeiro – ele disse –, visto ter sido o senhor quem veio me procurar a respeito de Deirdre Hunt, e agora o amigo de Deirdre Hunt acabou de ser mandado para o outro mundo.

– Não sei nada a respeito disto – Quirke disse categoricamente. – Nunca vi este cara antes. Como é mesmo o nome dele?

– Kreutz. Hakeem Kreutz. Está escrito na tabuleta lá fora na cerca.

– Sabe alguma coisa a seu respeito?

– É, fiz algumas investigações. Ele se dizia austríaco, ou que seu pai era austríaco, e que a mãe era de uma classe de princesas indianas. De fato, ele era de Wolverhampton. A família tinha um mercadinho de esquina.

– Como ele chegou a ser Kreutz?

– É apenas como ele se chamava. Suponho que gostasse do som. Dr. Kreutz. O verdadeiro nome é Patel.

Quirke agachou-se ao lado do corpo e tocou a face; estava fria e rígida. Ele se levantou, esfregando as mãos, e disse:

– Não vejo que conexão poderia haver entre isto e o suicídio de Deirdre Hunt.

Hackett pegou logo.

– Suicídio? – Ele esperou, mas Quirke não disse nada. – Tem certeza, sr. Quirke, não tem algo que não esteja me dizendo? O senhor é um tremendo dissimulado, sei disso não é de hoje.

Quirke não olhava para ele.

– Como já lhe disse, não sei de nada.

Ele estudava uma poça de sangue seco, brilhando sinistramente como laca chinesa em contraste com as tábuas do piso pintadas de vermelho.

– Se soubesse, eu lhe diria.

Fez-se um longo silêncio. Os dois homens permaneciam imóveis, cada um meio de costas para o outro.

– Tudo bem – o inspetor disse finalmente, suspirando, com ar de jogador de xadrez entregando o jogo –, vou acreditar no senhor.



Leslie White tremia tanto que até uma forte dose do suco de papoula da sra. T, administrada no toalete do porão do Shelbourne, não o tranquilizara. Ele avançava com o carro, entrando e saindo do trânsito do início da noite, agarrado ao volante e piscando rapidamente, sacudindo a cabeça como se tentasse desalojar do ouvido uma obstrução. Parecia estar dando voltas e mais voltas no Green havia horas. Não sabia o que fazer, e não conseguia pensar direito. A droga tinha estendido lenços de gaze esverdeada diante dos seus olhos, como uma floresta de musgo pendente, por trás dos quais ele ainda podia ver sangue, a tigela de cobre no chão e Kreutz morto. Ele queria desesperadamente estar dentro de casa, longe das ruas, dos carros e das multidões apressadas. A luz do dia estava tão fraca quanto parecia? Era mais tarde que ele pensava? Ele ansiava

pelo anoitecer e o escuro que tudo ocultava. Não era tanto que estivesse com medo, mas a sua incapacidade de decidir o que fazer em seguida era terrível. Deu uma guinada na frente de um ônibus que buzinou para ele como um elefante, nisso ele torceu o volante e quase bateu num grande Humber Hawk que vinha gingando ao seu lado. Sabia que tinha de parar e estacionar o carro, entrar num pub, tomar um drinque, tentar se acalmar, tentar pensar. E então, de repente, ele soube o que fazer, onde ir. Claro! Por que não pensou nisso antes? Acelerou em direção à rua Grafton, virou cantando os pneus e seguiu para o oeste.

Phoebe adquirira o hábito de parar na porta da frente e olhar atenta para todas as direções antes de se aventurar a descer para a rua. A sensação de estar sendo observada, de que alguém a estivesse espionando e seguindo, era mais forte que nunca. Ela teria acreditado que era tudo imaginação sua – uma imaginação, afinal de contas, que durante tanto tempo tinha sido uma casa dos horrores – não fossem os telefonemas. O telefone tocava, a qualquer hora do dia ou da noite, mas quando ela atendia não se ouvia nada a não ser um silêncio crepitante na linha. Ela tentava perceber o som de respiração; mas era inútil. Às vezes havia uma sensação abafada, quando ela pensava que ele – e tinha certeza de que era ele – devia estar com a mão no bocal. Uma vez, e apenas uma vez, percebera alguma coisa, um leve tilintar muito distante, como a tampa de uma pequena caixa de metal sendo aberta e fechada de novo. Era enlouquecedoramente familiar, esse tinido, mas ela não conseguia identificar, por mais que tentasse. Tinha se acostumado com esses telefonemas e, embora soubesse ser perverso da sua parte, às vezes ela os recebia bem apesar de não ser essa a sua intenção. Eles eram agora uma constante na sua vida, alfinetadas permanentes no delicado tecido dos seus dias. Sentada ali no banco diante da janela escancarada, com o telefone no colo e o fone pressionado contra o ouvido, ela se esquecia de se sentir ameaçada e mergulhava quase com langor neste breve intervalo de repousante silêncio compartilhado. Desistira de gritar para quem quer que fosse; nem mesmo perguntava quem estava ligando ou exigia uma identificação, como costumava fazer no início. O que será que ele pensava, o que sentia, este fantasma, escutando por sua vez agora os silêncios dela. Talvez fosse só isso que ele queria, um momento de tranquilidade, de vazio, de suspensão temporária do incessante alarido dentro da sua cabeça. Pois Phoebe tinha certeza de que ele devia ser louco.

Na rua esta noite, havia o velho passeando com o seu cachorro que ela já tinha visto tantas vezes antes – homem e cachorro eram extraordinariamente semelhantes, baixos e atarracados em idênticos casacos cinza – e um casal passando de braços dados na direção do Green, a moça sorrindo para o homem,

mostrando os dentes superiores até a gengiva. Um garoto todo curvado numa bicicleta de corrida passou, os pneus chiando na rua coberta de piche ainda mole do calor do dia. Um ônibus parou, mas ninguém desceu. Ela saiu para o lusco-fusco do anoitecer. Uma brisa perfumada chegou dos canteiros de flores no parque. Por que as flores exalavam tanto perfume de noite? Era a hora em que os insetos saíam? Tantas coisas que ela não sabia, tantas coisas.

Entrou num ônibus na rua Cuffe e por pouco teria visto o carrinho esporte verde maçã atravessar o cruzamento e acelerar na direção de onde ela acabara de vir.



Durante muito tempo Maggie, a criada, escondera que estava ficando cega, convencida de que o sr. Griffin se livraria dela se soubesse – de que lhe adiantava uma criada cega? Essa era uma das razões pelas quais ela fingia não escutar a campainha, porque temia não reconhecer quem estava ali se abrisse a porta, e se fosse alguém que ela devia reconhecer de vista, o seu segredo seria revelado. Portanto, naquela noite ela se escondeu na despensa no porão e deixou que o sr. Griffin atendesse ele mesmo à porta, e não saiu de lá até saber quem eram as suas três visitas. Eram o sr. Quirke, Phoebe e aquela da América, aquele badejo velho tentando ser jovem, Rose sei-lá-o-quê. Seria uma melancólica ocasião. Não como as festas que costumavam acontecer quando a patroa ainda estava aqui. Não que a Patroa fosse muito dinâmica, mas pelo menos ela comprava comida e bebida decentes, e se vestia bem quando tinha visitas.

Maggie estava na expectativa de ver o sr. Quirke. Gostava dele, e sempre gostou, mesmo quando ele bebia. Ele não bebia mais, assim dizia. Era uma pena, porque quando ele estava de porre costuma provocá-la e fazê-la rir. Nada de risadas nesta casa, atualmente.

Ela quase caiu em cima do cachorro quando estava levando a bandeja com os sanduíches. Deu um pontapé no animal e ele saiu correndo, ganindo. Tinha um plano para conseguir uma lata de veneno de rato com o farmacêutico na rua Rathgar um dia desses e livrar esse animal do seu sofrimento. Ninguém o queria aqui, nem mesmo o sr. Griffin, que devia ser o seu dono. Foi a jovem Phoebe que lhe deu, para lhe fazer companhia quando ele chegou dos Estados Unidos depois que a patroa morreu. Companhia! O pobre era mais um incômodo que qualquer outra coisa. Esta família tinha um gosto por pegar animais extraviados. Primeiro, anos atrás, tinha sido aquela Dolly Moran que mais tarde foi morta, e depois a outra, Christine qualquer coisa, a assanhada sem-vergonha, que também morreu. E o próprio sr. Quirke tinha sido um órfão que o velho juiz Griffin resgatara de um asilo para indigentes e trouxera para viver aqui como se fosse da família. Maggie, arrastando os pés pelo corredor escuro com a bandeja na sua frente, deu um risinho. É, ela pensou: como se fosse da família.

Na sala de estar, Quirke pegou a bandeja de Maggie, agradeceu e lhe perguntou como estava. As janelas francesas estavam abertas para o jardim, onde uma taciturna luz lilás estendia-se sobre a grama debaixo das árvores encurvadas. Rose Crawford, taça de vinho na mão, estava de pé na janela, de costas para a sala, olhando lá fora. Mal, num funéreo terno cinza-escuro e gravata-borboleta azul-marinho, estava ao seu lado; não se falavam; nunca tiveram muito o que dizer um ao outro. Phoebe estava sentada numa poltrona perto da lareira vazia, virando ociosamente as páginas de um álbum de fotografias encadernado em couro. Quirke depositou a bandeja sobre a grande mesa de mogno, onde havia garrafas e copos, tigelas de castanhas, nozes e amêndoas, travessas de pepino em fatias, talinhos de aipo e cenouras em pedaços. Era o segundo aniversário da morte de Sarah.

Ele levou o seu copo com água gasosa até o outro lado da sala, sentou-se no braço da poltrona de Phoebe e ficou observando enquanto ela virava as páginas do álbum.

– Tão triste – ela murmurou, sem levantar os olhos. – Como tudo passa rápido.

Ele não disse nada. Phoebe tinha parado numa página com fotos de Sarah no dia do seu casamento, fotografias formais tiradas por um profissional. Numa delas, ela estava de pé com seu longo vestido branco e véu de noiva ao lado de uma miniatura de coluna dórica, segurando um buquê de rosas e espiando para dentro da câmera com um sorriso levemente entediado. Apesar da óbvia simulação do cenário, o fotógrafo tinha conseguido uma real sugestão de coisa antiga. Phoebe estava certa, Quirke pensou; tudo se passara muito rápido. Ele lembrava o dia em que a fotografia tinha sido tirada – o que era uma maravilha, considerando como ele afogara profundamente a sua tristeza naquela ocasião por ter jogado fora a sua chance com ela.

Rose Crawford virou-se da janela e caminhou até a mesa, reabastecendo a sua taça. Usava um vestido justo de seda azul noite que tremeluzia em formas angulosas como metal quando ela se movia. Seus brilhantes cabelos negros – ela devia estar tingindo a essa altura, Quirke pensou – eram curtos e alisados para trás do rosto em duas abas acetinadas, o que enfatizava a nitidez do seu perfil e lhe dava um olhar feroz, de gavião. Ele deixou o seu lugar no braço da cadeira e foi até ela. Rose mordera o canto de um sanduíche sem casca e, quando ele se aproximou, parou de mastigar, descansou a taça de vinho e, com os dedos, extraiu da boca um longo fio de cabelo grisalho.

– Ah, que horror – ela gemeu baixinho –, é da criada, estou reconhecendo.

– Maggie? – Quirke falou. – Ela é quase cega.

Rose suspirou, largou o sanduíche e pegou a sua taça.

– Não compreendo você – ela disse. – As coisas que você aceita, como se nada pudesse ser feito a respeito de nada.

– Está falando de mim, ou de todos nós em geral?

– Vocês pessoas, neste país. Estou abismada desde que cheguei.

– O que a surpreende em particular?

Ela balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro.

– A tranquilidade de tudo. O jeito como vocês agem num silêncio intimidado, sem protestar, sem se queixar, sem exigir que as coisas mudem, sejam consertadas ou renovadas. – Ela olhou para ele. – Josh não era assim.

– O seu marido – ele disse – era um homem extraordinário.

Ela riu; era mais uma expressão de desdém.

– Você não o admirava.

– Eu não disse que ele era admirável.

Nisso, sem nenhuma razão óbvia, ambos se viraram e olharam para Mal do outro lado da sala, como se estivessem falando dele e não de Josh Crawford. Ele estava de pé meio encurvado, parecendo em leve sofrimento, com um ar vago, impotente, a luz do jardim lhe conferindo uma palidez acinzentada. Rose voltou a sua atenção para Phoebe, sentada na poltrona perto da lareira com o álbum de fotografias.

– Como ela está? – perguntou, discretamente.

Quirke franziu o rosto.

– Phoebe? Está bem, eu acho. Por que pergunta?

– Ela não está bem.

– O que quer dizer?

– Ela tem um segredo. E não é um segredo agradável.

– Que segredo? Como você sabe? Ela falou com você?

– Não exatamente.

– Então...

– Eu apenas sei.

Quirke queria que Rose lhe contasse como ela podia “apenas saber” de coisas, sobre Phoebe ou qualquer outra pessoa. Ele jamais sabia alguma coisa até desmontá-la e examinar as partes.

– Você é o pai dela – Rose disse. – Devia falar com ela. Ela precisa da ajuda de alguém. Eu não posso fazer isso. Talvez ninguém possa... Mas você devia tentar.

Ele baixou o olhar. O que ele poderia falar para Phoebe? Phoebe não o

escutaria.

– Sarah poderia ter feito isso.

– Ah, Sarah! – Rose retrucou bruscamente. – Por que vocês falam tanto de Sarah, eu não sei. Ela era uma mulher atraente, inofensiva, fazia de tudo para ser agradável. O que mais ela tinha? E não me olhe assim, Quirke, como se eu tivesse chutado o seu gato. Você me conhece, eu digo o que penso. E, portanto, eu detesto a sua hipocrisia irlandesa, o jeito como trata as suas mulheres. Ou você as santifica e coloca num pedestal, ou elas são bruxas que estão a fim de atormentá-lo e destruí-lo. E você, dentre todas as pessoas, não deveria fazer isso. Tenho certeza de que a mulher com quem se casou... como era o seu nome, Delia?, também não era a Jezebel que você fazia de conta que ela era.

– Por que eu – ele perguntou – dentre todas as pessoas?

Ela o considerou, em silêncio, por um momento.

– Eu já lhe disse faz tempo – ela falou. – Você e eu somos iguais, corações frios, almas quentes. Não existem muitos como nós.

– Talvez seja isso mesmo – concordou Quirke.

Rose apenas inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele com os olhos apertados.

Mal juntou-se a eles. Bateu com a ponta do dedo no cavalete dos óculos.

– Comeram alguma coisa? – ele perguntou aos dois. Olhou com ar de dúvida para a bandeja de sanduíches perdendo o viço. – Não sei ao certo o que Maggie preparou. Ela está mais excêntrica a cada dia que passa. – Ele deu um leve sorriso, triste. – Mas o que eu posso esperar?

Rose olhou rápido para Quirke, como dizendo, Está vendo o que eu quero dizer?

– Você devia vender esta casa – ela falou energicamente.

Mal olhou para ela em lenta perplexidade.

– Onde eu iria morar?

– Construa alguma coisa. Compre um apartamento. Você não deve a sua vida a ninguém, você sabe.

Parecia que ele ia protestar, mas, em vez disso, só virou de lado, num jeito quase furtivo, as lentes dos seus óculos brilhando, o que de algum modo dava a impressão de que ele estava chorando.

A noite foi se arrastando. Maggie voltou e tirou a mesa, resmungando sozinha. Pareceu não notar que ninguém tinha comido os sanduíches. Eles foram saindo para o jardim, dois a dois, Mal com Rose, Quirke com Phoebe, como casais dirigindo-se para a pista de dança.

– Rose disse que você tem um segredo – Quirke disse baixinho para a filha. Phoebe estava olhando para os sapatos.

– Disse? Que tipo de segredo?

– Ela não sabe, só sabe que você tem. Assim ela diz. Quando ouço as mulheres falando de um segredo, sempre suponho que seja um homem.

– Bem – Phoebe falou, com um sorrisinho frio –, você suporia, é claro.

O ar cinza úmido do crepúsculo era denso e granuloso. Vai chover mais tarde, Quirke pensou. Rose tinha se afastado de Mal e agora se virava para ficar de frente para os outros, e olhava de esguelha para o chão, girando a haste da taça de vinho lentamente na palma aberta da mão.

– Suponho – ela disse erguendo a voz – que este seja um momento tão bom quanto qualquer outro para dar a minha notícia.

Ela levantou os olhos, sorrindo constrangida. Eles aguardaram. Ela tocou a testa com a mão.

– Sinto-me acanhada, de repente – ela disse –, não é horrível? Quirke, não fique assustado. É só que decidi vir morar aqui.

Houve uma pausa de espanto; em seguida Quirke falou: – Em Dublin?

Rose concordou.

– Sim. Em Dublin. – Ela deu um risinho. – Talvez seja o maior erro que já cometi, e o bom Deus sabe que foram muitos. Mas é isso, eu decidi. Não tenho ilusões – ela olhou para Quirke – quanto ao que esperar da vida na Irlanda. Mas acho que sinto uma espécie... não sei, uma espécie de responsabilidade com relação ao Josh. Talvez seja meu dever trazer de volta os seus milhões para a sua terra natal.

Desta vez ela se virou para Mal, quase implorando: – Parece loucura?

– Não – Mal respondeu –, não parece.

Rose riu de novo.

– Eu lhe digo, ninguém está mais surpresa que eu. – Ela pareceu hesitar, e baixou os olhos outra vez. – Os mortos não nos largam, mesmo depois de passarem para o outro lado.

E ao ouvir isso, como se evocada, a voz de Sarah falou na cabeça de Quirke, pronunciando o seu nome. Ele se virou sem dizer uma palavra e foi embora. Nos últimos longos meses de abstinência, ele nunca tinha desejado tanto um drinque como naquele momento.

Ele andou com Phoebe pelo caminho da sirga ao longo do canal. Já era noite e o cheiro da chuva que ia cair era inconfundível agora; ele até imaginou sentir um

sopro de umidade contra o seu rosto. Ao lado deles, a água brilhava escura como óleo. Eles passaram por casais de namorados encolhidos em poças de escuridão debaixo das árvores. Um mendigo barbudo dormia num banco, deitado de lado num ninho de jornais com uma das mãos sob o rosto. Nem Quirke nem Phoebe tinham falado desde que deixaram a casa em Rathgar. O choque da notícia de Rose havia persistido, e a festa, tal como era, tinha terminado de forma abrupta. Rose pegara um táxi de volta para o Shelbourne, e tinha oferecido uma carona a Quirke e Phoebe, mas eles preferiram caminhar. Quirke ainda estava sentindo o efeito da súbita presença de Sarah, depois que as palavras de Rose a tinham, de certo modo, evocado, naquele momento no jardim à luz do crepúsculo, sob o salgueiro que ela tinha plantado. Ele disse agora: – Um homem foi morto hoje. Assassinado.

Pelo espaço de meia dúzia de passos, Phoebe não deu resposta, então perguntou apenas: – Quem?

– Um homem chamado Kreutz. Dr. Kreutz, assim ele se chamava.

– O que aconteceu com ele?

À luz de um lampião de rua, um morcego bateu as asas loucamente num círculo desigual ao redor da copa de uma árvore e se foi.

– Ele tinha um consultório não muito longe daqui, na rua Adelaide. Era uma espécie de curandeiro; um charlatão, tenho certeza. E alguém o espancou até a morte. – Ele a olhou de esguelha, mas a cabeça de Phoebe estava curvada e ele não pôde perceber a sua expressão no escuro. – Ele conhecia Deirdre Hunt. Laura Swan. E seu sócio nos negócios, Leslie White.

Ele parou. O som dos passos deles assustou uma galinhola e ela fugiu desajeitada, fazendo os juncos secos chacoalharem.

– E você esteve com ele, não foi? Leslie White?

Ela não demonstrou surpresa.

– Por que diz isso?

– Eu os vi juntos um dia, na rua Duke, perto de onde Laura Swan tinha o seu salão de beleza. Foi por acaso, aconteceu de eu estar ali. Supus que você tivesse estado com ele, num pub.

Ela fez um gesto de impaciência, agitando a mão como uma hélice em movimento.

– Sim, eu sei, eu lembro.

Eles chegaram à ponte em Ranelagh e atravessaram para o outro lado. Lá embaixo, o reflexo de um lampião de rua na água atravessou junto com eles.

De novo demorou muito para ela responder.

– Acho – ela disse finalmente – que isso não é da sua conta.

Ele tentou falar, mas ela o impediu.

– Você não tem direitos sobre mim, Quirke – ela disse pausadamente, num tom de voz baixo, calmo, duro, olhando bem em frente a rua deserta. – Qualquer direito que você poderia ter tido, qualquer autoridade, você abdicou anos atrás.

– Você é minha filha – ele disse.

– Sou? Você escondeu isto de mim por muito tempo, e agora espera que eu aceite? – Ela ainda falava naquele tom pausado, quase neutro, sem rancor, poderia ser, apesar da força das suas palavras. – Você não é meu pai, Quirke. Eu não tenho pai.

Eles viraram a esquina e desceram a rua Harcourt. A escuridão parecia mais densa neste desfiladeiro entre os altos blocos de casas geminadas de um lado e do outro.

– Eu me preocupo com você – Quirke disse.

Phoebe parou e se virou para ele.

– Não tem necessidade – ela disse, de repente furiosa. – Eu o proíbo. Não é justo.

Um carro esporte, pintado de verde, mas parecendo preto na luz fraca, estava estacionado do outro lado da rua. Nenhum dos dois notou.

– Sinto muito – Quirke disse. – Mas acho que Leslie White é um homem perigoso. Acho que ele matou Deirdre Hunt. Acho que matou este tal de Kreutz, também.

Os olhos de Phoebe cintilaram no escuro. Ela estava sorrindo quase com selvageria, e ele podia ver as pontas dos seus dentes.

– Bom – ela disse. – Quem sabe ele vai me matar também.

Ela deu meia-volta e se afastou rapidamente. Ele ficou na calçada, observando-a. Ela parou na casa, achou as suas chaves, subiu os degraus e entrou pela porta da frente, fechando-a sem olhar para trás.

Ele se demorou ali mais um pouco, e depois continuou andando, na direção do Green. No cruzamento, parou no sinal e escutou lá atrás um grito nervoso e uma breve investida como de asas no ar e depois o som metálico e de coisa sendo esmigalhada, e, ao virar-se, ele viu no brilho sulfuroso do lampião de rua o homem de branco empalado pelo peito nas hastes da cerca preta, os braços e pernas ainda movendo-se fracamente e seus longos cabelos cor de prata pendurados.

Ela sentira que havia algo errado desde o momento em que fechou a porta atrás dela e, conforme subia a escada, a sensação ia aumentando a cada degrau. Achou

que devia estar com medo, mas, pelo contrário, estava estranhamente calma e curiosa também, curiosa para saber o que a aguardava. No segundo patamar da escada, ela parou por um momento, escutando. Era uma casa silenciosa sempre. Os outros moradores eram uma solteirona idosa no térreo que tinha gatos, cujo cheiro impregnava o corredor, e no primeiro andar um casal arreadio que ela suspeitava vivessem em pecado; uma artista tinha o seu estúdio no apartamento do segundo andar, mas raramente estava lá, e nunca de noite, e o apartamento do terceiro andar estava vazio havia meses. Agora ela não estava escutando nada, nem um som de vida, por mais que se esforçasse. Uma cisterna com defeito lá em cima gorgolejava e, ao longe, de algum lugar na rua, vinha o gemido da sirene de uma ambulância. Ela olhou pelo poço da escada, para a escuridão lá no alto. Havia alguém lá, tinha certeza disso. Ela continuou, evitando aqueles pontos onde sabia que os degraus rangiam.

No terceiro andar, ela apertou o interruptor que acendia a luz amarelada do patamar, do lado de fora da sua porta. Parou de novo, e olhou novamente para cima, mas não viu ninguém. Antes de entrar no seu apartamento, à direita, havia uma alcova escura onde uma portinha dava acesso à escada do sótão. Ela não olhou dentro da alcova, sentia os pelinhos da nuca formigando. Tentava se lembrar do nome de uma menina que conhecera na escola e que saiu da casa dos pais uma manhã de uniforme e nunca mais foi vista ou se ouviu falar dela. Diziam que tinha fugido. Encontraram a sua sacola com os livros abandonada no jardim de uma casa na rua ao lado.

Ela abriu a porta do apartamento.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi como Quirke teria conseguido entrar na casa antes dela, subir correndo a escada para se esconder na alcova. Parecia impossível, mas lá estava ele, passando rápido por ela no vão da porta, exatamente na hora em que Leslie White aparecia para recebê-la na sala de estar, com um cigarro pendurado entre os dedos médio e anular, dizendo alguma coisa. Quando viu Quirke, ele levantou as duas mãos, ainda segurando o cigarro, e recuou. Quirke correu para ele, cabeça baixa, como um jogador de rugby atacando. Leslie deu um grito de susto e os dois desapareceram, dentro da sala, Leslie andando de costas com os braços de Quirke ao redor dele, e Quirke dobrado em dois. Ela teve dificuldade para tirar a chave da fechadura – estava tentando puxar de viés – e abandonou o esforço correndo atrás dos dois homens. Ela escutou Leslie gritar de novo, desta vez bem mais forte. Quando entrou na sala só havia um homem ali, debruçado na janela aberta com as mãos apoiadas no banco.

– Quirke? – ela disse, mais intrigada que qualquer outra coisa.

Quando o homem se endireitou e se virou na sua direção, ela viu que não era Quirke, mas alguém que nunca tinha visto antes. Era quase tão grande quanto Quirke, com uma cabeça grande, quadrada, e cabelos rareando, cor de ferrugem. A boca pendia aberta como a de uma máscara da tragédia, embora o efeito não fosse trágico, mas cômico, de um jeito estranho, grotesco. Ela notou gotas de suor brilhando nos seus cabelos, como minúsculos estilhaços de vidro. E nesse momento, simultaneamente, e com fascinante inconsequência, ela se lembrou do sobrenome da menina da escola que desaparecera – era Little, Olive Little – e percebeu que o som metálico que escutara daquela vez por trás do silêncio fantasmagórico do telefonema era o som da tampa de um isqueiro.

A campainha da porta começou a tocar, continuou tocando por inteiros dez segundos, e depois em toques mais curtos, mas não menos insistentes. Ela imaginou alguém lá embaixo no degrau de entrada com o dedo no botão da campainha, dançando com fúria e impaciência, e isso, também, era cômico, e ela quase riu. O homem de cabelos vermelhos avançou para ela, com as mãos estendidas na sua frente como se para lhe mostrar alguma coisa, embora as palmas estivessem vazias. Ele parou imóvel numa pose curiosamente suplicante. Ela não sentiu medo, apenas uma persistente surpresa e intensa perplexidade, ainda essa comichão de incipiente risada.

Ela não percebeu o que estava procurando na sua bolsa até encontrar. Avançou ágil, quase saltitante – quase veloz foi a palavra que lhe veio em mente – com um cotovelo erguido contra ele por proteção e, levantando bem alto o braço, mergulhou a ponteira de prata no espaço oco onde o peito dele encontrava o seu ombro esquerdo. O tecido era mais resistente que tinha esperado, e ela sentiu o metal entrar rangendo e encontrar algo, um osso talvez, ou cartilagem, e parar. O homem recuou com um grunhido, mais surpreso que qualquer outra coisa, esbugalhando os olhos. Ela puxou fora a arma de onde o havia golpeado e largou sobre a mesa. A arma caiu com um som metálico, cadenciado, rolou rapidamente para a borda, caiu no chão, deixando uma mancha de sangue em forma de leque sobre a mesa. O homem sentou-se de repente, pesado, sobre uma cadeira Bentwood – ela estalou alto e com aparente indignação – e olhou do seu ombro ferido para a moça e de volta para o ombro. Ela desviou-se dele com rapidez e foi debruçar-se na janela. A vidraça da guilhotina inferior estava erguida até em cima; ela a deixava assim quando saía. A campainha continuava estrilando. O ar noturno batia úmido e frio em seu rosto. Ela ainda não sentia medo, embora soubesse que o homem ferido podia estar chegando furtivamente por trás dela, sangrando, numa fúria assassina e prestes a matá-la. Ela não se importava. Espiou a rua lá embaixo. Quirke estava lá, de pé no degrau de

entrada, olhando para ela. Era ele que tocava a campainha. Com o braço estendido de lado, ele estava até agora apertando o botão, e isto, também, parecia engraçadíssimo, ele ali pressionando a campainha que tocava atrás dela. Ele gritava para ela, mas ela não entendia o que estava dizendo. Então ela viu a coisa na grade.

Ela se virou para o homem de cabelos vermelhos. Ele ainda estava sentado como antes, com a mão comprimindo o ombro, e havia sangue nos seus dedos. Tinha uma expressão desnorteada. Ela disse: – O que você fez?



Quirke nunca tivera tantas coisas exigindo a sua atenção, tantas coisas que precisavam ser feitas. De madrugada, quando os homens da ambulância partiram e os policiais da Guarda levaram Billy Hunt embora, ele tirou Phoebe do apartamento, embrulhada num cobertor, e a levou num táxi para a casa de Mal. Mal desceu de pijama, coçando a cabeça e piscando os olhos. Trocaram poucas palavras. Phoebe ficaria com Mal, por enquanto, pelo menos. Os dois tomariam conta um do outro. Afinal de contas, este tinha sido o seu lar; ela crescera ali. Quirke, ao sair, parou no portão e ficou por um momento na úmida escuridão carregada com o perfume enjoativo dos goivos, olhou para trás e viu a janela iluminada da sala de estar onde estavam os dois, Phoebe curvada numa poltrona e Mal no seu absurdo pijama listrado de pé ao lado dela, falando. Em seguida, ele se virou e foi andando noite adentro.

Ele achou que não fosse dormir, mas quando chegou ao apartamento e se estirou na cama, mergulhou logo num agitado mar de sonhos. Ouvia choros e gritos, e via corpos despencando do céu, assobiando no seu voo. Às 7h, ele acordou com o que parecia ser uma ressaca. Queria cobrir a cabeça com o cobertor e não se levantar mais, mas tinha, ele sabia, duas visitas a fazer. Não lhe agradava a ideia de nenhuma delas. Decidiu ir primeiro a Contarf.

Era uma manhã fria e úmida – o clima refrescante de meados do verão tinha acabado – e uma fina névoa manchava a luz sobre a baía. A maré estava bem baixa, e até com as janelas do táxi fechadas ele sentia o fedor bilioso de restos de plantas marinhas. Ele deixou o táxi à beira-mar e subiu a pé a avenida Castle. Os tijolos das casas por onde passava pareciam hoje de um vermelho-escuro mais intenso, e, nos jardins luxuriantes, as dalias úmidas pendiam suas cabeças escarlates como se exaustas depois do esforço de um florescer tão prodigioso. Ele entrou pelo portão, tocou a campainha da porta e esperou, olhando as violentas flores. Tirou o chapéu e o segurou nas mãos, o feltro escuro coberto de névoa como delicados cristais.

O que ele lhe diria?

Ela não pareceu surpresa ao vê-lo.

– Ah – ela disse num tom neutro –, é o senhor.

Estava usando a mesma roupa, calças pretas e um pulôver preto de gola alta, com a qual havia se trocado no primeiro dia que ele estivera ali...

– É melhor entrar.

Ela abriu caminho para a cozinha. Havia uma xícara de café na mesa e um exemplar do Irish Times aberto na seção de obituários.

– Estava examinando – ela disse. – Quando liguei, eles me perguntaram como gostaria que fosse redigido. Não tinha ideia. O que se tem para dizer a respeito de uma pessoa como Leslie? “Amado marido de” não parece lá muito correto. O que acha?

Ele parou no meio do assoalho, alisando com os dedos a aba do chapéu.

– Sinto muito – disse. – A respeito de tudo.

Ela perguntou se ele queria uma xícara de café. Ele disse que não. A atmosfera do aposento estava ficando mais tensa. Ela levou a xícara para a pia e a esvaziou, enxaguando-a e colocando de borco no corredor. Ele estava lembrando como ela cortara o polegar naquele dia com a taça quebrada, e como o sangue escorrera pelo seu pulso molhado, tão rápido, assim que ela o tirou de dentro d’água.

– Não esperava vê-lo – ela falou. – Não esperava que voltasse.

– Sinto muito – ele repetiu. – Não sou bom nessas coisas.

Ela olhou para ele por cima do ombro vestido de preto.

– Que coisas? – ela perguntou. – Prestar solidariedade à viúva consternada? Ou está pensando em coisas anteriores? Sexo, talvez? Amor?

Isto ele só pôde ignorar.

– Eu vim – começou –, vim para dizer... – e parou.

Kate tinha se virado para ele e estava secando as mãos numa toalha de chá. Sorriu para ele, um sorriso leve e sarcástico.

– Sim?

Ele andou até a mesa, largou o chapéu e estudou-o por um momento. Parecia incoerente, o chapéu preto sobre a superfície de plástico branco.

– Vim perguntar o que você estava fazendo na casa de Deirdre Hunt no dia que ela morreu.

Ela inclinou a cabeça de lado, o leve sorriso ainda ali, mas agora esquecido. Ele encolheu os ombros.

– Você foi vista. A mulher em frente. Toda rua tem a sua abelhuda.

Agora ela franziu a cara, tão de leve como tinha sorrido.

– Como ela sabia quem eu era, esta mulher do outro lado da rua?

– Ela não sabia. Ela fez a descrição para alguém que a passou para mim.

“Alta, de boa aparência, com cabelos pretos curtos.” Eu a reconheci.

– Muito esperto da sua parte.

– Eu sabia quem era. Quem tinha de ser.

Ela riu de repente, uma risada curta e sem entusiasmo.

– E agora você veio me confrontar. Quem está sendo? Sherlock Holmes? Dick Barton?

Ele não disse nada, só ficou ali, no seu terno escuro enrugado pela névoa, a cabeça enterrada nos ombros, lúgubre, bovino, intratável. Lá fora, a neblina tinha virado chuva, e, no silêncio, batia nas vidraças como um confuso sussurro escutado de muito longe. Kate caminhou até a mesa, pegou o jornal, virou na primeira página, dobrou de novo e o colocou de volta no lugar.

– Nunca estive com ele, você sabe – ela disse. – Esse tal de Hunt. Como é mesmo o seu nome?

– Billy.

– Isso. Billy. Nunca conheci nenhum dos dois. – Ela ainda tocava o jornal com a ponta dos dedos, pressionando-o delicadamente. – Dificilmente era o tipo de situação para um convívio social, nós quatro, Laura Swan e o seu maridinho, e eu com o meu. Você é capaz de nos ver aqui, dividindo uma salada casual e uma garrafa de Blue Nun? Não, não é provável. Não combina.

Fez-se uma pausa, e então ele perguntou de novo:

– Por que foi vê-la? Você me disse na primeira vez que vim aqui que tinha telefonado para ela. Mas não telefonou, foi lá pessoalmente, não foi? Por quê?

Ela levantou a cabeça e olhou firme para ele.

– Por quê? Para lhe dizer na cara que boa putinha ela era. Eu tinha encontrado as fotos, lembra?, e aquelas pornografias que ela escreveu para divertir Leslie. – Ela fez uma pausa e respirou fundo, inflando as narinas. – Queria ver como ela era.

– E ela?

– E ela o quê?

– O que ela disse?

– Não muita coisa. Estava bêbada quando cheguei. Já tinha tomado quase a garrafa toda. Tinha saído tudo errado, pelo visto. Leslie tinha desviado o dinheiro, como sempre, e o banco estava para fechar aquele lugar que eles dirigiam juntos. Ela tremia dos pés à cabeça, a pobre idiota. Eu só podia rir. Ela tinha confiado nele, tinha confiado em Leslie! Eu quase sentia pena dela. E acho que estou com pena agora, um pouco, porque ela se suicidou.

– Ela não se suicidou.

Ele disse isso tão baixinho que, por um momento, ela pensou não ter entendido bem. Franziu a testa e sacudiu de leve a cabeça, como uma nadadora que acabara de vir à tona.

– O que quer dizer?

– Ela morreu de uma overdose de morfina. E estivera bebendo, também, como você diz. Tinha álcool no sangue. Imagino que isso tenha facilitado na hora de lhe aplicar a injeção.

Kate franziu ainda mais a testa; tinha a expressão de uma pessoa perdida num lugar escuro e tateando para encontrar uma saída.

– Ela não se aplicou a morfina sozinha, é o que você está dizendo? Achei que tinha se afogado.

– Com tanta bebida e droga dentro dela, estaria praticamente em coma – ele afirmou. – Não teria erguido um dedo, quanto mais dirigido um carro.

– O quê? Dirigido que carro?

– O carro dela foi encontrado em Sandycove. Suas roupas estavam lá também, muito bem dobradas, como uma mulher faz.

Ele a olhava tão atentamente que parecia poder ver sem obstáculos além dos seus olhos e dentro do seu próprio crânio.

– Ela não se afogou, já estava morta. Alguém a levou de carro até lá. Levou o seu cadáver até lá. Colocou no mar e deixou as suas roupas e o carro para simular suicídio.

– Alguém – ela disse, tão baixinho que poderia ter sido um suspiro.

– Agora você vai me dizer o que estava fazendo na casa dela naquela tarde?

Estavam de pé havia tanto tempo que, de repente e numa reação simultânea, ambos se deram conta de uma dolorosa rigidez nas pernas. Kate sentou-se abruptamente numa das cadeiras de aço ao redor da mesa e apoiou os cotovelos no tampo de fórmica, enquanto Quirke, com a boca seca, foi até a pia, pegou a xícara de café, encheu-a com a água fria da torneira e bebeu com sofreguidão.

– Já lhe disse o que eu estava fazendo – ela falou entediada. – Fui vê-la porque estava zangada. Mas ela estava num estado tão deplorável, tão perdida, tão bêbada, que não pude falar nada do que tinha a dizer.

Ela se virou e olhou para ele ao lado da pia com a xícara na mão. Atrás dele, a janela estava banhada por uma luz azul acinzentada, aguada.

– Quem a matou? – ela indagou.

– Você me diz.

– Como posso lhe dizer?

– Você foi a penúltima pessoa a vê-la com vida. A não ser...

– A não ser o quê?

Ele não respondeu, e desviou o olhar.

– A não ser – ela disse – que eu tenha sido a última. Meu Deus, Quirke.

Num estranho movimento, como o participante de um ritual, ela cruzou os braços na sua frente sobre a mesa, apoiou neles a testa e rolou a cabeça de um lado para o outro lentamente, o corpo oscilando. Apesar de tudo, ele teve vontade de dar um passo à frente e colocar a mão na sua nuca, tão pálida, tão vulnerável. Quando, passado um tempo, ela levantou a cabeça de novo, ele viu que estava chorando, embora ela parecesse não perceber isso, e secou as lágrimas do rosto com um gesto distraído.

– Diga-me o que aconteceu – ela falou, numa voz cavernosa.

Quirke, a sede aumentando, encheu a xícara de novo e bebeu outra vez.

– O que aconteceu quando?

– Com Leslie. Com Billy Hunt.

– Ele estava no apartamento da minha filha...

– Quem estava?

– Leslie.

– O que ele estava fazendo no apartamento da sua filha?

– Suponho que ele não tenha conseguido pensar em outro lugar para ir.

– Por que, qual era o problema?

– Um homem que ele conhecia foi assassinado.

Ela girou na cadeira para olhar para ele. As lágrimas tinham secado.

– Que homem?

– Kreutz. Amigo de Leslie. Ele se dizia curandeiro espiritual. Também tirava fotos comprometedoras de suas clientes, embora a maioria, pelo visto, com o consentimento delas, ou com mais que consentimento.

– Eram as fotografias que eu encontrei?

– Imagino que sim. Quando Leslie topou com elas, começou a chantagear Kreutz.

– O que Leslie ia querer dele?

– Dinheiro, claro. – Ele fez uma pausa. – Drogas. Você sabia que Leslie costumava usar drogas, não sabia? O seu hábito de consumir morfina? Você sabia que ele era um viciado.

– Um viciado. Eu sabia que ele usava drogas, qualquer coisa em que pudesse colocar as mãos. Ele tinha – ela sorriu, com tristeza, amargura – uma ânsia por experiências. Isso era o que ele costumava dizer: “Tenho uma ânsia de experiência, Kate, que não pode ser satisfeita.” É isso que significa ser um

viciado?

– Você tomava morfina?

Ela parecia ter adivinhado qual seria a próxima pergunta.

– E eu usei o meu estoque em Laura Swan, é isso que você quer dizer?

Ela virou de costas para ele, reclinando-se de novo na cadeira, endireitando os ombros como se tivessem ficado rígidos de repente.

– Você tem muita imaginação, Quirke – ela disse, quase admirada. – Muita imaginação.

Ela se levantou, foi até o fogão, pegou a chaleira e a levou até a pia, forçando-o a lhe dar passagem. Encheu a chaleira e levou-a de volta, colocando-a sobre o fogão e acendendo a chama do gás. Tirou a lata de café da prateleira, achou uma colher dentro da gaveta e com ela colocou o pó dentro da tampa do coador.

– Este é o meu vício – ela disse. – Café. – E se virou para ele. – Você estava me dizendo o que aconteceu, entre Leslie e Billy Hunt.

– Ele achou que Leslie ia machucar a minha filha. Atracou-se com ele. Leslie caiu da janela. Foi um acidente.

– E o que ele estava fazendo no apartamento da sua filha? Billy Hunt, quer dizer. Ela deve ser uma moça muito hospitaleira, com todos estes homens entrando e saindo.

– Ele vinha observando o apartamento. Tinha visto Leslie entrar. Minha filha não sabia quem ele era. Ela o atacou, tentou feri-lo.

– Feri-lo?

– No ombro. Com um lápis. Uma lapiseira de metal. Minha, por falar nisso. Estava com ela na bolsa. – Ele depositou a xícara no secador de pratos. – É possível que ele tenha salvado a vida dela.

– Salvado de quem? De Leslie?

Ele não respondeu. De repente, ela compreendeu.

– Você acha que Leslie e eu os matamos, é isso? Laura Swan e o seu amigo doutor. Não acha?

– Seu marido estava sob efeito de morfina. Não sabia o que estava fazendo.

Ela deu uma risada, uma vaia de escárnio.

– Leslie sempre sabia o que estava fazendo, especialmente se fosse alguma coisa errada.

Quirke sentiu o ar lá dentro de repente pesado e denso, e percebeu que estava exausto.

– Você mentiu para mim – ele disse.

Kate estava derramando a água da chaleira no bule de café, medindo o nível cuidadosamente com os olhos.

– Menti? – disse, distraída. – Sobre o que eu menti?

– Você mentiu a respeito de tudo.

Ela olhou para ele e depois voltou a sua atenção de novo para o bule de café e o anel de gás sobre o qual o havia colocado. Acendeu um fósforo, levando a cabeça lentamente ao longo da lixa, o som fazendo-o ranger os dentes.

– Não sei o que você quer dizer – ela falou.

Ele a agarrou pelo pulso, fazendo-a deixar cair o fósforo. Ela olhou para a mão que a segurava como se não soubesse o que era, esta coisa em forma de gancho feita de carne, osso e sangue.

– Você sabe muito bem o que estou querendo dizer – replicou ele. – Fingiu estar sofrendo porque o seu marido tinha ido embora, que estava com outra mulher, tudo isso. Mas era tudo fingimento.

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que eu fingiria?

– Porque...

Ele não sabia. Tinha pensado que sabia, mas não. Sua raiva estava virando confusão. O que ele tinha vindo dizer para ela? O que ela significava para ele, esta mulher dura, magoada, desejável? Ele a soltou. Ela ergueu o pulso e examinou os sulcos brancos que os dedos dele tinham deixado, para onde o sangue estava retornando rapidamente. Tudo volta correndo, tudo se repõe.

– Sinto muito – ele disse e virou as costas.

– Sim – Kate concordou. – Sinto muito, também.

Na porta de entrada, ela parou e ficou observando-o se afastar apressado na chuva, com o chapéu enterrado na cabeça e segurando as lapelas do paletó fechadas para se proteger do gélido ar marinho. Havia uma gaivota sobre a sua cabeça na escuridão acinzentada, grasnando e gritando. Ela fechou a porta. Quando voltou para o corredor, o vazio da casa investiu na sua direção como se ela fosse um aspirador de pó para o qual tudo estava sendo despejado, sem parar.

Era o mais perto que ele tinha chegado nos últimos seis meses de voltar a beber. Na praia, ele até deu meia-volta e seguiu na direção do Sheds, no final da avenida Vernon, mas se obrigou a voltar atrás. A garganta ansiava por um drinque. Apesar da chuva e do ar gelado, parecia estar ardendo em fogo lento, como uma árvore atingida por um raio. Ele ficou esperando na esquina com a praia por quase meia hora, mas não havia táxis disponíveis e ele foi obrigado a

tomar um ônibus. Parou no estribo, agarrado ao varão de metal. A triste e úmida faixa de praia passou oscilando, as palmeiras atrofiadas cintilando na chuva. Dublin, cidade das palmeiras. Quirke arreganhou os dentes com tristeza.

Na rua Malborough, um cavalo de tração tinha caído entre os varais de uma carreta do Correio, e havia filas de ônibus e automóveis engarrafados nas duas direções. O cavalo, um animal cinza grande, jazia com as pernas abertas, parecendo estranhamente calmo e indiferente. Ninguém parecia saber o que fazer. Um policial da Guarda estava com bloco e lápis na mão. Um aglomerado de estudantes ociosos na hora do almoço estava ali parado, admirando o animal caído. Quirke desceu do ônibus e caminhou ao longo do rio, e depois pelo cais acima, atravessando a ponte para a rua D'Olier e depois atravessando de novo para entrar no posto da Guarda. Na mesa da recepção, ele perguntou pelo inspetor Hackett e lhe disseram para esperar.

Ele pensou no cavalo, caído entre os varais, os seus grandes olhos negros cintilando.

Hackett, como sempre, pareceu satisfeito em vê-lo, encantado, quase. Eles se cumprimentaram com um aperto de mãos. Seguindo a sugestão do inspetor, foram para o Bewley's, passando apressados de cabeça baixa na chuva pela entrada lateral dos escritórios do Irish Times até a rua Westmoreland, esquivando-se no meio do tráfego agitado e chegando à porta enfeitada com arabescos do café. Pegaram uma mesa nos fundos, de onde Quirke descobriu, com vago desalento, ter uma visão direta da banqueta onde ele e Billy se sentaram naquele primeiro encontro em vinte anos e Billy tinha despejado a sua deprimente litania de tristezas e súplicas.

– Bem, sr. Quirke – o inspetor disse, depois de pedir o seu chá a uma moça desmazelada com um avental encardido –, esta é uma boa confusão, não é?

Quirke tinha tirado a cigareira e o isqueiro do bolso.

– Sim – ele disse –, é uma maneira de dizer, suponho.

Através do miasma de fumaça azul sobre a mesa, o inspetor o observava com um olhar encapuzado.

– Eu lhe digo agora, sr. Quirke, mas desconfio que o senhor saiba muito mais sobre essa triste história que eu. Eu estaria certo, o senhor diria?

Quirke baixou o olhar, para onde os dedos brincavam com o isqueiro.

– Tem, por exemplo – o inspetor continuou –, o fato do curioso envolvimento da srta. Griffin, da sua sobrinha, em certos trágicos eventos, recentes, dos quais ambos estamos muito bem inteirados. O que este sujeito Leslie White estava fazendo no apartamento dela, e o que, quanto a isso, Billy Hunt estava fazendo lá, também?

Quirke girou o isqueiro várias vezes nos dedos; ele pensou em Phoebe fazendo a mesma coisa – onde tinha sido isso, e quando?

– Minha sobrinha... – ele disse, e quase tropeçou na palavra – minha sobrinha conheceu White por acaso. Eles se encontraram um dia na entrada do Cisne de Prata, depois que Deirdre morreu. Ela sentiu pena dele, imagino. – Ele olhou para cima e encontrou o olhar enviesado do policial. – Ela é jovem. Tem um jeito solidário. Ele a levou ao Grafton Café para um chá da tarde. Começaram a se relacionar. Então, quando Kreutz mandou aqueles caras lhe darem uma surra...

– Por quê, por falar nisso? – o inspetor perguntou, no seu tom inquisidor mais suave.

– White estava extorquindo dinheiro dele. Kreutz não aguentava mais. Ele queria dar um aviso a White.

O inspetor deu um golpe com o cigarro na direção do cinzeiro, mas errou a mira; a cinza caiu na mesa e, com a pressa de um adolescente apanhado em flagrante, ele limpou com as costas da mão.

– O senhor considera isso como um fato, verdade?

– Claro que não. Estou supondo, mas é uma suposição baseada em fatos.

Quirke hesitou.

– Ela não sabe por que Leslie estava no seu apartamento. Não tem certeza. Supôs que ele precisasse de ajuda, dinheiro, alguma coisa. Kreutz tinha sido assassinado, afinal de contas, e Kreutz tivera um relacionamento com White, até aí era o que ela sabia.

– Como? – De novo o tom brando, de novo o olhar penetrante.

– Como ela sabia? White lhe disse. Ele gostava de contar histórias sobre pessoas interessantes que conhecia. Era bom nisso. Ele a fazia rir. Tinha esse dom.

A moça com cheiro de ranço trouxe a bandeja com o bule de chá e a colocou sobre a mesa com estardalhaço. O inspetor esperou que ela se afastasse, e disse: – Então Kreutz manda a turma da pesada dar uma surra em White, com o que White fica muito aborrecido, tanto que, de fato, assim que recupera as forças vai até a casa de Kreutz e lhe dá umas boas porradas e o deixa sangrando até morrer no tapete da sala de estar. E aí?

– Aí, em pânico, ele vai para o apartamento de Phoebe. Ela lhe dera uma chave. Com objetivo, eu suponho, de se esconder.

O inspetor deixou cair quatro torrões de açúcar no seu chá e mexeu lentamente. Pingou algumas gotas de leite, mas ainda estava quente demais, então derramou um pouco no pires, o ergueu com trêmulo cuidado até a boca e

bebeu tudo.

– E Billy Hunt? – ele perguntou, limpando os lábios. – Onde ele entra? E como ele entra... quer dizer, como ele entrou no prédio onde fica o apartamento da srta. Griffin?

– Ele convenceu a velhota maluca que mora no térreo, dizendo que era tio de Phoebe. Ele tinha visto White entrar, e...

– Por acaso, de novo?

Quirke ofereceu a cigareira aberta, mas desta vez o inspetor recusou com um movimento rápido de cabeça. Seus olhos, para Quirke, pareceram tão afiados quanto pederneiras.

– O fato é – disse Quirke, e pigarreou clareando a garganta –, o fato é que ele o vinha observando fazia tempo. Naquela altura, já estava convencido de que Leslie White tinha assassinado a sua mulher. Sabia que a minha sobrinha já lhe tinha dado abrigo uma vez, depois da surra que levou do pessoal de Kreutz. Não sabia quem era Phoebe. Quando viu White entrar, foi atrás. Então Phoebe chegou, Billy esperou até ela abrir a porta, e...

– ... entrou correndo e empurrou o patife pela janela.

– Ele perdeu a cabeça.

– O quê?

Quirke teve de pigarrear de novo.

– Ele diz que perdeu a cabeça.

– É. Foi o que ele me disse, também.

– Ele não sabe o que pretendia fazer com Leslie White, mas não pretendia matá-lo.

– Acredita nisso?

– Sim – Quirke respondeu com coragem, e com a mesma coragem sustentou o olhar do outro.

Por fim, o inspetor recostou-se na sua cadeira e sorriu.

– Admiro a sua benevolência – ele disse.

O chá tinha esfriado e ele bebeu direto da xícara, agora, cada vez que ele a erguia, Quirke notava com ociosa fascinação uma gota pingando do fundo, formando uma coroa na pequena poça de líquido cáqui que tinha sobrado no pires e espirrado no tampo da mesa.

– Bem, então, sr. Quirke – o policial disse –, o que quer que eu faça?

– Quero que o senhor não faça nada.

Hackett concordou como se esta fosse a resposta que vinha esperando. Refletiu por um momento, suspirando. Depois riu baixinho.

– Meu Deus, sr. Quirke. Mas o senhor é um homem imprevisível. Não fazer nada, o senhor diz. Mas dois anos atrás o senhor me procurou com informações sobre todas as trapaças nesta cidade e queria que eu fizesse todo o tipo de coisas, prendesse pessoas, destruísse reputações, caçasse gente respeitável, algumas delas da sua própria família, e as exibisse como os vilões que o senhor dizia que eram.

– Sim – Quirke respondeu calmamente. – Eu lembro.

– Nós dois lembramos. Nós dois lembramos muito bem.

– Mas o senhor foi afastado do caso.

Hackett deu um risinho.

– A verdade, como o senhor e eu sabemos, é que tiraram o caso de mim e ele foi simplesmente guardado em segurança num arquivo marcado: Não tocar. É um mundo mau, sr. Quirke, com pessoas más. E não existe justiça, não que eu possa ver.

– A justiça foi feita aqui.

– Um tipo grosseiro de justiça, se me perguntar.

– Mas justiça, mesmo assim. O mundo não perdeu nada com Leslie White. Ele envenenou uma mulher e espancou um homem até a morte. Billy Hunt poupou o Estado do trabalho de aplicar a devida punição por esses crimes.

O inspetor encolheu os ombros duvidando.

– Billy Hunt – ele disse. – Billy Hunt nomeou a si mesmo juiz, júri e carrasco. Vamos deixá-lo se safar disso?

– Veja, Inspetor, eu não dou a mínima para Billy Hunt. A minha única preocupação é com a moça.

– Sua sobrinha?

Quirke olhou para o outro lado da sala onde ele e Billy tinham se sentado.

– Ela não é minha sobrinha. É minha filha.

O policial derreado na cadeira com o queixo no peito não olhou para ele.

– É uma história complicada, que data de muito tempo atrás. Um dia eu lhe conto. Mas o senhor vê o meu interesse. Ela sofreu muito. Coisas ruins aconteceram com ela, algumas por minha culpa, muitas talvez. Tenho de protegê-la agora. O que ela viu na noite passada, as coisas que aconteceram... O senhor tem filhos, não tem? Iria querer protegê-los se tivessem passado pelo que minha filha passou. Se ela tivesse de comparecer ao banco das testemunhas, não sei quais seriam as consequências.

Hackett mudou de posição, sentando-se ereto, e estendendo a mão pegou um cigarro da cigareira de Quirke sobre a mesa. Quirke acendeu o isqueiro.

– O senhor está me pedindo – o policial disse lentamente – para abafar esta história, para que esta moça, sua filha, como diz, não tenha que testemunhar no julgamento?

Quirke hesitou, mas depois disse apenas:

– Sim.

O policial deixou a cabeça cair sobre o peito de novo, o queixo duplo inchando, os chumaços de carne pálidos como a barriga de um peixe.

– Está pedindo muito de mim, sr. Quirke.

– Acredito que o senhor me deve isso. Ou, se não a mim, então à minha filha.

Ele se viu dois anos atrás de pé numa cozinha esquálida onde um cadáver ensanguentado de mulher jazia no chão, amarrado a uma cadeira com pedaços de fios de eletricidade e com as suas próprias meias de nylon. Que justiça tinha sido feita ali por ela?

O policial batia nos bolsos em busca de dinheiro, mas Quirke jogou um florim sobre a mesa, onde ele girou sobre a borda por um momento e depois caiu. Hackett concordou olhando para moeda.

– É – disse –, devemos um ao outro, suponho.

Agora ele olhou detidamente para Quirke, pensativo, parecendo avaliar alguma coisa na sua cabeça. Então decidiu.

– Acho que está me dizendo a verdade, sr. Quirke. Quero dizer, a verdade da forma como a vê. Não pensei assim no início. Para ser honesto, achei que o senhor estivesse tentando me enganar.

Quirke estava muito quieto, os olhos fixos na mesa, um punho descansado ao lado da sua xícara de chá intocada. O inspetor continuou: – Mas o senhor realmente não está vendo, não é mesmo? Achei que fosse menos ingênuo. E pensei que tivesse uma visão menos cor-de-rosa dos seres humanos e seus comportamentos.

– O que quer dizer? – Quirke perguntou, ainda sem erguer os olhos.

O policial levantou-se abruptamente e pegou o seu chapéu. Esperou, e Quirke, depois de um tempinho, levantou-se também; juntos atravessaram a sala de jantar repleta de gente e a cafeteria até a porta de entrada, onde pararam.

– Sinto muito – Hackett disse. – Não posso fazer o que me pede, quero dizer, não posso não fazer nada. O que aconteceu não é o que o senhor pensa. É tudo muito mais simples, e muito pior, sob um aspecto. Tem um certo cavalheiro que pensa que nos enganou a todos.

Ele se virou, sorrindo o seu sorriso de sapo e piscou olhando para Quirke.

– Mas a mim ele não faz de bobo, sr. Quirke. Não, a mim não.

– Quem é? – Quirke perguntou. – De quem está falando?

O policial espiou pela porta, olhando com os olhos semicerrados para a luz cinzenta da manhã.

– A gente sabe o que é – ele disse –, mas o tempo nesta terra irrita.



Billy Hunt tinha perfeita consciência de que as pessoas o achavam meio tolo, mas sabia que não era bem assim. Não que tivesse grandes ilusões a respeito da sua capacidade mental. Na escola, ele fora lento, ou assim lhe diziam, mas era só porque não era bom em leitura e, portanto, às vezes não conseguia acompanhar o resto da turma. Por isso tinha abandonado a medicina, anos atrás – não esperava ter que ler tantos livros. Quirke e aquele bando olhavam para ele com desprezo, é claro. Mas dizer que era meio tolo! O grande sr. Quirke, que se imagina tão inteligente, não tinha entendido nada. Em qualquer outra circunstância, teria sido engraçado, como eles todos erraram sem nem perceberem o que estava acontecendo.

Não, Billy Hunt não era tolo. Ele sabia o que era o quê, ele sabia achar o seu caminho no mundo. Havia anos que lidava com os chefões no escritório central na Suíça – aqueles meninos dariam cabo rapidamente de pessoas como Quirke –, sem falar das prostitutas elegantes nas redondezas dos saguões dos hotéis da cidade de Genebra. E ele vendia qualquer coisa; ele seria capaz de vender loção bronzeadora para negros. Não que fosse respeitado por isso. A maioria das pessoas quando lhes contava o que fazia, imediatamente o viam como um pobre João-ninguém batendo de porta em porta, tentando convencer donas de casa a comprar aspiradores de pó. Não tinham ideia que um verdadeiro vendedor fazia, como era preciso raciocinar, usar de psicologia. Esta era a graça da arte de vender: você precisava conhecer a mente das pessoas, entender como elas pensam. Não que elas pensassem muito. Pessoas, fregueses, clientes – são todos uns tolos.

Ele não esperava se apaixonar tanto por Deirdre Ward. Na sua idade, achava que tinha superado esse tipo de coisa. As prostitutas de Genebra tinham sido suficientes para manter aquele velho prurido aceso. Isso até ele conhecer Deirdre. Sabia que era velho demais para ela. Mal acreditou quando ela concordou em sair com ele. Que papel de idiota ele tinha feito vangloriando-se do seu emprego, os grandes acordos que estava sempre fechando, e as viagens à Suíça, aquela história toda. Ele tinha achado que ela realmente esperava que ele cumprisse o prometido e a levasse com ele, que a apresentasse aos seus chefes,

Herr Isto e Monsieur Aquilo – “Pode me chamar de Fritz, gnädige Frau!” “Pode me chamar de Maurice, chère Madame!” – que lhe oferecesse grandes jantares, e a hospedasse em hotéis de luxo, que lhe mostrasse o Matterhorn, que a levasse para esquiar. Que choque fora para ele quando ela se revelou como a que tinha ambições e cabeça para negócios a fim de concretizá-los. E que pena ter sido ela, e não ele, a julgar tão mal as pessoas. Desde o início, ele percebera quem era Leslie White. Mas, é claro, não adiantava falar com ela. Teimosa, ela era, teimosa como uma mula.

De certo modo, entretanto, fora um alívio ter sido White o escolhido para ser o seu sócio. O verdadeiro temor de Billy, desde o início, era que ela se cansasse dele por causa da sua idade e encontrasse um cara mais jovem. Não queria ser como os velhos tolos nas canções antigas, ridicularizados porque não conseguiam satisfazer suas jovens esposas. Como era aquela que eles costumavam cantar?

Ah, ovos e ovos e ossos de tutano
Deixarão cego o seu velho...¹

Sim, isso ele não teria sido capaz de suportar, ver as pessoas se cutucando e rindo pelas suas costas. Tudo era preferível a isso, ou quase tudo.

Acabou que ele foi tão cego quanto qualquer velho apaixonado numa balada. As evidências estavam bem ali na sua cara, se ele tivesse se permitido ver. A mudança no humor dela, as risadas e lágrimas sem motivo, as explosões de irritação do nada, a expressão sonhadora quase desolada nos olhos, todas essas coisas deveriam ter lhe dito que estava acontecendo alguma coisa. O gancho tinha sido o modo como ela de repente ficou toda melosa com ele, preparando-lhe jantares especiais, aqueles de que ele devia gostar, e sentando-se à mesa enquanto ele comia, o queixo apoiado na mão e os olhos brilhantes fixos nele, fingindo estar fascinada com alguma história que estivesse lhe contando sobre a difícil venda que tinha realizado, um acordo astucioso que tinha fechado. Ela não queria que ele a tocasse, também – permitia que ele fizesse isso, mas não queria, não como quando ficaram juntos antes, toda sedutora, mal conseguindo se livrar das calcinhas a tempo. Duas vezes ele havia notado marcas nela, vergões vermelhos atrás das pernas, como se tivesse sido chicoteada, e outra vez arranhões nas escápulas, que qualquer pessoa, menos ele, teria reconhecido como marcas de unhas. Ah, sim, estava tudo ali, óbvio, mas ele não tinha visto porque não queria ver; ele sabia isso agora. Ele queria que não fosse verdade.

Por quanto tempo tinha durado, ele se perguntava, a sua cegueira, a estupidez

voluntária, se White não lhe tivesse mandado a fotografia? E por que White a mandara? Só de brincadeira? Quando ela chegou naquela manhã, ele sentiu náuseas, ficou literalmente com o estômago embrulhado – teve de ir ao banheiro e vomitar os ovos com bacon e pão frito que ela lhe preparara para o café da manhã. Ele parecia um animal que tinha sido envenenado. Nada igual jamais lhe acontecera antes; nunca tinha experimentado este tipo de coisa, esta mistura terrível de dor, angústia e fúria, e algo mais, também, quando ele olhou para a foto, algo pior, uma palpitação, um espasmo surdo no intestino, mais baixo que o intestino, uma dor quente nos ossos na confluência das coxas, a mesma que sentira quando, menino na escola, debruçado sobre os ombros de uma roda de companheiros no banheiro das turmas mais adiantadas, viu em cima que eles estavam agachados, uma foto rasgada de uma revista pornográfica de uma prostituta deitada de costas numa cama com os joelhos levantados, com tudo à mostra. Mas esta coisa que tinha chegado pelo correio, esta coisa não era uma prostituta, mas a sua mulher estatelada ali com a saia na altura dos quadris e tudo de fora.

Assim que a viu, soube quem a tinha tirado. Nunca se encontrara com Kreutz, nunca o vira sequer, mas da forma como Deirdre tinha falado dele e, mais significativamente, o modo como de repente tinha parado de falar dele, fora o bastante para alertá-lo para o fato de que este Kreutz era um farsante. Mas por que Kreutz, depois de fotografar Deirdre, enviara a foto para o marido dela? Pois a esta altura, ele pensava que deveria ter sido Kreutz a enviá-la. A princípio Billy supôs que Kreutz estivesse tentando tirar dinheiro dele. Tinha visto isso com bastante frequência nos filmes de gângsteres, sujeitos deixando mulheres bêbadas ou drogadas e tirando fotos comprometedoras delas – você nunca via as imagens na tela, é claro – e as enviando aos maridos para chantageá-los e forçá-los a pagar por elas. Sempre terminavam em tiroteio estas tramas, com cadáveres por toda a parte, muito bem arrumadinhos e sem um vinco nas roupas, deitados em poças de sangue escuro.

Ele não conseguia pensar por que não lhe ocorrera que poderia ter sido Leslie White e não Kreutz a lhe mandar a fotografia, exceto por não haver motivo para White ter tirado a foto, em primeiro lugar. Nem estava claro para ele por que, depois que Deirdre estava morta, ele não foi procurar logo Kreutz, mas se concentrou, em vez disso, em Leslie White. Ele o vinha seguindo havia um bom tempo, rastreando-o, monitorando-o. Ele o tinha visto com a moça. Não sabia que era filha de Quirke. Não sabia nada a seu respeito. Mas gostava do jeito dela, ou talvez “gostava” não fosse a palavra certa. Ele sentia, mesmo a distância, que ele sempre fazia questão de manter entre eles, uma simpatia por

ela, ou empatia; eles eram, ele sentia, um pouco parecidos, ele e ela. Ela era uma solitária, como ele – e ele era um solitário, não tinha dúvida disso. Começou a prestar atenção nela, no seu bem-estar, embora fosse verdade que ele não tinha ideia que poderia fazer para ajudá-la. Ele até costumava lhe telefonar de vez em quando, só para conferir se estava bem, embora, é claro, nunca dissesse nada, apenas ouvia a sua voz, até que no final ela, também, começou a não dizer nada, e ali ficavam eles, os dois, de cada lado da linha, calados; ouvindo, de algum modo, juntos.

Talvez tenha sido pensando nela, pensando na moça, e não em Deirdre, que ele mandara os três rapazes darem uma surra em White. Eram bons rapazes, Joe Etchingham, Eugene Timmins e o irmão dele, Alf; Joe estava no time de futebol com ele, um hábil zagueiro, enquanto os outros dois eram arremessadores; os três estavam no Movimento e tinham feito alguns trabalhos na fronteira; ficariam de boca fechada, ele podia contar com isso. Sim, talvez fosse – como era o seu nome? –, talvez fosse Phoebe que ele estava tentando proteger ao combinar com os rapazes para irem atrás de White com os bastões e lhe dar uma boa surra.

E deveriam ter sido eles, Joe Etchingham e os irmãos Timmins, que ele precisaria ter mandado para lidar com Kreutz, em vez de ir ele mesmo. Não tinha intenção de atingi-lo tão forte, ou tantas vezes, como fez; não pretendia matá-lo. Kreutz não era nenhum herói, e cinco minutos depois já tinha lhe dito tudo que ele queria saber, a respeito de Leslie ter mandado a foto, e extorquir dinheiro dele e do salão, tudo isso, toda a sórdida saga – tinha até lhe mostrado a morfina escondida num armário de carne na cozinha, imagina só – então por que continuou batendo nele? Havia algo em Kreutz que pedia uma surra, uma surra de verdade, com punhos, cotovelos, biqueiras dos sapatos, saltos, tudo. Não era só que ele fosse um negro. Ele tinha um jeito fraco, efeminado, e, depois que Billy começou a bater nele, parecia impossível parar. Ele tinha entrado numa espécie de transe. A cada golpe surdo do seu punho na estrutura de pele e osso do sujeito, tinha exigido mais outro, e esse por sua vez exigira mais outro ainda. Tinha sido uma boa ideia levar um bom par de luvas grossas de couro, ou os nós dos seus dedos estariam em pedaços. E então havia sangue por toda parte.

Pobre Deirdre. Ele a teria perdoado, tinha certeza de que a teria perdoado, se pelo menos ela tivesse sido capaz de lhe pedir, de implorar. Estranho que ela devesse ter sido a primeira a morrer. Na sua cabeça, ele às vezes agora ficava confuso, tirava tudo de sequência, de modo que lhe parecia que Kreutz tinha sido o primeiro, ou mesmo Leslie White, e então Deirdre, depois. Mas não. Ele chegara em casa exausto naquela noite, na noite em que entregaram a foto. Ele devia ir para o oeste, para Galway e Sligo, falar com o pessoal de lá sobre a nova

droga para artrite que tinham descoberto – uma cura milagrosa, no entanto, mais uma apenas –, mas em vez disso ele passara o dia inteiro vagando pela cidade, mal sabendo para onde ia, só caminhando, caminhando, caminhando, arrastando-se pelas ruas, tentando tirar a imagem da cabeça, a imagem de Deirdre deitada naquele sofá com as pernas abertas, exibindo-se para o mundo, como jamais consentiria em exhibir-se para ele, seu marido. No final, não restava outra coisa a não ser voltar para casa – para onde mais ele teria ido, afinal de contas? Ele sentiu o cheiro de uísque assim que chegou na porta, o fedor ácido, quente. As roupas dela estavam no chão do banheiro, a saia, a combinação, as calcinhas. A visão o repugnou, na verdade, fez o seu estômago revirar outra vez. Era loucura pensar assim, ele sabia, mas estava convencido de que, não fossem aquelas roupas no chão, nada teria acontecido. Ele teria chamado um médico, quem sabe, uma ambulância até. Ele a teria feito beber chá quente, teria massageado as suas têmporas; teria segurado a sua mão, teria feito com que recuperasse os sentidos. Mas aquelas roupas, aquelas roupas sujas, espalhadas por ali, era outra parte do grande, quente, sufocante peso da sordidez que a fotografia fizera cair sobre o seu mundo. Foram as roupas que fizeram isso.

Ele nunca havia aplicado uma injeção em ninguém antes. Tinha visto aplicar, sabia como fazer, mais ou menos, mas esta foi a sua primeira vez. Não esperava que a sua pele fosse tão borrachuda, tão resistente. Foi preciso espetar a veia entre os seus dedos e forçar a agulha enviesada. E então a coisa mais estranha, o grande, lento, surto de calma que refluía da sua mão, a mão com a agulha, subindo pelo braço até o peito, diminuindo o ritmo dos seus batimentos cardíacos, um bálsamo para o seu sangue, como se o que estava injetando, este claro e fresco elixir, não estivesse entrando nela, mas voltando para ele. Quando ele retirou a agulha, Deirdre deu uma espécie de suspiro, longo e trêmulo, que foi tudo. Ele a observou por uns instantes à luz da lâmpada da mesinha de cabeceira. Buscou em si mesmo algum sentimento de culpa, pena, até apenas de arrependimento, mas não havia nada: ele estava em paz. Tinha sido necessário que ela se fosse; ele não conseguiria viver de outra forma. Ela se tornara um veneno de repente em sua vida, não a Deirdre que ele conhecia, ou pensava que conhecesse, mas a criatura na fotografia, aquele monstro. Sim, ele não tivera outra escolha. Veneno por veneno.

Ele colocou a agulha e as ampolas vazias no estojo de amostras e fechou o trinco: precisava lembrar-se de dar um fim nelas. O que deveria fazer em seguida? Deirdre tinha uma toalha de banho debaixo da cama, ainda úmida, e ele a embrulhou nela. Tinha um cheiro desagradável. Teria de trocar as roupas de cama e se livrar da toalha. Isso seria fácil. Tudo seria fácil. Se tinha algo que ele

aprendera no campo de futebol, era jamais hesitar, mas seguir em frente, seja lá quem estivesse no seu caminho ou com que força o árbitro estivesse apitando. Abaixou a cabeça e partiu com violência.

Ele foi até a janela e parou com as mãos nos bolsos, olhando para a grande lua pendurada no céu. Atrás dele, na cama, nenhum som, nenhum movimento, nada, apenas uma grande ausência, avolumando-se. No céu, bem baixo, uma massa de nuvens corcoveava, azul como uma baleia, com uma franja ao longo da borda superior brilhante como metal derretido. A coisa a fazer era trazer o carro, o carro dela, até a viela nos fundos, descer com o corpo para o jardim e atravessar a porta ao lado para a privada sem uso. Era bastante tarde, ninguém veria. Estava muito claro, entretanto, ao luar. A casinha dos fundos lançava uma sombra negra nítida diagonalmente na grama cinza. Ele a levaria para Sandycove, onde costumavam ir para caminhar, às vezes, naquelas semanas antes de se casarem. Estaria encantador ali, numa noite bonita como esta, a lua sobre a água e as luzes de Howth piscando do outro lado da baía. O seu último passeio juntos, dele e dela. Todas estas últimas coisas. Ele tinha uma forte sensação de que tudo que acontecera tinha sido o destino, e inevitável. Talvez se você olhasse bem para qualquer coisa, qualquer acontecimento, veria o futuro empacotado ali, dobrado bem firme, como o recheio elástico bem apertado de uma bola de golfe. Naquele momento, quando ele a viu pela primeira vez na farmácia de Plunkett, estava contido este momento, também, com ele de pé na janela, olhando para a lua, e Deirdre na cama, ou o que restava de Deirdre. Destino. Era isso.

Ele demorou muito para encontrar a chave do carro dela. Não estava na bolsa. Procurou nas roupas, sem sorte. Sentiu um frêmito de ansiedade, como a primeira lambida de uma chama que em breve estaria devastando a casa toda, mas entrou na cozinha e lá estava o molho de chaves no cinzeiro sobre a mesa, onde ela sempre deixava – por que não tinha procurado ali primeiro? Talvez estivesse mais preocupado que percebera. Teria de agir com cuidado; não era hora de cometer enganos. Ele desligou a luz no corredor antes de abrir a porta da frente e parou na sombra do vão de entrada, observando a rua. Algumas janelas dos andares de cima estavam acesas, mas estava tudo quieto. O pessoal da Clontarf ia cedo para a cama. Ele examinou em particular a casa em frente, onde a ex-freira e o padre renegado moravam. A reverenda Madre, como ele a chamava, era uma abelhuda. Ele observou as cortinas de cima para ver se uma delas se agitava, mas nada se movia. Ele saiu para a rua escura – a lua lançava uma sombra ali, também, e usou a chave na fechadura da porta atrás dele para virar a lingueta e impedir que fizesse algum ruído quando ele a fechasse.

Nenhum som. O portão do jardim, também, ele deu um jeito de abrir e fechar silenciosamente. Não se preocupou com o barulho que o Austin faria quando ligasse o motor – ninguém, nem mesmo a reverenda Madre, seria capaz de adivinhar, no escuro, que era ele atrás do volante.

No carro, o persistente cheiro do perfume dela atingiu-o como um delicado golpe no coração.

Cabeça baixa, em frente. Em frente!

Como ela era pesada. A última vez que ele a carregara assim, nos seus braços, foi quando voltaram da lua de mel e ele insistira em entrar em casa com ela no colo. Ela tentara resistir, rindo e dizendo-lhe para deixar de ser idiota, mas ele se curvou de lado e a ergueu nos braços, e ela parecia não mais pesada que uma espiga de trigo. Mas isso tinha sido havia muito tempo, numa outra vida. Na viela, ele abriu a porta de trás do carro e a colocou deitada no banco traseiro e, exatamente quando estava fechando a porta, a grande nuvem azul-escura, que estivera subindo de mansinho sem que ele percebesse, embolsou habilmente a moeda de prata embaçada da lua. Ele se sentou ao volante e respirou fundo devagar. As roupas dela, as roupas que ela deixara no chão do banheiro, estavam dobradas numa pilha ordenada no banco do carona. Ele pensou na estrada litorânea de novo, escura agora, sem a lua, e o mar escuro, também, e aquela massa de nuvens subindo cada vez mais alto no céu, estendendo a sua sombra pouco a pouco sobre o mundo.

Então ele ligou o motor e partiu.

1 Originalmente, *Oh, eggs and eggs and marrow bonés/will make your old man blind*. (N. do P. O.)

Epílogo

Quirke acordou num alvorecer cinzento. Estava ao relento, debaixo das árvores. Sentia frio, e o rosto estava úmido de orvalho. Sentia uma vaga dor, uma vaga tristeza. Ficou imaginando se estivera envolvido num acidente, se tinha caído ou sido derrubado. Uma figura grande, escura, agigantava-se por cima dele, falando. Ele não conseguia entender as palavras. Seu cérebro estava confuso. Ele estava derreado numa espécie de assento, um banco de ferro, parecia ser. Sim, era um banco, e ele estava ao lado do canal, ele reconhecia o lugar, pois ali estava a ponte Huband, arqueada na luz pardacenta. A figura escura estendeu uma grande mão pálida e o agarrou pelo ombro sacudindo-o, e imediatamente a sua cabeça começou a latejar, como se algo pesado tivesse se soltado e rolasse incontrolavelmente de um lado para o outro.

– Está bem? – dizia a figura.

Era um policial da Guarda, enorme e pesadão, com um rosto redondo, pálido, comum, não diferente do rosto do inspetor Hackett. Quirke esforçou-se para sentar ereto no banco, e o policial tirou a mão do seu ombro e deu um passo atrás.

– Está bem? – perguntou de novo.

A boca de Quirke estava seca, seca e queimando, e ele teve de movimentar a mandíbula por um momento para juntar saliva debaixo da língua antes de conseguir responder. Disse que sim, estava ótimo, e que devia ter pegado no sono.

– O senhor bebeu um pouco demais – o policial disse de mau humor – pela sua cara.

Por que, Quirke se pegou pensando, esses policiais da Guarda pareciam sempre melindrados? Mesmo quando você perguntava a um deles a direção para algum lugar, o sujeito olhava para você de um jeito sinistramente surpreso, franzindo a testa, como se o simples fato de alguém se dirigir a ele constituísse uma afronta pessoal. Para se livrar dele, Quirke fechou os olhos e, com toda certeza, quando os abriu de novo um instante depois, assim ele pensava, não havia ninguém ali. A luz tinha mudado, também; estava mais forte agora. Ele ainda estava estatelado no banco. Devia ter caído no sono por um curto período

de tempo, ou desmaiado. Sentou-se e procurou nos bolsos os seus cigarros, mas não encontrou nenhum. Estava começando a lembrar, gradualmente, tudo que tinha acontecido. Ontem fora terça-feira, e de noite seria o seu jantar semanal com Phoebe, mas ela estava na casa de Mal e ele não ousou ligar para ela. Em vez disso, tinha ido, sozinho, ao Russel, e jantado sozinho, bebido uma garrafa de vinho, depois ido ao McGonagle's e entornando vários copos de uísque, não se lembrava de quantos. O que se seguira depois disso, como ele tinha chegado aqui neste banco no canal, tudo isso era um espaço vazio. Ele se levantou, oscilando, aquele peso ainda rolando de um lado para o outro na sua cabeça como uma bola de ferro. Ele tinha alguma coisa urgente a fazer. O que era? Phoebe, sim – ele tinha alguma coisa a fazer a respeito de Phoebe. Não sabia o que era, mas sabia que tinha de fazer. Salvá-la. Ela era sua filha. Ele precisava encontrar um jeito de trazê-la de volta à vida. Era assim que ele pensava, essas eram as palavras que se formavam na sua cabeça: Preciso trazê-la de volta, trazê-la de volta à vida. Ele olhou para ambos os lados do canal. Não havia viva alma à vista. Ele pensou no longo, cinzento, dia à sua frente. Tentou se mover, andar, ir embora, mas em vão; seu corpo não obedecia. Ficou ali, paralisado. Não sabia para onde ir. Não sabia o que fazer.

Título original
THE SILVER SWAN

Copyright © Benjamin Black, 2007

O direito de Benjamin Black ser identificado como autor desta obra foi assegurado por ele em concordância com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax:(21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br /www.rocco.com.br preparação de originais
MÔNICA MARTINS FIGUEIREDO

produção do arquivo ePub
SIMPLÍSSIMO LIVROS

Edição digital: fevereiro 2013

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Black, Benjamin, 1945—

B562c O Cisne de Prata [recurso eletrônico] / Benjamin Black; tradução de Talita M. Rodrigues. –
Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: The silver swan
ISBN 978-85-8122-200-4 (recurso eletrônico) 1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I.
Rodrigues, Talita M. II. Título.

13-0985

CDD: 823
CDU: 821.111-3

O Autor



BENJAMIN BLACK é o pseudônimo de John Banville, autor irlandês cujas obras conquistaram vários prêmios, entre os quais o Man Booker Prize, em 2005. Seu primeiro romance, *O pecado de Christine*, no qual o autor apresenta o patalogista Quirke, como protagonista, foi publicado pela Rocco.